



ASSIM NAS TELAS COMO NO EXECUTIVO:

A construção do
comunicador-político
Vitor Valim

**CHLOÉ
LEURQUIN**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Fafich
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Chloé Catarina Fraga Leurquin

Assim nas telas como no Executivo: a construção do comunicador-político Vitor Valim

Belo Horizonte
2023

Chloé Catarina Fraga Leurquin

Assim nas telas como no Executivo: a construção do comunicador-político Vitor Valim

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea
Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof. Dra. Vera Regina Veiga França.

Belo Horizonte
2023

301.16 Leurquin, Chloé Catarina Fraga.
L653a Assim nas telas como no executivo [manuscrito] : a
2023 construção do comunicador-político Vitor Valim / Chloé
 Catarina Fraga Leurquin. - 2023.
 254 f.
 Orientadora: Vera Regina Veiga França.

 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
 Inclui bibliografia.

 1.Comunicação – Teses. 2. Celebidades - Teses.
 2..Telejornalismo – Teses. 4.Valim, Vitor. I. França, Vera
 Veiga, 1951- II. Universidade Federal de Minas Gerais.
 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Assim nas telas como no executivo: a construção do comunicador-político Vitor Valim."

Chloé Catarina Fraga Leurquin

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profª Vera Regina Veiga França - Orientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Paula Guimarães Simões
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. João Batista de Macedo Freire Filho
UFRJ

Profª Fabiola Carolina de Souza
GRIS/UFMG

Prof. Pedro Pinto de Oliveira
UFMT

Profª. Dra. Livia Moreira Barroso
UFPI

Belo Horizonte, 19 de outubro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Paula Guimaraes Simoes, Professora do Magistério Superior**, em 20/10/2023, às 08:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **FABIOLA CAROLINA DE SOUZA, Usuária Externa**, em 20/10/2023, às 13:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Livia Moreira Barroso, Usuário Externo**, em 21/10/2023, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Regina Veiga Franca, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 24/10/2023, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Pinto de Oliveira, Usuário Externo**, em 25/10/2023, às 06:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Reis Silva, Subcoordenador(a)**, em 14/11/2023, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2712580** e o código CRC **C1108D59**.

DEDICATÓRIA

A minha avó Eulália,
em reconhecimento ao ensinamento de sonhar
e de fazer com o braço o meu viver.

AGRADECIMENTOS

Cursar doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais sempre foi um desejo profundo e a tese registra o encerramento de um ciclo intenso e muito importante para mim. Entretanto, desenvolver um trabalho de pesquisa no contexto de pandemia foi uma experiência ímpar em uma circunstância imprevisível e angustiante. Portanto, é também pela gravidade desse contexto que os agradecimentos são em reconhecimento à rede sólida, amorosa e plural construída em tempos atípicos de sufoco. Notadamente, o resultado desta tese só foi possível porque eu tive como suporte essa rede de contribuições plurais.

Agradeço à minha mestra e orientadora por escolher caminhar comigo, lado a lado, e por ser sempre e invariavelmente sábia, generosa, disposta, presente e gentil. Vera é fogueira de chama forte, um acontecimento em minha vida acadêmica e pessoal, exemplo precioso que cultivo com zelo e amor.

Ao Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), agradeço por ser um chão firme para o ensino, a aprendizagem e a construção. Dentro do escopo do Gris, agradeço ao Grislab pela possibilidade de vivenciar a experiência de extensão e o espírito universitário na sua pluralidade; ao AMST, por representar um (a) braço do grupo nos tempos de pandemia; ao Seminário AMST, pela possibilidade de reinventar espaços possíveis, ensinar e aprender, considerando o contexto, como disse Paulo Freire. É o Gris, como esse espaço de trocas ricas, que me forma e que me localiza como pesquisadora. Agradeço também pela sociabilidade promovida, que comprova a potência das relações baseadas no afeto e no respeito.

À professora Paula, por ter sido minha supervisora de estágio docente, possibilitando que o processo on-line fosse menos difícil, graças a sua dedicação, doçura e competência.

Aos professores membros da banca avaliadora deste trabalho, que também são referências teóricas, por aceitarem fazer parte ativamente dessa construção.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e aos professores com quem tive o privilégio de aprender ao longo dessa trajetória. Agradeço também aos funcionários da secretaria, que sempre foram muito solícitos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa que proporcionou dedicação exclusiva à tese e às atividades acadêmicas.

Por fim, agradeço à minha mãe, professora primeira, pela parceria e amor incondicional; à minha família, meu companheiro e meus amigos espalhados pelos meus muitos portos, particularmente àqueles mineiros (ou quase mineiros) que me fazem sentir em casa nesta terra. Agradeço aos que foram e compartilharam valores que hoje são estruturais; aos que estão e descobrem a novidade cotidiana comigo; e aos que ainda virão, com a esperança de construções de novos mundos. A todos que compõem essa tessitura de afetos, que me possibilitam, mobilizam e impulsionam a construir um comum fértil, em qualquer espaço físico, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Nesta pesquisa, refletimos sobre o fenômeno do comunicador-político (Oliveira, 2015) oriundo de telejornal policial. Consideramos os sujeitos, as suas especificidades, para refletir sobre a sociedade em que estamos inseridos. Partimos de Vitor Valim, comunicador-político cearense apresentador do telejornal policial Cidade 190 (TV Cidade/Rede Record) e prefeito da cidade de Caucaia, CE, para fazer um exercício de reflexão sobre a inserção desse fenômeno comunicacional na contemporaneidade, de forma a compreender de que maneira o papel de jornalista policial e o papel de político de Vitor Valim se sobrepõem e quais características, formas de desempenho e perspectivas assumidas como profissional da mídia possibilitam/favorecem a sua inserção política. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a trajetória e o desempenho de Vitor Valim, seu duplo papel de comunicador-político e seu uso das redes sociais como forma de construir sua imagem pública. Para tanto, como objetivos específicos, propomos: 1) ampliar as reflexões sobre o atravessamento entre as pessoas do mundo midiático e o mundo político; 2) aprofundar o tratamento do conceito de comunicador-político; 3) analisar o uso das redes sociais no processo de construção da imagem e busca da visibilidade; 4) buscar uma aproximação entre os conceitos de celebridade/processos de celebração e o uso das redes sociais. Refletimos sobre questões como a origem da televisão e do telejornalismo no Brasil, bem como a especificidade do telejornalismo policial, a ligação entre o sistema político e o sistema de mídia (Azevedo, 2006) no país. Refletimos sobre o conceito de comunicador-político e sua relação com os *celebrity studies* e com a trajetória de Vitor Valim. Em uma perspectiva praxiológica, também abordamos a questão neoliberal, para refletir sobre os tempos de sufoco em que o fenômeno estudado está inserido, considerando a importância de uma perspectiva que una o sujeito e a estrutura social e enfatiza o que chamamos da fábrica do sujeito neoliberal no Estado-centauro (Wacquant, 2012) latino-americano e brasileiro. Discutimos sobre o sujeito neoliberal (Dardot; Laval, 2016) e, a partir do conceito de ponto nodal e de emoções (Quére, 2022; Ahmed, 2015), observamos a construção da imagem de Vitor Valim tanto no Cidade 190 quanto nos ambientes políticos institucionais que ocupou ao longo de sua trajetória pública. Em uma Análise do Discurso (Verón, 2005) e da Performance (Goffman, 2014), refletimos sobre como as questões tratadas, considerando o desempenho do sujeito em questão – desde a postura (gestos, vestuário) que assume até a forma como se apresenta, incluindo o uso de vocabulário, jargões, relação com outras pessoas, temáticas desenvolvidas, posicionamento (lugar de fala e posicionamento do interlocutor) e valores que defende. As análises são sistematizadas em quadros analíticos, que são intercalados num processo de análise dos dois momentos estudados, com o intuito de verificar as mudanças e adaptações de comportamento por parte de Vitor Valim. Os resultados apontam para uma construção sobreposta dos dois papéis sociais de Vitor Valim, em que a própria atuação do comunicador-político faz parte do seu processo de celebração, intensificada no cargo do Executivo. A análise da performance e do discurso aponta que Vitor Valim atua como um síndico (Dunker, 2015) em condomínios midiáticos mediados por um discurso religioso peregrino (Herveu-Légér, 2015), que mobiliza e fideliza seus públicos por meio de um discurso e de uma performance que suscita paixões tristes e emoções felizes de esperança.

Palavras-chave: Celebidades; Comunicador político; Telejornal policial; Vitor Valim.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, nous nous sommes penchés sur le phénomène du communicateur-politique (Oliveira, 2015) dans le journal télévisé policier. Nous avons considéré les sujets et leurs spécificités, pour réfléchir à la société dans laquelle nous vivons. À partir du cas de Vitor Valim, communicateur-homme politique du Ceará, présentateur du journal télévisé policier Cidade 190 (TV Cidade/Rede Record) et maire de la ville de Caucaia, CE, nous avons réalisé un exercice de réflexion sur l'insertion de ce phénomène communicationnel contemporain, de façon à comprendre le rôle de Vitor Valim en tant que journaliste policier et homme politique, deux rôles qui se sont chevauchés et dont les caractéristiques, les formes de performance et les perspectives assumées par un professionnel des médias ont permis et favorisé son insertion politique. L'objectif général de cette recherche a été celui d'analyser la trajectoire et la performance de Vitor Valim, son double rôle de communicateur-homme politique et son utilisation des réseaux sociaux comme moyen de construire son image publique. Pour cela, nous avons proposé comme objectifs spécifiques, ceux: 1) d'élargir les réflexions sur l'intersection entre les acteurs du monde médiatique et le monde politique; 2) d'approfondir le traitement de la notion de communicateur politique; 3) d'analyser l'utilisation des réseaux sociaux dans le processus de construction d'image et de recherche de visibilité ; 4) de rechercher un rapprochement entre les concepts de célébrité/procédés de célébration et l'utilisation des réseaux sociaux. Nous avons réfléchi aux questions de l'origine de la télévision et du journalisme télévisé au Brésil, à la spécificité du journalisme télévisé policier et au lien entre le système politique et le système médiatique (Azevedo, 2006) dans le pays. Nous avons réfléchi au concept de communicateur politique et sa relation avec les études de célébrités et la trajectoire de Vitor Valim. D'un point de vue praxéologique, nous avons également abordé la question néolibérale, pour réfléchir sur les temps difficiles dans lesquels le phénomène étudié s'insère, en considérant l'importance d'une perspective qui unit le sujet et la structure sociale et met l'accent sur ce que nous avons appelé la construction de l'individu néolibéral dans l'État centaure d'Amérique latine et particulièrement du Brésil (Wacquant, 2012). Nous avons parlé de l'individu néolibéral (Dardot; Laval, 2016) et, à partir du concept de point de capiton (Zizek, 1996) et d'émotions (Quéré, 2022; Ahmed, 2015), nous avons observé la construction de l'image de Vitor Valim aussi bien dans Cidade 190 que dans les milieux institutionnels politiques qu'il a occupés tout au long de sa carrière publique. Dans une analyse du discours (Verón, 2005) et de la performance (Goffman, 2014), nous avons réfléchi à la manière avec laquelle les questions ont été abordées, en considérant la performance du sujet en question – depuis la posture (gestes, vêtements) qu'il adopte jusqu'à la façon de se présenter, notamment l'utilisation du vocabulaire et du jargon, la relation qu'il maintient avec autrui, les thématiques développées, le positionnement (lieu de parole et positionnement de l'interlocuteur) et les valeurs qu'il défend. Les analyses ont été systématisées dans des tableaux analytiques, qui ont été intercalés dans un processus d'analyse des deux moments étudiés, dans le but de vérifier les changements et les adaptations de comportement de la part de Vitor Valim. Les résultats ont indiqué une construction imbriquée des deux rôles sociaux de Vitor Valim, où la propre performance du communicateur politique fait partie de son processus de devenir une célébrité, intensifié dans la fonction politique de l'exécutif. L'analyse de la performance et du discours a indiqué que Vitor Valim agit comme un gestionnaire (Dunker, 2015) dans des copropriétés médiatiques, médiatisées par un discours religieux pèlerin (Herveu-Légér, 2015), qui mobilise et fidélise son public à travers un discours et une performance qui suscitent des passions tristes et des émotions joyeuses d'espoir.

Mots-clés: Célebrités; Communicateur politique; Journal télévisé policier; Vitor Valim.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programas policiais exibidos no Ceará.....	49
Quadro 2 – Seleção de comentários da postagem analisada.....	60
Quadro 3 – Acontecimentos de Vitor Valim como comunicador.....	91
Quadro 4 – Acontecimentos de Vitor Valim como político	91
Quadro 5 – Corpus de Vitor Valim como comunicador – Momento 1	93
Quadro 6 – Corpus de Vitor Valim como comunicador – Momento 2	94
Quadro 7 – Corpus de Vitor Valim como comunicador – Momento 3	95
Quadro 8 – Corpus de Vitor Valim como político.....	97
Quadro 9 – Grade analítica	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Gráfico elaborado pelo levantamento <i>Media Ownership Monitor Brasil</i>	46
Figura 2 – Imagens de postagem do Instagram	57
Figura 3 – Números do engajamento do público na postagem analisada	59
Figura 4 – Interação entre o apresentador do Esporte Cidade e Vitor Valim	103
Figura 5 – Interação entre comunicadores-políticos: Edson Silva e Vitor Valim	104
Figura 6 – Vitor Valim demonstra irritação com suposta censura do Cidade 190	109
Figura 7 – Vitor Valim irritado com o diretor do Cidade 190	110
Figura 8 – Vitor Valim faz gestos de apoio e continência à Capitão Wagner	110
Figura 9 – Reações de Vitor Valim às cenas exibidas no Cidade 190.....	113
Figura 10 – Vitor Valim contente antes de entrevistar Jair Bolsonaro	118
Figura 11 – Vitor Valim feliz cumprimentando Jair Bolsonaro	119
Figura 12 – Evaldo Costa, Zé Filho e Vitor Valim nos estúdios do Cidade 190.....	122
Figura 13 – Comoção entre os colegas de programa e denúncia de erro supostamente cometido pelo IBOPE	125
Figura 14 – Vitor Valim e o cenário do Cidade 190 em 2008	127
Figura 15 – Detalhes do cenário do Cidade 190 em 2008	128
Figura 16 – Extratos de chamada do Cidade 190 em 2009.....	130
Figura 17 – Vitor Valim no cenário do Cidade 190 em 2009.....	131
Figura 18 – Extratos de chamada de 2011 protagonizada por Vitor Valim.....	132
Figura 19 – Imagem de projétil percorrendo o cenário do Cidade 190	134
Figura 20 – Palavras exibidas em chamada do Cidade 190.....	134
Figura 21 – Vitor Valim no cenário de 2013 do Cidade 190 e foto acompanhado por Evaldo Costa com horários de exibição do programa.....	136
Figura 22 – Extratos de cenas de matérias exibidas no Cidade 190	137
Figura 23 – Vitor Valim sob fundo branco com a logomarca do Cidade 190 em 2016	138
Figura 24 – Vitor Valim no cenário do Cidade 190 de 2016 e imagem de um celular exibindo um vídeo enviado por telespectadores	140
Figura 25 – Vitor Valim no cenário do Cidade 190 de 2018 andando e fazendo o gesto de “puxar a orelha deles”, seu bordão	141
Figura 26 – Vitor Valim se dirigindo ao público no cenário do Cidade 190 de 2018	142
Figura 27 – Imagens finais de chamada do Cidade 190 com horário de exibição do programa	143

Figura 28 – Luciana Ribeiro performando sua morte por bala perdida.....	145
Figura 29 – Vitor Valim “nervoso” com performance de Luciana Ribeiro.....	145
Figura 30 – Vitor Valim dançando e cumprimentando Evaldo Costa.....	147
Figura 31 – Evaldo Costa dançando sobre um palco com colegas de trabalho.....	148
Figura 32 – Evaldo Costa sendo repreendido por Vitor Valim.....	148
Figura 33 – Vitor Valim fazendo comentários de duplo sentido com a equipe de produção do Cidade 190.....	150
Figura 34 – Vitor Valim indicando que Luciana Ribeiro deve sair de cena.....	152
Figura 35 – Jingle da campanha para vereador de 2008 no YouTube.....	169
Figura 36 – Jingle para campanha para vereador de 2012 no YouTube.....	171
Figura 37 – Imagens da abertura dos vídeos de atuação como vereador.....	173
Figura 38 – Vitor Valim atuando como vereador em 2009.....	173
Figura 39 – Vitor Valim discursando na Câmara Municipal de Fortaleza.....	175
Figura 40 – Vitor Valim ouvindo o contra-argumento do vereador Adelmo Martins.....	176
Figura 41 – Vitor aponta para colega vereador, convocando-o nominalmente para prestar atenção no que diz em seu discurso.....	178
Figura 42 – Vitor exibe jornal impresso para embasar sua fala na Câmara Municipal de Fortaleza.....	179
Figura 43 – Sequência de imagens de Vitor exibindo fotos em projetor na Câmara Municipal de Fortaleza.....	180
Figura 44 – Vitor Valim elenca projetos de leis que defende.....	181
Figura 45 – Abertura da propaganda eleitoral de Vitor Valim com logo do PMDB.....	184
Figura 46 – Vitor Valim, Eunício Oliveira e Tasso Jereissati na campanha de 2014.....	185
Figura 47 – Vídeo de Vitor Valim na Câmara Federal falando sobre a redução da maioria penal.....	190
Figura 48 – Vídeo das imagens da TV Câmara do voto de Vitor Valim na Sessão Deliberativa de 17/04/2016.....	192
Figura 49 – Vídeo de Vitor Valim votando a favor do golpe contra Dilma publicado em sua conta do Instagram.....	193
Figura 50 – Vídeo de Vitor Valim votando a favor da investigação de Michel Temer postado no Facebook.....	195
Figura 51 – Mesa da Câmara dos Deputados presidida por Rodrigo Maia.....	196
Figura 52 – Vídeo de Vitor Valim postado no Instagram sobre Fake News.....	198

Figura 53 – Início do vídeo postado no Instagram sobre Fake News e ações de Vitor na Câmara dos Deputados	198
Figura 54 – Cenas do vídeo postado no Instagram de Vitor Valim em 2017	199
Figura 55 – Postagem com vídeo do jingle para Deputado Estadual do Ceará de Vitor Valim no Instagram @vitorvalimtv	202
Figura 56 – Vitor Valim e eleitores em vídeo com jingle da campanha para Deputado Estadual postado no Instagram	203
Figura 57 – Vídeo na Assembleia sobre bloqueadores em presídios postado em 2019	206
Figura 58 – Imagens de vídeo sobre instalação de bloqueadores de sinal em presídios do Ceará	207
Figura 59 – Vídeo em gabinete sobre ações para o combate à Covid-19	209
Figura 60 – Detalhes do cenário do vídeo no gabinete de Valim	210
Figura 61 – Sequência de imagens de vídeo sobre o combate à covid-19 no Ceará	211
Figura 62 – Postagem do jingle da campanha para prefeito no Instagram de Vitor Valim ...	214
Figura 63 – Imagem de estátua da Santa Edwirges, em Caucaia.....	215
Figura 64 – Imagens de homens trabalhando no vídeo da campanha para prefeito	215
Figura 65 – Comércio popular em Caucaia, no vídeo da campanha para prefeito	216
Figura 66 – Imagens de Vitor Valim no vídeo de campanha para prefeito de Caucaia – Luz e fé	217
Figura 67 – Vitor Valim cumprimenta eleitor com máscara	218
Figura 68 – Cenas de Vitor Valim apertando a mão de moradores de Caucaia no vídeo de divulgação do jingle da campanha para prefeito.....	219
Figura 69 – Vitor conversando com uma mulher que limpa casa ao lado de uma televisão .	220
Figura 70 – Postagem de vídeo com vinheta no Instagram de Vitor Valim	221
Figura 71 – Imagem de vídeo de campanha para o Partido dos Trabalhadores	222
Figura 72 – Trecho de vídeo de campanha para Lula postado no Instagram de Vitor Valim.	222
Figura 73 – Vitor Valim recebendo premiação sem usar gravata.....	223
Figura 74 – Vitor Valim ao lado do Secretário de Patrimônio de Caucaia.....	224
Figura 75 – Vitor Valim ao lado do Secretário de Patrimônio de Caucaia.....	225
Figura 76 – Sequência de imagens de vídeo mostrando as obras em Caucaia	225
Figura 77 – Sequência de imagens de vídeo de campanha para Lula.....	226
Figura 78 – Elmano, Vitor e Camilo em vídeo de campanha para Lula.....	227
Figura 79 – Sequência de imagens de Vitor de volta ao Cidade 190 como entrevistado	228

Figura 80 – Sequência de imagens de vídeo de Vitor Valim falando diretamente com seu antigo público.....	229
Figura 81 – Imagens de homenagem de dia das mãe no TikTok de Sofia Valim	238
Figura 82 – Postagem em homenagem aos filhos de Vitor Valim	239

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1 AS TELAS: TELEVISÃO NO BRASIL, DA ORIGEM AO TELEJORNAL POLICIAL.....	22
1.1 A ORIGEM DA TELEVISÃO NO BRASIL.....	22
1.2 O TELEJORNALISMO NO BRASIL	24
1.3 O TELEJORNALISMO POLICIAL	26
1.3.1 Drama e sensacionalismo na televisão.....	29
1.3.2 A narrativa noticiosa de crimes	34
1.3.3 Jornalismo policial e classes silenciadas.....	36
2 OS SISTEMAS E SEUS SUJEITOS: COMUNICADOR-POLÍTICO, SISTEMA DE MÍDIA E SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO	41
2.1 SISTEMA DE MÍDIA E SISTEMA POLÍTICO NO BRASIL	41
2.2 REDE RECORD E A TV CIDADE.....	47
2.3. O CIDADE 190, UM TELEJORNAL POLICIAL CEARENSE.....	48
2.4 A TRAJETÓRIA DE VITOR VALIM	53
2.5 ESTILO E APRECIÇÃO DO PÚBLICO	56
2.5.1 Vitor Valim, o apresentador do Cidade 190 que se tornou político	57
2.6 COMUNICADOR POLÍTICO OU POLÍTICO CELEBRIDADE?	61
3 OS TEMPOS: DE SUFOCO E EMOÇÕES FORTES.....	68
3.1 A ORDEM NEOLIBERAL.....	70
3.1.1 Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal.....	71
3.1.2 A fábrica do sujeito neoliberal	72
3.1.3 Neoliberalismo e a penalidade como produção de um Estado-centauro.....	74
3.1.4 A fábrica do sujeito neoliberal no Estado-centauro latino-americano e brasileiro	78
3.2 TEMPOS DE EMOÇÕES COLETIVAS FORTES.....	81

3.3 EMOÇÕES TRISTES E PAIXÕES NEGATIVAS, PONTO NODAL NA COLETIVIDADE NEOLIBERAL.....	87
4 DAS TELAS AO EXECUTIVO: CAMINHOS METODOLÓGICOS	90
4.1 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS.....	99
5 VITOR VALIM, O COMUNICADOR.....	102
5.1 MOMENTO 1 – UM PANORAMA DO APRESENTADOR.....	102
5.1.1 2008 – Entrevista a Vitor Valim recém-eleito vereador	102
5.1.2 2013 – Briga com o diretor do Cidade 190.....	108
5.1.3 2016 – Comentários sobre violência sexual e feminicídio contra criança	111
5.1.4 2018 – Entrevista com o pré-candidato Jair Bolsonaro.....	118
5.1.5 2020 – Despedida do Cidade 190.....	122
5.2 MOMENTO 2 – CHAMADAS DE 2008 A 2018 DO CIDADE 190.....	126
5.2.1 Maio de 2008.....	127
5.2.2 Junho de 2009	129
5.2.3 Abril de 2011.....	131
5.2.4 Janeiro de 2012.....	133
5.2.5 Fevereiro de 2013	134
5.2.6 Novembro de 2016.....	137
5.2.7 Novembro de 2016.....	139
5.2.8 Maio de 2018.....	140
5.2.9 Novembro de 2018.....	142
5.3 MOMENTO 3 – O HUMOR NO CIDADE 190.....	144
5.3.1 2018 – Que tiro foi esse?	144
5.3.2 2019 – Vem, neném!	147
5.3.3 2020 – Medo de cobra?	149
5.4 QUE COMUNICADOR É ESSE?	152
6 VITOR VALIM, O POLÍTICO	166

6.1 MOMENTO 1 – VITOR VALIM, O VEREADOR DE FORTALEZA	167
6.1.1 Campanha para vereador de Fortaleza	167
6.1.2 Atuação como vereador de Fortaleza	172
6.2 MOMENTO 2 – VITOR VALIM, O DEPUTADO FEDERAL PELO CEARÁ	182
6.2.1 Campanha para Deputado Federal pelo Ceará.....	183
6.3 MOMENTO 3 – VITOR VALIM, O DEPUTADO ESTADUAL DO CEARÁ	200
6.3.1 Campanha para Deputado Estadual do Ceará	202
6.3.2 Atuação como Deputado Estadual do Ceará	204
6.4 MOMENTO 4 – VITOR VALIM, O PREFEITO DE CAUCAIA	212
6.4.1 Campanha para Prefeito de Caucaia	213
6.4.2 Atuação como Prefeito de Caucaia	220
6.5 QUE POLÍTICO É ESSE?	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
REFERÊNCIAS	248

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A figura da celebridade que entra para a política é um fenômeno bastante presente em nossos dias. Celebridades de várias inserções que são eleitas para cargos políticos no Brasil e fora dele (Romário, no terreno do esporte; Tiririca, no campo da diversão; Donald Trump, no entretenimento norte-americano) não constituem uma exceção. Dentre eles, um perfil que se destaca é o do comunicador-político. Donos de jornais historicamente imiscuíram-se na política nacional (lembramos, por exemplo, de Assis Chateaubriand e Roberto Marinho aqui no Brasil), mas tratava-se de grandes empresários mexendo as peças no jogo político. O fenômeno que estamos falando aqui é outro – é o apresentador de programas. Geralmente, ele é um indivíduo que recebe visibilidade através do programa que comanda, vai se popularizando, ganha um destaque próprio, passa a ser visto como referência. Num determinado momento, esse comunicador percebe que pode alçar voos maiores, em outros campos de atuação, e se candidata a algum cargo político.

O ensaio da candidatura de Sílvio Santos à presidência, em 1989, pelo Partido Municipalista Brasileiro, é um caso emblemático, que mudou o tom das eleições daquele ano. Mas, antes dele, outra figura chamou atenção pela especificidade do seu campo de atuação, Jacinto Figueira Júnior. O homem do sapato branco, como ficou conhecido, foi o pioneiro do programa policial brasileiro e deputado estadual de São Paulo (MDB), eleito em 1966¹. Sob influência desse pioneirismo, seja no vestuário alinhado e sofisticado, ou no tom enérgico e populista que assumiu ao longo de sua atuação nas duas áreas, serviu de exemplo para muitos outros sujeitos que tomaram seu estilo como base para construção do seu próprio estilo.

Apresentadores de telejornal policial são figuras que acionam muitos valores controversos, e os comunicadores-políticos desse perfil não são diferentes. Ao longo dos anos, algumas coisas mudaram, como a própria televisão, seus produtos e seus usos, ou a disseminação de redes sociais e a forma como contribuem para uma remodelação das interações sociais. Mas, outras tantas permaneceram muito parecidas, como a valorização de figuras masculinas ditas fortes, sofisticadas e populares, que entoam um discurso violento e punitivista em programas que ainda possuem altos índices de audiência. Do homem do sapato branco para cá, os casos são abundantes, e apresentadores performáticos vindos de programas do gênero se consolidam como figuras da política institucional, compondo bancadas fortes e

¹ Jacinto Figueira Júnior teve seu mandato de Deputado Estadual de São Paulo cassado pela Ditadura Militar no Brasil, em 1969, após a implantação do AI-5. Sua visibilidade e atuação em dois locais sociais relevantes (TV e parlamento) foram supostamente consideradas um risco para os militares que comandavam o país.

articulando atuações em campos variados, defendendo pautas essencialmente conservadoras. Os comunicadores-políticos são frequentemente criticados pelo trabalho que fazem, as pessoas que expõem, os métodos que utilizam e as pautas defendem, mas também são muito valorizados por uma outra parcela da população, que se identifica e se sente representada e protegida por eles.

Antes, ao pensar nesse perfil de político, era comum associá-lo ao chamado “baixo clero” de casas do Poder Legislativo, a sujeitos que não emplacavam grandes pautas ou promoviam discussões mobilizadoras, políticos sem grande expressão. Atualmente, entretanto, observamos que esse perfil de político deixou de ser restrito a cargos de vereadores e deputados, mas passou a disputar e ocupar cargos em prefeituras, e até em governos de estados.

Segundo levantamento realizado pelo coletivo Intervezes, em 14 estados brasileiros (BA, PB, PE, CE, PI, AM, PA, RR, MT, MG, ES, SP, RJ e PR) e no Distrito Federal, 43 apresentadores e repórteres de programas policiais se candidataram a algum cargo eletivo nas eleições de 2022. Foram observadas candidaturas ao governo do estado, a assembleias legislativas estaduais, à Câmara dos Deputados, ao Senado e a suas suplências correspondentes. O fenômeno não é novo, os números vêm crescendo consideravelmente nos últimos anos e quase duplicou, quando comparados aos das eleições de 2018. O Intervezes identificou que, em dez estados brasileiros (PA, CE, PB, BA, MG, RJ, ES, SP e PR), 23 apresentadores e repórteres de programas policiais se candidataram a algum cargo eletivo em 2018². Disputando as eleições para cargos de deputados estaduais e federais, bem como de senadores, muitos deles foram candidatos à reeleição.

Neste trabalho, ocupamo-nos de um deles – Vitor Valim³, prefeito da cidade de Caucaia, Ceará, ex-apresentador do telejornal policial Cidade 190, da TV Cidade do Ceará, filiada à Rede Record. Valim atuou no Cidade 190 por 16 anos (de 2004 a 2020). Nesse período, passou por cargos legislativos e, em 2020, candidatou-se e ganhou as eleições para prefeito da cidade com o segundo maior colégio eleitoral do Ceará. Como prefeito eleito, ele se afastou do telejornal, com o qual continua mantendo boas relações. Vitor Valim é um comunicador-político, fenômeno que trataremos na pesquisa desenvolvida.

² Disponível em: <https://www.midiasemviolacoes.com.br/noticias/em-graficos-programas-policialescos>.

³ Vitor Valim não é o único caso que alçou um cargo no legislativo. Wilson Filho, governador Amazonas, que está em seu segundo mandato, tem perfil semelhante; Barbosa Neto foi prefeito de Londrina de 2009 a 2012 e pleiteou o cargo novamente em 2018, após sofrer processo de cassação; Carlos Alberto Dias Viana, em Minas gerais, foi candidato ao governo do estado em 2022, e, ao que tudo indica, pode se candidatar à prefeitura de Belo Horizonte, em 2024. Os casos não são isolados: foram dez candidaturas para prefeituras em 2020, e quatro candidaturas para governador, em 2022. Parece que ocorre, no Brasil, uma adaptação e um aprimoramento dessa categoria política que já está consolidada e é considerada promissora.

A proposta de trabalhar com o fenômeno do comunicador-político surgiu como desdobramento de resultados da dissertação de mestrado intitulada “Narrativas da violência sexual contra meninas em telejornais policiais” (Leurquin, 2018). A pesquisa atentou para questões como o engajamento político-partidário dos comunicadores nos telejornais policiais, sujeitos que são considerados “a cara do programa”, bem como apontou o discurso que eles reproduzem como elemento norteador da construção das narrativas em questão. Vale ressaltar que muitas dessas narrativas são consideradas violadoras de direitos (Intervezes, 2016; Leurquin, 2016) e promotoras de um processo de revitimização sequenciada das crianças de sexo feminino envolvidas (Leurquin, *op. cit.*). No que diz respeito a violações de direitos por parte de programas policiais, a situação do Cidade 190 é ainda mais simbólica, tendo em vista o caso emblemático de exibição, ao vivo, de cenas de violência sexual contra uma criança⁴. Os elementos apresentados levaram a refletir sobre os valores e os papéis sociais exercidos por esses sujeitos nos diversos espaços que ocupam.

Nesta investigação, ressaltamos o caso em questão, considerando o fenômeno do comunicador-político com as especificidades relativas ao perfil do comunicador oriundo de telejornais policiais, ressaltando o papel das redes sociais pessoais no processo de construção da sua imagem pública. Nesse contexto, são pensadas as temáticas debatidas por esses programas, a forma que projeta o público a que ele se direciona e a forma que constrói suas narrativas, bem como o próprio sistema de interesses (pessoais e ideológicos) que perpassa as empresas de telecomunicações em que trabalha, além do próprio sistema de representação política brasileiro.

Considerando essas especificidades e o contexto de midiaticização da sociedade, a presente pesquisa propõe-se a estudar **de que maneira o papel de jornalista policial e o papel de político de Vitor Valim se sobrepõem e quais características, formas de desempenho e perspectivas assumidas como profissional da mídia possibilitam/favorecem a sua inserção política.**

Para tanto, propomos trabalhar com os seguintes conceitos operadores: **acontecimento, ponto nodal, comunicadores-políticos, desempenho (performance), papel social, valores e emoções**, que vão nos ajudar a desenvolver uma análise da performance (Goffman, 2014) e dos discursos (Foucault, 2008; Pêcheux, 1995; Grigoletto, 2007) de Vitor

⁴ Em 7 de janeiro de 2014, o telejornal policial cearense Cidade 190 exibiu, em uma matéria de mais de 17 minutos, cenas de violência sexual contra uma criança do sexo feminino de 9 anos de idade. Foram identificados o rosto e o corpo da criança, o seu endereço e longos depoimentos dos seus familiares. A matéria foi disponibilizada na internet e, em um único dia on-line, foi visualizada mais de 30 mil vezes, segundo denúncia feita pelo Coletivo Brasil de Comunicação Social (Intervezes), ao Ministério das Comunicações (Minicom), no dia 9 de janeiro de 2014 (Leurquin, 2018).

Valim nos dois lugares específicos delimitados no corpus, evidenciando os papéis assumidos: Cidade 190 e arenas políticas institucionais.

Uma primeira motivação para o desenvolvimento desta investigação é retomar e avançar as reflexões feitas na pesquisa de mestrado a que fizemos referência (Leurquin, 2018), no sentido de refletir sobre os valores e os papéis exercidos por um comunicador que é elemento central da construção de narrativas violadoras de direitos de uma parcela específica da população – crianças do sexo feminino, negras e periféricas – de forma interseccional (Crenshaw, 2018; Corrêa *et al.*, 2018).

Além dessas motivações iniciais, tratar do tema em questão possibilita a ampliação das reflexões desenvolvidas sobre o fenômeno das celebridades, das celebridades políticas, do próprio comunicador-político e de programas populares na TV (inclusive o jornalismo policial), tradicionalmente abordados em pesquisas do Programa de pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, especialmente no seio do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidades (GRIS). Assim, a nossa proposta de trabalho inclui-se dentro dessa perspectiva e pode contribuir para ampliar o repertório analítico do grupo.

De acordo com o levantamento feito pelo Intervezes, já citado, pelo menos 23 apresentadores e repórteres de programas policiais se candidataram a algum cargo eletivo em 2018⁵. É importante, portanto, compreender melhor esse viés da intersecção mídia e política, bem como o perfil desses comunicadores-políticos e a natureza da dupla participação em questão. Nesta pesquisa, propomos trazer o foco para uma figura do Nordeste, para avaliar tanto a homogeneidade do fenômeno como uma possível particularidade desse comunicador-político do Ceará.

Além disso, apesar de as investigações realizadas terem pontos de convergência com esta pesquisa, percebemos um caráter inovador da investigação proposta para a área de Comunicação: o uso das redes sociais pessoais como ferramenta para a performance no atravessamento do papel de comunicador de telejornal policial e de político. Portanto, a presente pesquisa pode trazer contribuições para as discussões que relacionam celebridades políticas e comunicadores-políticos, desempenho (performance), papel social e valores, sob o pano de fundo da crise da Democracia (Levitsky; Ziblatt, 2018), do neoconservadorismo e do liberalismo (Almeida, 2018) e da crise da segurança pública (Teles, 2018) brasileira.

Com base no que foi exposto, definimos como **objetivo geral** desta pesquisa analisar a trajetória e o desempenho de Vitor Valim, seu duplo papel de comunicador-político e seu uso

⁵ Disponível em: <https://www.midiaseviolacoes.com.br/noticias/em-graficos-programas-policialescos>.

das redes sociais como forma de construir sua imagem. A partir de então, definimos os seguintes **objetivos específicos**:

- 1) ampliar as reflexões sobre a sobreposição entre as pessoas do mundo midiático e o mundo político;
- 2) aprofundar o tratamento do conceito de comunicador-político;
- 3) analisar o uso das redes sociais no processo de construção da imagem e busca da visibilidade;
- 4) buscar uma aproximação entre os conceitos de celebridade/processos de celebrização e o uso das redes sociais.

A tese está dividida em seis capítulos, que apresentamos da seguinte maneira: no primeiro capítulo, “As telas: televisão no Brasil, da origem ao telejornal policial”, apresentamos um panorama sobre a origem da televisão no Brasil, atentando para as especificidades do telejornalismo aqui desenvolvido. Na sequência, traçamos um panorama sobre o gênero telejornal policial, enfatizando as questões por ele abordadas, a forma como tematiza assuntos a propósito de crimes, bem como a discussão sobre o drama e o sensacionalismo. Por fim, mostramos como esse tipo de telejornal retrata as “classes silenciadas” em suas produções e o efeito social de tal abordagem.

No segundo capítulo, “Os sistemas e seus sujeitos: comunicador-político, sistema de mídia e sistema político brasileiro”, discorremos sobre as especificidades da ligação do sistema de mídia e do sistema político no Brasil, considerando como se dá essa articulação e quais as consequências dessas características. A partir dessa reflexão, apresentamos o caso da TV Record e sua afiliada cearense, TV Cidade, indicando a articulação entre a política e a empresa de mídia, bem como a reverberação que a articulação tem na sociedade. Neste capítulo, também questionamos o Cidade 190, um dos programas de grande audiência da emissora TV Cidade, atentando-nos ao contexto dos telejornais policiais exibidos no estado, examinando a figura do seu principal apresentador, Vitor Valim. Traçamos um perfil do comunicador e apresentamos o conceito de celebridade e o de comunicador-político para pensar o caso estudado.

O terceiro capítulo, “Os tempos: sufoco e emoções”, traz uma contextualização dos tempos de sufoco em que vivemos na contemporaneidade. Para tanto, são acionadas perspectivas múltiplas sobre o neoliberalismo, contemplando questões como a fábrica do sujeito neoliberal, bem como o fenômeno da penalidade como uma produção de um Estado-centauro, considerando as especificidades latino-americana e brasileira. Na sequência, acionamos o conceito de emoções para refletir também sobre o tempo presente, defendendo a

ideia de que as emoções tristes e as paixões negativas funcionam como ponto nodal na coletividade neoliberal.

O quarto capítulo, “Das telas ao executivo: caminhos metodológicos”, mostra os caminhos percorridos durante esta pesquisa, apresentando a nossa perspectiva comunicacional praxiológica, o corpus trabalhado, os acontecimentos nos dois campos de atuação do comunicador-político, as divisões e escolhas feitas para responder as questões aqui propostas, bem como os procedimentos analíticos utilizados na análise. O quinto capítulo, “Vitor Valim, o comunicador”, traz a primeira parte da análise, que aborda a figura do comunicador-político atuando no seio do Cidade 190, desde o seu ingresso na política até sua despedida do telejornal. Este capítulo é dividido em três momentos analíticos e um fechamento. O sexto capítulo, “Vitor Valim, o político”, compõe a segunda parte da análise, que traz o comunicador-político em atuações político-institucionais, desde o momento em que foi eleito vereador pela primeira vez até o momento em que assumiu o cargo de prefeito, no executivo municipal. Além dos capítulos apresentados, a composição textual conta também com as Considerações iniciais e com as Considerações finais, que permitem registrar as principais deduções da discussão realizada.

1 AS TELAS: TELEVISÃO NO BRASIL, DA ORIGEM AO TELEJORNAL POLICIAL

Quando falamos da televisão no Brasil, ou da origem desse meio por si só, é comum pensar no glamour que permeava suas produções em seus primórdios, ou até na espécie de posição de autoridade em que o próprio aparelho muitas vezes era colocado. Além do sentimento expresso, também é comum lembrar das imagens de reuniões de pessoas de várias faixas etárias em torno do aparelho, que assumia um papel de destaque no cotidiano das famílias e das comunidades mais próximas. Pensando no telejornalismo policial, entretanto, não é exatamente uma imagem de sociabilidade familiar harmoniosa a primeira que nos vem à mente, mas algo violento, uma espécie de crueza do cotidiano exposta em suas entranhas mais vis nos horários das refeições. Ainda assim, mesmo com outros meios de comunicação ganhando espaço de destaque na sociedade, essas produções, veiculadas em horários ditos nobres, acompanham o cotidiano e permeiam interações sociais diversas. Para compreender o objeto comunicacional desta pesquisa, é importante refletir sobre os caminhos da origem da televisão no Brasil e o fenômeno do telejornalismo policial no país. Para tanto, neste capítulo, abordamos como se deu a origem da televisão no Brasil, bem como do telejornalismo no país; e as especificidades do gênero telejornal policial.

1.1 A ORIGEM DA TELEVISÃO NO BRASIL

Depois do surgimento do rádio e das interações que puderam se desdobrar dele, a televisão veio como uma possibilidade de colocar em imagens e permitir novos tipos de interações comunicacionais. Em comum entre os dois meios, destacamos que ambos dependem diretamente da radiodifusão, uma espécie de rede de caminhos limitados pelo espaço físico que difunde o conteúdo de cada canal. Por serem limitados no que diz respeito ao poder que podem promover e proporcionar, esses caminhos são bastante disputados política e socioeconomicamente.

No Brasil, os canais de televisão são considerados bens públicos, de interesse nacional e, por isso, na teoria, devem cumprir uma série de regras ligadas a propósitos educacionais, por exemplo. O uso desses canais, desses “caminhos limitados” a que fizemos menção, se dá por meio de concessões públicas, autorizações de funcionamento concedidas pelo governo federal, que podem ser renovadas caso as regras preestabelecidas sejam cumpridas. Na

prática, entretanto, a renovação das concessões públicas funciona muitas vezes como moeda de troca entre sujeitos com grande poder político institucional e econômico.

Sobre o surgimento da televisão no Brasil, diferente do rádio, que em sua origem priorizou conteúdos direcionados exclusivamente para a elite social, econômica e intelectual, a televisão já começou com um perfil dito mais industrial e massivo. Com um caráter predominantemente comercial, o novo meio de comunicação se instala primeiro nos grandes centros mais desenvolvidos, Rio de Janeiro e São Paulo, e somente anos mais tarde se amplia para outras capitais e grandes cidades brasileiras (Jambeiro, 2002).

A primeira transmissão de imagens no Brasil ocorreu após um período de estagnação oriundo da Segunda Guerra Mundial, em 18 de setembro de 1950, às 17h em São Paulo, pela emissora TV Tupi-Difusora, uma emissora dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Em princípio, uma forte característica da televisão era o aspecto radiofônico, que era acompanhado por imagens, tendo em vista que os primeiros profissionais da televisão eram provenientes do rádio, bem como a própria estrutura utilizada. Essa migração de profissionais foi responsável em grande parte por influenciar os formatos dos novos programas.

Apesar de o surgimento da televisão ter ocorrido no final de 1950, ela só deixa de ser considerada uma espécie de extensão do rádio nos anos 1960. A partir de então, com o uso do videoteipe (VT), houve a possibilidade de criação de novas estratégias para atingir maior audiência e para obter mais anúncios publicitários, o que impulsionou o novo meio de comunicação e o tornou mais independente do rádio. A partir desse momento, como um veículo de massa, o novo meio passa a ocupar o papel que o rádio tinha desempenhado no país nos anos de 1940 e 1950, sendo inclusive utilizado como um meio de propagar os propósitos da Ditadura Militar instalada no Brasil em 1964.

Foi no período militar que houve o chamado “boom da televisão”, em que políticas de crédito direto ao consumidor e a atração de investimentos privados estrangeiros possibilitaram o aumento do número de aparelhos televisivos no país. Mas, foi nesse período também que a TV passou a ser considerado um serviço de interesse nacional e que a sua exploração comercial serviu como uma espécie de fortalecimento da chamada moral nacional, dos princípios defendidos pela ditadura vigente no país, sendo a censura de conteúdos não desejados pelo regime legitimada oficialmente por meio de leis. A TV Globo é inaugurada nesse período de controle e, bem quista pela ditadura, aproveitou o crescimento da televisão investindo em programas populares, em princípio, direcionados sobretudo para as classes socioeconômicas mais baixas. Em um segundo momento, entretanto, quando o governo militar mudou a base do processo de industrialização para produção de bens de consumo

sofisticados, a TV Globo passou a investir em produtos mais requintados, de melhor qualidade, voltados sobretudo para espectadores de maior poder aquisitivo.

1.2 O TELEJORNALISMO NO BRASIL

O telejornalismo no Brasil nasce quase que simultaneamente ao surgimento da televisão no país, dois dias depois, em 18 de setembro de 1950. “Imagens do Dia” era exibido pela PRF-3, TV Difusora, que depois ficou conhecida como TV Tupi de São Paulo. Comandada pelo empresário Assis Chateaubriand, a emissora pertencia ao grupo de Diários e Emissoras Associados, o primeiro grande grupo de televisão brasileiro. Com meia hora de duração e sem horário fixo, o telejornal era exibido à noite e contava com notícias narradas em *off* (sem exibição da imagem do jornalista, apenas a voz), em uma linguagem que se assemelhava ao modelo radiofônico.

Dois anos depois dessa primeira experiência, surge o “Repórter Esso”, primeiro na TV Tupi do Rio de Janeiro e, em 1951, na TV Tupi de São Paulo. O “Repórter Esso” foi um telejornal com foco em notícias nacionais e internacionais e permaneceu no ar por quase vinte anos, no chamado horário nobre, que era o período do dia em que mais pessoas assistiam televisão (Campello, 2008). O próprio nome do telejornal marca uma característica interessante de ser pontuada – os programas televisivos eram nomeados a partir do nome das empresas que os patrocinava. Apesar de, nesse período, a importância social dos programas radiofônicos ser maior do que os televisivos, o telejornal em questão é considerado um dos programas de maior sucesso da história da televisão brasileira (Paternostro, 2006, p. 37).

Nessa primeira fase do telejornalismo brasileiro, havia pouco uso de imagens e muita fala. Já no início da década de 1960, ocorre uma mudança desse formato, impulsionada pelo avanço tecnológico da época. O “Jornal Vanguarda”, da TV Excelsior, representa bem essa mudança a que fizemos referência, pois faz uso de duas características novas: jornalistas passaram a participar dos programas como produtores e cronistas especializados passaram a apresentar notícias. Reconhecido, premiado e usado como exemplo por teóricos da comunicação, o sucesso, a ousadia e a originalidade do “Jornal Vanguarda” irritaram o governo militar vigente no Brasil, que censurou o telejornal e o retirou do ar em 1968 (Campello, 2008, p. 29).

O terceiro grande momento do telejornal brasileiro é protagonizado pelo surgimento do “Jornal Nacional”, da TV Globo, em 1969. No ar até os dias atuais, o programa foi bastante influenciado por um estilo de telejornal norte-americano: investiu em imagens em

cores, correspondentes internacionais, transmissão de imagens via satélite, dentre outros. Ainda atualmente, o Jornal Nacional é líder em audiência entre os jornais do chamado horário nobre e é considerado o mais importante telejornal brasileiro. Além do Jornal Nacional, Campello (2008) destaca como marco o surgimento do âncora de telejornal, em 1988, na figura do jornalista Bóris Cassoy, no “TJ Brasil”, do SBT. A partir de então, o jornalista passa a ser uma espécie de “cara” do telejornal, e participa de todas as etapas do programa: dirige, apresenta, comenta e opina sobre as notícias apresentadas (Paternostro, 2006).

O SBT, do empresário e apresentador Silvio Santos, também inaugurou um outro formato emblemático do telejornalismo brasileiro, o “Aqui e Agora”, em 1991. Precursor dos telejornais policiais em emissoras de sinal aberto no país, o Aqui e Agora era marcadamente de cunho popular e alcançou altos índices de audiência. Ao tratar do perfil popular nos programas televisivos, Lana (2007) ressalta que isso não era exclusivo de um formato, um gênero específico, mas uma característica progressivamente difundida no próprio padrão da programação a partir da segunda metade da década de 1990.

Com o programa “O Homem do Sapato Branco”⁶, considerado um precursor do gênero, pessoas comuns, histórias íntimas, dramáticas e reais ganharam destaque na televisão, em programas de auditório, de aconselhamento psicológico, telejornais policiais e telerrealidade. Lana (2007), ao falar do caso de “Brasil Urgente”, propõe o conceito de telejornalismo dramático, que mais do que um telejornalismo policial, seria uma amostra da programação popular cada vez mais aprofundada e radical na programação brasileira, em seus variados gêneros. A autora apresenta uma série de elementos do programa em questão que mistura ficção e realidade, dramatizações para ilustrar casos, uso de encenação dramática com atores, roteiro, trilha sonora, dentre outras características para embasar a especificidade do formato.

Caracterizando como dramático o telejornalismo de Brasil Urgente, ressaltam-se suas operações da busca pelo concreto nos casos que apresenta. O drama faz parte da temática do programa, mas é elevado pela aproximação com o concreto. Inspirado na forma drama-documentário de Williams, o telejornalismo dramático ampara-se na combinação de notícias e de repórteres com a exacerbação e a proximidade da realidade. Diante de sua classificação na grade de programação e da apropriação que faz dos formatos usados pelos telejornais, é mais adequado denominá-lo telejornalismo dramático do que drama-documentário (Lana, 2007, p. 37).

⁶ Exibido a partir de 1966 pela TV Paulista /TV Globo e apresentado por Jacinto Figueira Júnior, considerado um fenômeno da época e um sucesso do formato em questão. Conhecido por Homem do Sapato Branco, o apresentador serviu como exemplo para uma série de apresentadores performáticos de programas policiais, telejornais dramáticos e outros gêneros afins, que surgiram na sequência.

A proximidade com o cotidiano da cidade, característica do telejornalismo dramático, chega ao ponto de transformá-la em realidade televisiva dramática. Nesse formato, Lana (2007) reflete que o dramático levanta contextos que falam da cidade, mas também da própria experiência social do Brasil. Em uma perspectiva semelhante, que também considera performances e a cultura popular, Souza (2014) fala em rádiojornal popular e em telejornal policial (2018), este último, conceito que utilizaremos nesta pesquisa, ao fazer referência ao Cidade 190.

1.3 O TELEJORNALISMO POLICIAL

Traquina (2005) define o jornalismo como uma atividade intelectual que envolve a contação de um conjunto de “estórias” da vida, das estrelas, de triunfo e de tragédia, que muda de acordo com a sociedade em que está inserido. Essa contação de “estórias” a que o autor faz referência, de uma forma um tanto quanto poética, não é ingênua e livre de disputas de poder. Ela evidencia que a construção de narrativas é basilar para a profissão, faz parte dos processos de formação discursiva. No caso dos programas policiais, observamos que há uma constante disputa sobre o seu lugar no campo do jornalismo.

Como bem aponta Gutman (2012), é só a partir da adesão do público que as concepções acerca do jornalismo adquirem status de discurso social, assim como toda instituição. O próprio caráter do jornalismo, como instituição, se funda em contextos determinados, tendo em vista as identidades de seus agentes e as expectativas do público. A autora destaca que o próprio processo de legitimação da imprensa junto à constituição do Estado moderno foi baseado sobretudo no discurso do interesse público e da atualidade. Esse discurso aponta o jornalismo como responsável por uma espécie de vigilância constante, novidade, instantaneidade, entre outros, que integram a sua função como instituição. Sobre essas características particulares, ressaltamos que:

[...] o discurso hegemônico sobre o papel do jornalismo nas sociedades democráticas, cuja adesão social é uma condição, define-o como uma arena que, ao integrar atores e espectadores do debate público, possuiria a missão de informar sobre os fatos atuais do mundo que teriam impacto na vida do cidadão, contribuindo, assim, para o bom funcionamento da democracia. No interior de tal perspectiva, impera a convicção de que a imprensa, se não é, pelo menos deveria ser uma espécie de guardião da verdade do mundo moderno, cuja principal finalidade seria prover àqueles que vivem em sociedade das informações de que necessitam para se autogovernarem (Gutman, 2012, p. 26).

Esse discurso hegemônico sobre o papel do jornalismo nas sociedades democráticas é legitimado, inclusive, pelos próprios códigos de ética da profissão, os quais normalmente ratificam os princípios definidos pela Declaração dos Deveres e Direitos dos Jornalistas, Declaração de Munique⁷. Esse código profissional é baseado no princípio de que ser informado é um direito do público e informar é um dever do jornalista e estabelece deveres fundamentais do jornalista, no que diz respeito à produção da notícia, direitos, entre outros. O documento influenciou o próprio Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁸, ratificado em 2007 e assinado pela Federação Nacional dos Jornalistas. Por meio dele, são definidas regras relativas ao direito à informação, à conduta profissional do jornalista, à responsabilidade profissional do jornalista, às relações profissionais e à própria aplicação do Código de Ética e disposições finais. Destacamos aqui algumas regras definidas por esse documento como sendo dever do jornalista, são elas:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos; [...] VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha; [...] VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão; IX - respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas; X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito; XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias; [...] econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza (Art. 6º).

No que diz respeito ao que o jornalista não pode fazer, destacamos as seguintes regras:

[...] II - submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação; [...]IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais; V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime (Art. 7º).

É importante enfatizar ainda que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros também proíbe ao jornalista divulgar informações “III - obtidas de maneira inadequada, por exemplo,

⁷ O presente código foi aprovado em 1971, durante o Congresso de Jornalistas Profissionais de Munique, pelos representantes dos sindicatos e federações de jornalistas da Comunidade Econômica Europeia da época. Disponível em: <http://www.jornalistas.eu/?n=8445>.

⁸ Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>.

com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração” (Art. 11). Com base no que foi exposto, reiteramos que não é o nosso objetivo nesta pesquisa classificar ou analisar a natureza jornalística desses programas, mas observar como eles disputam e assumem um lugar específico na sociedade – de um jornalismo que busca falar em nome da opinião pública, do povo, do pobre. A nós, interessa saber, a partir do objeto específico, indícios que falem de uma realidade maior, da sociedade em que estamos inseridos:

[...] em que Brasil esse programa é possível, em que jornalismo e em que sociedade podemos tão facilmente passar da factualidade à dramaturgia, em que emissora um programa jornalístico pode incorporar tão naturalmente o uso de atores, os enquadramentos e planos da telenovela, como um programa televisivo se constrói na relação, ao mesmo tempo, com os gêneros televisivos e com o gênero policial, ou seja, como convoca uma certa competência cultural dos seus receptores em relação ao gênero policial – no cinema, na literatura (Gomes, 2007, p. 13).

Assim, concordamos com Morales (2014, p. 8) quando afirma que a cobertura jornalística não só “descreve as ações referentes à violência urbana, mas também é parte integrante dos fenômenos e dramas sociais que se desenvolvem em decorrência da notícia”. Esse campo de disputas de poder diversas também é reproduzido no contexto dos programas policiais, ou jornais policiais, como caracterizam-se.

O “jornalismo policial”, por sua vez, possui especificidades, como aponta Enne (2007, p. 71 *apud* Morales, 2014, p. 42). São elas:

- a) a ênfase em temas criminais ou extraordinários, enfocando preferencialmente o corpo em suas dimensões escatológica e sexual;
- b) a presença de marcas da oralidade na construção do texto, implicando em uma relação de cotidianidade com o leitor;
- c) a percepção de uma série de marcas sensoriais espalhadas pelo texto, como a utilização de verbos e expressões corporais (arma “fumegante”, voz “gélida”, “treme” de terror etc.), bem como a utilização da prosopopeia como figura de linguagem fundamental para dar vida aos objetos em cena;
- d) a utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional: manchetes “garrafais”, muitas vezes seguidas por subtítulos jocosos ou impactantes; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, histórias em quadrinhos reconstruindo a história do acontecimento etc.;
- e) na construção narrativa, a recorrência de uma estrutura simplificadora e maniqueísta.

No contexto exposto, em que as narrativas são formas de sedução e persuasão, e que narrativas noticiosas constroem e ajudam a legitimar imagens e valores sociais, é importante compreender em que consiste a narrativa noticiosa de crimes, o uso do drama e do sensacionalismo na televisão, uma das bases do telejornalismo policial.

1.3.1 Drama e sensacionalismo na televisão

O sensacional na mídia, em uma dimensão de entrelaçamento entre informação e emoção, apesar de criticado, é recorrentemente utilizado em programas televisivos e considerado uma estratégia antiga. Recentemente, podemos observar uma onda de produções com foco nos chamados *True Crimes*, em livros, documentários, seriados, *podcasts* e outros. O formato, que faz muito sucesso na atualidade⁹, toma como base histórias de crimes reais para produções que juntam violência, medo e mistério, como o “Caso Evandro”¹⁰, “Isabella: O caso Nardoni”¹¹, “Praia dos Ossos”¹², dentre muitos outros. Mas, nem o fenômeno, nem os formatos, são exatamente uma novidade. No Brasil, o programa “Você Decide”¹³, exibido na TV Globo entre 1992 e 2000, tinha um apelo parecido. Além dele, “Linha Direta”¹⁴, também exibido na TV Globo, que fez sucesso na mesma época (de 1990 a 2007), voltou a ser exibido dezesseis anos após ser descontinuado.

No caso do jornalismo, atribui-se esse entrelaçamento entre informação e emoção sobretudo ao jornalismo popular. Para Jost (2010, p. 49)¹⁵, a escolha jornalística por elementos que suscitam emoção, se dá pelo fato de que: “Nem os dados, nem as verdades generalizadas comovem quem quer que seja. O caso particular adiciona à informação uma emoção ancorando uma verdade abstrata em uma dada pessoa”. A busca pela emoção, então, ocorreria por um propósito de aproximar, de ilustrar informações que poderiam ser consideradas muito impessoais, gerando identificação por parte do público. Mostrar reações singulares, utilizando-se de personagens reais, ajudaria a provocar emoção no público. Isso ocorreria porque

⁹ <https://www.uol.com.br/splash/noticias/estadao-conteudo/2023/09/10/true-crime-sucesso-de-audiencia-e-bom-negocio-para-produtores.htm>

¹⁰ <https://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-caso-evandro/>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=zvDnxmhlc9Y>

¹² <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>

¹³ <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/voce-decide-o-programa-que-virou-sensacao-na-televisao.phtml>

¹⁴ <https://globoplay.globo.com/linha-direta/t/DzQYkq7tM8/>

¹⁵ Tradução livre da autora. Trecho original: “Ni les chiffres ni les vérités générales émouvantes qui que ce soit. Le cas particulier ajoute donc à l'information une émotion en ancrant une vérité abstraite dans une personne donnée”.

[...] essa acumulação de grandes planos, de reações individuais de subjetividade, essa identificação do “eu” ao “ele” acaba por dar a ideia de um “nós”, de uma comunidade que enfrenta uma sentença, uma dor ou uma felicidade, e não de um público (Jost, 2013, p. 102)¹⁶.

A exibição de reações singulares a que o autor se refere, essa identificação sentimental por parte do público, que o faz sentir-se parte da narrativa, é uma característica comumente atribuída ao que se denomina de formato sensacionalista. As questões apresentadas pelos programas populares, em especial, pelos programas policiais, são, muitas vezes, reconhecidas pelo público que assiste. Logo, compreendemos que tal identificação pode gerar um sentimento de proximidade e de comoção com os personagens apresentados.

Nessa perspectiva, em uma visão um tanto quanto extrema, o autor compara o jornalismo com a imagem que programas de reality show constroem – uma grande encenação em que os jornalistas são protagonistas. Ele afirma que o “[...] jornalista perde seu estatuto de mediador para virar um ator. Ele se identifica como Tintin¹⁷, mais forte que a polícia, mais forte que os espões, que as ONG e que os malvados” (Jost, 2010, p. 50)¹⁸, exatamente a figura do comunicador-político que desenvolvemos nos próximos capítulos. A televisão de hoje, nessa ótica, buscaria a todo custo divertir o público, mesmo quando trata de assuntos sérios (Jost, 2010, p. 53), o que se aplicaria ao caso do jornalismo, sobretudo quando busca gerar sensações e identificações por parte do público, como bem apresenta Boucher (2016, p. 128) quando afirma que:

Na prática, as mídias mantêm relações estreitas com a violência porque o sensacionalismo é sinônimo de sucesso comercial. Entretanto, do lado dos atores, em um mundo cada vez mais global e anônimo, existir nas mídias é uma forma de reconhecimento que permite às pessoas figurantes de participar da sociedade da informação¹⁹.

¹⁶ Tradução livre da autora. Trecho original: “cette accumulation de gros plans, de réactions individuelles de subjectivité, cette identification du je au il finit par donner l’idée d’un nous, d’une communauté qui éprouve une peine, une douleur ou une joie, et non d’un public”.

¹⁷ Personagem fictício popular na França e na Bélgica, é o protagonista da série de ficção de histórias em quadrinhos conhecida como *Les aventures de Tintin*, criada pelo quadrinista belga Hergé (Georges Prosper Remi), em 1929.

¹⁸ Tradução livre da autora. Trecho original: “[...] le journaliste perd son statut de médiateur pour devenir un acteur. Il se prend pour Tintin, plus fort que la police, plus fort que les espions, que les ONG et que les méchants”.

¹⁹ Tradução livre da autora. Versão original: “Dans la pratique, les médias entretiennent donc des rapports étroits avec la violence puisque le sensationnel est synonyme de succès commercial. En outre, du côté des acteurs, dans un monde de plus en plus global et anonyme, exister dans les médias est un gage de reconnaissance permettant aux personnes y figurant de participer à la société d’information ».

Nessa busca pelo “existir nas mídias”, pela diversão, o sensacional choca, ao mesmo tempo que alivia, afirma Matheus (2011, p. 35), pois proporciona, por exemplo, uma experiência simbólica da morte, que transforma o desagradável em algo tolerável. O desagradável aqui tratado relaciona-se com o que Sodré e Paiva (2014) definem como o grotesco, que estaria ganhando cada vez mais destaque nas produções televisivas e que seria responsável pelo formato popularesco²⁰ hegemônico. Nessa perspectiva, os autores defendem que existem dois padrões de programação do Brasil.

O primeiro seria o que é classicamente considerado como o de qualidade, esteticamente agradável, limpo e bem-comportado, em termos morais e visuais; e o segundo seria o grotesco, com estratégias agressivas e moldado pela hegemonia de audiência (Sodré; Paiva, 2014, p. 119). Eles compreendem que o formato de televisão aberta privilegia a ótica do grotesco, pois suscita o riso cruel, “um tipo de riso massivo, pretensamente democrático, em que antigos objetos de indignação (miséria, opressão, falta de solidariedade, descaso dos poderes públicos etc.) recaem na indiferença generalizada” (Sodré; Paiva, 2014, p. 120).

Os autores defendem que a televisão assume um papel hegemônico e reinterpreta determinados discursos do senso comum, para que seja mais assimilável pelo público. Essa lógica privilegiaria a ótica do grotesco, por três motivos principais: 1) porque suscita o riso cruel, de caráter massivo, provocado pelo gozo do sofrimento do outro; 2) porque a impotência humana é compensada pela visão de sorteios e prêmios, uma espécie de providência do destino, em detrimento da ausência de assistência pelo Estado, a desesperança das camadas menos favorecidas financeiramente; e 3) porque o grotesco chocante é uma modalidade dominante nas programações televisivas, pois:

[...] permite encenar o povo e, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância. Dão-se voz e imagem a energúmenos, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue às causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos (Sodré, 2014, p. 121).

Nesse ponto de vista, o grotesco, presente em programas da televisão aberta, seria exatamente baseado no drama e no chamado sensacionalismo, tão comuns em programas populares, tão presentes em programas policiais. Apesar da característica do grotesco atribuída ao sensacionalismo, questionamos o que de fato caracteriza o termo e se ele é

²⁰ “Com esta palavra, quer-se significar a espontaneidade popular industrialmente transposta e manipulada por meios de comunicação, com vistas à capacitação e ampliação de audiência urbana” (Sodré, 2014, p. 102).

apropriado, tendo em vista que é próprio do jornalismo suscitar emoções, seja nas manchetes, no lead e em outros espaços. A que tipo de produção exatamente podemos associar o termo?

Historicamente, a origem do chamado jornalismo sensacionalista não é claramente definida, porém, ainda no século XVI, na França, e no século XVII, nos Estados Unidos, são identificadas publicações desse tipo (Angrimani, 1995). Entre os anos de 1890 e 1900, também nos Estados Unidos, nasceu o termo “imprensa amarela”, fazendo referência exatamente ao tipo de jornalismo em questão, caracterizado por usar abusivamente manchetes escandalosas, tipografia grande e chamativa, além de muitas ilustrações, por vezes, inadequadas ou inventadas; falsificar entrevistas, fazer reportagens mirabolantes, inventar histórias e, supostamente, lutar em favor dos direitos do cidadão comum.

No Brasil, segundo Angrimani (1995), as primeiras publicações desse cunho se assemelhavam bastante com o que era produzido nos Estados Unidos. O uso do termo “imprensa marrom” assemelha-se ao termo “imprensa amarela”, mas provavelmente derivou de uma expressão francesa que se referia a profissões exercidas de forma ilegal. Em nosso país, o termo, em regra, é utilizado quando a credibilidade de uma publicação é suspeita. Para o autor, sensacionalismo consiste no fato de:

Tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional. O termo “sensacionalista” é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que o tenha adotado. Um noticiário “sensacionalista” tem credibilidade discutível (*ibid*, 1995, p. 16).

Nessa mesma linha, esse termo ficou muito relacionado “[...] ao jornalismo que privilegia a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fatos chocantes, de distorções, de mentiras, e da utilização de uma linguagem composta por gírias e palavrões” (Amaral, 2005, p. 2), produções que enfatizam “[...] crimes, desastres, roubos, incêndios, enfim, as tragédias diárias [...] que se referem a lugares existentes e personagens perfeitamente identificáveis” (Matheus, 2011, p. 31). Na televisão, especificamente, o chamado sensacionalismo pode ganhar proporções diferentes e características peculiares, como o uso de trilhas sonoras, vinhetas, cenários, cores e ângulos de filmagem. Esses elementos intensificam o envolvimento do público com o conteúdo disseminado e tendem a reforçar a insegurança e o medo.

A autora ainda expõe a análise psicanalítica e econômica política de Marcondes Filho (1989), que entende a prática sensacionalista como o grau mais radical da mercantilização de informação. O uso desse termo, entretanto, pode ser considerado problemático quando é utilizado de forma a simplificar um produto popular. A própria Amaral (2005) compreende que, de tão utilizado, o conceito de sensacionalismo perdeu seu vigor e suas fronteiras. Ela considera problemática sua aplicação na pesquisa acadêmica, pois carrega generalizações e insuficiências para tratar de estratégias destinadas a gerar sensações.

Compreendemos que a prática sensacionalista é uma das formas do jornalismo e se manifesta em diversos graus (Amaral, 2003, p. 134). A prática pode dizer respeito ao uso de artifícios incompatíveis com a ética jornalística, ou no que se refere às estratégias de comunicabilidade adotadas. Ao afirmar, portanto, que um jornal é sensacionalista, reduzimos questões complexas e específicas em um só termo, geral. Em outras palavras, concordamos que o termo é simplificador, em se tratando de programas policiais, e lembramos a importância de ressaltar a ligação que esses programas possuem com os dramas sociais. É o que aponta pesquisa desenvolvida com base no monitoramento dos programas policiais cearenses feito pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Ceará (CEDECA – Ceará), em 2011, em que essa relação com os dramas sociais é destacada:

Na televisão, os programas policiais despertam uma atenção toda especial, não só porque os problemas se exacerbam em vozes e imagens, mas pela abrangência que ganham em função das próprias características do veículo. Concessões públicas outorgadas pelo Estado, as emissoras devem zelar pelo compromisso com a qualidade da programação e primar pelo interesse maior da sociedade [...] sem o discernimento necessário, os programas mostram cenas degradantes, expõem corpos em circunstâncias aviltantes, exibem pessoas em condições subumanas, num desrespeito aos familiares das vítimas e aos telespectadores (CEDECA CEARÁ, 2011, p. 17-33).

É importante também frisar a relação peculiar e próxima que esse tipo de programa possui com o público, reforçada pelo uso de uma linguagem informal e popular, como pontua Morales (2014, p. 8), quando afirma que o programa policial:

Busca legitimação para atuar, não apenas como agências formais de controle, mas como um mecanismo alternativo de controle social e de justiça, reafirmando valores morais, oferecendo receitas de coesão social e propondo soluções para conter o avanço da violência urbana e da insegurança pública.

Assim, ao analisarmos a relação da população com os programas policiais em geral, devemos lembrar que suas narrativas muitas vezes representam a única forma que as classes sociais menos favorecidas economicamente têm para conseguir atenção e visibilidade para os problemas que vivenciam (Angrimani, 1995). É comum, portanto, que, diante de situações extremas, como crimes, a população opte por entrar em contato com esses programas, em detrimento da própria polícia.

1.3.2 A narrativa noticiosa de crimes

Em se tratando de narrativas noticiosas de crimes, é preciso considerar que o crime possui tradicionalmente um “valor-notícia” muito forte, elemento que guia as escolhas do que deve ou não ser noticiado e ganhar notoriedade no campo do jornalismo. É o que constata Penedo (2003, p. 41), quando afirma que: “[...] ao crime, enquanto tópico noticioso, é reconhecido um elevado grau de noticiabilidade por conter violência, ruptura com a ordem social e imprevisibilidade [...] um dos principais valores notícia”.

O valor-notícia, entretanto, não é o único motivador das narrativas noticiosas sobre crimes, tendo em vista que o crime, em si, já é responsável por colocar em evidência limites da ordem social estabelecida. Concordamos que

[...] as narrativas do crime – através da expressão da violência, da desordem e da insegurança – atingem questões vitais ao pulsar da vida em sociedade, susceptíveis de firmar posições oficiais ao mesmo tempo que apelam a um posicionamento do público (*ibid*, p. 42).

Assim sendo, compreendemos que a representação midiática do crime, por meio de narrativas, serve também como forma de regulamentação da vida cotidiana, pois assume um papel de reposição da ordem, sem, entretanto, promover uma discussão pública da questão como problema social.

Observamos, ao contrário, que no caso do telejornal policial Cidade 190, que tem o crime como assunto basilar de suas narrativas, rótulos e estereótipos são reforçados de um modo simples e abreviado, tipificando pessoas, lugares e comportamentos, sem oferecer uma informação qualificada sobre essas questões (Leurquin, 2016).

Vale salientar que o discurso sobre o crime, em narrativas noticiosas, possui uma carga estigmatizante,

[...] na medida em que vincula e conota a transgressão com indivíduos ou grupos minoritários, a partir de um determinado atributo ou característica. Através de um discurso normalizador que define simbolicamente as margens, distinguem-se os bons dos maus, os locais perigosos dos locais seguros, de forma a reduzir a incerteza e a imprevisibilidade da interação social, numa espécie de geografia simbólica da urbe (Penedo, 2003, p. 59).

O discurso normalizador, utilizado nesse tipo de narrativa, está ligado a uma outra característica – a dependência de fontes policiais, o que Beato (2007) chama de uma dependência de BO, o boletim de ocorrência. A dependência em questão está relacionada ao fato de que jornalistas ou responsáveis outros pela construção da narrativa midiática do crime restringem a cobertura da violência, da segurança pública e da criminalidade, sobretudo a fontes policiais.

Como consequência dessa dependência, há uma diminuição da capacidade da imprensa de criticar as ações das forças de segurança, o que é preocupante em narrativas noticiosas, que deveriam buscar o máximo de fontes e personagens possíveis, para garantir a pluralidade de seu discurso. Essa ausência de outras fontes, diversificadas, seria responsável por matérias pouco contextualizadas e homogêneas, dependentes de delegados e oficiais. Com esse enfoque, “[...] temas como direitos humanos, violência enquanto fenômeno social, raça e etnia, gênero e violência doméstica, por exemplo, são pouco frequentes” (Beato, 2007, p. 39).

Ramos e Paiva (2007, p. 25) tecem uma crítica à cobertura jornalística de crimes, comparando-a à polícia, e afirmam que:

Uma das críticas mais comuns à polícia é a de que ela corre atrás do crime, sem capacidade de preveni-lo com planejamento e inteligência. A cobertura jornalística, mesmo a dos melhores jornais do país, padece em certa medida dos mesmos problemas. Na maior parte do tempo, ela corre atrás da notícia do crime já ocorrido ou das ações policiais já executadas, mas tem pouca iniciativa e usa timidamente a sua enorme capacidade de pautar um debate público consistente sobre o setor.

A capacidade de pautar esses assuntos de forma profunda, proveniente da falta de iniciativa e comprometimento com a solução efetiva dos problemas de segurança pública, seria responsável pelo perfil das narrativas de crimes mais comuns na mídia, que são um misto de

[...] ação, emoção, drama e suspense, contém ingredientes titilantes, mobilizadores da atenção do público, capazes de conduzir o olhar voyeurista do espectador até as áreas mais recônditas da vida privada, ou ao lado mais sombrio e enigmático da natureza humana (Penedo, 2003, p. 61).

Sendo assim, a forma simplista de tratar os crimes é responsável também por um discurso do medo. As narrativas de crimes, em geral, são uma espécie de registro “hiper-real” que ocupam os mais diversos gêneros televisivos, trazem a informação de forma que contribuem para um discurso do medo.

Penedo (2003) defende que sempre que uma tensão entre um crime e a ineficácia em combatê-lo é gerada, o medo e a insegurança ganham força na sociedade. As noções de ordem ou caos que chegam à opinião pública podem gerar maior receptividade a mudanças conjunturais e a políticas de controle. Portanto, compreendemos que o sentimento de insegurança dominante, motivado também (mesmo que não somente) pelo agendamento de assuntos apresentados em discursos simplistas relacionados a crimes, pode ser responsável por mudanças estruturais e danosas à sociedade.

Quando falamos em medo, consideramos que ele não se restringe a uma disposição psicológica, mas também diz respeito a uma espécie de moldura afetiva que produziria os seguintes efeitos no arranjo da vida em comunidade: “a) promoção de novos parâmetros de coabitação doméstica e sociabilidade urbana; b) redefinição de rotinas e lazer; c) iniciação ao monitoramento de cada minúcia cotidiana; d) incremento de aspirações segregacionistas de ordenação social” (Freire Filho; Marques, 2008, p. 83). Essas características apontam, portanto, que a narrativa do crime e a narrativa do medo constituem uma forma de poder, um discurso que define os sujeitos temíveis e os sujeitos temerosos da sociedade, tendo em vista que:

Através do discurso do crime, os media concorrem em larga medida para a definição dos problemas sociais, a partir dos quais se equaciona a resposta do Estado e se legitima o exercício da autoridade. A cobertura do crime coloca sob a mira do público o funcionamento de subsistemas de controle formal, nomeadamente a operacionalidade da polícia, a adequabilidade da lei, a eficácia da Justiça e dos tribunais, ou a capacidade correctiva das prisões, na manutenção da ordem e da paz social, trazendo para o espaço público a discussão de temas-chave à vida coletiva (Penedo, 2003, p. 60).

1.3.3 Jornalismo policial e classes silenciadas

Essa posição privilegiada, assumida pelos narradores midiáticos de crimes, que se colocam em um patamar superior ao resto da sociedade e assumem um discurso de autoridade, é preocupante. Esses narradores tornam-se, em certa ótica, defensores da ordem baseada na punição, punição de sujeitos específicos. Entretanto, apesar dessa suposta defesa, muitas vezes extrapolam o limite da própria ordem estabelecida na forma da lei, como é o

caso de programas policiais, que, em suas narrativas, violam uma série de direitos constitucionalmente assegurados.

Os programas policiais, que são estruturados basicamente em narrativas de crime, possuem em geral uma audiência muito significativa. Moura (2015) aborda essa questão no segundo volume da publicação *Violações de direitos na mídia brasileira: guia de monitoramento*, no capítulo denominado “Os programas ‘policialescos’ no contexto histórico”. Ela cita Sodré e Paiva (2014) e seus questionamentos sobre o apreço pelo grotesco como traço da cultura popular do Brasil, contrapondo-se à posição de Mayer (2006), que acredita que os programas policiais podem servir como canal entre os trabalhadores e o aparato estatal.

Os programas populares televisivos possuem um papel importante na sociedade, pois apresentam questões relativas a uma parcela da população que tende a ser invisibilizada pelas mídias, e não é alvo privilegiado de ações de assistência por parte do governo, as classes menos abastadas financeiramente. É preciso questionar se a forma como essa parcela da sociedade é exibida nos programas policiais é adequada e, sobretudo, se ela é condizente com a realidade. E, para além de condizer ou não com a realidade, ela representa uma prática de agentes sociais que colabora com a manutenção ou com a transformação da própria realidade. Moura (2015, p. 9) evidencia que a questão dos supostos gostos do público não pode ser um alibi para as violações cometidas por esse tipo de programa. Ela afirma que:

[...] independentemente do gosto do telespectador ou ouvinte, os programas “policialescos” têm violado sistematicamente uma série de direitos humanos. Enquanto apontam supostos culpados pelos crimes que narram, tais programas expõem vítimas e acusados, violam direitos de crianças e adolescentes, promovem o racismo, o machismo e a homofobia, e legitimam e estimulam a violência policial. Apesar de tais violações serem condenadas por inúmeras normativas nacionais e diferentes tratados internacionais ratificados pelo Brasil, elas seguem acontecendo e têm sido cada vez mais recorrentes na televisão brasileira.

Sobre violações de direitos cometidas por programas policiais, o volume 1 da publicação *Violações de direitos na mídia brasileira: guia de monitoramento*, analisa dez programas de rádio e vinte programas de televisão de natureza “policialesca” em dez capitais brasileiras: Brasília, São Paulo, Belém, Curitiba, Rio de Janeiro, Campo Grande, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza. O monitoramento ocorreu em 30 dias corridos, no período de 2 a 31 de março de 2015, tomando como base doze instrumentos legais da legislação brasileira e sete da legislação multilateral, além de três dispositivos de

autorregulação e outros parâmetros orientadores do campo. O estudo em questão deu origem a uma plataforma on-line de denúncia que conta atualmente com 1.471²¹ denúncias de violações de direito cometidas por programas policiais televisivos.

É importante salientar que essas violações de direitos atingem sobretudo sujeitos subalternos. É o que aponta o segundo volume da publicação em questão. Segundo o documento, essas violações de direitos:

[...] atingem, principalmente, grupamentos vulneráveis – como crianças, adolescentes, negros e pobres – não são ocasionais, mas sistemáticas. E integram um projeto de comunicação que busca se mimetizar com o jornalismo, mas que se distancia demasiadamente dos parâmetros do campo, o que é evidenciado, entre outros indícios, pelo absoluto desrespeito ao código de ética da categoria (Andi, 2015, p. 76).

Sobre as violações de direitos de sujeitos subalternos cometidas por parte de programas policiais, a discussão sobre quem são os sujeitos subalternos, quais suas características e especificidades, em que contexto essa categoria e esse termo surgem, são aspectos importantes a serem esclarecidos. No contexto dos estudos pós-coloniais, ao tratar de sujeitos subalternos, podemos falar em “sociedades silenciadas” (Khatibi *apud* Mignolo, 2003). Trata-se de sociedades que, mesmo quando falam, não são ouvidas em suas diferenças, são consideradas inferiores e menos importantes, são caladas pela reprodução de grandes narrativas hegemônicas provenientes da lógica imperialista, como o cristianismo. Nesse sentido, podemos dizer que “[...] Sociedades silenciadas são, é claro, sociedades em que há fala e escrita, mas que não são ouvidas na produção planetária de conhecimento, orientadas pelas histórias locais e as línguas das ‘sociedades silenciadoras’, isto é, desenvolvidas” (Khatibi *apud* Mignolo, 2003, p. 108).

Acreditamos que essas “sociedades silenciadas” não possuem possibilidade de fala porque seus sujeitos são considerados inferiores pelo discurso hegemônico, inclusive intelectualmente. Esse julgamento ocorre apesar das experiências que vivem e dos conhecimentos múltiplos que possuem, motivo pelo qual não lhes é permitido um local de fala. Esse silenciamento é característico do que Said (1990) chama de Orientalismo, que é o fenômeno de se relacionar com o Ocidente a partir da ótica criada por europeus. Esse fenômeno parte da ideia de dominação intelectual do Ocidente sobre o Oriente, dos colonizadores sobre os colonizados, dos “superiores” sobre os “inferiores”, uma espécie de

²¹ Disponível em: <http://www.midiaseviolacoes.com.br>.

ideia de dependência. Nesse sentido, entende-se que subjugar e sufocar discursos subalternos ocorre também em realidades próximas e comuns ao nosso cotidiano.

Assim como na abordagem acerca de sociedades silenciadas, podemos pensar em pessoas silenciadas, classes silenciadas, estigmatizadas, entre outros seres ou grupos a quem não é conferida possibilidade de visibilidade, de fala, devido às suas condições de subalternidade. É o que postula Spivak (2014), ao defender que não há de fato mecanismos que possibilitem que o subalterno fale, tendo em vista que essa fala é sufocada por supostos discursos mais legítimos. Esse pensamento se aplica a várias outras situações, pois é comum que haja uma valorização das ideias e produções ocidentais, como se elas fossem necessariamente superiores às demais. O presente cultivo dessa maneira de pensar pode ser aplicado a outros contextos. Fazendo uma apropriação para o Brasil, pode-se pensar que são sujeitos subalternos: negros, nordestinos, mulheres, crianças, idosos, pobres, entre outros. Essas questões ficam claras quando pensamos em situações em que o discurso que deveria ser proveniente de determinados grupos é feito preponderantemente por outros.

Podemos observar que ocasiões de silenciamento, em narrativas que supõem ou induzem posicionamentos dos envolvidos, são bastante comuns, inclusive no campo do jornalismo. Também na narrativa jornalística há, de forma recorrente, um silenciamento das experiências e dos depoimentos dos mais variados sujeitos subalternos, inclusive de forma sobreposta. Nesse sentido, entendemos que, muitas vezes, as narrativas jornalísticas são utilizadas para reforçar questões que vão de encontro ao próprio discurso do sujeito subalterno. Acreditamos que há uma reprodução de representações de poder, em que o repórter e/ou o narrador, se coloca como o mais apto para falar sobre questões que não lhe dizem respeito, sobre experiências que não viveu.

Alinhado a essa reflexão, entendemos que, de maneira semelhante, quando se trata de narrativas que envolvem crianças do sexo feminino vítimas de violência sexual, há um silenciamento que nega aos sujeitos subalternos envolvidos o direito de falar de fato, visto que esses sujeitos são ouvidos, muitas vezes, em situações degradantes. No Cidade 190, por mais que os depoimentos desses sujeitos subalternos sejam bastante explorados, sua fala é sufocada pela forma como as narrativas são construídas, pelo modo e pelo contexto em que as perguntas são feitas (Leurquin, 2016, 2018).

Em trabalho anterior (Leurquin, 2016), analisamos três narrativas do Cidade 190 sobre uma adolescente vítima de violência sexual. Consideramos que a adolescente em questão é um sujeito com subalternidades interseccionais, tanto pelo gênero, feminino, pela faixa etária, 15 anos, quanto pela condição socioeconômica. Essa adolescente foi exposta ao ser coagida a

“reproduzir verbalmente o ocorrido aos familiares e à polícia militar, em um local inapropriado (a rua) e diante de desconhecidos, e é induzida a fazê-lo de forma minuciosa e repetidas vezes à equipe de reportagem do programa Cidade 190” (2016, p. 53). Observamos que ao entrevistar uma adolescente vítima de violência sexual, o que poderia ser um momento de fala do sujeito subalterno em questão, é, na verdade uma violação de uma série de direitos, um processo de revitimização desse sujeito.

As narrativas sobre violência sexual, bem como outros conteúdos violadores de direitos, não existem de forma isolada, mas como uma prática de telejornais policiais. Alguns casos específicos, como aqueles que tratam de violência sexual contra crianças do sexo feminino, são especialmente importantes de ser refletidos, porque, como apresentamos anteriormente, revitimizam sujeitos que sofrem opressões interseccionais. É necessário ressaltar que a televisão, com toda a capilaridade que ainda possui, bem como a importância que ainda assume no Brasil, é meio para esse tipo de violência. O telejornal policial e, especificamente, o Cidade 190, nesse contexto, promove esse tipo de agressão.

Dito isso, é preciso aprofundar a reflexão sobre a televisão no Brasil e refletir sobre os sistemas comunicacionais e políticos que permitem que esse tipo de conteúdo seja difundido e valorizado no Brasil, bem como os atores que assumem o protagonismo na intersecção desses sistemas, como o é a figura do comunicador político Vitor Valim.

2 OS SISTEMAS E SEUS SUJEITOS: COMUNICADOR-POLÍTICO, SISTEMA DE MÍDIA E SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO

Quando falamos de telejornalismo policial, é importante lembrar que a sociedade não é mera receptora dos meios de comunicação – ela faz parte deles, é falada por eles e também resiste por meio do uso que faz deles. Nesse sentido, considerando estratégias e táticas a que Certeau (1994) faz referência.²² É importante valorizar as táticas de resistência da sociedade a partir do uso que faz das mídias, mas também não podemos esquecer a força das estratégias adotadas pelas poucas e grandes empresas que controlam a mídia tradicional. Se as táticas são formas de resistência microscópicas que visam a abrir caminhos alternativos, as estratégias tendem a ter mais força política e financeira, e, portanto, mais espaço de planejamento. É a partir dessa compreensão que refletimos sobre o telejornal policial, atentando para o sistema de mídia brasileiro e para as suas estratégias. O presente capítulo faz uma contextualização do sistema de mídia em conjunto com o sistema político brasileiro para, em seguida, abordar a especificidade do telejornal Cidade 190, bem como de Vitor Valim, para, por fim, desenvolver uma reflexão sobre celebridade e comunicador-político, no contexto apresentado.

2.1 SISTEMA DE MÍDIA E SISTEMA POLÍTICO NO BRASIL

Na maioria dos países da América Latina, inclusive no Brasil, diferente do que ocorreu na Europa (Alemanha, França e Reino Unido), foi adotado um sistema de comunicação essencialmente privado. Nos países latino-americanos, os meios de comunicação pertencem, historicamente, a grupos dominantes de cada país e região, grupos esses que possuem poder econômico e político marcante (Martins, 2013, p. 5).

No caso do Brasil, especificamente, há uma concentração dos meios de comunicação ligada a interesses econômicos. Almeida (2011, p. 130) atenta que a mídia brasileira de hoje, além de ser um setor estruturante da política e da sociedade contemporânea, é um setor muito importante da própria atividade econômica do país. A própria política da radiodifusão é fruto

²² “Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* a ser a base de onde podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). [...] chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal qual como o organiza a lei de uma força estranha. [...] a tática é a arte do fraco” (Certeau, 1994, p. 99-101, grifo nosso).

de um sistema de concessões feitas pelo governo e, portanto, submetida a uma série de pressões por parte de forças políticas e econômicas variadas. Ao longo da história brasileira recente, podemos observar acordos diversos e um sistema de troca para que muitos políticos conseguissem ter não apenas sinais de televisão, mas até mesmo uma rádio na sua cidade de origem. A política está tão enraizada nos meios de comunicação desde os primórdios também porque esse processo de concessão sempre foi feito a partir dos interesses de pares, em que a aprovação de projetos e o apoio a determinada ação do executivo eram dados em contrapartida a uma concessão pública.

Observamos que esse setor e as relações que o permeiam não podem ser compreendidos apenas pela sua configuração nacional, como se fossem um grande bloco, mas contam com especificidades regionais, ampliadas no final da primeira década do século XXI. Sobre esse crescimento da regionalização da mídia brasileira, Pinto (2013) ressalta que as relações entre política e mídia ocorrem tanto no eixo da mídia nacional quanto no eixo das variadas mídias regionais. Essas relações entre mídias e o Estado podem ser de cinco tipos diferentes, a dizer: “1) sistema de concessões públicas; 2) controle oficial das quotas de insumos básicos à comunicação; 3) financiamentos, isenções fiscais e subsídios; 4) fiscalização governamental das atividades de comunicação e 5) publicidade governamental” (Ribeiro, 2007, p. 170 *apud* Pinto, 2013), e são permeadas por diversos interesses econômicos.

Um ponto central destacado pela autora é que a estrutura do mercado midiático brasileiro, no âmbito regional, é semelhante à do nacional, concentrado em empreendimentos familiares. É no contexto regional e local, entretanto, que as redes de radiodifusão conseguem alcançar a extensão do território, mais regiões do país, e não apenas os grandes eixos econômicos (Pinto, 2013, p. 102). Esse aspecto familiar dos empreendimentos midiáticos que caracteriza o sistema de mídia e permeia a extensão do território também pode ser observado em relação com o sistema político no Brasil.

Ao relacionar o sistema de mídia brasileiro ao sistema político, Azevedo (2006) elenca uma série de características que, segundo a classificação de Hallin e Mancini (2004), colocam o Brasil como um sistema mediterrâneo (ou pluralista polarizado). Esse sistema, como o nome sugere, seria aquele dos países mediterrâneos, como França, Grécia, Itália, Portugal e Espanha.

No campo da comunicação, a classificação de Hallin e Mancini (2004) considera 1) o mercado de mídia, 2) o paralelismo político, 3) o desenvolvimento do jornalismo profissional e 4) o grau e a natureza da intervenção estatal como aspectos de caracterização da mídia a

serem considerados na classificação. Já no que diz respeito aos aspectos do sistema político, são considerados na classificação: 1) a história política, 2) o modelo democrático adotado, 3) os valores políticos, 4) as funções do Estado e 5) a presença de regras do tipo legal-racional nos processos de regulação e governança.

Seguindo essa classificação, no que se refere ao sistema de mídia, atributos históricos notáveis e imutáveis brasileiros possibilitam a caracterização do sistema do país como Mediterrâneo, tais como: monopólio familiar; propriedade cruzada; viés conservador; baixa circulação e baixo número de leitores; jornalismo orientado pelas elites e permeável à influência dos públicos fortes. No campo político, por sua vez, são elencadas as seguintes características: ciclos autoritários; recente retorno da democracia e da liberdade de imprensa; presença de um pluralismo polarizado.

Essa classificação de Halin e Mancini (2004) ressalta que os modelos não devem ser considerados em sua forma “pura”, como se fossem definitivos ou imutáveis. Apesar do adendo, Azevedo (2006) considera os pontos elencados pelos autores insuficientes para abarcar a relação entre sistema de mídia e sistema político do Brasil. Ele sugere então três importantes eixos classificatórios para o caso do nosso país, são eles: características do mercado de mídia, diversidade externa e paralelismo político.

Em seu argumento, Azevedo (2006) desenvolve que, no que se refere ao mercado de mídia, houve um surgimento tardio da imprensa no Brasil, que só ganhou uma estrutura comercial há um século, aproximadamente. Essa imprensa, quando escrita, não só possui baixa circulação (devido, sobretudo, à baixa escolaridade do povo brasileiro), como possui orientação voltada para as elites. A grande imprensa possui foco nas classes A e B, enquanto jornais populares possuem foco nas classes C, D e E. Essa pequena penetração é intensificada quando considerada a centralidade da televisão no sistema de mídia brasileiro, em que 2/3 da população não leem jornais habitualmente, 90% dos domicílios permanentes no Brasil possuem aparelho de televisão e 88% possuem aparelho de rádio.

Em relação à diversidade externa, ou seja, a “existência efetiva de diversidade de informação e de opinião nos meios de comunicação de massa de forma a garantir aos cidadãos acesso às principais perspectivas políticas em competição” (Azevedo, 2006, p. 97), o autor atenta para a reduzida e precária diversidade externa. Essa falta de diversidade externa é evidenciada por fatores como o monopólio familiar da mídia brasileira. Somado a isso, temos aqui uma propriedade cruzada dos principais meios de comunicação de massa, bem como o controle parcial de redes locais e regionais de TV e rádio por políticos profissionais, além da inexistência de uma imprensa comprometida com causas sociais não hegemônicas, ligada a

interesses sociais minoritários com alguma expressão nacional, o que dificulta uma diversidade de informações e de pontos de vista dos conteúdos e informações que circulam pelos meios de comunicação, tendo em vista que possuem interesses pouco plurais.

Sobre o paralelismo político, uma “forma e extensão pela qual o sistema de mídia reflete as divisões políticas existentes no interior da sociedade” (Azevedo, 2006, p. 101), o autor ressalta que existem conexões diretas entre a imprensa e as organizações políticas hegemônicas (partidos, sindicatos, associações, igrejas etc.); uma intervenção da mídia na vida política partidária, especialmente em períodos eleitorais; uma visibilidade de militantes e políticos específicos nos programas de audiência no rádio e TV e nos jornais; e o predomínio de comentários e análises, visando influenciar a opinião pública em detrimento de informações balanceadas etc.

As características elencadas por Azevedo (2006) são evidenciadas pelo levantamento feito pelo “Media Ownership Monitor Brasil”²³ (MOM), que classificou o Brasil com um alerta vermelho. Esse alerta significa que existe aqui uma alta concentração de audiência e de propriedade, de concentração geográfica, falta de transparência, além de interferências econômicas, políticas e religiosas²⁴. Essas características refletem o cruzamento específico entre mídia e política brasileiro e chamam atenção porque, além de outros elementos, é importante lembrar que uma mídia independente e plural é condição para um sistema político democrático.

A partir dos três pontos apresentados por Azevedo como centrais para pensar na ligação entre o sistema político e o sistema de mídia no Brasil, ressaltamos que há aqui um monopólio da mídia, em que oito grupos familiares controlam o setor de rádio e televisão e 15 grupos familiares controlam 90% da mídia do país (Lima, 2001, p. 106 *apud* Azevedo, 2006). Nesse sentido, voltamos ao levantamento do MOM, que nos ajuda a compreender os três aspectos que devemos considerar no caso brasileiro apresentados por Azevedo (2006).

Segundo o estudo, dos 50 veículos de mídia com maior audiência do país, 26 são controlados por apenas cinco famílias. O maior deles, o Grupo Globo²⁵, da família Marinho, detém nove desses 50 maiores veículos, e é o 19º conglomerado de mídia do mundo. Depois do grupo Globo, que alcança sozinho uma audiência maior do que as audiências somadas do

²³ O levantamento foi lançado em 2017 e foi financiado pelo governo da Alemanha e realizado em conjunto pela ONG brasileira Intervezes e a Repórteres sem fronteiras (RSF). Essa pesquisa já foi realizada em outros dez países: Camboja, Colômbia, Filipinas, Mongólia, Gana, Peru, Sérvia, Tunísia, Turquia e Ucrânia.

²⁴ O levantamento considerou 50 veículos de comunicação em quatro segmentos (TV, rádio, mídia impressa e online), que pertencem a 26 grupos de comunicação. Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/>.

²⁵ Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-globo/>.

2º, 3º, 4º e 5º maiores grupos brasileiros, temos o grupo Bandeirantes²⁶, e a família de Edir Macêdo, da Record²⁷, com cinco veículos cada um. Em seguida, está o grupo RBS²⁸, da família Sirotsky, com quatro veículos, e a família Frias, com três veículos. O levantamento também destaca o grupo Estado, do jornal O Estado de S. Paulo; o grupo Abril, da revista Veja; e o grupo Editorial Sempre Editora, do jornal O Tempo, que contabilizam oito famílias que controlam 32 dos 50 maiores veículos de mídia do Brasil.

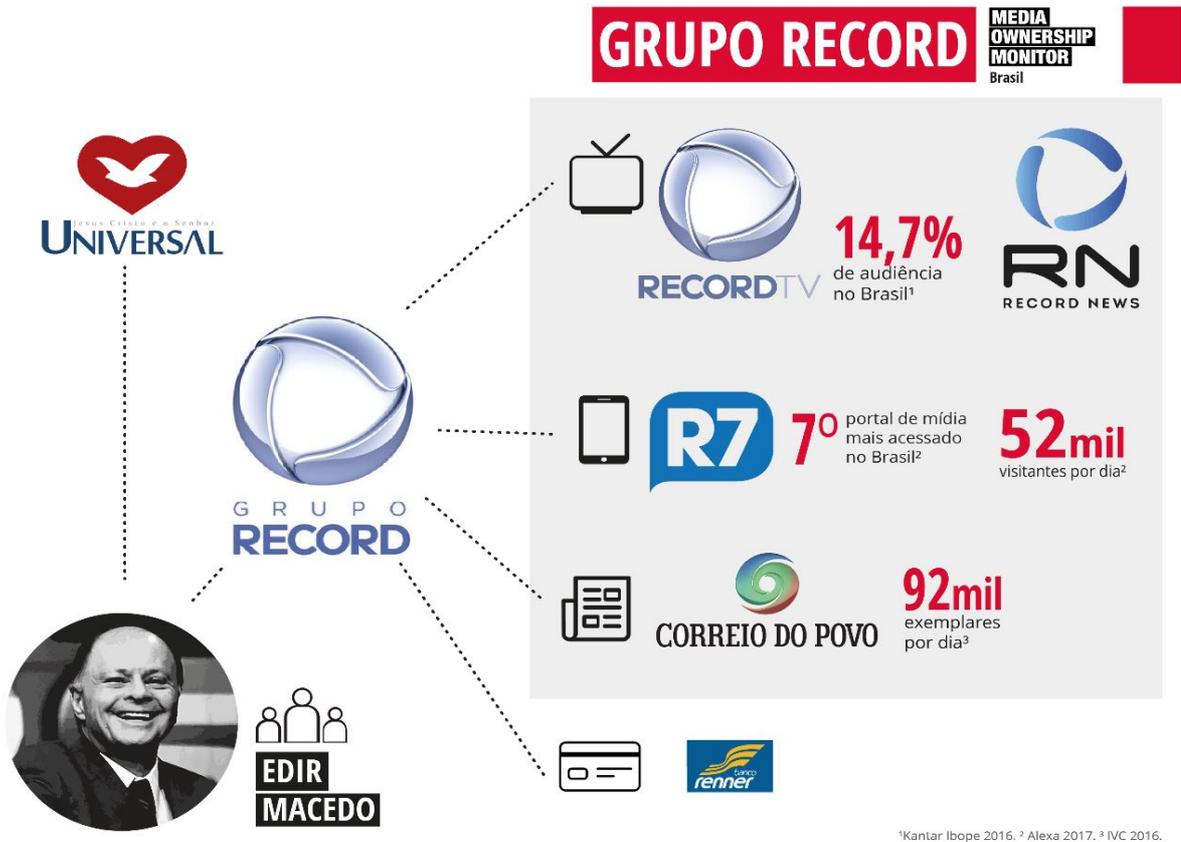
Esses grandes grupos familiares, que são donos da mídia no Brasil, são responsáveis também pela propriedade cruzada da mídia, que permite que os líderes de mercado dominem múltiplos segmentos. Desse jeito, as mesmas empresas de redes de TV aberta também controlam emissoras de rádio, portais de internet, revistas e jornais impressos, como observamos no gráfico a seguir, que ilustra o caso do grupo Record.

²⁶ Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-bandeirantes/>.

²⁷ Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-record/>.

²⁸ Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-rbs/>.

Figura 1– Gráfico elaborado pelo levantamento *Media Ownership Monitor Brasil* ²⁹



²⁹ Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-record/>.

2.2 REDE RECORD E A TV CIDADE

O caso do grupo Record ilustra um outro aspecto interessante a ser apontado, a ligação entre mídia, política e religião. Emissora mais antiga em atividade no Brasil, a Record foi fundada em setembro de 1953, por Paulo Machado de Carvalho. Ficou famosa por realizar festivais de música, durante o governo autoritário militar, e também por exibir um dos mais importantes programas jornalísticos da televisão brasileira, o Repórter Esso (Oliveira, 2017, p. 126). Em 1980, a emissora foi vendida para o líder evangélico Edir Macedo³⁰, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus³¹. A partir de então, a Record ampliou sua programação e a sua capilaridade no Brasil e no mundo. Atualmente, está ligada a 108 filiais nos 26 estados e no Distrito Federal³² e transmite programação para mais de 150 países nos cinco continentes³³. A Record, portanto, possui canais importantes na televisão aberta e fechada, veículos na mídia impressa e na internet, e também controla a Igreja Universal do Reino de Deus, que possui a Rede Aleluia de rádio e produz o jornal gratuito de maior tiragem no Brasil, a Folha Universal.

As três características, elencadas por Azevedo (2006), características do mercado de mídia, diversidade externa e paralelismo político, como sendo centrais para a compreensão da relação do sistema de mídia e do sistema político brasileiro, bem como o caso do grupo Record, remetem-nos à figura do comunicador-político, especificamente do comunicador político oriundo de telejornais policiais. No caso de Vitor Valim, objeto desta pesquisa, o programa em que ele trabalha, o Cidade 190, é veiculado na emissora TV Cidade, do Grupo Cidade de Comunicação, afiliada à Rede Record no estado do Ceará.

A TV Cidade, por sua vez, começou suas atividades em agosto de 1978 (com o nome de “Canal 8”) e também já foi afiliada à Rede Bandeirantes e ao Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. O Grupo Cidade de Comunicação, vale ressaltar, pertenceu a Miguel Dias

³⁰ Bilionário, Edir Macedo é o líder evangélico mais rico do Brasil. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/os-60-mais-poderosos/edir-macedo/5244b760e832edbf3c000006.html>.

³¹ A ligação entre política partidária, mídia e religião no Brasil tem na figura de Edir Macedo uma das suas principais personificações – Partido Republicano Brasileiro, Rede Record e Igreja Universal do Reino de Deus. A potência dessa união ficou especialmente evidenciada quando, em 2016, Marcelo Crivella, ex-bispo da igreja em questão e sobrinho de Edir Macedo, foi eleito prefeito do Rio de Janeiro, a segunda maior cidade do Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/30/politica/1477857709_431438.html.

³² Disponível em: <http://recordtv.r7.com/emissoras-record/record-pelo-brasil-afora/>.

³³ Disponível em: <https://www.recordeuropa.com/a-empresa/>.

de Souza³⁴, empresário de vários setores³⁵, político³⁶ e pai de Gaída Dias, uma das atuais donas da emissora, ex-esposa e mãe dos filhos de Vitor Valim.

Vitor Valim, nessa perspectiva, está diretamente ligado a esse grupo e aos interesses que representa, num paralelismo político. Se tomarmos como exemplo a pauta religiosa, observamos que a atuação e o discurso do comunicador-político estão constantemente ligados a questões relacionadas a ela, seja à frente do Cidade 190, ou nos cargos eletivos que ocupa – desde bordões que utiliza, reflexões que desenvolve. A atuação pública que tem, está em consonância com os interesses particulares familiares da empresa de que faz parte, o que é evidenciado pela atuação política que tem.

Essa característica, bem como a precária diversidade externa, ficou explícita, por exemplo, quando o apresentador trouxe ao Cidade 190 o então pré-candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, para uma entrevista em tom elogioso, ao vivo³⁷, em 2018, o que não fez com mais nenhum pré-candidato ao cargo. É importante registrar que o agora presidente do Brasil foi apoiado por Edir Macêdo³⁸ e que a Rede Record foi a única emissora que o entrevistou³⁹ naquelas eleições, lembrando que o candidato se negou a participar de debates⁴⁰. A conexão direta entre a imprensa e as organizações políticas, a intervenção da mídia na vida política, especialmente em períodos eleitorais, se dá de duas maneiras, a partir de Vitor Valim: ele não só assume o papel do jornalista responsável por trazer informações relevantes para seu público, inclusive sobre política representativa, mas também atua como político engajado em representar seus eleitores e a sociedade como um todo.

2.3 O CIDADE 190, UM TELEJORNAL POLICIAL CEARENSE

O fenômeno dos telejornais policiais é de âmbito nacional, mas é marcado por um regionalismo e por especificidades locais que diferenciam cada produto e permitem uma certa

³⁴ Miguel Dias de Souza faleceu em 19 de março de 2018, aos 66 anos, vítima de um infarto fulminante. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/morre-miguel-diasde-souza-presidente-do-grupo-cidade-de-comunicacao-1.1910926>.

³⁵ Comunicação (Grupo Cidade, Rádio Araripe de Cedro); agropecuária (Agro Vale do Acaraú e Saco de Juazeiro), Turismo (Torre Promoções), Táci Aéreo Cidade; e Imobiliária Miguel Dias. Disponível em: <https://www.oestadoce.com.br/politica/morre-o-empresario-e-politico-miguel-dias-de-souza>.

³⁶ Filiado ao partido PRB, o empresário foi 2º Suplente Senador de Eunício Lopes de Oliveira, pelo Ceará, em 2010, pela coligação “Por Um Ceará Melhor Pra Todos”, que contava com os partidos: PRB / PDT / PT / PMDB / PSC / PSB / PC DO B. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/politicobrasil/2010/2-suplente-senador/13051951-miguel-dias.jhtm>.

³⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=1105635126252139>.

³⁸ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro/>.

³⁹ Disponível em: <https://noticias.r7.com/eleicoes-2018/bolsonaro-fala-com-exclusividade-ao-jornal-da-record-as-22h-04102018>.

⁴⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/jair-bolsonaro-afirma-que-nao-vai-a-debates-no-segundo-turno.ghtml>.

pluralidade no formato. No estado do Ceará, é interessante observar o papel que programas desse tipo desenvolvem, bem como sua presença na sociedade, tendo em vista que, desde a sua origem, assumiu grande relevância. Em 2011, um dos auge desse formato em canais abertos do estado, o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA), fez um levantamento e monitoramento desses programas e identificou que

Por semana, são cerca de 50 horas de programas policiais na televisão cearense, o que corresponde a mais ou menos 7 horas diárias, ou mais de 9 horas por dia, considerando-se as 44 horas de programas levados ao ar nos dias ditos úteis. Dos cinco, quatro são veiculados a partir do meio-dia. Almoço indigesto, dada a quantidade de sangue que verte da tela. Violência sem limites, exibição sem controle (CEDECA, 2011, p. 31).

No Brasil, o Programa Policial mais marcante na história da televisão foi o “Aqui Agora”, exibido pela emissora SBT entre os anos de 1991 e 1997, que tinha como referência o “Aqui e Agora”, veiculado pela TV Tupi, em 1979. Este último tinha o suposto objetivo de resolver, em frente às câmeras, os problemas particulares dos telespectadores de forma justa e rápida. Já o “Aqui Agora”, possuía um formato de telejornal, mesclava jornalismo, variedades e entretenimento e tinha como foco reportagens policiais, especialmente sobre assassinatos, tragédias e crimes escandalosos (CEDECA, 2011).

Com o processo de criação de emissoras de televisões locais, as experiências nacionais de programas policiais foram adaptadas e substituídas por versões locais de telejornal de cunho policial. Porém, algumas características marcantes do programa continuaram sendo norteadoras dos conteúdos exibidos: exploração e exposição de sofrimento de pessoas e utilização de discursos simplistas para fenômenos complexos, como a insegurança, bem como o protagonismo dos apresentadores performáticos (Souza, 2018).

No Ceará, conforme o Cedeca (2011), o primeiro programa policial foi o Mão Branca, que estreou em 1982, na TV Cidade. O Barra Pesada estreou dois anos depois, e desde então é exibido na TV Jangadeiro. Até o ano de 2020, no Ceará, existiam cinco programas policiais na televisão (Barra Pesada, Cidade 190, Rota 22, Comando 22 e Os malas e a lei). Eles se configuram da seguinte forma:

Quadro 1 – Programas policiais exibidos no Ceará

Programa	Emissora	Filiada	Dias	Horário
Barra Pesada	TV	Band	Segunda à sexta	11h45min

(No ar até 2020) ⁴¹	Jangadeiro			
Cidade 190	TV Cidade	Rede Record	Segunda à sexta	11h50min
Comando 22 (No ar até 2022)	TV Diário	Sistema Verdes Mares de Comunicação	Segunda à sexta	12h05min
Rota 22 (No ar até 2022)	TV Diário	Sistema Verdes Mares de Comunicação	Segunda à sábado	22h30min
Os Malas e a Lei	TV Diário	Sistema Verdes Mares de Comunicação	Segunda à sexta	17h30min/12h30min e 20h10min (sábado)

Fonte: elaborado pela autora.

A maioria dos programas policiais cearenses é exibida diariamente em torno do meio-dia. No Brasil, o horário em questão é usualmente destinado à pausa de almoço, momento em que pessoas costumam se alimentar e descansar, algumas vezes assistindo televisão. À vista disso, a audiência de programas televisivos é alta. Nesse período do dia, portanto, pessoas de diversas faixas etárias podem acessar esse tipo de programação, inclusive crianças e adolescentes. A partir do ano de 2010, houve uma mudança significativa nesse panorama, quando os telejornais cotidianos, noticiários tradicionais, até então sem um enfoque específico em temáticas relativas à segurança pública, passaram a incorporar progressivamente linguagem e conteúdo, pautas e estética mais próximos dos telejornais policiais, em uma tentativa de aproximação do público. Por outro lado, observamos, recentemente, o fim de três tradicionais telejornais policiais cearenses (Barra Pesada, em 2020; Comando 22 e Rota 22, em 2022).

Notícias relacionadas a crimes ou a atos violentos chamam atenção de grande público desde os primórdios da imprensa, mas observamos que o formato dos telejornais policiais de televisão (que migraram do rádio e, antes mesmo, dos jornais impressos), passam por uma crise, responsável pela descontinuidade de alguns deles, no Ceará. O CEDECA compartilha⁴² a percepção⁴³ de que a disseminação das redes sociais, e a facilidade em produzir conteúdos de forma individual e amadora, bem como a mudança no formato de monetizar produções audiovisuais, contribui com o fenômeno. Agora, existe a possibilidade de consumir esse tipo

⁴¹ O programa passou 25 anos no ar e, a partir de 2020 passou a ser um quadro dentro do “Jornal Jangadeiro”, chamado de “Chame o Barra”. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2020/08/10/apos-mais-de-25-anos-no-ar--programa-policial-cearense-barra-pesada-chega-ao-fim.html>.

⁴² <https://cedecaceara.org.br/index.php/2022/01/25/artigo-o-que-significa-o-fim-dos-programas-policiais-na-tv-no-ceara/>.

⁴³ <https://mais.opovo.com.br/colunistas/ricardo-moura/2022/01/24/o-que-significa-o-fim-dos-programas-policiais-na-tv.html>.

de conteúdo de outras formas, como por meio de compartilhamentos em grupos de WhatsApp ou em perfis específicos do Instagram, o que pode vir a diluir a aderência do público a telejornais policiais. Apesar do fenômeno, o que observamos é que os comunicadores-políticos oriundos desse tipo de programa continuam assumindo papel relevante na política institucional⁴⁴.

Não podemos negar que a questão da segurança pública é um grave problema no Brasil, intimamente ligado às marcas coloniais e ao neoliberalismo brasileiro (sobre este tema, trataremos no capítulo seguinte). Na última década, observamos que o crescimento do índice de mortes violentas no Brasil atingiu o número de 553 mil pessoas, segundo o Atlas da Violência de 2018, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁴⁵. Segundo essa fonte, só no ano de 2016, 62.517 pessoas foram assassinadas no Brasil. Esses altos índices de violência ajudam a nutrir uma sensação de insegurança na sociedade e culminam na construção de um discurso do medo, fortalecido pela mídia, que tem no telejornalismo policial um dos seus principais meios de difusão.

190 é um telefone destinado para emergências e urgências policiais. Um telefone destinado a pedidos de socorro, denúncias de problemas de caráter policial. O telejornal Cidade 190 aborda exatamente esse tipo de questão e tem o crime como assunto basilar de suas narrativas. Nele, rótulos e estereótipos são reforçados de um modo simples e abreviado, tipificando pessoas, lugares e comportamentos, sem oferecer uma informação qualificada sobre essas questões (Leurquin, 2018).

O Cidade 190 faz parte da programação caracterizada como jornalística da TV Cidade. Ele é exibido na cidade de Fortaleza e em cidades adjacentes, que, segundo ranking divulgado anualmente pelo Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal⁴⁶, é a 12ª cidade mais violenta do mundo no que diz respeito ao número de homicídios por 100 mil habitantes, em cidades com 300 mil habitantes ou mais. Caucaia, uma dessas cidades adjacentes, localizada na região metropolitana da capital, por sua vez, é considerada o município mais violento do país, pelo 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), com dados de 2020, e a segunda cidade

⁴⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/25/analise-apresentadores-de-programas-policiais-violam-direitos-e-usam-a-midia-como-palanque>

⁴⁵ Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf.

⁴⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/04/24/ong-mexicana-aponta-capital-do-acre-entre-as-50-cidades-mais-violentas-do-mundo.ghtml>.

mais violenta do Brasil, de acordo com estudo elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁴⁷, divulgado em junho de 2021, tendo por referência a média de homicídios por habitantes. Ainda sobre a violência de Caucaia, ressaltamos que a cidade litorânea, que é quase quatro vezes maior que Fortaleza e é conhecida sobretudo pelo turismo, faz parte de uma importante rota de escoamento de drogas para a Europa. Além disso, é palco de avanços e graves disputas entre facções criminosas⁴⁸, como o Comando Vermelho (CV), os Guardiões do Estado (GDE), entre outros, bem como uma intensa militarização da guarda municipal^{49,50}.

No que diz respeito a crianças e adolescentes, os dados são também alarmantes, como aponta o relatório final do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, publicado em 2016⁵¹. Segundo esse documento, Fortaleza tem o maior Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) e o Ceará é o estado brasileiro com mais mortes na faixa etária de 12 a 18 anos. Em 2015, foram 816 pessoas de 10 a 19 anos mortas no Ceará e 387 apenas em Fortaleza, segundo a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social⁵².

O estudo realizado por essa Secretaria apresenta uma série de evidências influenciadoras dos crimes e propõe um conjunto de recomendações para que a quantidade de mortes no Ceará diminua. É curioso o fato de que a “Cultura da violência em programas policiais” é uma das evidências apresentadas. Segundo a publicação, trata-se de

Programas que se utilizam da espetacularização da violência, da estigmatização e da criminalização de adolescentes pobres e negros, bem como da violação da legislação vigente no País e do desrespeito a direitos que contribuem para uma abordagem superficial de um problema complexo, como a violência urbana, e para o fortalecimento da cultura punitivista (Oliveira, 2017, p. 28).

O programa Cidade 190, onde trabalhou Vitor Valim, faz parte do perfil descrito pelo mapeamento apresentado. Ele é exibido de segunda a sexta-feira, duas vezes ao dia, às 7h

⁴⁷ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>

⁴⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/a-guerra-de-faccoes-que-assola-caucaia-a-cidade-mais-violenta-do-brasil/>

⁴⁹ Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/por-que-se-mata-tanto-em-caucaia-cidade-concentra-maior-numero-de-assassinatos-no-ceara-em-2021-1.3117749>.

⁵⁰ Disponível em: <https://ponte.org/ja-perdi-as-contas-de-quantos-assassinatos-presenciei-como-caucaia-ce-se-tornou-a-cidade-mais-violenta-do-brasil/>.

⁵¹ Disponível em: https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_final.pdf.

⁵² Disponível em: <http://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2018/03/cada-vida-importa.pdf>.

30min e às 12h. Em uma acirrada disputa pela audiência⁵³, diversas violações de direitos são cometidas por ele, como citamos anteriormente, tais como tortura psicológica, tratamento desumano ou degradante e exposição indevida de pessoa(s) (Leurquin, 2016). O já tradicional telejornal tem duração de aproximadamente duas horas e aborda sobretudo assuntos sobre crimes, apresentados em chamadas iniciais que são retomadas ao longo do programa.

Atualmente, conta com dois mediadores principais, Emanuela Braga e Márcio Lopes, que se intercalam nos comentários, na articulação com reportagens e na condução dos conteúdos como um todo. Afora os mediadores, o telejornal conta com repórteres que trabalham externamente, sobretudo em matérias acompanhando trabalho policial na periferia da cidade de Fortaleza ou pontualmente em outros municípios do Ceará. Contrastando com o tom de denúncia, o Cidade 190 conta com um quadro chamado “Hora de Interação”, em que os apresentadores assumem uma postura descontraída, dançam, cantam, mandam beijos e interagem com o público nas redes sociais do programa. A Hora da Interação é protagonizado por Elen Sales, que também faz propaganda de produções nacionais da emissora, Rede Record, que são exibidos no mesmo canal de televisão do Cidade 190. Além dos comentários e articulações, os mediadores do Cidade 190 também são responsáveis pelas propagandas divulgadas, como da empresa de crédito credinowe⁵⁴, que trabalha com empréstimos para quem recebe auxílios do governo federal. Além dos apresentadores citados, o Cidade 190 ainda conta com a participação esporádica de Evaldo Costa, que trabalhou junto com Vitor Valim no programa e que foi candidato a Deputado Estadual do Ceará pelo partido Republicanos em 2022.

É evidente que o Cidade 190 ainda está passando por um processo de readaptação após a saída de Vitor Valim do telejornal. Apesar de o formato e o conteúdo ainda seguirem a mesma linha de antes, perder “a cara” que representou o programa por tantos anos foi um grande prejuízo para a produção. Ainda assim, continua sendo um telejornal policial de grande destaque e altos índices de audiência⁵⁵.

2.4 A TRAJETÓRIA DE VITOR VALIM

Vitor Pereira Valim nasceu em Fortaleza, Ceará, em 15 de maio de 1978. Filho mais

⁵³ Disponível em: <http://ctvaudiencia.com/cidade-190-registra-alta-audiencia-e-garante-primeiro-lugarem-fortaleza/e>. Disponível em: <http://www.otvfoco.com.br/programa-local-da-record-e-lider-deaudiencia-em-fortaleza/>.

⁵⁴ Disponível em: <https://credinowe.com.br>.

⁵⁵ Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/colunistas/eliomar-de-lima/2022/09/16/jornalismo-policial-segue-na-preferencia-do-telespectador-no-ceara.html>.

novo de Sérgio Maciel Valim e Maria Nunes Pereira Valim, é um conhecido comunicador cearense que enveredou para o campo político institucional. Em 2009, aos 26 anos, começou a trabalhar no telejornal policial Cidade 190, onde atuou por 16 anos como apresentador do que é um dos programas do formato com maior audiência do estado do Ceará. Apesar da atuação profissional, não possui formação superior completa.

Foi casado por dez anos com Gaída Dias, com quem teve dois filhos, Sofia e Vitor. Gaída Dias é diretora executiva da emissora da TV Cidade, cargo que assumiu após a morte do pai, Miguel Dias de Souza⁵⁶. Em 2014, após o término do primeiro casamento, o comunicador se casou com Juliana Fiuza, com quem teve mais uma filha, Maria.

Com um estilo que mistura tons que vão do calmo ao enérgico, Vitor Valim logo ganhou destaque no comando do Cidade 190. A partir de um discurso que enfatiza questões da segurança pública em um tom conservador, simplificador e violento, enveredou para a política. Em 2008, foi eleito vereador de Fortaleza pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS) com 10.996 votos, quatro anos após sua estreia na televisão aberta. Em 2012, foi reeleito vereador de Fortaleza, dessa vez pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), com 29.952 votos.

Já depois dos mandatos como vereador, foi eleito Deputado Federal, em 2014, pelo PMDB, com 92.499 votos. É como Deputado Federal, em 2016, que Vitor Valim participa de um dos acontecimentos mais emblemáticos da política contemporânea brasileira, o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Nesse evento, o comunicador-político foi um dos nove deputados cearenses que votou a favor do impeachment feito contra a presidenta. Esse posicionamento, inclusive, motivou reação de alguns cearenses, que o hostilizaram em ambiente público, questionando seu voto contra Dilma. Alguns jornais noticiaram que o então Deputado Federal havia sido “hostilizado por populares”⁵⁷, que o qualificaram como “Golpista engomadinho”. “Engomadinho” é um termo frequentemente utilizado no Ceará para qualificar a pessoa como muito formal e elitista, deslocado da realidade da população.

Em 2018, quebrando uma expectativa de reeleição, Vitor Valim faz uma espécie de “dobradinha” com Capitão Wagner, figura de extrema-direita da política cearense, e se candidata a Deputado Estadual, enquanto o amigo se candidata a Deputado Federal. O acordo se deu tendo em vista que, pela proximidade entre os dois, provavelmente disputariam votos

⁵⁶ Como apresentado no tópico anterior, O Grupo Cidade de Comunicação pertenceu a Miguel Dias de Souza, empresário de vários setores, político e pai de Gaída Dias, uma das atuais donas da emissora, ex-esposa e mãe dos filhos de Vitor Valim.

⁵⁷ Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/politica/2016/04/18/noticiaspoliticas,3604969/vitor-valim-e-hostilizado-em-aeroporto-golpista-engomadinho.shtml>.

dos mesmos eleitores. Ambos foram eleitos, Vitor Valim, pelo Partido Republicano da Ordem Social (PROS), recebeu 63.642 votos. É importante destacar que as eleições de 2018 foram emblemáticas e que a parceria de Vitor e Wagner se estendeu ao então candidato de extrema-direita, Bolsonaro, figura que recebeu destaque no telejornal policial Cidade 190, em uma entrevista realizada por Vitor Valim, no período de campanha.

A parceria com Capitão Wagner é de grande destaque na trajetória política de Vitor Valim e isso também é evidenciado em uma situação ocorrida em 2020⁵⁸, o motim dos Policiais Militares do Ceará. O motim ocorreu na cidade de Sobral, interior do estado e berço político dos Ferreiras Gomes, tradicional grupo político progressista de centro-esquerda brasileiro. Capitão Wagner, opositor histórico dos Ferreira Gomes, não apenas incitou o motim, como tomou a frente das negociações em prol dos policiais envolvidos no crime. A movimentação contou com policiais mascarados, viaturas destruídas, lojas fechadas e um caos generalizado. Na situação, a relação de Vitor Valim com o capitão Wagner é evidenciada, bem como a ligação estreita com policiais, figuras comumente enaltecidas em telejornais policiais e principais fontes ouvidas nas matérias produzidas por esse tipo de programa.

O motim durou 13 dias e foi responsável pelo mês de fevereiro mais violento já vivido pelo estado – foram 456 homicídios em 29 dias, tendo sido 312 apenas nos dias que duraram a greve, segundo a Secretaria de Segurança Pública do estado⁵⁹. O caso não foi isolado no Brasil, com o fenômeno do bolsonarismo. Com a repercussão impulsionada pelo aplicativo de troca de mensagens WhatsApp⁶⁰, ganhou destaque nacional, após tentativa de homicídio do então Senador Cid Gomes. Este tentou conter o movimento, avançando em uma retroescavadeira contra um batalhão, onde policiais encapuzados estavam amotinados.

Nesse episódio, Valim foi um dos três deputados estaduais que votou contra a proibição de concessão de anistia a militares, proposta pelo governador do Ceará, Camilo Santana, filiado ao PT e à época aliado do PDT no estado. O voto de Valim, portanto, repercutiu bastante nos jornais do estado e foi exatamente ao encontro da postura que assume no comando do Cidade 190 e diz da imagem que assume frente ao telejornal policial que apresenta.

A mais recente e importante eleição de que o comunicador-político participou foi a de 2020, quando se elegeu prefeito de Caucaia, também pelo PROS, com 51,08% dos votos, no

⁵⁸ O movimento não foi o primeiro nesse sentido, no Ceará. Antes do motim de 2020, ocorreu um outro motim, em 2018, que teve muito apoio do Capitão Wagner, que passou a ser reconhecido pelo evento.

⁵⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/03/06/312-pessoas-foram-assassinadas-no-ceara-durante-motim-da-pm-diz-secretaria-da-seguranca.ghtml>.

⁶⁰ Disponível em: <https://theintercept.com/2020/02/20/motim-ceara-policia-militar-cid-gomes/>.

segundo turno. Desde 2008, quando entrou para a política institucional, atuou nos dois campos, seguindo como apresentador do Cidade 190. Para assumir a prefeitura de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza e maior colégio eleitoral do Ceará, o político foi obrigado a se afastar da apresentação do telejornal policial. Nas eleições de 2022, a partir da iminente volta de governos federais progressistas ao poder, e em meio a uma grave crise de segurança pública em Caucaia, enveredou para um campo inédito em sua trajetória e passou a apoiar candidatos de esquerda. Em uma ruptura assumida com as lideranças de extrema-direita, de quem sempre foi aliado, declarou apoio explícito aos candidatos do Partido dos Trabalhadores, aos principais cargos disputados (presidente, governador e senador), fazendo ativamente campanha em prol destes não só nas ruas, em comícios e demais ações políticas, como também em suas redes sociais.

Mesmo após deixar o comando do programa e de ter se afastado da televisão aberta para se dedicar exclusivamente às atividades de gestor municipal, Vitor Valim ainda possui significativa atuação nas redes sociais. Nessas redes, divulga ações e posicionamentos políticos, bem como alguns eventos pessoais. Em março de 2023, Vitor Valim possuía expressivos números nas redes sociais. No Instagram, 214 mil seguidores; no Facebook, 205 mil seguidores, sendo elas as redes que mais atualiza. No Twitter, são 3.322 seguidores, local em que, apesar de postagens mais espaçadas, possui perfil de denúncia mais marcante. Já no YouTube, possuía 824 inscritos e divulgava sobretudo vídeos da campanha para prefeito de Caucaia ou propaganda de atividades enquanto gestor. Valim também conta com um site, “vitorvalim.com.br”, amplamente divulgado durante as últimas eleições das quais ele participou, e que ainda não foi atualizado, apresentando, portanto, material de sua campanha.

2.5 ESTILO E APRECIÇÃO DO PÚBLICO

Vitor Valim tem um estilo muito próprio, que reflete na apreciação de seu público. Para tratar disso, e à guisa de ilustração, usaremos alguns extratos de uma postagem que não faz parte de nosso corpus, mas nos parece bem representativa. A postagem em questão foi feita no Instagram no dia 19 de setembro, em homenagem ao aniversário de 70 anos da televisão brasileira. A imagem compartilhada é uma foto de Valim na bancada do telejornal policial que apresenta, Cidade 190, seguida do extrato de um vídeo de uma fala no programa, em que podemos observar o estilo do comunicador. Além desses elementos, também consideramos algumas interações de seguidores do candidato a partir do conteúdo em questão. Ademais, também atentamos para a forma como Vitor Valim aparece na mídia,

observando uma postagem específica do Instagram do comunicador no período em que ele estava em campanha para o cargo de prefeito da cidade de Caucaia. Por esse motivo, precisou ser afastado das atividades que exerce – apresentação do telejornal policial Cidade 190 e Assembleia Legislativa do Ceará, em que atuava como Deputado Estadual. Em sua conta do Instagram, é importante pontuar, aciona frequentemente esses dois lugares, de comunicador e de político, em postagens diversas.

2.5.1 Vitor Valim, o apresentador do Cidade 190 que se tornou político

Como constatamos anteriormente, uma das imagens de Vitor Valim na mídia é a de “engomadinho”. O termo reaparece no trecho do vídeo postado no Instagram, que trazemos aqui, como está transcrito a seguir:

O engomadinho aqui, como gostam de dizer, alguns que não têm o que falar contra mim, que não têm como pegar na minha munheca, o engomadinho aqui não gosta de nada amassado. Cobro e vou continuar cobrando [...] doa a quem doer, essa é a nossa postura de vida, esse é o nosso lema: mostrar a verdade e cobrar pela população que está indefesa e está sendo escravizada pelo crime.

Trata-se de uma fala, retirada de um comentário maior, do mediador do Cidade 190. Na postagem, o político apresentador não deixa claro quando o programa original foi exibido, tampouco em que contexto a fala está inserida. A evidência é dada à tentativa de desconstrução dada ao termo “engomadinho”, a que ele é associado.

Figura 2 – Imagens de postagem do Instagram⁶¹



⁶¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFVUw7ZgtQB/>.

No vídeo, que parece ser um trecho de um programa exibido na televisão anteriormente, Valim aparece com os cabelos muito bem penteados, vestindo um terno preto e usando relógio e óculos de grau – “engomadinho”. Esse “engomadinho”, entretanto, comumente usado de forma pejorativa e negativa para sinalizar deslocamento e uma falta de conhecimento da realidade da população, busca ser utilizado em um novo sentido, de um jeito positivo. O que pode ser considerado algo negativo é aplicado de uma outra forma – em um sentido de lisura, de organização e de transparência. Os trajes que evidenciam uma construção específica de uma imagem são sofisticados e marcam uma separação de classes que pode suscitar desejo de sujeitos que não têm acesso a esse tipo de bem material. Nesse vídeo, o apresentador do Cidade 190 utiliza o termo “engomadinho” em um sentido positivo, que reforça o papel de “justiceiro” e de “protetor dos pobres e oprimidos” com que busca ser reconhecido.

Esses elementos que aparecem na postagem específica são também evidenciados em estudo anterior (Leurquin, 2018). Ao atentar sobre o papel exercido por Vitor Valim, enquanto mediador do telejornal Cidade 190, observamos alguns aspectos a serem considerados, fundamentais para refletir sobre a celebridade em questão e compreender elementos sobre a imagem política do mediador do Cidade 190.

O mediador, como dissemos anteriormente, é a figura central dos programas jornalísticos, é a “cara” do programa, a ligação direta com o público (Gomes, 2011). No caso do Cidade 190, temos dois tipos de mediador – o apresentador, Vitor Valim, que é o comentarista e, de fato, a figura principal e articuladora de todos os elementos do programa, e os repórteres, que são em geral homens. Essa imagem masculina dada ao programa, por meio dos seus mediadores, é interessante de ser enfatizada, sobretudo porque se trata de um telejornal com ênfase em questões de cunho policial, de violência, assuntos muito associados a estereótipos de masculinidade.

Sobre o estilo assumido por Valim, observamos que há certa tendência de utilizar uma linguagem que se aproxime dos modos de fazer o jornalismo tradicional, formal. O apresentador adota uma postura sóbria – anda sempre muito ereto, veste roupas sociais, usa relógio no pulso e está sempre bem penteadado. Ele constitui, inclusive, uma figura dissonante em meio aos cenários das matérias que apresenta, que são geralmente precários, periféricos.

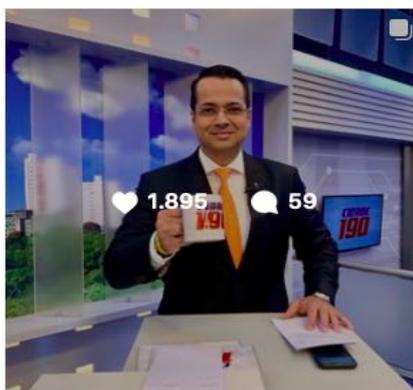
A formalidade buscada é contraposta por alguns momentos mais enfáticos, por comentários enérgicos, em que o tom de voz aumenta e os gestos tornam-se mais firmes. Há, no programa, a união de características que liga o imaginário popular às características associadas ao jornalismo tradicional, atreladas aos ideais de credibilidade e legitimidade

pretendidas pela atração. Esse contraste também é observado nas falas e nas reações de Vitor Valim. O tom de voz, assim como a postura corporal e os gestos que faz, variam do suave ao enérgico, de acordo com o desenvolver do comentário que tece. Existem momentos em que ele se porta como dotado de uma sensibilidade fora do comum, de uma comoção diante do caso abordado, seguido por discursos violentos, que podem incitar, inclusive, atitudes agressivas e criminosas, que ajudam a estabelecer um contrato de confiança e de proximidade com o público.

O estilo de linguagem do mediador é utilizado como estratégia de aproximação com o público (Leurquin, 2018). Observamos o uso de vocativos como “meu amigo”, reforçando a tentativa de aproximação com o público e marcando um diálogo entre pares, pessoas que supostamente comungam das mesmas ideias. A imagem de justiceiro também é um elemento presente. Ela representa, no plano imaginário, a figura do herói que vai resolver os problemas da comunidade, que vai ajudar a fazer justiça, sempre recorrendo à legitimação por elementos religiosos. A justiça, a punição e a religiosidade, assim como a dicotomia entre o bem e o mal estão presentes na totalidade dos casos aqui abordados, elementos que são utilizados para gerar identificação do público com os valores e características defendidos pelo programa em questão.

Além dos elementos visuais que as imagens da postagem analisada revelam acerca do estilo do apresentador, outros aspectos são evidenciados, como o engajamento dos seguidores.

Figura 3 – Números do engajamento do público na postagem analisada⁶²



A postagem que aqui trazemos, que data do dia 19 de setembro de 2020, obteve até o último dia 30 de outubro do mesmo ano o total de 1.895 curtidas e 59 comentários. Vale lembrar que o engajamento varia bastante a depender do conteúdo postado. Sobre a resposta da audiência, consideramos especialmente os comentários. Ao todo, são 59 comentários,

⁶² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFVUw7ZgtQB/>.

divididos entre aqueles feitos diretamente na postagem (43) e os em respostas a esses comentários. Seleccionamos dez comentários feitos na postagem em questão pois os consideramos representativos dos demais e que são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2 – Seleção de comentários da postagem analisada

1	“Você sempre será bem-vindo ao entrar em minha casa ❤️ Você é demais 🙌🙌🙌”
2	“Gostei da Gravata!!! Boto Fé ❤️”
3	“meu amigo você merece todas as Vitória conquistas realizada que Deus te abençoe muita saúde sempre”
4	“Lindo e maravilhoso você devia ser candidato a prefeitura de Fortaleza e não de Caucaia. 🙄🙄🙄”
5	“Parabéns ! Que Deus te abençoe e Proteja Sempre, Referência 🙌”
6	“Um homem de coragem, Admiro muito!”
7	“Que o senhor Jesus continue te abençoando nessa caminhada!”
8	“Você é meu guerreiro de selva 🇧🇷”
9	“saudades desse apresentador que vai para cima e fala na cara as verdades do dia a dia do nosso estado”
10	“Vc é um homem de Deus. Um homem de família. Um homem de caráter... jesus te abençoe sempre... amém.”

Fonte: elaborado pela autora.

Do universo observado, atentamos para uma tendência – nenhum dos comentários fala sobre aspectos negativos, ou critica de alguma forma Vitor Valim. Dos dez extratos aqui apresentados, elencamos três eixos que consideramos importantes e ilustrativos do político celebridade em questão: 1) religião, 2) figura de justiceiro e 3) atributos estéticos. Esses três elementos não aparecem de forma isolada, mas, em geral, intercalados. Tais características ajudam a compreender melhor a imagem de Vitor Valim. Somamos a isso, as características levantadas pela mídia e utilizadas por ele para a construção de sua imagem política.

A referência a Deus, a Jesus e à religiosidade cristã evoca uma trajetória a ser trilhada. Nos dez extratos, quatro estão relacionados a esse tema. Em todas as ocorrências, há um pedido para que o apresentador político seja sempre abençoado. Esses elementos são, algumas vezes, apresentados como em forma de oração, finalizados por um “amém”.

A figura de justiceiro faz referência a um combate, que pode ser contra um mal maior e temido. Valim é tido como um apresentador combativo, “um guerreiro da selva” que “vai para cima e fala na cara”, “um homem de coragem” admirado, “sempre bem-vindo” nas casas que entra. Nesse sentido, portanto, apresentar o Cidade 190 e representar politicamente a

população seria uma forma de atuação desse ser supostamente iluminado e combativo em prol da população que protege e defende.

Por fim, os atributos estéticos de Valim também são enaltecidos – há referência a sua forma de vestir, em especial a gravata que usa e aos supostos atributos que possui, como beleza. Esses elementos, em especial a menção à gravata, nos remetem à questão do termo “engomadinho”, destacado anteriormente, apontados pela mídia como algo negativo e retomado por Vitor Valim como característica positiva. Eles apontaram para algumas questões importantes que elencamos abaixo:

1. o que aparece na mídia, apesar de ser relacionado às ações de Vitor Valim, enquanto político, está completamente ligado ao Vitor Valim apresentador do Cidade 190;
2. sua visibilidade como apresentador agrega elementos na forma como é reconhecido pelas ações políticas;
3. os assuntos que ele defende estão presentes nas falas e nas atitudes que ele próprio tem na apresentação do seu programa, bem como nas alianças políticas e nas atitudes enquanto político;
4. o papel de Vitor Valim justiceiro, aquele que defende a polícia, que é agressivo, apesar de ser “engomadinho”, é também o do Vitor Valim político.

Por fim, mas não menos importante, é preciso ressaltar que a imagem feita por Vitor Valim é, de certa forma, reforçada nas palavras dos seus fãs-ouvintes-eleitores, nas redes sociais, através da tríade: religião, figura de justiceiro e atributos estéticos. O homem justiceiro, que faz justiça e cobra as autoridades que deixam impunes os “marginais”; um sujeito “engomadinho”, no sentido que segue regras específicas, se enquadra num padrão tradicional e conservador, e que segue preceitos cristãos.

2.6 COMUNICADOR POLÍTICO OU POLÍTICO CELEBRIDADE?

Os telejornais policiais dos diferentes locais e especificidades, possuem, como uma característica comum, apresentadores marcantes. Como atentamos anteriormente, no contexto dos telejornais, o mediador assume um papel central, na figura do comunicador, âncora, apresentador, comentarista, repórter, entre outros. Ele caracteriza o programa, é a ligação entre o telespectador, as fontes e os outros profissionais que o produzem. Nesse sentido, sobretudo em telejornais policiais, seu posicionamento diante das câmeras, a maneira como se

coloca para o telespectador, assim como o papel que desempenha, dizem sobre o programa como um todo (Gomes, 2007).

Nesse cenário, é importante levar em consideração os vínculos criados pelos mediadores com o telespectador por meio do programa e também ao longo de sua história dentro do campo jornalístico. A frequência com que aparece para o público, a credibilidade que constrói ao longo do tempo, a maneira como apresenta e interpreta os fatos que comenta, entre outros aspectos, são fatores relevantes de identificação do profissional pelo público. No caso dos telejornais policiais, o mediador assume um papel ainda mais importante, tendo em vista que a competência performática, retórica e persuasiva dele é mais evidente e central na caracterização do programa.

A temática do jornalismo policial, principalmente, mas também dos mediadores desses programas e até da própria figura do comunicador político vem sendo tratada por alguns estudos desenvolvidos inclusive no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG e do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidades (GRIS) (Oliveira, 2014; Souza, 2018, 2014).

Em 2018, em sua tese intitulada “Marcelo Rezende, um apresentador performático: telejornalismo policial e celebração”, Souza analisou a performance de Marcelo Rezende, apresentador do telejornal policial “Cidade Alerta”, seu diálogo com elementos da cultura popular e sua estética, atentando para o tratamento melodramático dos acontecimentos abordados pelo programa em questão. A autora também observou o posicionamento do apresentador, definido como uma celebridade midiática, como um defensor das classes populares, assumindo um papel de mediador entre o povo e o poder público, reforçando valores como família, religiosidade, justiça e masculinidade.

Também falando sobre a figura de um apresentador de telejornal policial, em 2014, Oliveira (“Os programas de TV dos políticos comunicadores em Mato Grosso: interlocuções televisivas”) desenvolveu o conceito de comunicador-político, um novo tipo de personalidade pública, analisada através das noções de celebridade e valores, atentando para o processo de interação desse personagem com o público.

O “comunicador-político” que Oliveira (2015, p. 36) categoriza constitui “uma celebridade midiática que tira proveito de sua visibilidade à frente de diferentes programas para se eleger”. Esse fenômeno do “comunicador-político”, que se evidenciou no Brasil com a candidatura do apresentador e dono de emissoras de televisão Silvio Santos a presidente da República, tem suas raízes na natureza do popular na mídia (França, 2009), na relação de proximidade que busca estabelecer com o público.

Recorremos ao conceito de comunicador-político de Oliveira (2014, 2015), então, ressaltando a característica de que é um “personagem que atua no cenário midiático, mantendo-se, simultaneamente, na função de apresentador de programas de rádio e televisão e no exercício do mandato eletivo” (Oliveira, 2015, p. 36). Essa categoria mescla a celebridade midiática e a figura pública, em uma superposição de dois papéis sociais – de comunicador e de político. Nessa perspectiva, diferente de Everton Pop, comunicador-político estudado por Oliveira (2015), que, segundo o autor, exerceu mal seus dois papéis, Vitor Valim se manteve na política e no comando do telejornal policial Cidade 190 por muitos anos, com aparente sucesso. Vale ressaltar que os papéis sociais desenvolvidos por esses atores são muito ligados aos valores que esses sujeitos evocam e a performance que fazem.

Segundo Souza (2015), nos telejornais policiais “Cidade Alerta” e “Brasil Urgente”, de formato similar ao Cidade 190, apresentadores, repórteres e entrevistados desempenham papéis e buscam convencer o público desses papéis desempenhados. A autora afirma que eles buscam mostrar profissionalismo, desempenhando sua atividade a partir das características e expectativas que atribuem aos jornalistas policiais. Para tanto, recorrem a valores como imparcialidade e seriedade, tentando mostrar-se sempre comprometidos com a informação (Souza, *op. cit.*, p. 7).

Sobre valores, é importante ter em mente que são ferramentas com aplicações amplas, que servem para diferenciar condutas, que se referem a ações humanas, mas também a coisas que as transcendem e indicam a qualidade das situações (França, 2012, p. 11). Valores são uma espécie de princípios em nome dos quais estimamos as pessoas e medimos a sua grandeza, em uma forma de atribuição de qualidade. Trata-se de conceitos ou crenças a respeito das características ou comportamentos desejáveis, que ultrapassam situações particulares e guiam a apreciação de pessoas. É a partir dos valores que são conferidas ou retiradas qualidades a pessoas e objetos, e, portanto, é preciso que haja um certo consenso social na eleição dessas características para que sejam consideradas desejáveis e positivas.

Heinich (2012) defende que é por meio dos valores que ocorrem processos de normatização, socialização, distinção ou caracterização indentitária em uma sociedade. A atribuição desses valores, então, é uma maneira que a sociedade desenvolve para mostrar que algo é valoroso. Para tanto, há formas de atribuição, sejam elas econômicas, pelo apego ou afetivas, ou por meio de julgamento verbal. No caso das celebridades, a autora defende que a atribuição de valores ocorre sobretudo pelo apego que as pessoas desenvolvem pelo sujeito em questão ou pelo julgamento que é dado a ele por terceiros, por críticos etc. Existem, nesse

sentido, vários tipos de valores que atuam em contextos diferentes e que podem ajudar a evocar públicos.

Assim sendo, quando refletimos sobre os valores que comunicadores-políticos podem evocar e sobre o que eles podem revelar sobre a sociedade e, especificamente, sobre os campos em que atuam, concordamos que a performance é uma chave de leitura importante para refletir sobre o fenômeno em questão. Sobre a performance do comunicador-político Everton Pop, Oliveira (2015) elenca algumas características que a definem: o uso de discurso político-religioso; manutenção de valores conservadores; busca de distinção; superposição e alternância estratégica de papéis; capital comunicativo; escamoteamento das contradições.

Nesta pesquisa, partimos da perspectiva de Goffman (2014, p. 28), que entende a performance (ou “desempenho”) como uma ação consciente do sujeito, “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes”. Ou seja, ao desempenhar um papel, o indivíduo solicita uma credibilidade por parte dos seus observadores. Sendo assim:

Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (Goffman, 2014, p. 29).

O autor atenta para o fato de que, quando um indivíduo representa um papel, deseja que seus observadores levem a sério a impressão sustentada por ele, que acreditem em seu desempenho, ou seja, que seu personagem possui os atributos necessários e atende às expectativas sociais por trás daquele papel. Logo, “quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman, 2014, p. 48).

Refletindo, então, sobre a performance ou o desempenho de Vitor Valim nos diversos campos em que atua, devemos atentar para seus posicionamentos com relação a certas questões e para a maneira como seus públicos o reconhecem a partir dos valores que evoca. Nesse processo, ao observar a forma que ele busca projetar, ganhar visibilidade e credibilidade, e considerando que o conceito de comunicador-político mescla a celebridade midiática e a figura pública, vale se questionar se Vitor Valim pode ser considerado uma celebridade. Na perspectiva adotada pelo GRIS, estudamos as celebridades a partir de uma visão pragmatista, o que significa considerar a experiência em que o fenômeno emerge. A

partir dessa ótica, são importantes as ações das celebridades, seus posicionamentos e as consequências que convocam e provocam.

Ação, performance, interações estabelecidas com diferentes sujeitos e o modo como administram a sua imagem pública são questões importantes nessa perspectiva de estudo. As celebridades são, portanto, consideradas como sendo “[...] ‘sintomas’ de uma sociedade, atuando como sinalizadores, mas também como mecanismo de atualização (ora reforçando, ora transformando) do quadro de valores de uma sociedade” (França; Simões, 2019, p. 52).

As origens do termo caracterizam celebridade como “uma pessoa famosa e singular, reconhecida por um público e cuja fama pode variar conforme os ‘sentimentos humanos’, ou seja, segundo as impressões do público que a reconhece” (Simões, 2012, p. 18). Entretanto, é importante tratar o desenvolvimento da fama como um processo histórico, um fenômeno cultural complexo, e não pensar em conceitos fechados e imutáveis. Na perspectiva que valoriza aspectos contextuais, assim como os valores internos na construção das celebridades, concordamos com a autora quando ela afirma que as celebridades personificam valores do momento histórico e do contexto social em que estão inseridas, o que proporciona uma identificação e projeção por parte do público.

Lana (2013, p. 116), por sua vez, atenta para a importância de uma abordagem relacional na análise da celebridade. A autora aponta a necessidade de considerar a interação “com outras celebridades, com a mídia, com o público, com o contexto e com os diferentes significados que são construídos em torno dela”. Segundo a estudiosa, ao olhar esses aspectos, podemos construir uma visão mais global sobre elas. Um olhar que leva em consideração as próprias celebridades e o modo como elas configuram suas faces públicas. Elas são analisadas, portanto, a partir do contexto social e histórico em que estão inseridas, considerando aspectos como as “complexas relações entre o público e o privado, entre a intimidade e a exposição, entre o célebre e o ordinário, entre o econômico e o cultural, cujas fronteiras vêm se diluindo” (Lana, 2013, p. 117).

Esse fenômeno pode colocar os mediadores de telejornais policiais e, sobretudo, os comunicadores-políticos oriundos de programas policiais, em uma posição privilegiada, em uma espécie de patamar superior ao resto da sociedade, na posição daqueles que assumem um discurso de autoridade, influenciando que esses sujeitos ocupem lugares de representação política. Esse tipo de comunicador-político torna-se, em certa ótica, defensor da ordem baseada na punição. Entretanto, apesar dessa suposta defesa, muitas vezes extrapola o limite da própria ordem estabelecida na forma da lei e viola uma série de direitos. Mas, vale ressaltar, nem todos os apresentadores de telejornal policial se tornam célebres.

Dito isso, refletimos se o fato de um comunicador conhecido pelo seu trabalho a ponto de ser eleito para exercer cargos políticos pelas pautas que defende diante das câmeras o faz ser caracterizado como uma celebridade. A partir dessa reflexão, lembramos do que Street (2018) nos apresenta sobre o fenômeno dos políticos celebridades. Ao refletir sobre o ex-presidente americano Donald Trump, chega à conclusão de que é importante ver as relações entre esses sujeitos e seus eleitores menos como provenientes de uma afinidade entre políticos e cidadãos, mas como uma relação entre uma celebridade e seus fãs. Então, considerar o contexto político mais amplo em que o comunicador político está inserido é fundamental para compreender as ações políticas desse sujeito.

Street (2018) questiona sobre que diferenças podem ser traçadas entre o que seria próprio dos chamados políticos tradicionais e de políticos celebridades. Ele defende que, para compreender o fenômeno, devemos atentar não apenas para aspectos relacionados à política, mas considerar os elementos trazidos da celebridade específica para o campo político institucional. A postura assumida pela celebridade tem relação com a postura dela enquanto figura política, e nos ajuda a compreender que tipo de papel de celebridade estão desempenhando no campo político. O autor argumenta que considerar esses políticos como celebridades nos ajuda a compreender tanto o comportamento quanto a popularidade desse tipo de político em especial. Nesse sentido, olhar para esses sujeitos faz-nos compreender aspectos como a personalização da política, a ascensão de políticas populistas, dentre outros.

A partir da reflexão do autor, entretanto, e mesmo partindo da compreensão de que existem vários “níveis” de celebridades, e que elas podem ser reconhecidas nos campos específicos que atuam, nos cabe perguntar: seria um apresentador de telejornal policial com grande audiência em um público específico de uma cidade específica, uma celebridade midiática? Vitor Valim, pelo que pudemos observar nesta pesquisa, é alguém com muita visibilidade em um campo específico de atuação, que usa a sua visibilidade em causa própria, para construir a carreira política, e é muito apreciado pelo público, o que possibilitou suas sucessivas vitórias nos pleitos eleitorais. No entanto, sua visibilidade é restrita ao papel que desempenha no programa Cidade 190, e categorizá-lo como celebridade é ainda precoce e demandaria um maior estudo, sobretudo da apreciação de seus públicos. Ressaltamos aqui que uma celebridade é “alguém que se torna conhecido por muitas pessoas, reconhecido por aquilo que é ou faz, cultuado enquanto uma certa excepcionalidade digna de admiração e reverência” (França, 2014, p. 18). O culto é, portanto, elemento central no fenômeno estudado.

Com essa ressalva, ainda permanece interessante a observação de Street, de que uma celebridade política traz para o campo da política elementos de sua área de atuação. Celebridade ou não, Valim era um apresentador de sucesso, dotado de grande visibilidade e apreciado pelo público a partir de seus posicionamentos. Essa formulação abre uma chave interessante de análise: que elementos ele trouxe de seu desempenho enquanto comunicador, como ele performa como político, e que valores são explicitados em sua atuação – valores esses caros ao público a ponto de elegê-lo sucessivamente.

Para refletir sobre os valores que são explicitados na atuação de Vitor Valim, devemos ter em mente que os valores não são fixos, mas modificados ao longo do tempo e do espaço em que são inseridos. Falar sobre os valores que fazem com que haja uma identificação por parte do público que elege figuras como apresentadores de telejornais a cargos políticos é falar sobre os tempos de sufoco em que estamos vivendo.

3 OS TEMPOS: DE SUFOCO E EMOÇÕES FORTES

Na presente pesquisa, vale sempre lembrar que partimos de uma perspectiva praxiológica da comunicação (Quéré, 1991; França, 2003), em que há a compreensão da contínua construção de um mundo comum por meio da ação. Nessa perspectiva, a natureza da comunicação é tomada em sua dimensão social e simbólica, que leva em conta as experiências humanas. O papel da comunicação, por sua vez, está na constituição e na organização dos sujeitos, da subjetividade e da intersubjetividade, e da objetividade do mundo comum e partilhado. Os sujeitos, nessa perspectiva, são sujeitos dialógicos, que são construídos na própria relação com o outro, no espaço da diferença. Defendemos, então, que os processos comunicativos são oriundos do próprio processo de constituição desse espaço e que uma abordagem comunicacional dos fenômenos deve atentar para as atividades e organizações sociais, as relações sociais e a própria ordem social.

Reiterado isso, na busca de apreender o social sobre o fenômeno do comunicador político oriundo de telejornal policial, devemos considerar as dinâmicas comunicativas que o constituem, bem como o quadro interativo, o lugar de intervenção do objeto estudado. Para tanto, além de refletir sobre a televisão, o telejornalismo, o sistema político e o sistema de mídia em que está inserido o fenômeno, ou sobre a trajetória do próprio Vitor Valim, é imprescindível pensar sobre que tempos são esses em que o objeto da pesquisa em questão está inserido.

Pesquisar sobre fenômenos da Comunicação Social é, inevitavelmente, refletir sobre interações, sobre a sociedade no tempo e espaço em questão. Ao desenvolver reflexões sobre fenômenos do tempo presente, estamos imbricados – falamos sobre, ao mesmo tempo em que fazemos parte deles, de forma a modificá-los. Essa mesma imbricação também ocorre na relação da própria área de conhecimento em questão com a sociedade: a comunicação social fala sobre e faz parte da sociedade, retroalimentando-se. Desenvolver uma pesquisa sobre esse campo, portanto, nos coloca em um lugar duplamente desafiador e implicado. Partindo desse princípio, e diante do que já foi discutido nos capítulos anteriores, é importante localizar esta pesquisa – aqui, falamos a partir do Contemporâneo.

Partimos do Contemporâneo, pois consideramos que a própria ideia de Modernidade não consegue abarcar as especificidades do nosso tempo. Falar da Modernidade é falar de um olhar apenas para o futuro, de uma ruptura com a tradição e um foco na racionalidade dita promotora de progresso. É nesse cenário que o ser humano é colocado num lugar de centralidade, como eixo de sua própria ação. A ideia de progresso, que é o padrão civilizatório

do mundo ocidental e que foi tão promissora e alcançou tantos avanços, se defrontou no século XX com os aspectos negativos que trazia. Esse progresso, supostamente todo positivo, não foi tão seguro como se vendia; o avanço da ciência também foi responsável pela criação da bomba atômica e pela destruição de sistemas ecológicos, por exemplo. Se essas contradições não mostram a falência dos elementos que alicerçam a Modernidade, com certeza evidenciam a sua fragilidade.

Ao partir do contemporâneo, nos cabe indagar: de quem somos contemporâneos? E o que significa ser contemporâneo? Essas perguntas foram abordadas por Agamben (2009), que afirma que um dos aspectos mais importantes da contemporaneidade é a sua relação singular com o tempo. Na contemporaneidade, é importante aderir e tomar distância do tempo. Ou seja: para ser contemporâneo, é necessário possuir um olhar crítico que não permita uma fixação apenas na atualidade ou em projeções de futuro, desconsiderando tempos outros; é saber que se está situado temporariamente e não é possível fugir disso – mas, mesmo assim, não coincidir perfeitamente com ele.

Na prática, aderir a esse posicionamento é compreender que o que chamamos de “agora” é inapreensível e passível de influências de tempos passados, inclusive daqueles que já tínhamos dado como encerrados. Não temos aqui a pretensão de tratar nosso objeto de estudo como algo essencialmente novo, independente, e que supere o que veio antes, mas como um eixo que se situa no tempo e no espaço, considerando aspectos da história, do contexto social, das linhas e raízes que o permeiam.

É a partir dessa ótica que refletimos sobre o fenômeno do comunicador-político oriundo de telejornal policial: consideramos os sujeitos, a sua especificidade, para refletir sobre a sociedade em que estão inseridos. Partimos de Vitor Valim para refletir sobre que tempos são esses que permeiam o jornalismo, a comunicação, a política, a nossa sociedade.

Para pensar, então, sobre o tempo em que estamos vivendo, temos uma certeza – estamos vivendo um tempo de sufoco, um tempo escuro. Isso dito,

[...] perceber esse escuro não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes (Agamben, p. 63).

Nesta pesquisa, para refletir sobre o nosso tempo, o tempo de sufoco, com o olhar crítico que exige o distanciamento das luzes, um ponto central deve ser considerado: a ordem neoliberal e a adaptação dela no Brasil, um país de raízes escravocratas. Para refletir sobre o

nosso tempo, o tempo de sufoco, com o olhar crítico que exige o distanciamento das luzes, desenvolvemos, neste capítulo, uma discussão sobre a ordem neoliberal em que estamos inseridos; a forma como emoções coletivas são originadas; e a forma como as emoções tristes e paixões negativas atuam como ponto nodal na coletividade neoliberal.

3.1 A ORDEM NEOLIBERAL

O liberalismo clássico, surgido em meados do século XIX, tinha a crença de que a especialização do trabalho possibilitaria um lugar de troca que faria as suas próprias adaptações com o tempo. Amplamente partilhada na Europa e difundida no resto do mundo, a doutrina em questão não contava com o desenvolvimento tão expressivo do mercado e com o surgimento de grandes empresas, provenientes do avanço do processo de industrialização. Ainda no século de seu surgimento, o liberalismo começou a ser questionado devido à tensão oriunda da diferença de classes e da pobreza. Esses questionamentos ocorreram interna e externamente ao sistema em questão, tendo em vista que o processo de industrialização dos meios de produção não resultou em um processo de enriquecimento generalizado, e culminou inclusive com a crise econômica de 1929. O Estado, diante das tensões, das lutas de classes e das grandes disputas entre os países (Primeira Guerra Mundial), precisou intervir para defender a liberdade de alguns, que estava sendo ameaçada pela liberdade de outros.

É nesse contexto que o liberalismo teve de se reformar e que o Estado passou a controlar disputas e a ter sua presença na dinâmica social ampliada. Ainda assim, as dinâmicas do capitalismo foram se complicando e entraram em uma nova crise com os eventos que culminaram com a Segunda Guerra Mundial. Mais uma vez, então, o capitalismo encontra suas próprias respostas e se estrutura no que é chamado de Neoliberalismo. Frisamos, entretanto, que é equivocado tomar o Neoliberalismo como uma volta do Liberalismo clássico, tendo em vista que o novo sistema não pode ser classificado como um retorno do chamado *laissez-faire*⁶³ tradicional.

O Neoliberalismo é mais do que uma política econômica ou uma ideologia, mas uma lógica de mercado. A particularidade desse novo momento é a astúcia do Estado e dos agentes econômicos, que operam normas de governo da sociedade e dos indivíduos. Aqui, o governo da sociedade dá lugar ao governo de si mesmo, entoado por um mantra da meritocracia.

⁶³ Expressão utilizada pelo pensador do Liberalismo John Stuart Mill, em *Princípios da Economia Política*, para fazer referência ao modelo político de não intervenção estatal. A partir desse modelo, defende-se que o mercado é capaz de regular sozinho as necessidades de subsídios ou regulamentações criadas pelo Estado.

Observamos que a lógica de mercado do governo de si e da meritocracia está presente não só no discurso dos telejornais policiais, mas na própria construção dos mediadores desses programas (sejam eles repórteres ou apresentadores), que enfatiza elementos de sucesso pessoal nas diversas áreas em que atuam. Esses sujeitos, então, aparecem como exemplos de sucesso pelo esforço individual, ressaltando uma suposta resiliência mesclada com uma avidez para conseguir ser bem-sucedido no que se propõe fazer.

3.1.1 Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal

Diante do cenário apresentado, vale lembrar que a reflexão sobre o neoliberalismo não é novidade. Cada um ancorado na sua própria tradição e sem dialogar propriamente entre si, os “quase contemporâneos”⁶⁴ Foucault e Bourdieu foram precursores da discussão sobre a questão neoliberal, no final do século XX, como apresenta Laval (2020). Ambos os autores, cada um na sua perspectiva, assumiram a postura do intelectual crítico diante do neoliberalismo. Apesar de viverem na mesma época e no mesmo país, os pensadores franceses de esquerda Foucault e Bourdieu não faziam referência ao trabalho do outro. Ainda assim, Laval (2020) atenta para o fato de que eles se encontram em um plano: o da historicidade do homem econômico. Os dois autores observaram que esse homem econômico iria em breve se concretizar e, nesse sentido, o neoliberalismo representa para eles uma aceleração da construção política dessa figura.

Os autores falaram sobre a “construção da economia capitalista” e também se aproximaram por terem refletido politicamente sobre o sistema em questão, motivando os movimentos de esquerda (que culminaram com o chamado Maio de 1968, em Paris) para reelaborarem a crítica da ordem existente. Pela ótica de Laval (2020), os dois tinham consciência de que o mundo (ocidental) estava passando por uma mudança de época e por uma renovação das formas de poder. O ponto era repensar as formas de movimento social e as articulações entre pesquisadores e atores sociais, mas as estratégias levantadas pelos pensadores são diferentes.

Segundo Bourdieu, a luta deve, antes de tudo, incidir sobre os planos teórico e simbólico, enquanto Foucault aposta em novos processos de subjetivação, suscetíveis de engendrar essa “reinvenção de nós mesmos” [...] Foucault aborda o neoliberalismo segundo um movimento essencialmente criador, um estilo de pesquisa em que análises são muito pouco estáveis [...] Bourdieu tem outro estilo de trabalho, que consiste em implementar um aparato

⁶⁴ Foucault nasceu em 1926 e Bourdieu, em 1930, ambos na França.

conceitual bem estável a propósito de diferentes objetos ou domínios (Laval, 2020, p. 278).

Apesar das diferenças que devem ser compreendidas, ao aproximar Bourdieu e Foucault em uma mesma obra para a discussão do neoliberalismo, Laval (2020) atenta para a necessidade de analisar esse fenômeno de maneira macro e micro. Sendo assim, acreditamos que um fenômeno que se imprime até na intimidade subjetiva, ao mesmo tempo em que se fixa como um sistema governamental estável e sólido, deve ser refletido de uma maneira complexa, considerando a articulação das técnicas governamentais de “condução das condutas” e do sistema de dominação de nível mundial, perspectiva que se alinha à praxiológica da comunicação.

3.1.2 A fábrica do sujeito neoliberal

Dardot e Laval (2016), estudiosos do neoliberalismo por uma tradição foucaultiana, refletem sobre o fenômeno a partir do conceito de governamentalidade. Aqui, o Governo é tido como uma instituição que possui dispositivos, técnicas e procedimentos de controle dos indivíduos. Governamentalidade, por sua vez, ocorre quando a maneira de governar os indivíduos entra em sintonia com a maneira como os próprios indivíduos se governam. Nessa perspectiva, os autores apontam a subjetivação desse modelo de sociedade como a grande novidade do neoliberalismo. O mercado neoliberal deixa de ser o mercado da troca e se transforma no mercado da concorrência. Por sua vez, essas características são trazidas para os indivíduos, que começam a se ver como empresas de si mesmos e a governar a si mesmos.

A lógica deixa de ser a de “compartilhamento” de tarefas e de possíveis benefícios (dos bônus e dos ônus do trabalho), de criação de “famílias” dentro das empresas, e passa a ser a de concorrência entre os sujeitos. Os funcionários deixam de agir em conjunto em prol do bem das empresas em que trabalham e passam a competir o tempo todo contra os que antes eram vistos como aliados. Tendo a concorrência como motor central, o que move a subjetividade contemporânea é ser o melhor possível e se destacar do outro. A prática de “compartilhamento” de atividades e a suposta construção de “famílias” dentro do ambiente de trabalho continua, mas a mudança é mais profunda – é como se estivéssemos todos em um mesmo barco afundando, e a disputa fosse por saber quem vai conseguir usar os botes salvavidas e se livrar da morte pelo naufrágio. Vale ressaltar que essa competição não é exclusiva dos profissionais, mas é difundida também entre as empresas.

Nessa lógica, Dardot e Laval (2016) atentam que, no mundo empresarial, nem as empresas firmam um compromisso com os funcionários nem os funcionários têm compromisso com a empresa. A figura que ganha destaque é a imagem do empreendedor, que se considera desconectado da empresa em que trabalha. Esse conjunto de características oriundo do sistema em questão gera uma sensação de risco permanente nos sujeitos, em que a falsa estabilidade do emprego pode acabar a qualquer momento.

Esse adoecimento coletivo proveniente da lógica neoliberal e da pressão e frustração das “empresas de si” marca a questão da individualidade de forma muito forte. A tendência é que tenhamos de um lado, um sujeito egoísta, que só pensa em si e, do outro lado, a ausência de suporte externo que lhe permita sair dessa lógica. É nesse contexto que a narrativa do vencedor, do campeão, ganha tanto destaque.

Empreender é vencer, é se construir. Há, portanto, um sentido positivo na figura do grande executivo, do empreendedor. A lógica de empreendedor de si mesmo quebra o modelo hierárquico que dominava a sociedade e funciona como uma espécie de genealogia ao inverso. Não é como se não houvesse uma hierarquia, mas ela é estremecida pela figura do empreendedor – vende-se a ideia de que não é mais o nome da família que segura o lugar, mas a trajetória individual do sujeito. É nesse cenário que surgem – e que se valorizam – figuras que vieram de origens não tradicionais, impondo-se supostamente por “mérito”, pelo esforço próprio e se destacando na sociedade, inclusive na política.

O individualismo é a marca nessa mudança e a ideia de classe tende a desaparecer. A partir do momento em que não existe mais identidade pela classe, mas pelas afinidades dos sujeitos, é enfraquecida a possibilidade de agrupamento e de desenvolvimento de projetos coletivos. Com o enfraquecimento de projetos coletivos, há a ausência de grupos, de identidades coletivas. A sociedade neoliberal é, portanto, uma sociedade pouco agregadora, em que há uma suposta maior liberdade devido à internalização de mecanismos de opressão.

A vigilância institucionalizada é substituída por uma vigilância própria, em que não existem mais pessoas em quem acreditar, em que só há vazio. Esse vazio leva a um fortalecimento do individualismo do sujeito, que é convocado a se construir e é visto como alguém que, se quiser, consegue e, se não conseguir, é um perdedor. É aqui que surge mais fortemente o culto da performance, da ilusão da possibilidade do governo de si mesmo. A performance aparece não apenas como um instrumento de conseguir o que se quer, como também uma cortina que tampa o fracasso e disfarça a infelicidade. Ela funciona como uma espécie de teatralização de si mesmo.

Esse culto à performance nos faz pensar muito concretamente na figura de Vitor Valim, esse sujeito sempre muito “engomadinho”⁶⁵. A empresa de si que Vitor Valim constrói consegue se apoiar em uma narrativa muito consolidada de vencedor – seja na disputa por audiência, seja na disputa por cargos políticos. Doce e gentil, engraçado e escrachado, também é enfático e combativo, mas tudo isso individualmente, executado de forma estratégica e muitas vezes ensaiada, sem que haja uma ligação constante com partidos políticos, por exemplo, ou a padrinhos e parceiros políticos, como ficou evidente com o rompimento com o Capitão Wagner⁶⁶. Como empresa de si, o comunicador político em questão consegue abandonar aliados históricos, partidos ou correntes políticas, desde que mantenha uma postura e uma imagem de vencedor intacta, desde que seja beneficiado diretamente por isso.

Quando essa performance não funciona, quando essa empresa de si mesmo vai à falência, há uma frustração desmedida e um expressivo aumento da violência (ou a projeção da violência em sujeitos políticos), bem como de doenças. O risco permanente e a inevitabilidade de recorrer a empresas causa uma espécie de jogo de expectativa e quebras de expectativa, que tem como contraponto os quadros depressivos. Essa intensificação de violência enquanto sintoma, junto com a depressão, nos leva a refletir sobre como ela aparece no neoliberalismo, o que pode ser abordado pela ideia do Estado-centauro.

3.1.3 Neoliberalismo e a penalidade como produção de um Estado-centauro

Apesar da aproximação feita por Laval, a perspectiva bourdieusiana sobre o neoliberalismo se distingue da perspectiva dos foucaultianos. Wacquant (2012) propõe desenvolver uma reflexão sobre neoliberalismo que procura um meio-termo entre uma abordagem dita rebelde, alimentada por derivações da noção foucaultiana de governamentalidade, e o modelo econômico hegemônico, ancorado por variantes do domínio de mercado. Essa via do meio que o autor defende parte do conceito bourdieusiano de “campo burocrático” e entende o neoliberalismo como uma articulação entre Estado, mercado e cidadania, em que os processos de penalidade (sistemas de penas ditadas pelas leis, tais como a prisão), ficam localizadas no centro da produção de um “Estado-centauro”, que pratica o *laissez-faire* no topo das estruturas de classes e o paternalismo punitivismo na base. O *laissez-faire* no topo seria responsável por permitir que as classes superiores se vejam autorizadas a

⁶⁵ Ver no Capítulo 2.

⁶⁶ Ver no Capítulo 2.

fazer o que quiserem, sem limitações ou constrangimentos; já o paternalismo punitivista na base seria equivalente a um direito penal “tolerância zero”, ou seja: encarcerador e provedor de leis penais cada vez mais duras para quem pertence a classes mais pobres.

Wacquant desenvolve teses sobre neoliberalismo a partir de pesquisa que realizou nos chamados *Urbans Outcasts* (párias urbanos) norte-americanos, em que relaciona os *hiperguetos* com o sistema carcerário dos Estados Unidos. O autor defende que há uma relação intrínseca entre a penalização da pobreza e elementos estruturais do neoliberalismo. A partir da pesquisa, ele atenta para as contradições profundas do sistema e da reestruturação do Estado numa escala global e afirma que

[...] a virada do nosso próprio século testemunhou a remodelagem de um novo tipo de Estado, que reivindica sacralizar o mercado e abraçar a liberdade, mas, na realidade, reserva o liberalismo e seus benefícios àqueles que estão no topo, enquanto impõe o paternalismo punitivo àqueles que estão na base (Wacquant, 2012, p. 515).

A chamada “regulação punitiva da pobreza racializada” emerge, portanto, como um elemento da implementação doméstica e da difusão do projeto neoliberal – do “punho de ferro” do Estado penal em parceria com a “mão invisível” do mercado, em consonância com a precarização de redes de seguridade social.

A partir desse estudo, Wacquant apresenta três teses para pensar em uma antropologia histórica do neoliberalismo. O “campo burocrático” de Bourdieu serve como ferramenta para argumentar que o neoliberalismo é um estado gerencial que adapta a sociedade ao mercado. O Estado, nessa ótica, é uma “máquina de estratificação e classificação, que está orientando a revolução neoliberal a partir de cima” (Wacquant, 2012, p. 510). Nessa perspectiva, o autor afirma que: Tese 1 – O neoliberalismo não é um projeto econômico, mas político, que não envolve o desmantelamento do Estado, mas a sua reengenharia; Tese 2 – O neoliberalismo implica uma propensão para a direita do campo burocrático e engendra um Estado-centauro; e Tese 3 – O crescimento e a glorificação do braço penal do Estado constituem um componente essencial do Leviatã neoliberal.

As três teses nos trazem elementos importantes para refletir sobre o fenômeno. A primeira delas chama atenção para o fato de que os mercados sempre foram criações políticas. Dessa maneira, lembra que relações sociais e construtos culturais sustentam intercâmbios econômicos e que as pessoas negociam sob as sanções do mercado; atenta também para o fato de que neoliberalismo não é uma tentativa de restaurar o liberalismo do final do século XIX, mas de superar a concepção de Estado do modelo anterior. A oposição entre soluções ditas

coletivistas para problemas econômicos e uma visão minimalista e negativa do “Estado vigilante” do liberalismo clássico é apontada, então, como origem do sistema neoliberal, que visa a redirecionar o foco do Estado para que esse apoie ativamente o mercado como uma criação política em curso. Frisamos aqui que essa concepção vai além da perspectiva do domínio de mercado, visto que permite que o Estado tenha um papel dinâmico na frente econômica, social, penal e cultural.

A segunda tese, por sua vez, fala da reconstrução e reestruturação do Estado pelo neoliberalismo. É lembrada a perspectiva bourdieusiana segundo a qual o Estado não é monolítico, mas um espaço de forças e de lutas pelas questões que “merecem” ser tratadas pelas autoridades, os “problemas sociais” que devem ser cuidados, e como isso deve ser feito. Essas lutas (batalhas verticais⁶⁷ e horizontais⁶⁸) são travadas de forma constante entre o “polo protetor” (mão esquerda do Estado) e o “polo disciplinador” (mão direita do Estado) do campo burocrático e mudam de país para país.

Wacquand (2012) fala que essas disputas resultaram em uma inclinação direitizante, protagonizada pelo recorrente júbilo do polo disciplinador em setores estratégicos da sociedade. Aqui, cita dois exemplos desse júbilo: a transferência de recursos da ala social para a ala penal do Estado e a colonização da assistência social, da saúde etc., por técnicas disciplinares da mão direita. Essa inclinação seria responsável pelo que ele chamou de Estado-centauro, característico do neoliberalismo.

Na mitologia grega, o centauro é uma criatura com cabeça, braços e dorso de um ser humano e com corpo e membros inferiores de cavalo. Segundo a lenda, o centauro representava características bastante distintas – a parte animal representava a força bruta, insensata e cega, enquanto a parte humana representava a bondade e a civilidade. O Estado-centauro, portanto, tem posturas opostas a depender da classe social a que se destina. Nessa lógica,

[...] ele é edificante e “libertador” no topo, onde atua para alavancar os recursos e expandir as opções de vida dos detentores de capital econômico e cultural; mas é penalizador e restritivo na base, quando se trata de administrar as populações desestabilizadas pelo aprofundamento da desigualdade, pela difusão da insegurança do trabalho e da inquietação étnica (Wacquand, 2012, p. 512).

⁶⁷ Entre dominantes e dominados.

⁶⁸ Entre as duas modalidades de capital, a econômica e a cultural, competindo pela supremacia interna.

Nessa perspectiva, o Estado-centauro que caracteriza o neoliberalismo realmente existente funciona de forma permissiva e facilitadora (*laissez faire et laissez passer*) de interesses dos dominantes, enquanto se mostra paternalista e intruso com os sujeitos de classes baixas. Um desdobramento do punitivismo, característica “bruta” do Estado-centauro, direcionada às classes populares, é o encarceramento. Essa característica leva à terceira tese defendida pelo autor, que atenta para uma glorificação do braço penal do Estado e traz a ideia de Leviatã neoliberal.

Leviatã aparece originalmente no Livro de Jó, do antigo testamento da Bíblia, e é descrito como o mais terrível dos monstros marinhos. O monstro bíblico foi utilizado por Hobbes em 1651 como metáfora para refletir sobre a sociedade. Em linhas gerais, na obra clássica para o pensamento político, o filósofo defende a ideia de contrato social e afirma que a única forma de impedir o caos ou a guerra civil (situações consideradas como um estado de natureza humana) é por meio de um governo soberano absoluto, central e forte. O Leviatã é, portanto, esse monstro soberano que existe quando todos abrem mão de seu direito em nome de um poder central, um Estado.

No momento em que as sociedades pós-industriais do Ocidente faziam a transição de economia de comando para a de mercado, houve uma espécie de inchamento da instituição penal e o aumento do encarceramento nas populações mais vulnerabilizadas. Nesse sentido, o Leviatã neoliberal a que Wacquant se refere é uma espécie de atualização desse monstro, que tem no encarceramento da população subalterna uma forma expressiva de demonstração de poder, de “fortalecimento do mercado nas políticas econômicas e sociais que desencadearam a desigualdade de classe, aprofundaram a marginalidade urbana e alimentaram o ressentimento étnico, ao mesmo tempo em que erodiram a legitimidade dos formuladores de políticas” (Wacquant, 2012, p. 515).

Ao refletir sobre as três teses que compõem o argumento de Wacquant sobre o neoliberalismo, em especial sobre as ideias de Estado-centauro e Leviatã neoliberal, é interessante atentar para o fato de que as especificidades históricas de cada país definem as características sociais de cada Estado e a forma como neoliberalismo se apresenta naquele contexto. No caso do Brasil, é impossível fazer essa reflexão ignorando o modelo da colonização imposto e as reverberações sociais, culturais, políticas e econômicas que a escravidão deixou como marca. Essa necessidade fica ainda mais evidente quando consideramos que a polícia, o tribunal e a prisão não podem ser vistos apenas como ferramentas de luta contra a criminalidade, mas são ferramentas políticas por meio das quais o Leviatã neoliberal governa.

Essas ferramentas políticas podem ser observadas de forma muito evidente nos telejornais policiais. No caso do Cidade 190, quem comanda o programa é a empresa de si vencedora e bem-sucedida Vitor Valim, ao passo que os sujeitos que aparecem nas reportagens são muitas vezes vítimas de opressões interseccionais de classe, raça, gênero, dentre outras. Vale lembrar que essas reportagens são reconhecidas pela série de violações de direitos que cometem e o formato, bem como o conteúdo delas, enaltecem uma lógica punitivista e encarceradora de quem se encontra “nas patas” do Estado-centauro. Mais grave que isso, a partir dessa prática, promove a intensificação do sofrimento desses sujeitos, que já são vítimas das atitudes duras do Estado. É interessante observar que as características desenvolvidas no programa em questão também aparecem ligadas à carreira política de Vitor Valim. Exemplo disso é a valorização de violências cometidas pelo lado opressor do Estado, que ocorreu quando ele votou a favor da anistia dos policiais militares envolvidos no motim de 2018, no estado do Ceará⁶⁹. Esses elementos nos fazem refletir sobre as especificidades do neoliberalismo no contexto brasileiro, que tem na escravização uma das suas principais características estruturantes, e sobre como isso é evidenciado no nosso objeto de pesquisa.

3.1.4 A fábrica do sujeito neoliberal no Estado-centauro latino-americano e brasileiro

O neoliberalismo não é exclusividade de uma região do mundo, mas uma lógica que se espalhou com força e capilaridade pelos países ocidentais. Não podemos, entretanto, dizer que ele se manifesta de forma única, pois temos de considerar a especificidade de cada lugar em que se aplica. O neoliberalismo como economia política e como ideologia se apresenta de formas diferentes a depender do contexto em que surge. Países como Estados Unidos, Alemanha ou França não experimentam o sistema da mesma forma que o Brasil ou outros países que viveram (e vivem) intensos processos de exploração. Ao abordar as diversas formas em que o neoliberalismo se apresenta, Tiburi (2017) utiliza uma metáfora dos efeitos do veneno (neoliberalismo) no corpo (o país). Ao ser invadido pelo veneno neoliberal, um corpo mais saudável tem mais possibilidades de resistir, enquanto o corpo debilitado pode não sobreviver.

Esse veneno neoliberal a que a autora faz referência encontra em países que foram vítimas da colonização um corpo bastante debilitado. Quijano (2005) atenta que a

⁶⁹ Disponível em: <https://pontopoder.verdesmares.com.br/capitao-wagner-propoe-anistia-no-congresso-a-policiais-que-participaram-do-movimento-no-ceara/17316/>. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/03/06/312-pessoas-foram-assassinadas-no-ceara-durante-motim-da-pm-diz-secretaria-da-seguranca.ghtml>.

globalização é resultado de um processo que começou com o capitalismo colonial e com a conquista da América. Esse capitalismo colonial, bem como o padrão de poder mundial, teve início com a criação de uma forma de poder eurocentrada e se perpetua com a sua manutenção. Para ele, a formação da própria modernidade não existe sem o movimento capitalista de intensificação da acumulação de capital e da mudança completa nas relações de trabalho que veio com a colonialidade. A partir de então, o capitalismo passa a se beneficiar com a relação de trabalho baseada na exploração de mão de obra, em uma colonialidade do poder.

Essa colonialidade do poder, conceituada por Quijano (2005), é diferente do imperialismo por si só. No imperialismo, há uma figura do império que estende a sua dominação em países e povos que têm uma relativa autonomia política formal. No colonialismo, a relação de dominação é direta e o povo colonizado é completamente dependente não só economicamente, como no que diz respeito à política formal. Na colonialidade, um país tem o domínio dos outros, em uma relação de completa subordinação.

A forma de desenvolver esse processo no chamado “novo mundo”, habitado por povos não europeus, com grande quantidade de etnias e graus diferentes de desenvolvimento, foi por meio do conceito de raça. Com a criação desse conceito, foi acentuado e valorizado o elemento fenótipo da cor, em que os brancos eram considerados superiores. A partir de então, os brancos europeus passaram a deter não apenas o domínio político e econômico, como uma centralidade num nível de controle ideológico. Há uma imposição de um padrão cognitivo, de um controle subjetivo, cultural e de conhecimento. A raça aparece como uma construção mental colonial que ainda hoje é hegemônica e que funciona como um instrumento eficaz de dominação. Junto com a exploração, fazem uma espécie de combo mantenedor e um classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista.

A estrutura colonial perpetuada, apesar do rompimento burocrático com as metrópoles, se atualiza por outras formas estruturais de dominação de sujeitos e persiste até os dias de hoje. Para o autor, o capitalismo e o eurocentrismo são categorias criadas pela própria modernidade e promovem a exploração do continente latino-americano. Há, portanto, a colonialidade do poder na própria modernidade, que é construída a partir de exploração. Nesse sentido, o outro não europeu é animalizado, privado de sua humanidade, inferiorizado em suas diversas capacidades. O sujeito não europeu é utilizado como mão de obra e descartado em prol de interesses tidos como legítimos e superiores. O Brasil, na lógica da colonialidade do poder, é um corpo extremamente sensível ao veneno neoliberal. Essa

sensibilidade não se dá pela ausência de riquezas naturais e culturais, mas pelo processo de formação que lhe deu origem e que é constituidor do Estado-centauro brasileiro.

Para pensar o neoliberalismo brasileiro e quem habita base e topo da pirâmide da sua sociedade, temos de considerar a construção do país. Tiburi (2017) nos convida a lembrar tanto dos imigrantes que vieram após serem descartados por seus países europeus de origem, quanto das pessoas escravizadas sequestradas sobretudo da África que aqui aportaram, bem como aqueles que foram mortos no trajeto. Ela faz um paralelo com o que ocorreu com a construção de campos de concentração e de extermínio na Alemanha nazista e com a razão que as incluía exclusivamente como corpos úteis. Pondera que é imprescindível pensar na miséria do presente como uma herança do passado, como um destino a ser analisado, e afirma que “o destino nada mais é do que aquilo que nos aconteceu, a partir do que se trata de pensar como viver depois da catástrofe” (Tiburi, 2017, p. 41).

O que nos aconteceu é o que Souza (2021) chama de racismo racial. Segundo o autor, esse é o grande responsável pelo atraso moral, social e político no Brasil e também o elemento central da nossa sociedade. O ponto é que esse racismo está tão enraizado em uma sociedade que foi construída pela exploração do trabalho dos escravizados, que aparece de variadas maneiras, até disfarçadamente, como discursos simplistas de combate à corrupção ou de guerra contra o crime. O racismo, como essa construção colonial europeia, base da modernidade e fruto do capitalismo, cria e perpetua sujeitos sub-humanos, grupos desvalorizados que são presos às patas violentas e repressoras do Estado-centauro e que não possuem perspectivas concretas de ascensão social.

A base do Estado-centauro brasileiro é o que Souza denomina de “ralé brasileira”, são os excluídos e humilhados, uma classe social composta quase inteiramente por negros e mestiços, uma espécie de “novos-escravos”, que o topo da pirâmide busca manter explorada, oprimida e humilhada. Nesse sentido,

O neoliberalismo nada mais é do que a atualização do velho colonialismo que mata e deixa viver conforme as necessidades do sistema no uso dos corpos. Do ponto de vista utilitário do neoliberalismo, os corpos não têm porque morrer se isso não for necessário, mas devem morrer conforme seja preciso. Assim com os índios, os escravizados, com os jovens negros da periferia das grandes cidades do País (Tiburi, 2017, p. 43).

Acreditamos que o neoliberalismo, sobretudo em países tão desiguais como o Brasil, atualiza e escancara de forma triste e brutal a objetificação de sujeitos subalternos em função da manutenção de privilégios de uma elite historicamente consolidada. Ele funciona como

[...] a narrativa do fim da poesia, ela mesmo puro esbanjamento e, inevitavelmente, dentro de sua lógica, absolutamente inútil. O fim da poesia é como o fim da vida que se deseja viver. A poesia era tão inútil quanto um judeu na Alemanha nazista, assim como um jovem negro, como um índio no Brasil atual. O neoliberalismo e o fascismo são dois lados da mesma fita, da mesma infeliz banda de Moebius da história do presente à qual fomos condenados (Tiburi, 2017, p. 44).

Pensar sobre essa ordem neoliberal, sobre esses adoecimentos dos sujeitos eficazes e morte dos sujeitos ejetáveis, bem como sobre as especificidades brasileiras, nos leva a refletir sobre o que está por trás dessa lógica, sobre que ideologia é essa que domina a sociedade e que violências são essas que observamos no contemporâneo, assim como na forma como essa lógica se apresenta coletivamente.

3.2 TEMPOS DE EMOÇÕES COLETIVAS FORTES

Pensando nos elementos explícitos ou ocultos que atravessam os indivíduos e na construção do processo ideológico no neoliberalismo, é interessante refletir como se dão as emoções coletivas mobilizadoras de processos como a eleição de figuras públicas, em como as emoções coletivas podem atuar em uma espécie de fábrica do comunicador político neoliberal. Não é de hoje que se fala de uma “guinada emocional” no campo da comunicação, em que pesquisadores das humanidades e das ciências sociais trazem o papel das emoções como elemento importante para todos os aspectos da nossa existência, que contribuem de forma central na dinâmica social e cultural. As emoções “conferem tom, dinamismo, colorido e significados às interações e aos projetos humanos, servindo, em certas circunstâncias, como catalisadoras de mobilizações coletivas — com índole progressista, conservadora ou reacionária” (Freire Filho, 2013, p. 2).

Pensando as emoções em uma vertente que considera a empatia, Freire Filho (2022) a considera uma utopia da comunicação. A empatia não é um sentimento natural do humano com o humano, mas algo que pode ser construído socialmente. Não se trata de algo instintivo ou imediato, mas ligado a uma série de mediações. A lógica do termo é ligada a valores humanitários em uma perspectiva de “dor compartilhada”, que, de forma superficial, soa bonita e comovente, mas, na prática, é permeada por uma hierarquia da dor. A relação entre o sujeito compassivo e o sofredor é mediada, entre outros fatores, por conhecimentos especializados e por crenças populares acerca da peculiar sensibilidade à dor de distintos.

Falar sobre empatia, portanto, é uma tarefa complexa, e a percepção de que estamos vivendo no neoliberalismo um déficit de empatia também exige considerar uma série de questões. O fato é que a empatia tem sido cada vez mais tomada como um valor e passa, também, a ser simulada. Há, muitas vezes, uma simulação carismática de empatia que leva figuras específicas, como o comunicador-político oriundo de telejornal policial, a falar em lugar de outros sujeitos. Nesse ponto, é importante pensar que, historicamente, a empatia não foi um pré-requisito para ser um bom líder político, mas, no contexto em que estamos vivendo, isso passou a ser valorizado. Entretanto, a prática não é disseminada irrestritamente, tendo em vista que existe uma seleção de sujeitos que são passíveis de serem alvos de empatia, aqueles que não são considerados “selvagens” ou “maus”. Percebemos um limite da empatia, em sentido amplo, que contempla questões éticas e políticas, em que a falta ou a simulação dela, reforça relações de exclusão de sujeitos subalternos (Freire Filho, 2022). Assim, diferente do que é amplamente difundido no senso comum, não é tudo que pode ser resolvido com empatia.

Diferente da ideia de empatia, Dubet (2020) desenvolve uma reflexão sobre a comoção como uma emoção associada à indignação. Para o autor, a emoção em questão é algo positivo, passível de gerar mobilizações de combate a injustiças insuportáveis e desigualdades obscenas, o que tem a ver com solidariedade. Essas indignações individuais, entretanto, não são necessariamente transformadas em ações promotoras de soluções para os problemas que geram indignação, tendo em vista que, muitas vezes possuem um caráter individual e solitário.

As emoções possuem um caráter dialético intrínseco, na medida em que, ao afirmar uma emoção, há a negação de outra. A afirmação do amor, por exemplo, dá a possibilidade de viver um tipo de coletividade, mas também pode criar a afirmação do ódio, tendo em vista que isso ajuda a fazer distinções do que é diferente, do que eu não gosto. A partir da coletividade criada em torno do amor, cria-se também a possibilidade de odiar algo. Assim sendo, as emoções unem e separam, além de nos ajudar a nos definir como sujeitos. É a partir das emoções que são construídos determinados grupos, por meio da forma como são acionadas coletivamente, o que possibilita a construção de estereótipos. Quando Vítor Valim, por exemplo, fala sobre facções criminosas, a forma como ele fala, sobre quem fala e o que fala, traz o amor e o ódio, de forma dialética. Nesse exemplo, ele pode falar com amor sobre policiais militares, enaltecendo o trabalho executado por esse grupo, bem como a importância social desses sujeitos. Por outro lado, animaliza e tira a complexidade de quem chama de traficantes, falando mal também dos políticos que defendem os direitos humanos.

Além do caráter dialético das emoções, um viés histórico também é relevante, tendo em vista que elas mesmas são relacionais, e promovem aproximação ou distanciamento em relação aos objetos que participam das mediações em questão. Os objetos, nesse sentido, podem ser pessoas, coisas, grupos, práticas, palavras e ideias. Nesse sentido, mais do que entender o que são, propriamente ditas, as emoções, é relevante debater sobre o efeito que elas causam no mundo, em uma relação entre emoções e objetos e as suas possíveis interações, em uma sociabilidade das emoções (Ahmed, 2015). Entendemos que a emoção não é só um texto ou uma representação, mas a criação de corpos distintos que atuam no real, resultantes de relações discursivas e, portanto, fenômenos dinâmicos. Os discursos funcionam, assim, como atribuidores de valores a objetos que compõem a realidade.

Em uma articulação entre o pragmatismo e o marxismo, Ferreira (2022) reflete sobre como os discursos que expressam emoções agem na realidade de forma a atribuir importância aos objetos sociais e promover atitudes de aproximação ou distanciamento a eles. Para tanto, o autor se apoia na ideia de que as emoções são ações comunicacionais e que é possível refletir sobre uma aderência das emoções nos objetos em um determinado contexto, tendo em vista que

[...] expressar uma emoção não é apenas relatar um estado de espírito, mas é agir criando distinções na realidade concreta, demarcando as superfícies dos corpos e compondo camadas nos objetos para diferenciar aqueles que sentem daqueles que provocam a sensação [...] expressar discursivamente uma emoção não é meramente representá-la linguisticamente, é efetivamente construir uma realidade com delimitações objetivas (Ferreira, 2022, p. 84).

Resgatamos aqui essa perspectiva de dar atenção ao que surge pelas emoções, ao resultado delas no mundo, considerando que a expressão de uma emoção é uma ação que não é prévia ou intrínseca. Para isso, Ferreira (2022) ressalta a importância da sensação fisiológica, a cultura, a linguagem e a subjetividade como manifestações concretas a serem consideradas quando tratamos de emoções em suas complexidades.

É importante lembrar que a reflexão sobre as emoções coletivas também não é algo recente. Surgiu com o interesse de compreender as multidões consideradas muitas vezes como uma ameaça à ordem social e como uma nova forma de atuação no espaço público. Essas multidões, sobretudo do início do século XX, foram associadas a comportamentos violentos em situações revolucionárias, em greves, dentre outras revoltas populares. Dessa maneira, as emoções coletivas associadas ao comportamento de multidões eram ligadas a algo irracional e um tanto quanto histórico, com base no que ocorria nesse tipo de situação; fenômeno esse que

foi entendido muito mais como uma questão social e política do que intelectual (Quéré, 2021, p. 166).

No esforço de compreender o que são de fato emoções coletivas, Quéré (2021) ressalta a importância das contribuições da chamada psicologia das multidões. Assim sendo, lembra que Durkheim não concorda que há no fenômeno um papel da propagação imitativa, expansão por contágio ou contaminação psicológica. O autor, assim, traz para seu discurso contribuições dos neodurkheimianos, que, no caso de Randall Collins, por exemplo, leva em consideração também os rituais de interação goffmanianos, que consideram as dimensões afetivas do processo. Por conseguinte, defende que os ritos de interação transformam emoções individuais em emoções coletivas e mais intensas, tendo em vista que o compartilhamento de emoções dá forma a uma experiência viva da coletividade.

A ligação da multidão às emoções coletivas é discutida pelo autor a partir do exemplo do sentimento de medo da pandemia da Covid-19. Há, nesse caso, uma consciência de vulnerabilidade coletiva e sobretudo uma ignorância da origem e dos desdobramentos da epidemia, além de uma incerteza sobre o que poderia acontecer individualmente, no âmbito particular e familiar dos sujeitos. A partir de reflexões de Jean Delumeau, Quéré afirma que, em situações extremas de ignorância e incerteza, tendemos a nos ancorar em demonstrações de afeto e em opiniões dos outros. Sendo assim, os riscos são muitas vezes subestimados, ao passo que os rumores, como aqueles provenientes de Fake News e desinformações, tornam-se veículos da emoção coletiva.

Em situações extremas de medo, raiva, e outras emoções fortes, a tendência é que as atividades sejam cada vez mais dispersas e desordenadas, e que o comportamento coletivo seja puramente impulsivo, sem um objetivo coletivo ou alguma coordenação, tendo em vista que cada um deseja salvar a própria pele. Nessas situações, portanto, o comportamento estabelecido individualmente contribui para a desintegração dos hábitos de cooperação estabelecidos, ou ainda a suspensão de regras, o que libera os impulsos naturais de cada um e torna as pessoas mais sensíveis aos estímulos imediatos (Quéré, 2021, p. 183).

A partir dessas constatações, o autor reflete sobre o que é necessário para que uma emoção seja considerada de fato coletiva, já que não precisaria de uma multidão para existir. Quéré propõe, então, compreender o fenômeno das emoções coletivas a partir de uma perspectiva praxiológica, tendo em vista que ela relaciona a emergência de um sentimento coletivo a movimentos conjuntos de cooperação e realizações práticas. Assim, evidencia os dois tipos de emoções geradas quando se pertence a um determinado grupo. São elas: emoções partilhadas em um grupo durante interações entre seus membros física ou

virtualmente copresentes; e emoções vividas individualmente na ausência de outros membros do grupo, embora pertencentes a ele.

Essas duas emoções fazem refletir sobre o que é de fato pertencer a um determinado grupo, bem como a forma de identificação com um determinado grupo. Partindo do pressuposto de que a filiação a uma determinada categoria pode gerar emoções nas relações entre grupos sociais, Quéré põe em debate a volta à semântica do pronome *nós* e os sentimentos de um “corpo coletivo”. É muito firme ao dizer que esse pronome nem designa um “sujeito plural” nem uma modalidade de experiência, que põe um indivíduo identificável numa interlocução em função de seu contexto, mas não um “indivíduo coletivo”.

Então, tendo em vista que pessoas vivem em ambientes sociais específicos e vivenciam solidariedades locais diversificadas e variadas, na discussão sobre grupos, Quéré (2021) apresenta dois tipos de polaridade: 1) grupos dotados de organização e orientados para a automanutenção \times grupos que se assemelham a corpos inanimados; 2) grupos dotados de uma identidade coletiva real \times grupos que dela são privados – o que é o caso de uma categoria, um grupo nominal ou um grupo criado do zero para um experimento de psicologia social. Levando em consideração esses grupos, o autor coloca as emoções coletivas no primeiro polo das duas distinções, e questiona se o compartilhamento é suficiente para dar forma coletiva a uma emoção vivida em uníssono. A partir de então, assume que não é o compartilhamento que dá sua forma coletiva a uma emoção, mas sim sua simbolização no espaço público, através de mediações materiais e simbólicas no *agir em conjunto*.

As mediações materiais e simbólicas no agir em conjunto a que o autor faz referência levam a um ponto de destaque sobre emoções coletivas que nos é especialmente cara no desenvolvimento desta pesquisa, que é o questionamento de como as emoções políticas assumem uma forma coletiva. O autor defende que a política é um ambiente muito propício para a implantação de emoções coletivas, já que, por si só, é caracterizada pela disputa e pelo conflito, pelo antagonismo e pelas emoções positivas e negativas. As emoções negativas são muitas vezes hostis e podem corresponder a espécies de “paixões tristes”, como ódio, raiva, desgosto, rancor, ressentimento, desejo de vingança etc. Essas emoções negativas e paixões tristes funcionam muitas vezes contra os próprios ideais de liberdade e de justiça.

Sendo assim, ele traz a discussão sobre emoções coletivas para o espaço político das emoções públicas e, assim situado, reflete sobre como as emoções políticas assumem sua forma coletiva. Para responder à inquietação, segue ancorando-se em estudos desenvolvidos por Durkheim e também por reflexões de Dewey, que adotou um ponto de vista semelhante, mas atribuiu o despertar das emoções do público aos meios de comunicação, aos costumes e

às práticas sociais vividas no teatro, cinema, exposições de pintura, desfiles populares, esportes coletivos e atividades de lazer.

Quéré parte da reflexão sobre o ressentimento na política, olhando, por um lado, para o caráter composto e para a dinâmica de uma emoção considerada como hostil; e, por outro lado, para sua ambivalência do ponto de vista político, quando se torna paixão pública, tomando como base a obra coordenada por Antoine Grandjean e Florent Guénard⁷⁰, para em seguida refletir como essa emoção se torna coletiva. O que Quéré nos diz a partir da construção que faz é que uma emoção muito compartilhada não é obrigatoriamente uma emoção coletiva, já que não necessariamente possui uma dinamicidade, considerada fundamental para tal. Para haver uma dinamicidade, não é suficiente invocar processos de contágio e imitação, de agregação de emoções individuais, de experiência comum ou de partilha. Para tal, é preciso considerar que a matriz da coletivização das emoções é um conjunto de gestos, de atos e de movimentos realizados em concordância.

Nesse sentido, vale ressaltar que algumas emoções são mais populares e consideradas mais valiosas que outras. A experiência de deterioração das condições de vida, por exemplo, em que se desenvolve uma hipersensibilidade aos índices negativos que refletem essa deterioração, pode causar ansiedade, desamparo e sentimento de abandono e de impotência. Mas essas emoções se mostram menos intensas quando comparadas com a raiva, a indignação e a hostilidade. Compartilhar essas emoções contribui para transformar uma angústia e um sentimento de desamparo em uma manifestação de resistência ao que se supõe gerar os males sofridos. Assim sendo, há o surgimento de um valor comum ou até de um sentimento de orgulho ou de poder. Essa partilha pode mobilizar e reunir um grupo em torno de uma garantia de marcos coletivos.

Uma emoção assume formas coletivas graças a atos realizados em conjunto ou a comportamentos adotados em conjunto, mediados por dispositivos, símbolos e por diversos meios materiais. Trata-se de um acordo gerado por algo feito junto, seja uma espécie de grito coletivo, a fala em conjunto de uma mesma palavra, a execução de um mesmo gesto, dentre outros. Essa homogeneidade de gestos e essa espécie de acordo de um fazer algo junto concede força ao grupo e às emoções coletivas, e são intensificadas pelo eco que surge quando há um compartilhamento em meios como redes sociais.

Toda essa discussão que Quéré desenvolve nos faz refletir sobre os públicos que Vítor Valim aciona a partir dos valores que evoca, tanto como comunicador mediador do telejornal policial Cidade 190 quanto como político, nesse contexto neoliberal. De fato, como

⁷⁰ GRANDMEAN, A.; GUÉNARD, F. (dir.). *Le Ressentiment, passion sociale*. Rennes: PUR, 2012.

observamos no capítulo anterior, há uma espécie de pano de fundo, de coluna dorsal comum que sustenta os discursos públicos desse comunicador-político. Aqui, ressaltamos as emoções tristes e paixões coletivas que estão comumente presentes nas falas de Vitor. O discurso do medo, da violência, da impunidade, da valorização da família tradicional, dentre outros, funciona como valores comuns que acreditamos serem capazes de mobilizar e de reunir um grupo. Ao que tudo indica, a eleição de sujeitos que pregam um discurso simplista acerca da criminalidade e da segurança pública, é também uma forma de mobilização de grupos e uma garantia de marcos coletivos comuns.

3.3 EMOÇÕES TRISTES E PAIXÕES NEGATIVAS, PONTO NODAL NA COLETIVIDADE NEOLIBERAL

A reflexão sobre a coletividade na contemporaneidade, e sobre o que move as multidões e os grupos, nesse contexto, deve atentar para fatores individuais e construções sociais. Desse modo, consideramos que as emoções servem como um aspecto que une essas perspectivas, que é um fator importante para juntar esses dois aspectos: o indivíduo e a sociedade. Para refletir sobre as emoções e, especialmente, sobre as emoções coletivas, devemos ter em mente que, no neoliberalismo, como discutimos antes, a busca de conseguir coisas provenientes do interesse individual por sucesso é o que faz o sujeito buscar formar um grupo, como uma possibilidade de ecoar e fortalecer determinadas questões que são caras individualmente. Quéré, por sua vez, fala que o sujeito excluído vai construir uma coletividade sobretudo a partir de elementos vindos de paixões tristes mobilizadoras.

Assim sendo, consideramos que o conceito de ponto nodal pode nos ajudar a compreender esse fenômeno, bem como refletir sobre o que leva sujeitos neoliberais – individualistas – a se unirem em torno de uma ideologia. Aqui é necessário lembrar que, no Estado burguês e neoliberal em que vivemos, as instituições buscam impor sua ideologia. Com os governos de esquerda que tivemos no Brasil, ações progressistas foram sendo aplicadas, mas não houve propriamente um movimento de construir um novo processo de subjetivação, o desenvolvimento de novos valores. Na sequência, e a partir de golpes violentos, os setores opositores da direita retomaram os seus lugares históricos e foram bastante atentos à construção de valores e subjetividades. Não sem razão, uma característica que chama atenção nos projetos de extrema-direita que assolam o país é o interesse especial pelo sucateamento da educação e da cultura, elementos que servem para uma costura no

tecido ideológico e elementos identificados por Quéré (2021) como possíveis muralhas que impedem o desenvolvimento das paixões tristes.

A ideologia, como trouxemos antes, diz respeito a um conjunto de representações, de ideias, que visa manter um projeto de dominação. Quando falamos de ideologia das elites, dos sujeitos que se encontram na parte superior do Estado e que gozam de todos os benefícios e liberdades que ele lhe proporciona, não estamos nos referindo a algo coeso e encaixado, tendo em vista que a ideologia é um terreno fragmentado e marcado por contradições. Sendo fragmentado, para que um discurso ideológico se imponha, ele precisa de uma força unificadora.

Zizek (1996), ao falar de ideologia como ideia, afirma que ela não é uma doutrina pronta, mas um conjunto de elementos dispersos. Esses pontos dispersos dizem da simbolização da realidade, que não é toda simbolizável e, portanto, tem buracos, brechas. Esses buracos são espectrais e passam a ser ocupados pelo que chama de ponto nodal. O ponto nodal seria alguma característica capaz de agrupar necessidades diversas para ocupar os espaços espectrais, como uma noção que surge e é capaz de articular as demais, fazendo uma totalidade. A ideologia, por sua vez, seria a própria costura que liga todos esses elementos. Nesse sentido, o conteúdo pode ser real e a força do discurso ideológico consistiria, justamente, em saber costurar um discurso com elementos dispersos.

Zizek afirma, usando o gráfico laciano, que o ponto nodal é uma espécie de significante puro que ganha força por dois pontos: a identificação e o desejo. A identificação fala sobre como os indivíduos se veem, de alguma forma, identificados com o que foi convocado, numa espécie de reconhecimento de alguma característica sua. Já o desejo diz sobre como o significante que foi convocado fala com elementos explícitos ou ocultos que atravessam os indivíduos. Esses dois aspectos, que constituem o ponto nodal, dão a força para a construção do processo ideológico. O buraco espectral, portanto, é permeado de desejos e a ideologia entra por esse buraco, entre a simbolização e a realidade; introduz essa cunha de fantasia, do poder ser, para ganhar seu espaço, em uma mediação perversa.

Consideramos que há nas celebridades e nos comunicadores-políticos um potencial para despertar a comoção e a indignação públicas em torno de acontecimentos, um potencial de mobilização, e que “através de suas ações, como escrever um post em uma rede social digital, uma celebridade pode tematizar questões, gerar discussões e até influenciar processos de definição de políticas públicas em uma sociedade” (Simões, 2022, p.75). Por outro lado, há também a possibilidade de esses sujeitos estimularem paixões tristes nas pessoas. Os elementos aqui desenvolvidos nos levam a indagar sobre como a violência e o próprio

discurso do medo, paixões tristes que são compartilhadas por uma coletividade e que funcionam como mantenedores do estado neoliberal em que estamos inseridos, atuam como ponto nodal e nos ajudam a refletir sobre a performance e o discurso ideológico construído por Vitor Valim.

4 DAS TELAS AO EXECUTIVO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Em uma análise de um objeto, a apreensão de elementos de forma separada obscurece a existência do todo e esse tipo de conhecimento promove um desconhecimento (Quéré, 1981). Acreditamos na potência da perspectiva relacional para a leitura de fenômenos por meio de um viés comunicacional, que considera a globalidade do processo comunicativo, sua natureza dinâmica e institutiva (Quéré, 2018). Nesse sentido, a comunicação

É muito mais que um esquema operacional de transmissão, mas prática instituinte, que propõe em cena a) interlocutores sujeitos de intervenção, reciprocamente referenciados; b) uma realização discursiva que ganha uma existência própria e assume papel de determinação; c) a constituição de um espaço comum, terreno de construção da intersubjetividade; d) as marcas de sua inserção em um contexto sócio-histórico (França, 2000, p. 19).

Sendo assim, a partir de uma perspectiva praxiológica, pensamos a comunicação como uma prática no mundo, ação revestida de sentido, empreendida por agentes humanos, que se desdobra em consequências. Compreendemos que não são as ideias que movem o mundo; são nossas práticas que nos fazem pensar, e o pensamento, por sua vez, se materializa em novas ações. O modelo praxiológico, que orienta nossa pesquisa, olha para a prática humana, que nunca é mecânica, que sempre está revestida de sentido e que traz uma reflexão. É a partir dessas bases, que tratam a comunicação como uma prática simbólica e que reforçam a necessidade de olhar o mundo, se sentir desafiados por ele, detectar o que nos inquieta e pensar a partir daí, que construímos nossos caminhos metodológicos. Assim, os nossos objetos acionam teorias que nos possibilitam refletir sobre eles, como espécies de ferramentas que ajudam a desenvolver nossa compreensão da realidade que nos cerca.

Acreditamos, então, que a realidade é móvel e complexa, portanto conhecê-la e refletir sobre ela é um desafio permanente. Nesta pesquisa, para alcançar o objetivo de compreender de que maneira o papel de comunicador e o papel de político de Vitor Valim se superpõem e quais características, formas de desempenho e perspectivas assumidas como profissional da mídia possibilitam/favorecem a sua inserção política, coletamos dados relativos à vida pública de Vitor Valim, traçamos algumas estratégias que nos guiaram nos nossos caminhos metodológicos.

O estudo de caso em questão ocorre a partir de coleta de dados em torno da atuação, discursos e imagem de Vitor Valim, principalmente por meio de vídeos disponíveis on-line, tanto em sites oficiais (da TV Cidade, Assembleia Legislativa do Ceará e Câmara dos

Deputados), extratos retirados das redes sociais pessoais de Vitor Valim (Instagram e Facebook), bem como vídeos disponibilizados em canais do YouTube, complementados por matérias em jornais locais do Ceará, tais quais Diário do Nordeste e O Povo, bem como nacionais de grande alcance, como Folha de S. Paulo e O Globo. Para chegar à delimitação do nosso corpus, fizemos uma linha do tempo com os principais eventos, desde a entrada do comunicador policial no Cidade 190, como apresentador do telejornal, até o seu rompimento com a extrema-direita do estado, em 2022, complementado por uma entrevista que concedeu ao Cidade 190 em 2023, quando já era prefeito de Caucaia, em atuação no meio do mandato.

Quadro 3 – Acontecimentos de Vitor Valim como comunicador

ANO	ACONTECIMENTOS/COMUNICADOR
2004	Inicia carreira no Cidade 190 como apresentador;
2008	Apresenta-se oficialmente como político no Cidade 190;
2014	Cidade 190 exhibe cenas de estupro contra criança;
2020	Sai oficialmente do Cidade 190 para assumir cargo de Prefeito de Caucaia.

Quadro 4 – Acontecimentos de Vitor Valim como político

ANO	ACONTECIMENTOS/POLÍTICO
2008	Elege-se Vereador de Fortaleza (PHS - 10.996 votos);
2012	Reelege-se Vereador de Fortaleza (PMDB - 29.952 votos);
2014	Elege-se Deputado Federal pelo Ceará (PMDB - 92.499 votos);
2018	Elege-se Deputado Estadual do Ceará (PROS - 63.642 votos);
2020	Elege-se Prefeito de Caucaia/CE (PROS - 51,08% dos votos).

Vitor Valim, como pontuamos anteriormente, iniciou sua carreira como comunicador no ano de 2004. Quatro anos depois, em 2008, o comunicador inicia sua carreira na política, sendo eleito vereador da cidade de Fortaleza. O ano de 2008 é, portanto, o momento em que há o início da carreira de Vitor Valim como comunicador-político, o começo da carreira nos dois campos em que atua, e marca também o início do corpus analisado nesta pesquisa.

A análise que desenvolvemos neste trabalho é dividida em dois grandes tópicos: Vitor Valim enquanto comunicador e Vitor Valim enquanto político. Enquanto comunicador, são consideradas as atuações de Vitor especificamente à frente do telejornal Cidade 190. Os dados são divididos em três momentos: momento 1 – vídeos que dão um panorama geral do comunicador, em que são observados acontecimentos relevantes de sua atuação à frente do Cidade 190; momento 2 – chamadas do Cidade 190 protagonizadas pelo comunicador em um período de dez anos; e momento 3 – vídeos de trechos do programa Cidade 190 em que há momentos de descontração em uma interação com colegas do programa em questão. O critério de seleção considerou a relevância da temática. A análise dos três momentos é seguida por um fechamento sobre os três momentos pesquisados.

No primeiro momento da análise de Vitor Valim como comunicador, traçamos um recorte temporal que tem início na primeira vez que se apresenta como comunicador-político no seio do programa, em 2008, quando é eleito vereador de Fortaleza, e se encerra quando se ele se despede oficialmente da apresentação do programa, em 2020, quando é eleito prefeito de Caucaia. Entre esse período de 12 anos de atuação simultânea nos dois campos de atividade, selecionamos três acontecimentos que consideramos importantes de serem analisados, para compreender a construção da imagem de comunicador de Vitor.

Além do vídeo de início e de fechamento, analisamos os comentários tecidos por Vitor em um programa de 2016, que teve como assunto central o estupro, seguido de morte, de uma criança do sexo feminino. O caso ocorre dois anos após o Cidade 190 e a TV Cidade serem apenadas por exibirem cenas de estupro de uma menina, em 2014 (que citamos anteriormente). Mesmo após esse caso, a temática continua a ser abordada pelo comunicador no seio do telejornal. Outro acontecimento selecionado ocorreu em 2016, quando Valim tece comentários em defesa de um motim da Polícia Militar que ocorre no Ceará e é apoiado pelo político Capitão Wagner. Na situação, protagonizou uma briga com o diretor do telejornal em questão, acusando-o de censura. O outro acontecimento selecionado trata de uma entrevista feita com o então pré-candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, em tom elogioso e em claro apoio ao político de extrema-direita.

Quadro 5 – Corpus de Vitor Valim como comunicador – Momento 1

ANO	EVENTO/COMUNICADOR	EMPIRIA
2008	Elege-se Vereador de Fortaleza;	Vídeo do comunicador sendo entrevistado por colegas de emissora após ser eleito Vereador de Fortaleza; Duração: 4 min.
2013	Briga com o diretor do Cidade 190 ao vivo após defender motim de policiais militares;	Vídeo de trecho do programa; Duração: 1 min. 10 seg.
2016	Tece comentários sobre estupro e morte de criança no Cidade 190;	Vídeo do programa completo, com comentários de Vitor Valim sobre o caso; Duração: 22 min.
2018	Entrevista exclusiva com o candidato Jair Bolsonaro no Cidade 190;	Vídeo da entrevista no Cidade 190; Duração: 10 min.
2020	Sai oficialmente do Cidade 190 após ser eleito prefeito de Caucaia;	Vídeo de despedida de Vitor Valim ao lado de colegas do telejornal. Duração: 15 min.

O segundo momento do corpus selecionado para análise de Vitor enquanto comunicador, diz respeito a um conjunto de vídeos em formato de chamadas, apresentadas ao longo de dez anos, na programação do Cidade 190, e protagonizadas pelo apresentador. Os vídeos foram exibidos entre 2008 e 2018 e tinham o objetivo de convocar o público, de outros horários e programas da TV Cidade, a assistir ao telejornal Cidade 190. Esse conjunto de dados representa a totalidade de produtos desse tipo de exibição com a presença de Vitor que localizamos na pesquisa exploratória a partir dos nomes “Cidade 190” e “Vitor Valim” no YouTube. Eles foram compilados e disponibilizados pelo canal da agência de publicidade Seara Brasil Publicidade⁷¹, responsável pela comunicação interna da emissora em questão, bem como pela primeira empresa de publicidade que atuou em campanhas políticas do comunicador (notadamente nas duas campanhas para vereador). Esse segundo momento da

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@searabrazilpublicidade1990/search?query=vitor%20valim>.

análise ajuda a compreender de que forma o comunicador convoca o público para assistir ao programa que apresenta, como faz a propaganda do telejornal que é “a sua cara”.

Quadro 6 – Corpus de Vitor Valim como comunicador – Momento 2

ANO	EVENTO/COMUNICADOR	EMPIRIA
2008-2018	Protagoniza chamadas do Cidade 190 na programação da TV Cidade num intervalo de dez anos.	Vídeos de nove chamadas protagonizadas por Vitor Valim entre os anos 2008 e 2018: <ul style="list-style-type: none"> ● Maio de 2008; Duração: 10 seg. ● Junho de 2009; Duração: 20 seg. ● Abril de 2011; Duração: 30 seg. ● Janeiro de 2012; Duração: 30 seg. ● Fevereiro de 2013; Duração: 30 seg. ● Novembro de 2016.1; Duração: 30 seg. ● Novembro de 2016.2; Duração: 31 seg. ● Maio de 2018; Duração: 30 seg. ● e novembro de 2018. Duração: 30 seg.

O terceiro momento do corpus buscou recuperar flashes de alguns momentos em que Vitor quebra, em certa medida, sua performance formal, mais séria, e se apresenta mais descontraído, com pitadas de humor em sua interação com outros atores do telejornal em questão. Selecionamos três momentos divulgados no Instagram de Vitor, nos últimos anos em que comandou o telejornal. Neles, podemos observar a forma como se porta em um diálogo com Luciana Ribeiro, conhecida por “garota merchandising”, responsável pela divulgação de produtos de patrocinadores do programa no telejornal. Além dela, também observamos a forma como interage com o também comunicador-político Evaldo Costa, substituto de Vitor Valim em suas ausências e uma espécie de segundo personagem do programa. Os dois sujeitos que interagem com Vitor são lembrados por apelidos e “brincadeiras” proferidas por parte de Vitor. Trazê-los para esta análise contribui para a compreensão da forma como se localiza no quadro discursivo, bem como convoca elementos que ajudam a construir seu perfil.

Quadro 7 – Corpus de Vitor Valim como comunicador – Momento 3

ANO	EVENTO/COMUNICADOR	EMPIRIA
2018	Interage de forma descontraída com a colega de apresentação do Cidade 190, Luciana Ribeiro;	“Que tiro foi esse?”: Vídeo de interação com Luciana Ribeiro no Cidade 190; Duração: 2 min. 38 seg.
2019	Interage de forma descontraída com o colega de apresentação do Cidade 190, Evaldo Costa;	“Vem, neném”: vídeo de interação com Evaldo Costa no Cidade 190; Duração: 1 min. 23 seg.
2020	Interage de forma descontraída com a colega de apresentação do Cidade 190, Luciana Ribeiro.	“Olha a cobra”: vídeo de interação com Luciana Ribeiro no Cidade 190. Duração: 30 seg.

O segundo ponto do corpus trata da atuação de Vitor Valim no campo da política. Nele, consideramos duas atividades centrais: as campanhas a que concorreu e a atuação nos cargos que ocupou. Seleccionamos um vídeo por ano analisado, seja de atuação como de campanha. Para tanto, consideramos os quatro cargos que ocupou em sua trajetória política até o presente momento. Ao todo, de 2008, sua estreia, até 2023, ano de conclusão desta pesquisa, elencamos quatro momentos: momento 1 – Vitor Valim enquanto vereador de Fortaleza; momento 2 – Vitor Valim enquanto Deputado Federal; momento 3 – Vitor Valim enquanto Deputado Estadual; e momento 3 – Vitor Valim enquanto Prefeito de Caucaia. Os momentos elencados são seguidos por um fechamento sobre a atuação política analisada.

No momento 1, analisamos um jingle de cada campanha para o cargo de vereador (eleição, em 2008, e reeleição, em 2012). O jingle da primeira campanha foi coletado em um canal do YouTube, em um perfil não oficial chamado “rensaff”⁷². Nesse espaço, encontramos também uma série de extratos de vídeos de merchandising de programas da TV Cidade antigos. O jingle da segunda campanha foi selecionado no canal do YouTube da empresa Seara Brasil Publicidade⁷³, responsável pela série de chamadas do Cidade 190 analisadas. Além deles, consideramos um vídeo para cada ano de atuação de Vitor em seu primeiro mandato. Esses vídeos de atuação na câmara municipal correspondem a totalidade do material de campanha para reeleição do político ao qual tivemos acesso, disponibilizadas on-line.

⁷² <https://www.youtube.com/@rensaff>

⁷³ <https://www.youtube.com/@searabrasilpublicidade1990>

Esses vídeos foram coletados também no canal do YouTube da Seara Brasil Publicidade. Em nossa pesquisa exploratória, não foi encontrado nenhum material referente aos dois anos de atuação de Vitor Valim como vereador reeleito, o que explica a ausência de análise desse período.

A partir do segundo momento da análise (Deputado Federal), o material empírico foi coletado nas próprias redes sociais de Vitor Valim, que passaram a compartilhar conteúdos de forma progressivamente mais intensa. O segundo momento, portanto, conta com vídeo disponibilizado no Facebook oficial de Valim e é um pedido de voto para Deputado Federal, ao lado de dois políticos tradicionais cearenses, que faziam parte da mesma coligação de Valim. Em relação à sua atuação como Deputado Federal, selecionamos quatro vídeos no Instagram dele, um por cada ano de mandato. No ano de 2015, selecionamos vídeo de Vitor votando a favor da redução da maioria penal; em 2016, analisamos um extrato de sua votação a favor da abertura do processo de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff; em 2017, consideramos o vídeo de Vitor Valim votando a favor da abertura de investigação de atos de corrupção de Michel Temer, à época, presidente do Brasil; e, em 2018, consideramos o vídeo de fala de Valim na Câmara Federal sobre o fenômeno das Fake News e desmentindo as supostas inverdades proferidas contra ele.

O momento 3 (deputado estadual) é composto por três vídeos, também disponibilizados no Instagram de Vitor Valim. O primeiro ilustra o jingle de sua campanha para Deputado Estadual. O segundo mostra o político na Assembleia Legislativa do Ceará falando sobre segurança pública, defendendo a instalação de bloqueadores em presídios do estado. Já em 2020, ano em que eclodiu a pandemia de Covid-19 no Brasil, analisamos um vídeo em que Vitor Valim aparece em um escritório particular falando sobre medidas protetivas contra o vírus e sobre atuações de combate à doença.

O momento 4 marca uma mudança no perfil político de Vitor, pois passa a concorrer a um cargo do executivo, diferente dos anteriores, que era do legislativo. Analisamos um vídeo que ilustra o jingle da campanha em questão, bem como três situações de sua atuação como prefeito, todos disponibilizados no seu Instagram. Ele se apresenta cada vez mais como um canal de comunicação com seu público. A primeira delas, em 2021, é uma espécie de programa de prestação de contas de sua atuação no município de Caucaia, divulgada em suas redes sociais. Em 2022, dois anos após a eleição para o executivo e já distante do programa que o fez conhecido entre seus eleitores, Vitor Valim rompe com a extrema-direita cearense e com o amigo Capitão Wagner, e passa a atuar ativamente na campanha da ala progressista do estado e do país, que culminou com a vitória dos candidatos do Partido dos Trabalhadores

(PT) Luís Inácio Lula da Silva (presidente), Camilo Santana (senador) e Elmano de Freitas (governador). Neste ano, analisamos um vídeo desse momento de campanha. Por último, e encerrando o corpus de Vitor Valim como político, analisamos uma entrevista concedida por ele como prefeito em meio de mandato para o telejornal do qual fez parte por 16 anos, o Cidade 190.

Quadro 8 – Corpus de Vitor Valim como político

CARGO/POLÍTICO	ANO/CAMPANHA	ANO/ATUAÇÃO
Vereador – Momento 1	<p>2008: Vídeo de Jingle da primeira campanha para vereador de Fortaleza; Duração: 2 min. 40 seg.</p> <p>2012: Vídeo de Jingle da segunda campanha para vereador de Fortaleza; Duração: 3 min. 39 seg.</p>	<p>2009: Vídeo na câmara dos vereadores com denúncia de superfaturamento de obras; Duração: 5 min.</p> <p>2010: Vídeo na câmara dos vereadores com denúncia de superfaturamento de obras; Duração: 5 min. 5 seg.</p> <p>2011: Vídeo na câmara dos vereadores com denúncia de más condições de um hospital municipal; Duração: 1 min. 40 seg.</p> <p>2012: Vídeo na câmara dos vereadores com denúncias variadas com foco no transporte público; Duração: 1 min. 50 seg.</p>
Deputado Federal – Momento 2	<p>2014: Vídeo de Vitor pedindo voto ao lado de políticos da coligação de que participava; Duração: 30 seg.</p>	<p>2015: Vídeo na Câmara Federal de voto a favor da diminuição da maioria penal; Duração: 9 seg.</p> <p>2016: Vídeo na Câmara Federal de voto a favor da</p>

CARGO/POLÍTICO	ANO/CAMPANHA	ANO/ATUAÇÃO
		<p>instauração do processo de Impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff; Duração: 31 seg. 2017: Vídeo na Câmara Federal de voto a favor da abertura de investigação contra o presidente Michel Temer; Duração: 20 seg. 2018: Vídeo na Câmara Federal desmentindo supostas Fake News difundidas sobre sua atuação como deputado federal; Duração: 54 seg.</p>
Deputado Estadual – Momento 3	2018: Vídeo de Jingle da campanha para Deputado Estadual do Ceará; Duração: 58 seg.	2019: Vídeo na Assembleia Legislativa do Ceará em que fala sobre questões de segurança pública no estado; Duração: 41 seg. 2020: Vídeo em um escritório particular sobre ações contra a pandemia da Covid-19; Duração: 51 seg.
Prefeito – Momento 4	2020: Vídeo de Jingle da campanha para Prefeito de Caucaia. Duração: 1 min.	2021: Vídeo de divulgação de atuação na prefeitura de Caucaia; Duração: 1 min. 41 seg. 2022: Vídeo de campanha para candidaturas do Partido

CARGO/POLÍTICO	ANO/CAMPANHA	ANO/ATUAÇÃO
		dos Trabalhadores (Governo, Senado e Presidência); Duração: 2 min. 38 seg. 2023: Vídeo de entrevista ao Cidade 190 como prefeito em meio de mandato. Duração: 6 min.

Ao todo, analisamos 17 vídeos de Vitor Valim atuando como comunicador e 18 vídeos de Vitor Valim atuando como político.

4.1 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Apresentada a composição do corpus, recorreremos a França (2017, p. 72) quando afirma que “[...] a reflexão metodológica é indissociável da reflexão teórica e da maneira como ela incide sobre o objeto empírico; a metodologia é um desdobramento natural da problematização do objeto, é resultado da operacionalização dos conceitos norteadores”.

Nesta pesquisa, propomos considerar conceitos desenvolvidos como operadores de análise. São considerados aspectos relativos aos papéis sociais, valores e performance do comunicador-político Vitor Valim, bem como a identificação e o desejo funcionando como possível ponto nodal de reforço de uma ideologia neoliberal.

Propomos fazer uma análise da performance (Goffman, 2014) e dos discursos (Foucault, 2008; Pêcheux, 1995; Grigoletto, 2007), das interações e interlocuções de Vitor Valim nos dois lugares específicos delimitados no corpus, que evidenciam os papéis assumidos: no Cidade 190, o papel do comunicador; na Assembleia Legislativa do Ceará e na Câmara dos Deputados, e demais palcos político-institucionais, o papel do político.

Na Análise da Performance, pensamos em uma espécie de representação de papéis, de desempenho. Nela, consideramos a influência recíproca que os indivíduos têm sobre as ações uns dos outros, em que o sujeito procura apresentar a si mesmo, dar informação de si próprio e captar informações do outro com quem interage, em vários tipos de contextos possíveis. Isso pode ocorrer inclusive em interações a distância, em que as pessoas se dão a ver,

apresentando-se de uma determinada maneira, tentando criar um acolhimento, uma compreensão por parte do outro. Na pesquisa desenvolvida, são considerados elementos como o desempenho do sujeito em questão – desde a postura (gestos, vestuário) que assume até a forma como se apresenta, incluindo uso de vocabulário, jargões e relação com outras pessoas.

Na perspectiva da Análise do Discurso, consideramos o texto, os enunciados, assim como as nuances em torno deles, tais como a situação e o contexto social dos sujeitos envolvidos nelas. A materialidade discursiva é pensada em conjunto com a compreensão de quem está dizendo algo, para quem, entre outros aspectos relacionados a esse processo, convocando também elementos extraverbais. Esse movimento permite refletir sobre os posicionamentos dos sujeitos envolvidos diante do discurso apresentado, combinando técnicas de análise de conteúdo e análise do discurso, considerando as temáticas desenvolvidas, seu posicionamento (lugar de fala e posicionamento do interlocutor) e os valores que defende.

As análises são sistematizadas em quadros analíticos, que foram intercalados num processo de análise comparada dos dois momentos estudados, com o intuito de verificar possíveis mudanças e adaptações de comportamento por parte de Vitor Valim, bem como as suas possíveis superposições. A grade analítica em questão se configura da seguinte forma:

Quadro 9 – Grade analítica

Como se situa no lugar social?	<ul style="list-style-type: none"> ● Que lugar social ocupa? ● Como se apresenta e fala de si? ● Para quem fala e como projeta aquele com quem fala?
Como se localiza no quadro discursivo?	<ul style="list-style-type: none"> ● Que linguagem usa para materializar sua posição discursiva? ● Que temática aborda? ● O que defende? ● O que combate?
Quais elementos técnicos são utilizados?	<ul style="list-style-type: none"> ● Quais efeitos visuais e sonoros são utilizados? ● Quais são as características do formato do produto?

De que maneira está dentro das temáticas que aborda?	<ul style="list-style-type: none">• Como faz referência a comunicação e/ou a comunicadores?• Como faz referência a política e/ou políticos?
Quais elementos emotivos são convocados em seu discurso?	<ul style="list-style-type: none">• Que emoções pode suscitar?• Como as paixões tristes e/ou felizes podem ser estimuladas por meio de suas falas?

5 VITOR VALIM, O COMUNICADOR

Na primeira parte da análise do comunicador-político Vitor Valim, consideramos vídeos de Vitor à frente do telejornal policial Cidade 190, em conteúdos exibidos na TV Cidade e repostados em alguma rede social, a partir do momento em que entra para a carreira política, em 2008, até o momento que sai do Cidade 190, em 2020. O conjunto dos dados está dividido de forma que contempla três momentos: um principal, composto por cinco vídeos de situações significativas do comunicador, que conta do início de sua carreira na política até sua saída do programa para assumir o cargo no executivo; um segundo, composto por um conjunto de nove chamadas do Cidade 190 protagonizadas por Vitor, compreendendo o período de dez anos (2008-2018), desde o ano do início do seu primeiro mandato de vereador até o ano do final de sua atuação como Deputado Federal; e um terceiro, composto por três vídeos que apresentam o comunicador em momentos mais descontraídos, quebrando o seu estilo congelado com a introdução de pitadas de humor, nos anos de 2018, 2019 e 2020, representando uma versão que pode visar a uma certa comicidade do público. São interações com a chamada “garota do *merchandising*”, Luciana Ribeiro, e com o colega de apresentação e também comunicador-político, Evaldo Costa.

5.1 MOMENTO 1 – UM PANORAMA DO APRESENTADOR

5.1.1 2008 – Entrevista a Vitor Valim recém-eleito vereador

O vídeo⁷⁴ tem duração de quatro minutos e consiste em uma entrevista a Vitor Valim no seu retorno ao Cidade 190 após ser eleito vereador pela primeira vez, em 2008. Ele é dividido em duas partes e começa com uma interação entre dois programas da TV Cidade, o Esporte Cidade e o Cidade 190, comumente apresentado em sequência. A primeira delas ocorreu nos estúdios do programa Esporte Cidade. O apresentador, cujo nome não é divulgado, aparece em pé, ao lado de uma televisão que exibe o nome do programa, em frente de um fundo de madeira. O comunicador é um homem jovem branco, que usa um tom alegre e sorri bastante. Ele possui o porte atlético e veste roupa e acessórios despojados.

⁷⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=5yy5-huYolY>

Figura 4 – Interação entre o apresentador do Esporte Cidade e Vitor Valim



Quando Vitor Valim é citado, o nome do programa exibido na televisão dá lugar a imagem de Edson Silva, que também apresenta o telejornal Cidade 190, de braços cruzados, ocupando a tela inteira. Na sequência, Vitor Valim também é exibido pela televisão do Esporte Cidade. Os apresentadores dos dois programas interagem, por meio da televisão, a ponto de o primeiro dar as costas para a câmera que o filma, para o público, e falar “diretamente” com o vereador recém-eleito.

A interação entre os dois programas traz o apresentador do Esporte Cidade fazendo referência ao estúdio do Cidade 190 como um espaço físico em que está o “quinto vereador mais bem votado de Fortaleza”. O apresentador do Esporte Cidade frisa os expressivos números que Vitor Valim conquistou nas eleições, de 10.996 votos, e elogia o que chama de “telespectador e eleitor”, por reconhecer a credibilidade e a seriedade dos profissionais que trabalham na emissora TV Cidade.

Ele pede licença a Edson Silva e se dirige diretamente a Vitor, dando início a uma espécie de entrevista com o comunicador, “que volta ao programa eleito, nos braços do povo”. É interessante observar a postura do entrevistador, que coloca Edson Silva como uma espécie de anfitrião do novo lugar ocupado por Vitor Valim.

Edson Silva já era, em 2008, um tradicional comunicador-político oriundo do telejornal policial cearense. Quando filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), ele foi Deputado Estadual, em 1987; candidato a prefeito de Fortaleza, em 1988; Deputado Federal, em 1991, quando votou pelo impeachment de Fernando Collor; e Deputado Federal efetivado, após ser suplente, em 1995. Em 2008, estava atuando novamente como Deputado Estadual do Ceará, eleito em 2006, dessa vez, pelo Partido da Frente Liberal (PFL)⁷⁵. Nesse momento, Edson estava à frente da apresentação do Cidade 190.

A segunda parte do vídeo começa quando a imagem do estúdio do programa de esportes dá espaço ao estúdio do telejornal policial, momento em que Edson Silva assume a

⁷⁵ Em 2010, foi eleito novamente Deputado Federal, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, em 2014, não conseguiu se reeleger para o cargo, que concorreu pelo Partido Republicano da Ordem Social (PROS).

entrevista a Vitor Valim. O estúdio do Cidade 190 chama atenção por ser composto por paredes vermelhas e por grades que fazem referência a uma prisão. Por trás das grades, estão imagens de pessoas em preto e branco. Os dois comunicadores-políticos aparecem lado a lado. Ambos trajam ternos de corte reto. Miguel Dias é um homem branco, idoso. Usa um terno cinza escuro, camisa branca e gravata preta e branca. Os cabelos brancos e ralos são curtos e a feição que esboça é rígida e séria. Vitor Valim aparece com um microfone na mão (provavelmente não está usando lapela para ter a voz captada com qualidade), veste terno preto, camisa branca, relógio discreto sob o punho do terno e óculos clássicos, sem armação visível. Os cabelos pretos lisos estão bem cortados, penteados para o lado com gel.

Figura 5 – Interação entre comunicadores-políticos: Edson Silva e Vitor Valim



Chama atenção a forma como, assim que assume a palavra, Vitor Valim passa a ditar o ritmo da entrevista, como se ele fosse o seu próprio entrevistador. Aceita prontamente os enaltecimentos que recebe e retribui com alguns elogios ao programa de esportes em questão. Sem responder exatamente à pergunta feita a ele, sobre a sensação de voltar ao programa “sendo o único vereador da televisão que entrou aí [na política] e agora vai trabalhar na *câmara*”⁷⁶, faz um discurso que se assemelha a um de posse, um grande agradecimento seguido de algumas promessas.

Agradece primeiramente a Deus e, na sequência, ao povo de Fortaleza, aos seus colaboradores e, por fim, ao presidente do Grupo Cidade de Comunicação e seu ex-sogro, Miguel Dias, a quem dirige a maior parte de sua fala. Ressaltando a suposta liberdade e “independência jornalística” que o empresário proporciona aos funcionários de sua empresa: “tem que dar todo o mérito *pra* ele, porque ele deixa os jornalistas, você, eu... qualquer jornalista da TV Cidade livre *pra* falar o que quer, *pra* dizer o que pensa em prol da

⁷⁶ É interessante observar o erro cometido pelo apresentador que confunde a palavra Câmara (em referência a Câmara Municipal de Fortaleza, local onde os vereadores da cidade trabalham), com câmera, local em frente ao qual os comunicadores de televisão trabalham.

população”. Miguel Dias é colocado como alguém responsável por todo o mérito da construção de Vitor, como um tipo de comunicador e, na sequência, de político específico.

Continua o elogio parabenizando o ex-sogro por permitir-lhe “dizer o que pensa em prol da população”. No seguimento do longo elogio, fala sobre ele próprio na terceira pessoa, o que dá a sensação de que tenta separar o seu papel de comunicador do seu papel de político, embora esteja utilizando esses dois lugares sociais ao mesmo tempo: “Vitor Valim teve essa expressiva votação, porque o presidente do Cidade deixa aqui, tanto eu, quanto o Edson Silva, falar, falar em defesa de vocês que estão em casa”. E conclui a primeira parte desse comentário compartilhando, de forma confusa, a vitória com o sogro: “parabéns, Miguel Dias, essa vitória também é minha e é sua por essa liberdade que o senhor nos deu”. O uso do “também” de forma trocada, nesse caso, o coloca quase em segundo plano na própria vitória eleitoral que alcançou, o que é curioso, pois reforça a estrutura familiar que mescla política institucional e interesses de empresas comunicacionais, em um paralelismo político. A vitória não parece ser de Vitor Valim, mas do Grupo TV Cidade de comunicação e de seus interesses.

Vitor Valim, portanto, nesse movimento confuso de entrevistar a si próprio, não responde o que foi perguntado, e faz um encadeamento de reprodução de falas baseadas em frases de efeito que aparentam já terem sido amplamente reproduzidas e/ou planejadas. Apesar da sua eloquência e familiaridade frente às câmeras, fala como se ainda estivesse em cima de um palanque de campanha. Embora tenha sido convocado como alguém que volta para a televisão nos “braços do povo” que o reconhece, não mais apenas como comunicador, mas também como político, Vitor fala da “oportunidade de ingressar na vida pública”, ao se referir ao ingresso no parlamento municipal. É interessante observar que ele fala de si como alguém que, só após a vitória nas eleições, ingressa nesse espaço, que caracteriza como vida pública, como se já não fosse conhecido e reconhecido pelo trabalho que exercia na televisão aberta. A sensação que fica é que há um desejo de separar o comunicador do político, ao passo que ele mesmo conduz a sua própria entrevista para se apresentar como político. De maneira embaralhada, apresenta-se, ressaltando suas supostas características.

Ele se exhibe como alguém agregador, que quer fazer o bem não só para aqueles que votaram nele, para moradores de bairros específicos, e sim para todos os habitantes de Fortaleza. Essa característica é apresentada como necessária para a manutenção do poder, revelando um desejo de permanência no espaço que passa a ocupar. O atributo de servir a esse “povo” genérico é apresentado como algo intrínseco, inevitável, como uma particularidade forte de alguém que é bom, que faz o bem: “esse sentimento *tá* imbuído no meu coração, de

fazer o bem”. Nesse ponto, ele não só se apresenta como um homem bom, mas como um pai bom, que quer fazer bem não apenas para os seus familiares: “O que eu quero de bem *pros* meus filhos, eu vou procurar de bem *pro* filho de vocês.”. Vitor coloca-se como um pai bondoso que quer cuidar do povo e dos filhos do povo como se fossem seus. E, nessa toada, introduz a questão das drogas, colocando-as como um inimigo inanimado, porém forte e perigoso, a ser combatido por um pai amoroso, duro, sério e severo. As drogas aparecem como um monstro poderoso e ele, como um homem forte, abençoado por Deus, capaz de continuar a combatê-lo em um novo espaço, na política.

Apesar do esforço frustrado de, de alguma forma, separar os dois lugares que passa a ocupar, o lugar duplo é evidenciado, quando fala da continuidade de uma missão que teve início no telejornal policial e que agora ganha outros moldes, mais completos: “continuaremos lutando pela população de Fortaleza, por esses menos favorecidos”. Essa fala é interessante, porque ele não traz exatamente seu eleitor e seu telespectador como esse sujeito “menos favorecido” a que faz referência. Esse sujeito “menos favorecido” é quase como um outro grupo, frágil, que precisa ser protegido. Os seus aliados, aqueles que o assistem na televisão e votam nele para vereador, que confiam no trabalho que desenvolve, são apresentados como sujeitos sensíveis às questões sociais. O “telespectador e eleitor” de Vitor Valim não é exposto como um sujeito “menos favorecido”, mas como alguém inteligente e comprometido, capaz de ajudar, contribuir com a missão de Vitor Valim, exaltando-o.

Vitor Valim usa uma linguagem culta para se comunicar. Fala de forma nítida, sem cometer grandes erros de concordância, usando até palavras ou expressões rebuscadas, como “imbuído”, “leviano” e “em prol da”. Usa também termos técnicos, como “reabilitação de usuários de droga”. Ao mesmo tempo, também traz um tom coloquial ao se referir à sua militância, aos seus colaboradores, citando apelidos, como “Tiú, Tico...”. Por outro lado, demonstra tratamento especial quando fala de Miguel Dias, o único a quem chama de “senhor”. Há, portanto, uma forma diferente de tratar quem considera seus pares, seus superiores e seus inferiores. Entre “senhor”, “povo” e sujeitos “menos favorecidos”, há algumas “categorias” de pessoas que são tratadas de forma distinta, como seguindo uma ordem de importância e prioridade.

Quando questionado por Edson Silva sobre o que está “na ponta da língua para o primeiro pronunciamento”, não utiliza a mesma expressão coloquial do colega para lhe responder. Afirma que: “O primeiro pronunciamento, Edson, é o seguinte...”, e emenda uma questão relativa à verba destinada à coleta de lixo da cidade, em comparação com os

investimentos feitos no Hospital Instituto Doutor José Frota (IJF), um dos maiores de Fortaleza, integrado ao Sistema Único de Saúde. Na sequência, entretanto, faz colocações de impacto com uma linguagem mais direta, menos rebuscada, ao afirmar que “*tá* sendo gasto mais com o lixo do que com a gente, Edson, com o ser humano”. Fala que o hospital em questão tem um “corredor da morte” e que “essa luta continua”, em referência ao trabalho que fazia no Cidade 190 e vai fazer como vereador de Fortaleza. É interessante o uso emotivo que faz dessa situação, comparando a importância das pessoas com lixo. Por fim, para encerrar a sua fala, agradeceu a “força” dada por Edson Silva, algo necessário para travar uma batalha.

Ele fala de uma espécie de inauguração de um novo espaço, como se só agora fosse uma figura conhecida, negando toda a visibilidade que o trabalho de apresentador de telejornal proporciona. Apesar disso, apresenta-se ocupando dois lugares sociais, como vereador recém-eleito em primeiro mandato e também como apresentador do Telejornal Cidade 190, que volta ao exercício, após se afastar da função para disputar as eleições. A comunicação e a política são localizadas como espaços de luta contra um mal que ele exemplifica como sendo as drogas ou o mal gerenciamento do dinheiro público. Os comunicadores e os políticos são apontados como sujeitos a serviço do povo, responsáveis por combater o mal. É interessante observar que Vitor Valim se coloca como o líder de uma “militância”, de “colaboradores”, do “povo”, quase como se formassem um exército.

Esse suposto exército, criado e convocado reiteradas vezes em um tom de proximidade, é estimulado a ter uma indignação pela situação da cidade de Fortaleza. Como pontuamos, quando Vitor afirma que o mesmo investimento dado à coleta de lixo que supostamente não é feita de maneira eficaz, é dado a um dos maiores hospitais da cidade e reforça a sua fama de possuir um “corredor da morte”, pode gerar uma comoção. Afirmar de maneira enfática que pessoas estão sendo menos valorizadas que lixo pode gerar um sentimento de indignação de potencial mobilizador muito forte. Trazer essas questões à tona, questões semelhantes às abordadas no telejornal policial Cidade 190, já como vereador, reforça a ideia de que o discurso de Vitor não muda após o ingresso na vida política, ou na “vida pública”, como ele caracteriza.

Não há, nesse vídeo, o uso de elementos sonoros, o que deixa o tom ainda mais rígido e formal. A rigidez dos comunicadores é reforçada ainda mais quando Vitor, em tom de agradecimento, toca o ombro de Edson, que não esboça reação significativa. Os movimentos de Vitor restringem-se ao seu braço direito, utilizado para pontuar o que fala, ou a pequenas inclinações direcionadas ao colega. Edson fica praticamente imóvel, com os braços atrás do corpo. A postura do anfitrião só muda quando ele traz os braços para frente, alisando o terno,

em um movimento que mostra uma certa impaciência, ou um desejo de falar. Ele permanece assim durante algum tempo, até que faz um comentário pontual e, ao fim, aperta a mão de Vitor e segue com a apresentação do Cidade 190.

5.1.2 2013 – Briga com o diretor do Cidade 190

O vídeo⁷⁷ em questão data de 2013 e é um trecho de, aproximadamente, um minuto de Vitor Valim à frente do telejornal Cidade 190. No trecho, o comunicador começa a anunciar uma matéria a ser exibida, sobre um protesto de esposas de policiais militares do Ceará contra o Governo do Estado⁷⁸. A aparente revolta, que marca a fala de Vitor, chama atenção para o motivo do protesto, incitado por retaliações feitas pelo então governador, Cid Gomes, contra processos de amotinamento de policiais militares em 2012. Vale lembrar que a formação de motim é ilegal e que o então vereador de Fortaleza e parceiro histórico de Vitor, conhecido por Capitão Wagner, foi um dos líderes do crime. Wagner estava presente na manifestação em questão e protagonizou uma acalorada discussão com Cid Gomes.

No vídeo, Vitor aparece bastante exaltado e demonstra estar chateado com a situação vivenciada pelas “mulheres, esposas de policiais militares”. Começa o comentário, ressaltando que nada poderia o impedir de falar o que desejasse: “Aqui não é ano de eleição, então eu posso falar com a maior naturalidade”, dando a entender que apenas regras eleitorais poderiam impedi-lo de falar o que quer, o que também pode ser interpretado como uma crítica às regras eleitorais. A fala, entretanto, logo é interrompida: “o que é que *tá* havendo? Não posso falar, não? *Tô* sendo censurado?”. A pergunta, na verdade, soa como retórica e a postura que assume é de nítida insatisfação, expressa em sua linguagem corporal: coloca dedo em riste, em posição de dúvida, movimenta a cabeça de forma provocativa, faz caretas e dirige o olhar para a equipe de produção do programa.

⁷⁷ <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=mn3UlkFo5ws>.

⁷⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/05/esposas-de-pms-impedem-saida-de-batalhao-para-classico-rei-no-ceara.html>.

Figura 6 – Vitor Valim demonstra irritação com suposta censura do Cidade 190



Quem assiste pode ficar curioso, angustiado, apreensivo e indignado, e tem a sensação de estar presenciando uma grave discussão, em que Vitor luta contra forças que querem ocultar informações da sociedade. O apresentador mostra-se como alguém cerceado e coagido, evidenciado por momentos em que olha de lado para câmera, como se estivesse conferindo que estava sendo visto. Ele se mostra profundamente insatisfeito, e, ainda assim, insiste em seu aparente objetivo de combater injustiças. A postura de lutador é contrastada com a fala de que é um funcionário que não tem, naquele lugar, a possibilidade de fazer o que quer e precisa: “olha, aqui eu sou funcionário, não sou dono. Meu diretor, aqui, é quem manda. *Tô* censurado aqui de mostrar a próxima matéria”.

A culpa de não trazer uma informação relevante à população é colocada no diretor do Cidade 190, contra quem Vitor supostamente não tem armas para lutar naquele ambiente. Apesar de se remeter, essencialmente, à equipe do Cidade 190, Vitor fala para quem o assiste e, sobretudo, para a comunidade militar, prestando apoio e solidariedade a uma categoria exaltada e injustiçada.

Apesar de afirmar que não tem a força do dono da emissora, continua pressionando diretamente o diretor do Cidade 190: “e aí, ô, diretor, posso falar ou não posso?”. A palavra “censura” é utilizada ao longo de todo o comentário, diversas vezes, evidenciando que Vitor tem dimensão do peso que ela pode ter para o jornalismo e para empresas jornalísticas. Ele, então, se coloca como um comunicador que é impedido de desenvolver seu trabalho de forma imparcial, mas que não se curva diante das pressões impostas, que continua firme na batalha de informar a sociedade. Reforça essa imagem de que está recebendo ordens externas, quando aponta para o fone que tem no ouvido direito, uma espécie de fone de ouvido em que é possível ouvir instruções da produção do programa.

Figura 7 – Vitor Valim irritado com o diretor do Cidade 190



Além de jornalista censurado que luta contra o sistema opressor, Valim se apresenta como filho de policial e profundo conhecedor da situação desses trabalhadores e afirma: “sou filho de policial, então, meu irmão, entendo muito bem o que passa a família de um policial, então eu presto toda a minha solidariedade”. Essa posição de respeito pelo pai e pelos policiais militares é reforçada quando fala do amigo Capitão Wagner. Em tom de indignação, Valim comenta que “teve confusão com o capitão Wagner, né? Ele foi ameaçado de ser preso”. Em resposta à constatação de injustiça, diante do que ocorreu com o capitão Wagner, Valim presta solidariedade por meio de um gesto de continência, remetendo-se à uma imitação de uma ação policial. Valim faz a tradicional saudação militar, como se ele fosse policial militar e Wagner, seu camarada ou superior.

Figura 8 – Vitor Valim faz gestos de apoio e continência a Capitão Wagner



Apesar do comentário de Vitor ser marcado por uma desavença com a produção do programa, bem como seus gestos e falas serem essencialmente enérgicos e demonstrarem irritação, o apresentador não se desarruma, não perde a imagem de “engomadinho” que possui. Os cabelos continuam penteados, o terno clássico está sempre abotoado, a gravata larga de um azul aberto não se move, bem como sua postura, mantida sempre ereta. Mesmo na exaltação, Vitor preza por manter sua aparência irretocável. Tons de preto, branco e azul

que ele faz uso contrastam com o cenário essencialmente vermelho escuro, que remete a sangue, com grades cinzas na horizontal. O cenário não remete apenas a sangue ou a grades, mas também transmite uma sensação de movimento, de agilidade, como se fizesse referência a uma perseguição policial, fuga e morte.

O uso da trilha sonora chama especial atenção, pois aumenta a sensação de tensão que a fala de denúncia de Vitor já possui, o que abre brecha para o questionamento sobre a veracidade do embate protagonizado ao vivo. Ora, se Vitor está brigando com a produção do programa, por que a própria produção adiciona uma camada de tensão ao articular a fala do apresentador com uma música de ação? Esse ponto faz-nos questionar para quem, de fato, a acusação de “censura” é direcionada, se é, como o comunicador apresenta em um primeiro nível, ao diretor do Cidade 190, ou para alguém do poder público que poderia, eventualmente, punir o programa se a matéria em questão fosse ao ar. Essa suspeita ganha corpo, quando Vitor parece tentar negociar com a equipe a exibição da matéria, e também quando cita que o capitão Wagner foi ameaçado de ser preso.

Vitor encerra o comentário dando a entender que ocupa um terceiro lugar social, além de comunicador e de filho de policial militar. Falando diretamente a Capitão Wagner, reitera: “Estamos juntos, meu irmão” e, em uma espécie de promessa, afirma: “Aqui, eu não posso não, mas tem outro canto que eu posso”. Que outro lugar seria esse? Em 2013, Vitor Valim estava em seu segundo mandato de Vereador de Fortaleza, na bancada de oposição ao governo do Estado. Esse outro lugar em que não pode ser censurado pode ser o de político eleito, onde possui outros tipos de poder para lutar pelas pautas que, historicamente, defende, como aquelas caras aos policiais militares.

5.1.3 2016 – Comentários sobre violência sexual e feminicídio contra criança

No dia 21 de setembro de 2016, uma criança de oito anos de idade do sexo feminino foi dada como desaparecida pela família em uma cidade da região metropolitana de Fortaleza, Ceará. Após três dias de investigação policial, uma equipe da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) encontrou a criança morta, em uma cacimba no sítio vizinho da casa em que ela morava. No mesmo dia, o caseiro do sítio em questão foi preso em flagrante, acusado de estuprar e matar a criança. Em depoimento, o homem em questão assumiu o crime e em 27 de setembro de 2016, foi decretada sua prisão preventiva.

Desde o desaparecimento da menina, diversas instituições de comunicação do estado do Ceará noticiaram o caso, nas mídias impressas, televisivas, radiofônicas e on-line. Um

destaque especial ao caso foi dado pelos programas policiais televisivos, especialmente o Cidade 190, Barra Pesada e Rota 22. Nos três programas mencionados, o caso da menina foi tratado com grande destaque, tanto em matérias quanto em comentários realizados pelos apresentadores dos programas, no dia 26 de setembro de 2016.

O Cidade 190, neste caso específico, tratou o caso em um programa que foi apresentado ao vivo, durou 1 hora 25 minutos e 29 segundos e dedicou 50 minutos exclusivamente para abordar o caso. Desses 50min, dividido entre comentários e matérias, 22 minutos foram dedicados apenas para comentários de Vitor Valim. Trata-se de uma prática cotidiana de Vitor Valim no comando do Cidade 190, que apresenta e comenta as matérias exibidas, ditando o ritmo do telejornal como um todo. Chama atenção o fato de que o caso ocorre dois anos após a exibição de cenas de estupro de uma criança, acontecimento que marcou o programa.

Como é comum ao apresentador, inicia o programa com seu bordão, afirma que mostra “a vida real como ela é, doa a quem doer” e pede a proteção de Deus e a licença para “entrar” na casa do telespectador, em um tom de conversa respeitosa, que busca travar com quem o assiste. Essa característica é relevante, pois percorre toda a fala de Vitor, que se coloca como se estivesse conversando e mostrando a vida real para aquelas pessoas que precisam ser alertadas, que precisam saber o que, de fato, acontece onde vivem. Vitor é, então, uma espécie de amigo mensageiro elucidativo, onisciente da situação real, que muitos “poderosos” buscam acobertar.

O cenário do programa é sóbrio, composto por elementos retilíneos e geométricos – sobretudo cubos e retângulos. As cores claras, branco e azul, entram em contraste apenas com o vermelho da logo do programa, exibido nas três televisões suspensas na parede, que projetam elementos utilizados durante os comentários feitos pelo mediador do Cidade 190, fotos, trechos de matérias, entre outros. Por trás do apresentador, barreiras de vidro fosco como se fossem janelas entreabertas, que remetem, mesmo que de forma não explícita, à imagem de grades; por trás dessas estruturas, observamos uma paisagem predominantemente verde, como o topo de uma floresta ou parque, um céu azul com poucas nuvens e muitos prédios ao fundo. Parece ser uma fotografia, uma cena possível de ser apreendida por quem está na parte de dentro da estrutura. O conjunto desses elementos, assim dispostos, por mais que sejam sóbrios, remete facilmente à imagem de uma cadeia, à vista que aparece através das grades de um presídio.

A trilha sonora é um elemento que chama muita atenção pela sincronia e pelo protagonismo que assume ao longo de toda a fala de Vitor Valim. Antes de começar a falar

sobre o caso em questão, o apresentador tece um comentário sobre as chamadas das matérias apresentadas ao longo do programa. Aborda o caso de jovens infratores, acompanhado por trilha sonora alta, energética. Vitor movimentava-se, aparentemente muito à vontade, pelo estúdio do programa. Caminha até um púlpito no qual se apoia e vai, algumas vezes, em direção a uma televisão que exibe imagens, de acordo com o que fala e à medida que o apresentador solicita. Faz bastante uso dos braços para pontuar, de forma conjunta à trilha sonora, os elementos que quer enfatizar no que diz. Apesar de ser um programa exibido ao vivo, a equipe técnica, responsável por alinhar os elementos sonoros e visuais que compõem o discurso improvisado de Vitor, é bastante afinada e chama atenção pela sincronia apurada, o que demonstra que os profissionais estão acostumados a trabalhar juntos.

Quando começa a falar sobre o caso de violência sexual, a trilha sonora muda de tom, fica suave, melancólica, assim como o tom de voz e as feições do apresentador: “Olha, perante a tamanha injustiça, me falta até palavras”. A pausa, o silêncio momentâneo do apresentador é palco para a música melancólica, de piano. O tom da música muda, fica mais forte, quando o tom do apresentador também aumenta, no momento em que começa a falar sobre o suposto agressor.

Figura 9 – Reações de Vitor Valim às cenas exibidas no Cidade 190



A sequência de movimentos do mediador é simbólica – começa de punho e boca cerrados, passa para uma postura cabisbaixa, levantando as duas sobrancelhas e franzindo a testa, em sinal de tristeza e reprovação. A fala é intercalada por frequentes e sonoros suspiros, enquanto os olhos ficam entreabertos, em uma expressão que remete a uma insatisfação. A forma como Vitor Valim se apresenta é, portanto, como alguém sensível a questões delicadas, indignado com as leis vigentes, consideradas pouco severas, ou com a falta de aplicação delas, como o público que o vê: “nesse momento todos nós comungamos do mesmo sentimento, de querer que homens, monstros, como esse, fiquem presos, sejam punidos”.

Esse suposto sentimento de indignação compartilhado é apresentado por Vitor, associado a escolhas políticas, como fator importante para a escolha de candidatos a cargos do executivo e legislativo: “Por isso a importância, meu amigo, na hora do seu voto”. O tema do voto é retomado reiteradas vezes. Primeiro, de forma mais transversal e, na sequência, de forma mais específica, intercalando a narração emocionada dos crimes que apresenta com a temática das eleições: “Como eu estava dizendo... A importância do voto! Porque não adianta a sociedade pensar de um jeito e votar em quem pensa diferente”. Ele usa ainda a estratégia de imitar supostas falas de políticos a que chama de “burrocratas”, ironizando posturas que defendem práticas de preservação e promoção de direitos humanos, por exemplo.

Vitor busca, em sua fala emocionada, quase teatral, convencer que os crimes são provenientes de uma punição branda por parte do Estado aos criminosos, de políticos que “chegam lá em Brasília e só gostam de passar a mão na cabeça de bandido”. Em contraponto aos políticos que denuncia, Valim se coloca como um sujeito sóbrio para denunciar e combater os crimes que apresenta. Esse tom sóbrio e sério, apesar da comoção e indignação com os crimes, é evidenciado também pelas vestimentas que usa. Vitor Valim aparece trajando um terno de corte clássico preto, por cima de uma camisa branca e de uma gravata cinza, estampada com traços retos em outros tons de cinza. Usa óculos sem armação, bem como o seu tradicional penteado, com cabelos bem repartidos e brilhantes pelo uso de gel fixador. Na mão, porta aliança e, no pulso, um relógio, o que ajuda a construir uma imagem de um sujeito sério e comprometido.

A linguagem que Vitor Valim usa mescla elementos coloquiais (como o uso do adjetivo “burrocratas”, do vocativo “meu amigo” ou de expressões como “passar a mão na cabeça” ou “tara”) e formais (uso adequado das regras da língua portuguesa ou de palavras rebuscadas como “integridade” ou “reiteradamente”), evidenciando uma tentativa de se aproximar do seu interlocutor, sem que faça necessariamente parte do local social que ocupa.

Vale salientar que o período em questão, final de setembro de 2016, antecede em poucas semanas as eleições municipais, para eleger prefeitos e vereadores. Apesar de não ser candidato a algum cargo, faz comentários que evidenciam seus posicionamentos políticos e aconselha o público com base nesses posicionamentos. O apresentador utiliza-se da comoção gerada pela história apresentada e incita a população a votar em candidatos que se posicionam a favor de questões complexas, como a redução da maioria penal ou a prisão perpétua. As paixões tristes são, portanto, evidenciadas e utilizadas como estratégia de comoção para convencimento dos eleitores que são telespectadores do telejornal.

A mudança de tom na fala de Vitor é impactante, e, diferente da postura quase melancólica assumida em um primeiro momento, o apresentador apresenta-se de forma energética, caminhando pelo cenário com o braço direito sempre em riste, para falar dos seus opositores políticos de forma genérica. A pausa na caminhada ocorre quando, ao lado da televisão que mostra a imagem da criança, o apresentador se coloca de frente para câmera e se dirige ao público ordenando que ele vote “muito certo”. Esse elemento ressalta a figura de autoridade assumida pelo mediador, bem como os interesses políticos que estão presentes em seu discurso. Vale lembrar que esses interesses políticos passam também pela emissora em que trabalha, a TV Cidade/Record, que, como registramos anteriormente, possui interesses políticos e religiosos conservadores.

O principal discurso apresentado sobre o caso de violência sexual, abordado pelo comentário de Vitor Valim, é a assimilação da figura do agressor à de um monstro e a cobrança por justiça. Ao longo do comentário, várias imagens da criança são exibidas – seja na televisão do cenário, ao lado do apresentador, seja ocupando a tela inteira, adicionadas por edição de imagem. É inquestionável que crimes como pedofilia são especialmente violentos e cruéis e merecem atenção especial do Estado e da sociedade como um todo, diferente de pequenos delitos, que são desproporcionalmente punidos com uma severidade excessiva. Porém, essa imagem construída de monstro nos faz refletir sobre a estrutura neoliberal, que coloca os sujeitos subalternizados na base da sociedade de forma agressiva e punitivista. Partindo desse pressuposto, de que pedofilia é um crime muito grave, Vitor Valim promove a desumanização do criminoso. Se, por um lado, há a apresentação do agressor na forma de um monstro, por outro lado, Valim promove a sua própria imagem como antagônica, o herói que luta contra o mal. Aparece como um exemplo de sucesso e de superioridade, oposto aos sujeitos que são retratados como inferiores na narrativa apresentada.

Outra estratégia é utilizada para gerar comoção por parte do público – a exibição de uma foto da criança morta no celular do apresentador. Vitor Valim a apresenta em zoom, oferecendo ao público uma visão do tronco, parte do braço e cabelos do que dá a entender ser uma criança. Apesar de constatar que “o horário não me permite” e que “eu não posso colocar aqui uma foto”, o apresentador exhibe a imagem da menina. Nesse momento, Vitor Valim volta a ficar cabisbaixo e a falar pausadamente, pontuando o discurso com suspiros. “Eu não posso mostrar [...] Mas pode mostrar essa parte aqui”, afirma o apresentador, se contradizendo. Após a exibição da imagem, ele segue descrevendo minuciosamente os outros detalhes da imagem disponível em seu celular.

Trechos de matérias anteriores são exibidos e detalhes da violência sexual são repetidos diversas vezes pelo apresentador. São intercalados, assim, trechos de matérias anteriores e comentários do mediador, como em uma introdução à matéria exibida em seguida. Nos comentários feitos, uma estratégia utilizada é a de aproximação com o público por meio da identificação – “[...] eu sou cheio de defeitos, tenho os mesmos sentimentos que você tá passando agora, de vontade de pena de morte”. O tom da fala é como se apresentador e público estivessem em uma conversa informal. Ele também apresenta um caso antigo de violência sexual para embasar seus argumentos sobre a “monstruosidade” do agressor. Vitor Valim ainda se dirige novamente para o público e, como se estivesse prestando um serviço à população, divulga números de telefone para que o público possa entrar em contato com a produção do Cidade 190.

Outros assuntos são tratados no programa, mas, antes de a matéria completa sobre o caso apresentado ser exibida, o apresentador volta a comentar o assunto, assim como ao final da matéria. O mediador solicita, ainda, que sejam exibidos novamente trechos da narrativa apresentada e, para isso, requer ajuda da produção – “se tiver como voltar aí, meu amigo Zé Carlos, Zé Carlos Mornon, como é conhecido mais aqui na TV... Volta as imagens aí e abre a tela, por favor”. Essa fala é reveladora de uma falta de roteiro predefinido dos apresentadores, bem como de um diálogo constante com a equipe que parece coordenar. Ao vivo, o programa é conduzido pelo apresentador, que tem o apoio da produção, da edição, para acompanhá-lo. Além do responsável pela edição, outras pessoas da produção são evocadas na fala do apresentador, como se ali estivesse ocorrendo uma grande conversa, por vezes, ou uma aula, em outras situações, entre o apresentador, os produtores do programa e o público.

Outra matéria sobre o assunto abordado é exibida, sobre a reação da população – que ateou fogo à casa do agressor após a repercussão do caso. Vitor Valim, ao final da exibição dessa matéria, fala novamente sobre a importância das eleições e faz duras críticas à justiça – “espero que a justiça aí possa ser justa [...] Eu tô me contendo aqui nas palavras, meu amigo, pra não falar besteira, porque nessa hora aí a lei sabe ser rápida, porque essa vagabundagem, esses burocratas que estão aí só pra defender bandido, qualquer coisinha que a gente se exceder aqui colocam um processo, acionam, fazem todo tipo de demagogia [...] só querem saber de defender bandido.”.

A crítica continua, dessa vez direcionada aos políticos, que supostamente defendem bandidos, e ao Ministério Público, que, segundo o apresentador, deveria prender esses políticos – “Quem são os políticos eleitos por esses bandidos? [risos] É quem comunga com as ideias deles. Eu não sou político, eu estou na política [...] tá na hora do Ministério Público

entrar com uma ação e prender também os políticos que estão representando essa bandidagem”. É interessante notar que a crítica aos políticos e à política é o assunto mais retomado ao longo do comentário de Vitor, e que ele faz questão de se diferenciar, de se afastar dessa categoria que tanto critica. Após essa fala, fortemente engajada politicamente, Vitor Valim apresenta novamente o contato da produção do programa, divulga a página do facebook da emissora, para os que desejarem supostamente se informar melhor, e encerra o comentário sobre o caso em questão.

A forma de colocar o telefone da produção do Cidade 190 como um meio de denúncia parece evidenciar esse lugar específico no qual Vitor Valim se coloca, de um sujeito que está na política, mas tem o compromisso com a justiça conferido pelo papel que exerce no programa que apresenta. Chama atenção o fato de, já como Deputado Federal, Vitor Valim afirmar que não é político, mas que “está” na política. Ao dizer isso, busca se colocar em um lugar híbrido e superior aos demais políticos, supostamente pessoas ruins e indignas de confiança. Vitor Valim apresenta-se, portanto, como um homem destemido, com opiniões fortes, além de ativamente engajado contra as injustiças do mundo.

No material analisado, Vitor Valim fala como apresentador, mas não como qualquer apresentador. À frente do telejornal policial Cidade 190, ele se coloca não como um mero jornalista, mas em um lugar social de alguém que faz uso da televisão para combater as injustiças sociais, de cobrar ações específicas do poder público. O lugar que ocupa, enquanto tal, é de alguém que tem a incumbência de proteger, alertar e guiar a população, bem como lembrá-la da importância do voto em um perfil de político específico, que é a favor de penas como a prisão perpétua. Suas falas evidenciam o local social superior, que acredita ocupar diante de sujeitos, que supostamente precisam ser lembrados de que forma devem votar. Por meio de temáticas de violência, desenvolve questões complexas de forma rasa. Fala em punição e em políticos de forma genérica, menciona ou reivindica por mais políticas sociais voltadas à proteção de mulheres e de crianças, como práticas educacionais e cuidados com a infância. Usando de linguagem que mistura gírias, vocativos de proximidade e uso formal da língua, mesclando reiteradas vezes um local de proximidade e de distância necessárias de alguém que não quer ser confundido como um igual, mas que se pretende ser defensor de pautas supostamente comuns entre o público que o assiste.

5.1.4 2018 – Entrevista com o pré-candidato Jair Bolsonaro

O vídeo em questão⁷⁹ consiste em uma entrevista realizada nos estúdios do Cidade 190 por Vitor Valim com o então pré-candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro. A entrevista tem duração de dez minutos e chama atenção pelo tom cordial e fraterno que possui. Ela ocorreu na ocasião de uma visita de Bolsonaro à cidade de Fortaleza, no final de junho de 2018, como uma atividade de pré-campanha do tradicional político carioca de extrema-direita. Na época, Vitor Valim estava no final do mandato de Deputado Federal e já estava em processo de negociação do conhecido acordo que fez com o aliado Capitão Wagner, em que Wagner foi candidato a Deputado Federal e Vitor, a Deputado Estadual, para que não disputassem os possíveis mesmos votos, tendo em vista que os dois eram conhecidos por defender e atacar as mesmas pautas e se direcionarem ao mesmo público.

O estúdio do Cidade 190 está aparentemente igual ao de 2016, com as estruturas de vidro fosco que nos remetem a janelas entreabertas que revelam uma fotografia de topo de árvores e, ao fundo, prédios altos e um céu azul, sem muitas nuvens. O cenário não é explorado em todos os seus espaços, ficando os dois sujeitos, Vitor e Jair, parados em frente de uma televisão que exibe o nome do programa, Cidade 190. Não são utilizados elementos sonoros ao longo da entrevista, o que possibilita que as falas dos dois sejam ouvidas de forma mais nítida. No início do vídeo, apenas Vitor aparece, com um letreiro que anuncia: “Vitor Valim/Apresentador”.

Figura 10 – Vitor Valim contente antes de entrevistar Jair Bolsonaro



⁷⁹ https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/-tv-cidadefortalezaceará/1105635126252139/?locale=pt_BR

Na sequência, os dois políticos ocupam a cena, que é intercalada com alguns momentos de foco em Jair. Ambos estão vestidos de terno. Vitor parece portar terno um pouco mais sofisticado que o de costume, com corte um pouco mais ajustado ao corpo e gravata em um tom de azul claro. Os óculos, o relógio e a aliança continuam presentes, bem como o penteado lateral dos cabelos bem cortados. De novidade, observamos uma pulseira de couro no pulso direito do apresentador. O terno de Jair Bolsonaro também é preto, mas, diferente do de Vitor Valim, não passa uma imagem de sofisticação ou de zelo. Ele possui um corte menos ajustado ao corpo, podendo ser até de um tamanho maior que o adequado, sensação intensificada pelo fato de estar desabotoado, bem como a camisa azul escura de botões brancos que usa por baixo. Bolsonaro, um homem branco idoso, não usa gravata ou relógio, mas um broche dourado de desenho indecifrável na lapela esquerda do terno. Além do broche, o único acessório que porta é a aliança na mão esquerda. Seus cabelos, lisos e grisalhos, são penteados para o lado esquerdo, mas não parecem ter sido cortados recentemente, tampouco são penteados com gel, o que é evidenciado com mechas de sua franja que chegam perto de suas sobrancelhas.

Apesar da imagem dos homens ser um tanto quanto contrastante, os dois parecem ter uma intimidade e concordância significativa, tendo em vista os sorrisos largos que muitas vezes dão, os olhares afetuosos que trocam ou o tom de piada que por vezes assumem ao longo da entrevista.

Figura 11 – Vitor Valim feliz cumprimentando Jair Bolsonaro



Vitor Valim evidencia que é um comunicador inserido em um espaço maior, quando cita a empresa em que trabalha, “nos estúdios da TV Cidade, no Grupo Cidade de comunicação”. Ele ocupa o lugar social de entrevistador do programa que apresenta, mas também deixa claro o papel de Deputado Federal, colega de trabalho do também Deputado

Federal Bolsonaro: “Seja bem-vindo, meu querido amigo Jair Bolsonaro”. Esse coleguismo, ou amizade querida, aparece não em um lugar de questionamento, como é próprio de uma entrevista, mas de concordância e parceria: “e agora vou fazer uma pergunta leve, né?!”. É um lugar duplo, em que é evidenciado que a relação íntima que possui no âmbito da política lhe proporcionou uma entrevista exclusiva e difícil para um programa do perfil e porte do Cidade 190: “ele, que levou multidões no aeroporto Pinto Martins, está aqui”.

Ao longo da interação, Vitor Valim faz referência às pessoas que recepcionaram Bolsonaro no aeroporto da cidade como “multidões”. Afirma que ele próprio estava presente na recepção e que “milhares de pessoas, não vou dizer quantas mil aqui, porque eu posso vir a errar [...] gritaram: ‘Mito! Mito! Mito!’”. Ele se coloca, portanto, como parte dessa multidão que recepciona o pré-candidato, tratado como alguém excepcional.

Vitor também se coloca com a missão de exibir Bolsonaro ao público do programa, aos cearenses, e de desmentir supostas mentiras feitas pela imprensa local: “eu lhe conheço, mas quem *tá* me assistindo aqui [...] muitas vezes, a imprensa cearense chega com a notícia do Jair Bolsonaro como um presidenciável, como um preconceituoso, homofóbico, racista”. Apesar das perguntas diretas que direcionam a um tipo de resposta, as falas feitas pelo presidenciável são sempre confusas, sem um encadeamento lógico ou desenvolvimento argumentativo. Bolsonaro não desenvolve ou discute as questões trazidas, repete frases de efeito e desvia daquilo que não tem interesse em abordar.

Além do próprio político que entrevista, é para os telespectadores do Cidade 190 e possíveis eleitores que as falas de Vitor Valim são endereçadas, aqueles que precisam receber uma informação verdadeira: “eu quero que o senhor diga aqui, realmente para os telespectadores do Cidade 190: o senhor é homofóbico, racista, preconceituoso [...] Explique *pra* quem *tá* nos assistindo”.

Vitor exerce o papel de mediador entre o seu público e eleitor e as supostas propostas de Bolsonaro, que são exatamente as mesmas pautas que defende ou critica no Cidade 190: “O senhor, se chegar à presidência da república, o que vai dizer *pra* melhorar a segurança, saúde [...] principalmente para nós nordestinos, cearenses, que estamos sofrendo muito com questões cruciais como da saúde e da segurança pública”. Esse mediador, entretanto, tenta direcionar a resposta do entrevistado para os temas que são as bandeiras políticas pelas quais é reconhecido.

Vitor faz uso de uma linguagem formal ao tratar dos temas que evoca, que contrasta com o tom descontraído que assume ao se dirigir ao colega de trabalho entrevistado. Fala sobretudo sobre saúde e segurança pública em perguntas que buscam induzir a uma resposta

específica, trazendo questões recorrentes em matérias exibidas pelo Cidade 190. Para tentar desmentir que, como muitos dizem, o político é “uma música de uma nota só e um político que só conhece o assunto da segurança pública”, faz perguntas sobre outros assuntos: “Os leitos de hospitais e os corredores, milhares de pessoas à espera da saúde pública... o senhor como presidente da república, o que vai fazer nessa área tão importante para o cearense, para os brasileiros como um todo?”.

Apesar de tentar desviar do tema da segurança pública trazendo questões de saúde, critica fortemente quem chama de “bandido”, bem como pessoas e políticos que supostamente vitimizam bandidos, falando que “existe uma ideologia que gosta de vitimizar bandido”. Essa fala antecede o tema da Lava Jato e uma crítica a políticos que “quando chegaram a poder fazer ou na política, ou em alguma repartição pública, foram servidos invés de servir”. O exemplo da Lava Jato é usado para contrapor argumentos utilizados por aqueles que buscam tratar a segurança pública como um fenômeno complexo, ligado a questões estruturais, afirmando que “a Lava Jato vem justamente contrapor essa ideologia de vitimização de bandido, porque, na grande maioria, são formados, tiveram uma educação, tiveram acesso a uma cultura”. É curioso, entretanto, observar que o perfil das pessoas expostas pela ação citada não é o mesmo daqueles que programas como o Cidade 190 apresentam cotidianamente como bandidos.

No campo da política, pergunta direta e repetidas vezes sobre a participação do então juiz Sérgio Moro em um possível governo do entrevistado, ou especificamente como indicado para fazer parte do “Supremo Tribunal Federal ou no Superior Tribunal”. Essa pergunta, bem como a ênfase dada à Lava Jato, chama atenção: “estamos tendo o país passado a limpo nessa grande operação Lava Jato”. Isso é evidenciado quando observamos a forma como o juiz foi tratado ao longo do processo, como um justiceiro, alguém que luta contra o mal que políticos supostamente cometem. O Sérgio Moro é apresentado por Vitor Valim como alguém ilibado, a quem o “mito” que entrevista (Bolsonaro) deve reconhecer após a vitória do que diz ser uma luta do bem contra o mal.

Esses aspectos são interessantes de serem considerados, quando refletimos sobre os elementos emotivos convocados por Vitor Valim na entrevista, porque a narrativa que constrói parece estar definida antes mesmo da interação exibida com Bolsonaro. Vitor critica comunicadores, jornalistas, que supostamente mentem em suas matérias, quando retratam o presidencialismo em questão, bem como critica políticos corruptos que defendem o que chama de criminosos, ao passo que cometem, eles próprios, crimes. Esses dois grupos, de comunicadores e políticos específicos, defensores de sujeitos e práticas consideradas ruins,

são apresentados como responsáveis pela perpetuação e intensificação de problemas de saúde e de segurança pública, ou seja, pela morte de pessoas.

Há uma alusão evidente a histórias de super-heróis, que lutam contra monstros, o clássico e tão batido bem contra o mal. Vitor, nessa história que constrói, aparece como alguém que se insere em ambientes hostis e perigosos para desmascarar os vilões e trazer uma verdade salvadora à tona. Ouvir esse tipo de história, tão conhecida, tão utilizada e previsível, pode vir a suscitar as mesmas sensações que temos quando assistimos a um filme, vemos uma novela ou algo do tipo: indignação, aflição, raiva, desejo de vingança, dentre outros.

5.1.5 2020 – Despedida do Cidade 190

O vídeo em questão data de 30 de novembro de 2020⁸⁰. Nele, Vitor Valim, recém-eleito prefeito de Caucaia, comparece ao telejornal como entrevistado de outros dois apresentadores, José Filho e Evaldo Costa. O cenário da entrevista é o mesmo de 2018, com tons sóbrios e claros, estruturas retilíneas que podem remeter à ideia de grades que separam o ambiente em questão da cidade. A dupla de apresentadores que está sob o comando do programa se coloca ao lado do púlpito. Sobre o móvel, estão um celular, uma ficha com a logo do programa, uma caneca com a mesma logo, uma caneta simples sobre um bloco de notas e uma lupa, milimetricamente organizados. Dispostos da maneira como estão, passam uma ideia de organização e método. Atrás dos apresentadores, também aparece a logo do programa, em uma televisão e, no canto superior direito da tela, um relógio que marca “12:25”.

Figura 12 – Evaldo Costa, Zé Filho e Vitor Valim nos estúdios do Cidade 190



Os dois anunciam quem está lá para se despedir e se aproximam de Valim, que aperta as mãos e abraça os dois colegas, elogiando Zé Filho: “meu diretorzinho de açúcar”. O

⁸⁰ <https://www.facebook.com/vitorvalimtv/videos/125497972544680/>

entrevistado veste calça jeans escura e camisa social branca amassada, com o punho arregaçado, enquanto os dois apresentadores estão de terno e gravata de modelo tradicional. Esse visual de Valim prefeito, mais esportivo e despojado, já se destaca do Valim apresentador, que era inclusive chamado de “engomadinho”, pelo estilo formal de se vestir e de se pentear. Ainda assim, os óculos e cabelos clássicos continuam presentes, bem como a pulseira de couro e o relógio grande. A ausência da aliança chama especial atenção, tendo em vista que é um homem casado e o tema da família tradicional é caro ao comunicador político.

Feita a apresentação, Valim se diz emocionado e chama a câmera para um ângulo mais próximo; a partir daí conversa diretamente com o telespectador (em vez de se dirigir aos dois entrevistadores). É interessante a postura de comando do programa assumida, evidenciada quando fala diretamente com o operador de câmera do programa: “se quiser trazer mais próximo aqui da gente, a câmera, né?! O ângulo, ô, Vicente, por gentileza”, em contraste com o lugar de prefeito entrevistado. Novamente, Vitor ocupa um lugar duplo, em que dirige a sua própria entrevista, exercendo papel de entrevistador e de entrevistado ao mesmo tempo.

Seu discurso é de candidato eleito: agradece a população que votou nele e a todos que o ajudaram nesse embate que, ele acentua, foi duro e baseado em mentiras e difamações. É um discurso que busca ser agregador, em que fala de si em terceira pessoa: “o prefeito Vitor Valim” e se apresenta como “um prefeito de toda a cidade”. O candidato eleito, entretanto, não se apresenta como outros políticos, mas como vencedor de uma luta do bem contra o mal, líder de uma chapa que “trabalha com pessoas de bem” e conseguiu vencer “essas facções criminosas que eu tanto falei aqui durante 16 anos de programa”. Há uma continuidade da luta em um novo lugar, com mais responsabilidade, uma nova “missão” demandada.

Vitor coloca-se como um político muito diferente dos demais. Quando fala “nós vamos mostrar que é possível, que é possível administrar com honestidade, que é possível administrar para os menos favorecidos”, de certa forma, insinua que não é o que políticos costumam fazer. Ele faz uso do duplo lugar que ocupa para se posicionar como alguém estrangeiro na política, capaz de modificar a realidade supostamente ruim e injusta. Ao mesmo tempo, também tece longos elogios ao Grupo Cidade, a quem qualifica como família: “Agradecer o presidente do grupo Cidade de Comunicação, Miguel Dias Filho, e a diretora Mayara, Gaída, Patrolino, Maicon, Maria... todo mundo que faz parte dessa família Grupo Cidade”. Elogia a liberdade proporcionada pelo diretor de jornalismo da emissora: “Quero agradecer o diretor de jornalismo, Hermann, que nos deu essa liberdade...”, enaltecendo o trabalho supostamente feito por ele, possibilitado pelos seus chefes.

É interessante observar que o discurso de guerra vem acompanhado de uma suposta valorização da “paz”. Vitor fala de uma “paz” necessária para ser alcançada: “nós somos Caucaia e trabalhamos para a paz”, que contrasta com seu discurso que enfatiza a luta e o combate a determinados grupos sociais. Dito dessa maneira, a fala remete-nos à lógica de uma “guerra santa”, uma batalha justificada por discursos religiosos enviesados. Ele afirma que “não tem como ter paz se nós vivermos pacificamente com essas facções”, anunciando os inimigos dessa guerra.

Valim identifica seus eleitores: pessoas que querem o “progresso da nossa cidade”, repetindo frases que teriam sido seu bordão na campanha: “a esperança vai vencer o medo”. Dirige-se às mulheres e mães, que sonham com dias melhores para seus filhos; sente-se imbuído de uma missão, e declara com emoção:

Outra missão foi me dada por Deus e pela população. E é assim que vou agir, com toda a valentia, com toda a coragem que eu sempre usei aqui. A minha voz, em defesa da população, em defesa dos menos favorecidos... eu nunca fui um personagem, eu sempre fui o *Vitor verdadeiro*, como vocês vão ver o Vitor prefeito, esse mesmo Vitor que tinha *coragem* de enfrentar, de lutar por uma *sociedade mais justa e livre*.

A emoção presente em sua fala, a voz embargada, as lágrimas, ajudam a construir a imagem de um homem sensível, que luta pela verdade, apesar das adversidades e de forças de um mal genérico moldado como lhe convém. Um homem que se dedica à luta, que é firme e forte, mantendo motivações genuinamente boas, como valentia, coragem, coerência e verdade ao longo de sua carreira como comunicador e político.

Seguido desse momento de emoção, faz uma denúncia do instituto de pesquisa que dois dias antes da eleição anunciava uma grande vantagem do outro concorrente à prefeitura de Caucaia, o prefeito em exercício que tentava a reeleição, e destaca que o povo votou “caladinho” (“o povo de Caucaia foi valente, foi guerreiro, votou silencioso, né...”). “O bem venceu o mal”, ele resumiu, mais uma vez, insistindo no ponto de uma vitória excepcional.

Figura 13 – Comoção entre os colegas de programa e denúncia de erro supostamente cometido pelo IBOPE



Missão, Deus, coragem e defesa dos menos favorecidos resumem o lugar em que se coloca agora. Diz que foi uma decisão dura e que está com o “coração partido” por deixar o programa, mas sai para cumprir essa “missão que foi me dada de cuidar de mais de 350 mil vidas”. Destaca o papel do programa que comandou por 16 anos, com a responsabilidade de ser um “palco para defender os oprimidos, fazer ecoar as vozes daqueles excluídos”. E chama a atenção para a forma destemida como desempenhou esse papel: “E é assim que vou agir [como prefeito], com toda a valentia, com toda a coragem que eu sempre usei aqui”.

Vitor, como sempre, tem a segurança pública como principal ponto tratado, o que mais gera comoção. Fala sobre outros assuntos, como educação, mas, para tanto, relaciona a sua importância como uma arma contra as “facções criminosas”. Afirma que “só através da educação que a gente... que aquele jovem, aquela criança que *tá* em formação [...] não seja cooptado pelas facções criminosas que nós sabemos o destino, que é cadeia ou cemitério”. Vitor apresenta-se como alguém que vai livrar as crianças de um fim trágico, da morte ou da prisão. Assuntos complexos são simplificados e misturados em frases de efeito, e temas diversos são sempre associados a uma luta do bem contra o mal, em que “os jovens dependentes químicos” são tidos como “o pano de fundo de toda essa violência”.

Aos dois apresentadores que iniciaram o programa se juntou um pouco depois Luciana Ribeiro, que dividia com Valim a apresentação do Cidade 190, participando de momentos pontuais e mais descontraídos do programa. Mais do que fazer perguntas, os três estavam ali para aplaudir o prefeito eleito, em quem davam tapinhas carinhosos. A entrevista dura em torno de 15 minutos; durante sua fala, sempre olhando direto para a câmera, Valim falava com voz embargada e chorou em quatro momentos. Apoiado em sua crença religiosa, termina de forma emocionada:

Ninguém é insubstituível. Nem como prefeito, nem como apresentador, nem como liderança política... tudo passa, só Deus fica. Eu vou passar. Passei no

Cidade 190, vou passar como prefeito. [nesse momento ele chora e aponta para cima] Não perca a esperança em Deus. Deus sempre vai estar contigo em qualquer momento da tua vida. Seja ele bom, seja ele ruim. O resto, tudo é passageiro. Quem fica é Deus.

O discurso religioso está o tempo todo presente na fala de Vitor. Seja quando fala diretamente em Deus, seja quando faz alusão à batalha do bem contra o mal, ou até quando faz uso de elementos religiosos para embasar o que diz, como o “livre-arbítrio”. Esse discurso coloca-o como um escolhido para uma missão árdua, como um iluminado detentor do poder de mudar a sociedade para melhor: “Outra missão foi me dada por Deus e pela população”.

Na entrevista, também chama atenção o uso da trilha sonora. Uma música instrumental animada, apesar de baixa, acompanha o início da entrevista. A trilha sonora muda quando Vitor Valim se emociona pela primeira vez, momento em que Zé Filho, em tom de denúncia, fala dos institutos de pesquisa que supostamente agiram contra o candidato. É nessa mudança para uma música mais enérgica que entra em cena Luciana Oliveira, e se coloca ao lado de Vitor. A música aumenta de volume, quando Vitor pede que a edição coloque em tela inteira uma imagem que mostra os resultados das últimas pesquisas de intenção de voto, em que aparece em segundo lugar. A terceira e última mudança de trilha sonora, para uma música mais suave, ocorre na última parte da entrevista, quando Vitor fala do final do ciclo na televisão e se estende falando sobre Deus. Nos últimos segundos, quando Vitor já está saindo de cena, é adicionado à música um som que remete a uma comemoração coletiva, com vozes vibrando.

O uso da trilha sonora de forma articulada à fala de Vitor Valim mostra um alinhamento da equipe técnica do programa ao tipo de discurso dele. É exatamente quando o tom da fala muda, quando os assuntos se intensificam, que a música muda, mesmo em um programa ao vivo. Ele funciona como um intensificador ou modulador das emoções que Vitor, em parceria com os demais funcionários do Cidade 190, buscam suscitar no público.

5.2 MOMENTO 2 – CHAMADAS DE 2008 A 2018 DO CIDADE 190

O conjunto de vídeos analisados a seguir é composto por propagandas curtas do Cidade 190 que foram divulgadas dentro da programação da TV Cidade. São chamadas direcionadas ao público da emissora, com o propósito de convidá-lo a acompanhar o programa anunciado. Trata-se de vídeos datados de 2008 a 2018, disponibilizados no canal do

YouTube da agência de publicidade Seara Brasil Publicidade⁸¹, parceira do Grupo Cidade de Comunicação. Dentro do recorte temporário, selecionamos nove chamadas do programa Cidade 190, correspondendo à totalidade em que Vitor Valim aparece.

5.2.1 Maio de 2008

O primeiro vídeo data de maio de 2008⁸²; três anos e meio após a estreia do comunicador no Cidade 190 e poucos meses antes da sua primeira campanha eleitoral, quando foi eleito vereador de Fortaleza. Na chamada de dez segundos, Vitor aparece de terno largo, camisa e gravata brancas. Ele usa seus tradicionais óculos e se apresenta penteado, no estilo “engomadinho”. Movimenta-se pouco, dá apenas alguns passos para frente, mas faz movimentos firmes com os braços. Coloca o dedo em riste, aponta para a câmera e permanece com um dos punhos cerrados, mantendo a voz firme, mas baixa, amigável, como quem fala de um assunto sério para alguém próximo.

Figura 14 – Vitor Valim e o cenário do Cidade 190 em 2008



A fala do apresentador é composta por três ordens. A primeira convoca os telespectadores a acompanhar o programa, anunciando o seu horário de transmissão: “Assista o programa Cidade 190! De segunda a sexta-feira, ao meio-dia e dez”. A segunda ordem é uma solicitação de participação do público de forma mais ativa: “Faça a sua denúncia! Ligue 32616626”. Já a terceira, faz uso do seu jargão para apresentar o suposto objetivo do telejornal em questão: “nos ajude a puxar a orelha das autoridades”.

Vitor se apresenta como um homem sério, capaz de ajudar a população a resolver questões graves de segurança, por meio de seu trabalho como apresentador de telejornal

⁸¹ <https://www.youtube.com/@searabrasilpublicidade1990>

⁸² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fvA11I37LE8>.

policial, como alguém que investiga e expõe situações criminosas. Ao se apresentar assim, projeta aqueles com quem fala como pessoas que têm a sua mesma intenção, e que estão dispostas a contribuir, de maneira ativa, com a sua função de repreender, constranger e educar as autoridades. O uso assertivo da expressão coloquial “puxar a orelha” remete-nos à imagem de um pai severo que pune filhos desobedientes, em demonstração de autoridade. Ao usar essa expressão para falar de autoridades, coloca-se como detentor de um poder ainda maior do que aquele que possuem os responsáveis pela segurança na sociedade: representantes do estado para manter a ordem e preservar as leis, como políticos eleitos ou trabalhadores da segurança.

O Cidade 190 fala de violência, de prisão, de crime, tiros e sangue e isso é evidenciado pelo cenário: vermelho e com várias grades. Atrás delas, aqueles que devem ser perseguidos e punidos: jovens homens negros de braços cruzados e rostos indecifráveis, estereótipo racista que coloca esses sujeitos como criminosos que devem ser denunciados e estar presos.

Figura 15 – Detalhes do cenário do Cidade 190 em 2008



A solicitação de denúncia do comunicador faz o telespectador associá-la ao nome do programa, que, por sua vez, contém o número “190”, que é disponibilizado pela polícia para denunciar crimes. Vitor Valim se apresenta como alguém capaz de mediar e/ou resolver problemas policiais. No cenário, chama atenção o slogan do programa, em que o número 0, do “Cidade 190”, simula a parte de trás de um projétil, uma bala de revólver. A ponta da bala está direcionada a uma grade e, considerando a forma como aparece no cenário, aos jovens

presos em grades, fazendo-nos acreditar que, na verdade, a bala, o tiro, é direcionado a esses sujeitos. A bala da polícia é acionada por uma parte específica da cidade, por meio do número de telefone “190”. Ela tem como alvo as pessoas que aparecem atrás das grades, no cenário do programa, em contraste com a imagem arrumada, formal e bem-sucedida de Vitor Valim. O apresentador aparece como o oposto de sujeitos criminosos e maus, um mediador entre eles e a polícia, quase como um líder ou um chefe da tropa, sério e responsável.

A trilha sonora é ponto fundamental na chamada e possui dois momentos. O primeiro deles é uma música instrumental de tensão que acompanha toda a chamada; o segundo som faz referência ao som de um disparo de arma de fogo e é colocado quando o slogan do programa aparece, ao final da fala de Vitor Valim, em tela cheia. Os elementos sonoros, assim dispostos, podem suscitar sentimentos de angústia, semelhante àqueles de filmes de ação, em que há perseguição policial, muitos tiros, prisões e mortes.

5.2.2 Junho de 2009

O segundo vídeo tem duração de vinte segundos e foi exibido em junho de 2009⁸³, quando Vitor Valim já era vereador de Fortaleza, eleito em primeiro mandato. Ele é composto majoritariamente por imagens de pequenos trechos de matérias ou comentários dos apresentadores Vitor Valim e Edson Silva, acompanhadas de uma narração em off que diz: “Faça a sua denúncia para o programa Cidade 190. Nossas equipes estão 24 horas de plantão, registrando tudo que acontece na cidade” e “de segunda a sexta-feira, ao meio-dia e quinze e reprise às 7 da manhã”.

Além de cenas dos dois apresentadores muito bem vestidos de terno e gravata, nos estúdios do programa, as imagens exibidas são um compilado que dá indicativos explícitos sobre o teor do programa em questão: armas de fogo de diversos modelos, munições, ambulâncias, pessoas em macas, viaturas policiais e pessoas simples em bairros periféricos correndo. Ao final, um projétil, que simula uma bala em movimento pelos prédios da cidade, alcança o lado direito do número “19”, para explodir em frente de grades se fechando e compor o número policial “190” do nome do programa. A bala “perdida” tem um caminho exato. O destino dela é alcançado, quando as grades de uma prisão se fecham, anunciando o destino dos sujeitos denunciados pelo público.

⁸³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AM8TX0Ti408>.

Figura 16 – Extratos de chamada do Cidade 190 em 2009



A fala em off é intercalada por uma aparição de Vitor Valim, que afirma: “Jornalismo de credibilidade, informando e denunciando, sem medo da verdade”. O comunicador se apresenta como o representante do que ele próprio denomina de “jornalismo de credibilidade”. O uso da locução adjetiva “de credibilidade” para qualificar o trabalho que faz chama atenção por ser muito usada na área do jornalismo, mas também por não ser tão comum no uso popular, perfil majoritário do público a que o programa se dirige. A escolha da palavra credibilidade na construção em questão é uma forma de utilizar uma linguagem técnica para embasar uma espécie de discurso de autoridade do profissional que o próprio Vitor Valim busca aparentar: um jornalista com conhecimento sobre o que está falando, uma referência do tema apresentado.

Vitor Valim apresenta o trabalho que faz, como um técnico que pontua a característica necessária para a profissão e que supostamente possui a coragem de denunciar e de informar. O bom jornalista, então, é trazido por Vitor na figura/representação de um sujeito que luta contra o mal, expondo crimes e criminosos para a população, ou seja, para sua audiência, apesar dos perigos dessa luta que é considerada uma espécie de batalha. Nesse sentido, é interessante lembrar que, apesar de utilizar as qualidades atribuídas ao jornalismo, na construção de sua imagem, Vitor Valim não é formado em jornalismo e não possui nenhuma formação de nível superior.

O cenário em que o comunicador aparece é o mesmo de 2008. Mas, dessa vez, sobressaem as imagens das grades que separam a foto dos jovens negros da imagem do apresentador. Ele porta terno cinza escuro abotoado e a mesma postura ereta e milimetricamente arrumada, como de costume.

Figura 17 – Vitor Valim no cenário do Cidade 190 em 2009



A trilha sonora também se assemelha à de sempre, enérgica, alta, que culmina com o som de bala atingindo o alvo. A diferença, dessa vez, é que a ela é adicionado o som de sirenes de viaturas policiais e de ambulâncias. A imagem e o som que remetem a pessoas feridas, precisando de atendimento médico urgente, podem suscitar sentimentos muito profundos de tristeza relacionados ao medo da morte, o que causa no telespectador uma especial comoção. Esse cenário ajuda a construir a ideia de que o sujeito mau que Valim busca enfrentar é responsável por ferir pessoas boas, e pode contribuir para o engajamento da população em participar do programa. A participação deve ser por meio de denúncias que podem se intensificar, tendo em vista que o telespectador poderá se sentir responsável por não agir contra criminosos e passar a ajudar o justiceiro Vitor Valim a vencer a batalha que trava.

5.2.3 Abril de 2011

O vídeo em questão foi ao ar em abril de 2011⁸⁴ e tem 30 segundos de duração. Diferente dos demais, esse não foi gravado nos estúdios do programa. Vitor Valim e Evaldo Costa aparecem de forma intercalada em falas que se completam. Em princípio, Valim começa dizendo palavras soltas: “Audiência/Informação”, que vão respectivamente aparecendo por escrito na tela de fundo escuro que mescla as cores preto e vermelho.

Na época da exibição da chamada, Vitor estava na segunda metade do seu primeiro mandato de vereador de Fortaleza. A escolha para que ele falasse a palavra “Audiência” pode ter sido uma tentativa de associar os altos índices do programa com os expressivos votos que o elegeram para o cargo político em questão. Audiência remete à quantidade de pessoas que assistem a um determinado programa e, portanto, a pessoas que conhecem e, possivelmente,

⁸⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4W_cNMxILwU.

gostam do comunicador, nesse caso o apresentador principal, “a cara” do Cidade 190, Vitor Valim.

A palavra “informação”, apresenta uma das funções do jornalismo na sociedade e que o senso comum a associa à ideia de uma verdade única e absoluta. Trazidas dessa maneira e seguidamente, as palavras proferidas por Vitor para qualificar o programa que apresenta buscam caracterizá-lo como um sujeito popular e verdadeiro. As suas roupas sóbrias, clássicas, bem como seu já conhecido estilo “engomadinho”, reforçam a ideia de seriedade que também busca emplacar.

Figura 18 – Extratos de chamada de 2011 protagonizada por Vitor Valim



A sequência da propaganda mostra trechos de matérias exibidas no programa. Policiais da tropa de choque com o rosto coberto, munidos de armas utilizadas em guerras, carros da polícia forense e da polícia militar, batidas de veículos e pessoas algemadas são apresentadas em *flashes*, assim como trechos de Vitor Valim apresentando o telejornal, repórteres não identificados entrevistando pessoas em bairros populares, ou até brigas de rua, também compõem o extrato escolhido para divulgação do Cidade 190.

A trilha sonora é especialmente enérgica e nos faz pensar na trilha sonora da famosa série de filmes do drama policial Tropa de Elite, que teve a sua segunda produção lançada em outubro de 2010 e que fez grande sucesso nacional e internacionalmente. Também chama atenção a música que compõe o vídeo, os sons de balbucio, a voz alterada por computadores; tudo isso nos remete a algo monstruoso, não humano.

É interessante pensar na perceptível influência do referido filme na estética da chamada para o telejornal policial em questão, porque o filme, dentre outras questões complexas da segurança pública brasileira, aborda a interligação entre segurança pública e política, financiamento de campanha, críticas à defesa dos Direitos Humanos, rebeliões penitenciárias, corrupção dentro da polícia, entre outros temas que dialogam com o formato

do telejornal policial brasileiro, como o Cidade 190. A associação ao repercutido filme pode promover em quem consome o telejornal policial, emoções ligadas ao próprio enredo do filme e uma sensação de poder mudar a realidade de forma direta, diferente do que acontece na ficção.

Em sua segunda fala, Vitor Valim, no vídeo em questão, afirma que os elementos apresentados, bem como as palavras em tom de adjetivo que trouxe, são encontrados “no mais completo programa policial do Ceará”. A fala, que também pode ser considerada como um elogio à sua própria conduta, tendo em vista que é associada diretamente ao programa, serve para qualificá-lo como um profissional completo, um sujeito bem-sucedido.

5.2.4 Janeiro de 2012

O quarto vídeo desse modelo tem duração de 30 segundos e data de janeiro de 2012⁸⁵. Nele, podemos observar novamente o uso de recortes de cenas das matérias apresentadas no telejornal, seguidas por uma trilha sonora enérgica. Dessa vez, a música tem percussão marcante, forte, que remete a variados tipos de batidas. Vitor aparece com o traje e a postura habituais. Porém, ele caminha pelo estúdio mais à vontade, sem deixar de ser contundente em suas falas.

Vitor Valim apresenta-se novamente como um jornalista sério e comprometido em informar a população acerca da realidade das ruas. Levanta o dedo indicador em um sinal de ordem e afirma: “jornalismo policial que mostra a realidade das ruas”. Ao ser formulada dessa maneira, a frase pode dar a entender que outros jornais, ou, até mesmo, outros jornais policiais não mostram, de fato, a real situação violenta das ruas.

O cenário do programa já não é mais o mesmo do ano anterior. Agora, não tem mais a imagem dos jovens atrás das grades. Ainda assim, grades e estruturas metálicas continuam a decorar o estúdio, e o tom vermelho escuro predominante também continua a chamar atenção. O slogan com grades e um projétil, simulando o número 0 do nome do programa, permanecem iguais ao do ano anterior. Esse elemento ganha ainda mais destaque, porque é uma bala em movimento que marca a mudança de uma cena para outra, aparecendo várias vezes, ao longo da chamada, como se estivesse à procura de seu alvo.

É a bala que sinaliza a primeira entrada de Vitor. Ela atravessa a cidade, por meio de efeitos visuais, e passa perto das costas de um policial, até que chega ao próprio estúdio do programa e pontua o início da fala do apresentador.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtfHYRQQZ9Y>.

Figura 19 – Imagem de projétil percorrendo o cenário do Cidade 190



A bala movimenta-se de diversas formas, também pontua o fim da fala de Vitor Valim e explode ao fim da chamada, quando encontra seu alvo, o slogan do programa. Nesse percurso feito pela bala, ressalta-se o teor bélico e a valorização das armas e da violência por elas promovidas, perpassando todo o discurso de Vitor e do Cidade 190.

5.2.5 Fevereiro de 2013

Em fevereiro de 2013, foi exibido o quinto vídeo⁸⁶ de chamada para o telejornal Cidade 190 que aqui apresentamos. Ele começa com uma imagem de luzes achatadas na horizontal que remete às luzes de um carro de polícia, acompanhado pelo som de sirene, lembrando uma perseguição policial a criminosos. Com duração de 30 segundos, apenas Vitor Valim aparece, em falas que são intercaladas com palavras escritas em letras maiúsculas. As palavras possuem uma tipografia quadrada, exibidas em um fundo vermelho escuro e preto, fazendo-nos pensar que é uma informação séria e tensa. O formato da chamada possibilita a compreensão de que as palavras funcionam como tópicos explicados ou questões seguidas de respostas.

Figura 20 – Palavras exibidas em chamada do Cidade 190



A primeira palavra que surge na chamada é “compromisso”. Seguida dela, Vitor aparece no mesmo cenário do ano anterior e se coloca como um parceiro do Cidade 190, quando fala que eles cobram das autoridades. O compromisso conjunto é apresentado como um dever, uma missão de cobrança das autoridades que é bem executada pela equipe. Essa cobrança exaltada insinua que as autoridades políticas só agem em benefício do povo, quando são pressionadas.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btJcH3Ogmb0>.

Na sequência, aparece por escrito: “a voz do povo na TV”, e Vitor comenta que o telejornal policial que apresenta é “o porta-voz do povo”. Vitor Valim, agora em seu segundo mandato de vereador de Fortaleza, apresenta-se como um sujeito que faz a mediação entre o político e “o povo”, para lutar por aquilo que o povo deseja, reivindica e necessita. Esse ponto chama atenção, porque atuar como sendo “a voz do povo” é um discurso também muito utilizado na política, na medida em que os eleitos são (seriam) representantes do povo, dos seus eleitores.

Perguntamo-nos quem é esse “povo” genérico a que Valim faz referência, que não possui uma voz própria ecoável, ou possibilidade de falar por si. Ele faz diferença entre aqueles que chama de “bandidos”, os denunciados, perseguidos, mortos e presos, e o “povo”, que faz denúncias ao programa, as pessoas que votam nele e assistem ao Cidade 190, as supostas vítimas dos bandidos. As pessoas de bem, entretanto, não são consideradas pessoas aptas o suficiente para serem ouvidas, como se, mesmo boas, estivessem em uma categoria inferior que as faz precisar de heróis para lutar pelos seus desejos, bem como traduzi-los para uma forma palatável. As pessoas não aptas seriam aquelas que fazem parte do grupo do “bem”, porém aquelas que são subalternizadas, pessoas das classes populares, que ficam nas patas do Estado-centauro, que discutimos anteriormente. Esses sujeitos são subjugados como não tendo força ou possibilidade de compreensão aprofundada das dinâmicas sociais, o que os impossibilitaria de lutar pelos seus direitos ou por melhores condições de vida.

Observamos que há um uso do que é falado sobre o Cidade 190 para qualificar o próprio Vitor Valim, e vice-versa. A “cara do programa” é um sujeito que empresta suas características para o produto, e também é beneficiado com os valores difundidos por ele. Nessa lógica, quando se fala de “Integridade”, pensamos na construção da imagem sem falhas que o comunicador busca imprimir, que é enfatizada até pelo estilo de roupa e penteado que escolhe ao se apresentar diante das câmeras. Sobre isso, é interessante perceber que a sua roupa permanece no mesmo estilo, mas há uma mudança de qualidade do terno que veste, agora com cortes mais ajustados ao corpo. Os trajes atualizados mostram um investimento financeiro para a construção e manutenção de sua imagem sem falhas, plena.

Sobre a integridade que afirma ter, Valim comenta que mostra “os dois lados da notícia”. Então, mais uma vez, apropria-se do discurso de um poder técnico do jornalismo, reproduzindo um jargão da área, que é associado ao valor da imparcialidade. A busca pela imparcialidade jornalística é baseada na crença de que é possível exercer a profissão sem influências externas, onde a verdade absoluta prevalece em detrimento de opiniões individuais. O título de imparcialidade jornalística coloca o profissional da área como alguém

superior a disputas, como um ser isento, que não serve a interesses específicos. Imagina-se que, ao apresentar as diversas versões do fato jornalístico de forma não tendenciosa, é o público que chega às suas próprias conclusões. Essas frases de efeito, entretanto, podem parecer diferentes do que o telejornal 190 faz em suas matérias e comentários.

A frase “vida real” aparece no vídeo e é convocada como um valor referente à verdade. Ao mostrar a “vida real”, o programa não omite o que de fato acontece na sociedade e não seria visto em outros locais. Vitor Valim, como apresentador do telejornal em questão, quer fazer crer que não exagera ou minimiza questões sociais, não conta histórias fantasiosas, mas fala com base na vida do “povo”, que é permeada por violência e descaso. A vida real a que Valim faz referência é uma vida de dor e sofrimento do povo, das pessoas menos favorecidas, sem voz. Essa vida real ruim é apontada como sendo motivada por omissão ou conivência de autoridades irresponsáveis, corruptas ou que não possuem contato com as demandas principais da população.

A chamada, apesar de curta, traz pontos centrais das temáticas que Valim aborda, a violência contra um povo de bem que supostamente não consegue ter suas reivindicações ouvidas e que precisa de ajuda. Ele é o sujeito que pode salvar esse povo ignorante do descaso das autoridades que não trabalham com base nas demandas da vida real. É um constante elogio ao trabalho supostamente jornalístico de qualidade que desenvolve e uma crítica ao trabalho mal feito de políticos que não possuem compromisso com a sociedade. Valim coloca-se como aliado da população, defendendo-a, protegendo-a, diferente de todos os outros: “o nosso compromisso é com você”. A construção dessa fala pode suscitar uma série de sentimentos, sobretudo de gratidão pelo trabalho exercido por Vitor Valim, bem como raiva por quem não exerce a função que deveria exercer na sociedade.

Figura 21 – Vitor Valim no cenário de 2013 do Cidade 190 e foto acompanhado por Evaldo Costa com horários de exibição do programa



Observamos uma mudança significativa; a retirada do projétil do slogan do programa. A bala que rodava a cidade e explodia no nome do telejornal é substituída pelo número zero.

As grades, antes colocadas na posição vertical, agora estão na horizontal, e o número “190” ganha destaque com a cor vermelha, que antes era destinada apenas ao fundo do slogan. A sensação é que há uma tentativa de amenizar o tom mórbido, a referência à morte por tiro e à prisão em cadeias, e ampliar a expectativa sobre o processo de perseguição, o movimento, sem perder a essência do programa, que fala de violência.

5.2.6 Novembro de 2016

A chamada seguinte foi exibida em novembro de 2016⁸⁷, quando Vitor Valim já era Deputado Federal. Com duração de trinta segundos, o vídeo mantém um formato já conhecido. Ele mescla cenas de matérias exibidas no programa com vídeos do apresentador, junto com Evaldo Costa, convocando o telespectador, evidenciando as características positivas do telejornal. A música escolhida para compor a trilha sonora também possui o mesmo estilo de antes: é enérgica, envolvente e simula a agitação e emoção suscitadas em uma perseguição policial.

Figura 22 – Extratos de cenas de matérias exibidas no Cidade 190



Uma diferença que salta aos olhos diz respeito à ausência do estúdio do programa, ou de um pano de fundo sombrio. Vitor aparece em um pano de fundo branco, cor que remete à paz e contrasta com as cenas exibidas e com o próprio estilo do programa. Vale lembrar que a chamada ocorre dois anos após a exibição de cenas de violência sexual de uma criança no telejornal Cidade 190, que ganhou repercussão nacional. É curioso perceber, entretanto, que esse caso – em princípio negativo para a imagem do programa e do próprio apresentador – serviu como uma espécie de impulsionador de sua carreira política. Vitor foi eleito Deputado Federal, saltando de um cargo político municipal para um federal.

Vitor Valim, vestido de terno preto e gravata de boa qualidade, se destaca do fundo branco, com o slogan do programa no canto superior esquerdo. Disposto desse modo, o nome “Cidade 190” faz lembrar um slogan de partido político em vídeos do horário eleitoral

⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zftagyv-700>.

gratuito, exibido tradicionalmente nas televisões em período de campanha. Outra associação possível de ser feita é à imagem de um pastor de igreja evangélica, que muitas vezes porta terno e gravata e faz suas pregações em ambientes brancos. O fundo claro dá ainda mais destaque para o apresentador, que aparece parado, porém visivelmente mais à vontade diante das câmeras. Vitor Valim parece dominar a situação, está agora com uma voz mais firme, uma dicção ainda melhor que de costume, e usa as mãos para pontuar, de forma mais elegante, alguns elementos de sua fala.

Figura 23 – Vitor Valim sob fundo branco com a logomarca do Cidade 190 em 2016



Vitor Valim afirma: “o nosso dever é mostrar a realidade da rua”. Ele se coloca em posição de parceria com o telejornal que apresenta, para executar a missão de informar, de mostrar. A afirmação retoma a apropriação do valor jornalístico de busca e exibição da verdade absoluta, da realidade. O dever de lutar é estendido ao telespectador, que é convocado, como um soldado, nas palavras do comunicador: “lutar junto com você pelos seus direitos”. A parceria, antes apenas com o Cidade 190, agora também é compartilhada com o telespectador, que é apontado como principal beneficiado pela luta travada.

A luta não é mais só de Vitor Valim contra as autoridades, ela é uma batalha coletiva em que o comunicador e o telejornal aparecem como comandantes, mesmo que supostamente não sejam beneficiados com isso. O povo, por sua vez, apesar de ser supostamente o maior beneficiado da batalha travada, aparece como um conjunto de sujeitos que não possuem poder para terem suas reivindicações atendidas. Esse elemento é evidenciado, quando afirma que “nós somos o Cidade 190, o programa feito para você”, pois se apresenta como um produto desejado, feito sob medida para suprir as necessidades de quem assiste, de quem se identifica com o discurso disseminado e que possivelmente também é eleitor do comunicador.

Ele tenta, por meio dessa fala, se apresentar como alguém que abre mão de benefícios individuais em prol de uma batalha pelos direitos do povo. O uso do termo “direito” aparece como um elemento discursivo muito utilizado na política institucional, o que o identifica como alguém que está por dentro de uma linguagem técnica, alguém que está em um lugar

privilegiado de promover “vez e voz” a quem não os alcançaria por outros meios. A fala de Vitor Valim é permeada pelos dois lugares sociais assumidos, o de comunicador e o de político, acionando os elementos que o convém para se colocar como um sujeito ilibado e a serviço do povo.

5.2.7 Novembro de 2016

A sexta chamada protagonizada por Valim é um vídeo de 31 segundos, exibido em novembro de 2016⁸⁸. Nele, o comunicador aparece novamente ao lado de seu colega Evaldo Costa, que ganhou mais destaque no programa após Vitor ser eleito Deputado Federal e não estar presente diariamente no telejornal em questão.

A chamada inaugura uma nova forma de convocar o telespectador a assistir ao programa em questão, enaltecendo uma nova possibilidade de interação, por meio do aplicativo de troca de mensagens WhatsApp. A ferramenta é apresentada como forma de aproximar o telespectador do comunicador, interagindo de maneira mais próxima e rápida, passando a exibir o conteúdo produzido pelos telespectadores no próprio programa. Quem denuncia, agora, possui uma arma a mais e vê o resultado de sua “batalha” ao vivo, no programa, já que Vitor convoca: “Confira seus vídeos conosco aqui no Cidade 190”, como se mais uma arma fosse oferecida ao povo para lutar contra “o mal” que o comunicador tanto persegue no programa.

É utilizada a estratégia de exibir vídeos amadores em uma tela de celular, para ilustrar a simplicidade técnica do tipo de vídeo que pode ser mandado, o que enfatiza a possibilidade de o telespectador participar do processo de fazer justiça. Ao colocar a demanda de cobertura como proveniente do “povo”, o telejornal busca se eximir ainda mais da responsabilidade pelo conteúdo que produz.

⁸⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_U9Xt3qgCc.

Figura 24 – Vitor Valim no cenário do Cidade 190 de 2016 e imagem de um celular exibindo um vídeo enviado por telespectadores



O traje, o penteado e os acessórios continuam iguais, mas o apresentador aparenta estar cada vez mais desenvolto e à vontade à frente do programa, demonstrando um completo domínio da função que exerce. O tipo de música é semelhante, mas o som é um pouco mais baixo. O cenário mantém algumas características daquele de 2013, porém foi modificado e aparenta ser mais moderno. As tradicionais grades, que já são horizontais, agora ganham menos destaque, ficam ao lado de duas televisões dispostas lado a lado, que exibem o slogan do programa. O vermelho do cenário continua com bastante destaque, mas tem agora um tom mais escuro e é intercalado por retas paralelas, que nos fazem lembrar setas, dando assim uma sensação de agilidade. Parece que os elementos que remetem mais enfaticamente à prisão e morte são suavizados, apesar de ainda estarem presentes, o que demonstra que há a intenção de tentar amenizar a imagem do “espreme que sai sangue” a que o telejornalismo policial frequentemente é associado.

5.2.8 Maio de 2018

Em maio de 2018, no início do ano em que se candidata a Deputado Estadual, Vitor aparece em uma chamada de trinta segundos de duração⁸⁹. Nela, o comunicador está em um cenário completamente novo e muito diferente dos anteriores. O vermelho marcante não é mais a cor predominante do cenário, que agora é branco, cinza claro e azul suave. As tradicionais grades, que mudaram ao longo dos anos, são substituídas por janelas de vidro fosco, como cortinas persianas, verticais, que estão entreabertas para uma paisagem de uma cidade com muitas árvores, céu azul e prédios altos.

Apesar de a janela, disposta como está, ainda remeter à imagem de grades, pode também ser facilmente associada a janelas de um prédio alto, uma varanda protegida e com

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-76Tlsc2Tc>.

uma vista privilegiada da natureza e de prédios semelhantes. As grades, mais do que prender os “bandidos”, protegem e separam os sujeitos de bem em torres. Quadrados azuis enfeitam as paredes brancas, o que também faz pensar em prédios grandes e altos, com suas janelas sendo o único contato com o mundo externo. Mais do que afastar o sujeito mal da cidade comum, o cenário dá indícios de que, no condomínio do Cidade 190, o povo que assiste o programa está mais separado do que antes dos perigos da rua. Na dinâmica do condomínio, Vitor Valim aparece como um síndico autoritário, um gestor que afasta o outro perigoso e mal do convívio e da vista do povo, das pessoas de bem.

Figura 25 – Vitor Valim no cenário do Cidade 190 de 2018 andando e fazendo o gesto de “puxar a orelha deles”, seu bordão



O contato com o sangue, com o vermelho, dessa vez, ocorre exclusivamente por meio de dois pontos: o número de chamada policial “190” presente no nome do programa, que é exibido na televisão do cenário, e a gravata de Vitor, que o identifica como esse sujeito mediador responsável por afastar o perigo e a violência. O comunicador apresenta-se como alguém capaz de organizar a sociedade, ocupando com elegância espaços na comunicação e na política para promover o bem-estar de quem representa.

Esse duplo lugar de privilégio que ele ocupa é colocado como fruto do “clamor por justiça e respeito” daqueles que representa, dos que assistem ao programa e participam de maneira “interativa” com “vez e voz” da construção do telejornal. Assim como um síndico, Vitor Valim coloca-se como alguém eleito para atender a demandas com firmeza, inclusive dando “um puxão de orelha nas autoridades”, como o seu jargão sugere.

Valim fala sobre o combate à violência urbana, mas sinaliza que as armas exigidas para esse combate não podem se restringir a uma denúncia, por mais que essa estratégia seja constantemente estimulada, em um processo de fidelização do telespectador. Ele fala em democracia e afirma que o Cidade 190 é “o programa mais democrático da TV cearense”. Uma instituição democrática respeita as regras, os desejos manifestos em votos dos

envolvidos nos processos de decisão. A democracia do programa, desse modo, faz alusão à democracia como todo, em uma referência que pode fazer lembrar os processos eleitorais, o poder do voto. Não por acaso o uso da palavra “democracia” é feito em um ano de eleições presidenciais, como uma espécie de lembrete da importância de se votar em quem vai agir de acordo com o que é pessoalmente desejado. Ao pontuar o “clamor por justiça e respeito” do público e a democracia do telejornal que faz parte, Valim se coloca como escolhido pelo povo para defender um espaço comum com justiça e respeito aos desejos do povo, bem como aqueles por ele apoiados.

O comunicador-político tem uma feição amigável no vídeo, fazendo uso do bordão como em tom de brincadeira e parecendo estar descontraído. Ele se coloca como um sujeito humilde, apesar de nunca abrir mão de evidenciar o local de destaque que possui, sempre usando roupas e penteados formais. Vitor busca aproximar-se do seu público, mas sempre marcando a distinção entre eles: é um mediador entre os desejos do povo, o poder público e os “bandidos”, entre os condôminos e a rua perigosa. Ele aparece como uma figura que desperta admiração pela inteligência, onisciência e pelo poder e coragem que possui. Mesmo nesse lugar de destaque, aparenta se manter humilde e atento às demandas dos menos favorecidos, o que também pode gerar sentimentos de gratidão.

5.2.9 Novembro de 2018

Em novembro de 2018, o último vídeo do conjunto de chamadas foi exibido. Nele⁹⁰, que tem duração de 30 segundos, como a quase totalidade dos vídeos do extrato aqui analisado, o candidato à presidência do Brasil de extrema-direita que o comunicador havia apoiado estava recém-eleito. Vitor está visivelmente feliz, esboça sorrisos de canto de boca e uma desenvoltura que chega a contrastar com a do seu colega de apresentação Evaldo Costa.

Figura 26 – Vitor Valim se dirigindo ao público no cenário do Cidade 190 de 2018



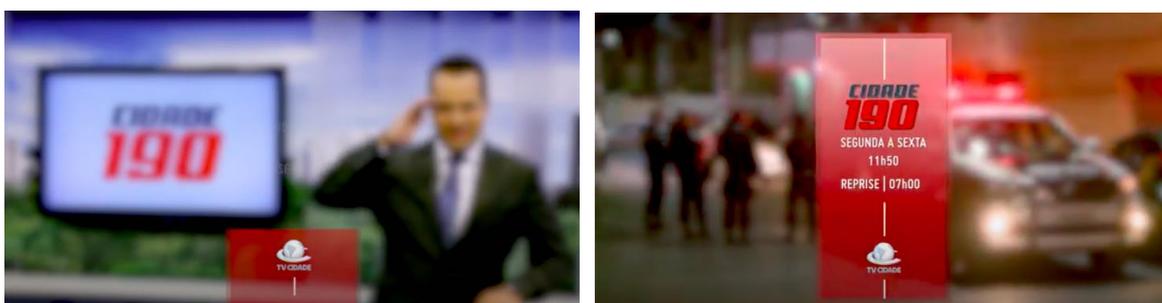
⁹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RUO6YmK3uhA>.

O cenário é o mesmo do último vídeo, bem como o formato, que mescla cenas de matérias exibidas no telejornal e evidenciam o teor do que é abordado naquele espaço: armas de fogo, viaturas policiais, fragmentos de balas perdidas na mão de pessoas que delas são vítimas, ambulâncias, vidros quebrados, incêndios, dentre outros. Vitor afirma: “Aqui, o espaço é seu” e completa a frase afirmando: “somos a sua voz na TV”. Assim sendo, ele busca se defender de possíveis críticas ao trabalho que faz, tendo em vista que se coloca como alguém que respeita o “clamor de justiça” dos telespectadores, do povo.

As escolhas do programa são apresentadas como escolhas do público, o que lhes daria legitimidade. Vitor, nesse cenário, é um sujeito que está a serviço de um poder maior, de um poder que emana do povo, apesar de se colocar sempre como alguém mais inteligente e apto para ser o porta-voz dessas pessoas. Chama atenção o uso dado à “voz” do telespectador: é proveniente de um povo genérico, importante e bom o suficiente para dar poder a Vitor, mas não para ser ouvido de forma direta no programa. Vitor Valim é um representante do telespectador, mas faz questão de marcar a sua diferença diante das câmeras.

A trilha sonora, apesar de enérgica, não passa uma sensação de angústia ou de apreensão, mas de vibração, como a de uma comemoração de algo bem-sucedido, ou até de um estímulo a um sentimento de esperança e vitória.

Figura 27 – Imagens finais de chamada do Cidade 190 com horário de exibição do programa



A parceria com a polícia, que é sempre exaltada, é evidenciada no momento final do vídeo. Vitor encerra sua fala, fazendo sinal de prestação de continência, imagem que é seguida pelo slogan e os horários do programa sobre um fundo de cena de policiais armados ao lado de uma viatura. Vitor presta continência aos policiais? Ao telespectador que o assiste? Convoca esse público a, como ele, respeitar e ser submisso às ações policiais? As interpretações podem ser várias, mas o elogio ao uso da força policial é inquestionável. Há uma parceria explícita entre Vitor Valim e os setores sociais que enaltecem o trabalho militar.

5.3 MOMENTO 3 – O HUMOR NO CIDADE 190

No terceiro momento da análise da performance de Vitor Valim, no seio do telejornal policial Cidade 190, observamos um conjunto de três vídeos do apresentador, em situações descontraídas, nos anos de 2018, 2019 e 2020. São interações com os colegas de apresentação, Luciana Ribeiro e Evaldo Costa. Os vídeos são extratos de momentos de quebra do tom sério que predomina no telejornal, pedaços de programas exibidos na TV Cidade, postados no Instagram de Vitor Valim e de Luciana Ribeiro.

5.3.1 2018 – Que tiro foi esse?

O vídeo⁹¹ aqui analisado foi postado na conta de Instagram de Luciana Ribeiro, identificada pela diretora executiva da TV Cidade e ex-esposa de Vitor Valim, Gaída Dias, como a “garota merchandising” do Cidade 190. Luciana, uma mulher jovem e bonita, destoa dos apresentadores, tanto pela forma de se vestir, quanto pela forma que se porta naquele ambiente. Ela fala diretamente sobre produtos à venda, fazendo propaganda dentro do programa, veste roupas coladas e coloridas, bem como dança e faz piadas, representando um contraponto ao teor policial e sério que dita o resto dos elementos valorizados na atração.

No vídeo em questão, Luciana Ribeiro e Vitor Valim estão no cenário mais recente do telejornal e se localizam ao lado das duas televisões, que exibem o videoclipe da música “Que tiro foi esse?”⁹², da cantora de funk carioca Jojo Todynho. O vídeo tem duração de 30 segundos e foi postado no dia 15 de janeiro de 2018, época em que a música fazia bastante sucesso. No extrato, além das imagens do clipe, a música de funk é também a trilha sonora do momento de descontração.

Vitor Valim, vestido como de costume, aparece rígido e supostamente constrangido, enquanto Luciana, que porta um vestido vermelho, faz a dança que ficou conhecida juntamente com a música. Antes de começar a dançar, Luciana pergunta: “É pra fazer valendo?”, e Vitor responde que pode segurar a colega em seus braços. A mulher pede que o

⁹¹ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/Bd_QghhFipk/.

⁹² O videoclipe (<https://www.youtube.com/watch?v=Qw4uBk7DOa8>) conta a história de duas mulheres e um homem que largam o trabalho para ir a uma festa de funk. Na sequência, eles trocam as roupas sérias e se vestem de forma extravagante e sensual, chamando atenção e causando inveja nas demais pessoas que estavam na festa. A cantora Jojo Todynho aparece, ostentando joias, bebendo drinks, acompanhada por homens seminus dançando e cantando, enaltecendo imagens de liberdade sexual. O final do vídeo apresenta uma cena que parece ser o dia seguinte da festa, em que os colegas de trabalho não comentam sobre o momento de descontração, mas os elementos utilizados na noite anterior aparecem e são prontamente escondidos pelo homem, de volta ao ambiente de trabalho.

apresentador segure seu microfone e solicita à produção: “Volte aí quando ele faz que tiro foi esse”, em referência ao refrão da música. Vitor parece surpreso e faz uma negativa seguida da pergunta: “É pra cair no chão?”, como se isso fosse um impeditivo para a continuação do número. Esse suposto impedimento é contraposto pela repreensão que Vitor faz à produção pelo volume da música, quando ordena enfaticamente à equipe responsável pelo som: “Aumenta, meu irmão!”. O tom enfático beira a grosseria e, dessa maneira, a linguagem que usa contrasta com a roupa que veste.

Figura 28 – Luciana Ribeiro performando sua morte por bala perdida



O volume da música fica mais alto e podemos escutar um som forte que simula o disparo de uma arma de fogo, enquanto a garota do merchandising se joga no chão, simulando sua morte por assassinato. Vitor mostra-se surpreso com a encenação e oferece ajuda para a colega, que afirma: “é mais ou menos isso”, enquanto o apresentador diz que ficou assustado e fala: “até transpirei”, como se tivesse ficado nervoso com a situação.

Figura 29 – Vitor Valim “nervoso” com performance de Luciana Ribeiro



É interessante observar que a pessoa responsável por divulgar os produtos de patrocinadores do programa é uma mulher estimulada a se colocar em situações depreciativas. Por outro lado, também salta aos olhos a “piada” feita ao reproduzir uma coreografia de uma música que simula um tiro e uma morte por bala perdida justamente em um telejornal policial.

Vitor Valim parece fingir que não sabe o que vai acontecer, como se não tivesse controle sobre o que é planejado para a programação, o que é contraposto pela repreensão que faz à equipe de produção, pedindo que aumentasse o volume da música. Por um lado, ele se apresenta como um homem sério, mas disposto a se abrir parcialmente para brincadeiras, sem que isso atinja seu lugar rígido. Por outro lado, projeta Luciana como uma mulher jovem, que segue modas sem sentido, uma mulher supostamente fora de controle. Ainda diante dessa mulher, que conhece músicas populares desconhecidas por ele, Victor apresenta-se como um homem tradicional, cavalheiro, e oferece seu apoio para que ela se levante e se recomponha. Vitor, mesmo querendo se mostrar nervoso com a situação, não se curva ou demonstra arroubos em sua postura: coloca tranquilamente a mão no peito e passa os dedos na testa para dizer: “transpirei”. Então, as linguagens (verbal e não verbal) em cena, aparecem de forma oposta.

A trilha sonora, como pontuamos, tem um papel fundamental na performance em questão, pois não só dita o ritmo, como de costume, como traz letras que falam de criminalidade de uma forma banalizada em um ritmo que é, muitas vezes, associado a uma hipersexualização da mulher e do corpo feminino e à violência nas periferias das cidades. Esse ponto, inclusive, é reforçado pelas imagens do clipe que são exibidas nas telas do cenário, que mostram a cantora em poses sensuais e portando roupa decotada e justa. Outro ponto sobre a cantora da música em questão é que ela é uma mulher de origem periférica, gorda e negra, que sofre com opressões sobrepostas interseccionais. Ela é associada a uma “moda”, algo recente e efêmero pela pouca qualidade, que causa suposto desagrado ao apresentador.

Tanto a música quanto a dança estavam fazendo sucesso na época do vídeo, o que pode gerar uma identificação por parte do público. O suposto constrangimento do apresentador, diante da irreverência da comunicadora, também pode suscitar uma proximidade, tanto de quem gosta da música e do ritmo musical funk, que pode achar a situação inusitada e engraçada; quanto pode suscitar uma proximidade de quem, assim como aparenta Vitor, não conhece e/ou não é familiar ao estilo musical, aqueles que não “se misturam”.

As mulheres presentes na cena são de alguma forma objetificadas, tanto a cantora que aparece nas telas do cenário do Cidade 190, quanto a comunicadora. A primeira, não ocupa presencialmente os estúdios do programa, é vista pela mesma tela que apresenta os “bandidos” perseguidos e denunciados pelo programa. A segunda, faz parte do condomínio do Cidade 190, representa o *merchandising*, o produto oferecido. A cena de vê-la simulando a

própria morte choca e também pode contribuir com a perpetuação de uma imagem estigmatizada e preconceituosa da mulher na sociedade: caricata e inferior, mesmo que participe da construção do programa.

5.3.2 2019 – Vem, neném!

O segundo vídeo⁹³ tem duração de um minuto e 30 segundos e foi postado no dia 11 de dezembro de 2019 no perfil de Instagram de Luciana Ribeiro. Nele, a trilha sonora também assume papel central na cena. A música de axé da trilha sonora é “Vem, neném”⁹⁴, do grupo baiano Harmonia do samba. Foi lançada em 1999, mas continua fazendo sucesso, mais de duas décadas depois, bem como sua coreografia, que ainda é lembrada com frequência. No extrato do Cidade 190, Vitor Valim interage com o colega de trabalho Evaldo Costa, um apresentador negro que também é comunicador-político, porém não tão bem-sucedido quanto Valim.

Vitor inicia a cena de forma descontraída com uma ordem à produção: “Bota uma música aí, deixa eu ver!”. A produção prontamente atende Vitor, que começa a dançar, sorrir e falar com um tom de voz descontraído e até mais fino que o de costume, uma nova ordem, enquanto se direciona a Evaldo Costa: “Bota o VT. Eu vou pra perto dele aqui, porque ele agora ficou conhecido como...”.

Figura 30 – Vitor Valim dançando e cumprimentando Evaldo Costa



A frase de Vitor é interrompida pelo colega, que tenta disfarçar o constrangimento sorrindo e tenta mudar de assunto: “Ei! Ei! Rapaz... ontem perguntaram muito...”, tentativa prontamente negada pelo apresentador, que afirma: “Não venha com conversa, não”, enquanto um vídeo de Evaldo Costa fardado com uma camiseta com estampa da emissora TV Cidade, dançando em cima de um palco com colegas também fardados aparece na tela do

⁹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/B58db4Eph6u/>.

⁹⁴ A música “Vem, neném” (<https://www.vagalume.com.br/harmonia-do-samba/vem-nenem.html>) conta a história de uma pessoa que está apaixonada por uma “gatinha coisinha” tímida, que quer bem e quer convencer de que a vida é passageira.

cenário do programa. Vitor comenta efusivo: “Vamos olhar aqui. Ó o Evaldo Costa!”, dá um grito de comemoração e ordena à sua equipe: “Abre o vídeo, rapaz!”.

Figura 31 – Evaldo Costa dançando sobre um palco com colegas de trabalho



Evaldo Costa insiste em interromper o apresentador e fala: “Mandaram fazer uma pergunta sobre seu cabelo”, ao que Vitor responde com desdém: “O que é? O que é meu cabelo?”. O comando da equipe de produção continua com a ordem: “Então volta pra mim, aqui, volta.”. Evaldo ri constrangido, aponta para alguém que está atrás das câmeras e afirma que o diretor do programa perguntou “se seu cabelo era de plástico, qual era o nome da tinta”. Vitor caminha até a câmera e começa a passar a mão nos cabelos, enquanto fala: “Pronto, vou fazer assim, pra ficar menos engomadinho, né? Porque pronto! Peraí! Vou assanhar... pronto! Vou ficar assim. Tá legal, assim, agora? Pronto! Acabou a brincadeira. Pronto! Assim. Vou apresentar o programa, agora”. Apesar de mexer no cabelo como se fosse assaná-lo, Vitor continua bem penteado, o que evidencia que ele quis apenas desviar o foco da brincadeira de forma enérgica, ironizando aqueles que o criticam.

Figura 32 – Evaldo Costa sendo repreendido por Vitor Valim



Ouve-se, ao fundo, uma voz feminina que exclama surpresa: “Meu Deus” e sugere que Evaldo ajude a arrumar o cabelo de Vitor, que nega prontamente afastando o corpo e proferindo falas com teor homofóbico: “Não, peraí! Nós já somos conhecidos como *tutti-frutti*. E se tu for pra história de ajeitar meu cabelo, aí é o *batgut*. Não, aí.. aí já... papocou de

vez”. São utilizadas palavras pejorativas para fazer referência a relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, como “tutti-frutti” e “bat gut”. A primeira, uma expressão italiana que significa “todas as frutas” e é um conhecido sabor de sobremesas, e a segunda é uma marca de bebida láctea cor de rosa, provocação que Evaldo responde, retirando a mão do cabelo do colega, rindo e afirmando: “Diretor... gosta. Olha, o diretor gosta!”, em uma possível tentativa de se resguardar.

Vitor aparece empolgado com a possibilidade de rir do colega, mostrando-o em uma situação constrangedora, mas ridiculariza a tentativa de reenquadramento que é feita em sua direção. Ele mesmo faz uma intervenção em seu visual, a partir da piada que lhe é proferida. Não só não demonstra constrangimento, como utiliza do que a ele é direcionado para enfatizar as insinuações homofóbicas, inicialmente relacionadas à dança que faz a Evaldo. Vitor Valim domina completamente a situação, do início ao fim da cena, dando ordens enfáticas e surpreendendo a todos, quando há uma tentativa de desestabilizá-lo de alguma forma. Vitor até pode aparecer brincando e rindo, mas isso não interfere na sua postura ereta, certa e irretocável.

Ele fala como o povo, usa palavras pejorativas e expressões populares, mas não é passível de ser apontado como alguém que falha a ponto de ser ridicularizado por isso, podendo reforçar a imagem admirável que tenta construir. O riso, no caso de Vitor, também é programado, planejado, e não uma expressão de falta de controle, o que pode reforçar um desejo de espelhamento por parte do público. O colega, em sua oposição, é constrangido durante toda a cena e não tem abertura para se colocar de outra forma, mesmo que tente.

5.3.3 2020 – Medo de cobra?

O terceiro vídeo⁹⁵ aqui apresentado foi postado em 5 de março de 2020, na conta do Instagram de Vitor Valim, e tem dois minutos e 58 segundos. Nele, Vitor Valim interage com Luciana Ribeiro sobre um vídeo enviado para a produção do programa pelo público. Vitor aparece inicialmente sozinho, olhando para uma ficha em suas mãos, e fala: “Eu vou falar agora... cobra!”. Quando diz “cobra”, o faz com ênfase e olha diretamente para a câmera. Na sequência, enfatiza que a produção do programa está olhando para ele, citando inclusive o nome de uma mulher: “Ó... a Patrícia... falar em cobra... por que tá me olhando, Patrícia?”, enquanto exprime um semblante irônico.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/B9XA2X5gQfB/>.

Figura 33 – Vitor Valim fazendo comentários de duplo sentido com a equipe de produção do Cidade 190



Nesse momento, a música, que estava baixa, é substituída por uma que se remete ao cômico e a trilhas sonoras de filmes de comédia, aumenta-se o volume, há um movimento da equipe de edição, que Valim concorda e enfatiza: “se tiver uma musicazinha, é interessante”. Convida Luciana Ribeiro para dançar e afirma: “interação total com nossos telespectadores”. A comunicadora aparece em cena, vestindo um macacão marrom claro e dizendo: “adoro interação total”.

Vitor Valim continua com um tom irônico e tece comentários sobre a roupa de Luciana, comparando-a a uma cobra e fazendo alusão a um possível comentário feito anteriormente, que teve provavelmente repercussão por parte do público, por meio das redes sociais do Cidade 190. Ele diz, com um sorriso de canto de boca:

Quando eu digo que essa sua cor de roupa, você estava igual ao animal mais belo do nosso universo, meladinho de lama, puxaram minha orelha. Disseram: “de jeito nenhum. A Luciana é um dos animaizinhos mais belos melada de mel de Jandira”.

É interessante observar que uma adaptação do bordão de Vitor, “puxaram minha orelha”, aparece como sendo apropriado pelo público para criticá-lo. A crítica, entretanto, não parece real e soa como um comentário que reforça a fala machista que teve, que animaliza a colega de trabalho, comparando-a com um animal peçonhento, considerado traiçoeiro e perigoso. Vitor continua com o tom irônico, como se também estivesse em um diálogo com o público e faz perguntas com duplo sentido, que remetem a um teor sexual: “E quem tá nos assistindo que tiver medo de cobra... Você tem medo de cobra, Luciana?”.

Quando a comunicadora começa a responder afirmativamente, a música muda para a conhecida “Ralando o Tchan”⁹⁶, do grupo de axé baiano “É o Tchan”, que fez sucesso no Brasil nos anos 1990 e 2000. A música em questão é composta por uma série de frases de

⁹⁶ <https://www.letras.mus.br/e-o-tchan/80/>

duplo sentido, fala de uma série de partes do corpo de uma mulher como alvo de olhares de um homem: “O califa tá de olho no decote dela / Tá de olho no biquinho do peitinho dela / Tá de olho na marquinha da calcinha dela / Tá de olho na quebração das cadeiras dela”. Ela também tem, como parte do refrão, uma referência, com duplo sentido, ao tradicional “encantamento de serpentes”⁹⁷, que diz repetidas vezes: “ela faz a cobra subir”, fazendo alusão a um pênis ereto.

Luciana não demonstra constrangimento e responde à provocação também com duplo sentido e de forma provocativa: “O certo é a gente dominar as cobras. Você sabe”. O apresentador, então, fala sobre o caso de uma cobra que foi encontrada perto da Lagoa do Catu, localizada na região metropolitana de Fortaleza, na cidade de Maracanaú. O vídeo é exibido em tela inteira, e Vitor faz questão de repetir o tamanho da cobra: “Mais de seis metros”. Vitor continua com o tom irônico, e a música volta a ser cômica e acompanhada por sons de gargalhadas artificiais. Ele fala novamente sobre a equipe de produção: “Tem alguns companheiros da redação, e companheiras, que estão, assim, eufóricos com essa história da cobra”.

O vídeo continua sendo exibido em tela cheia e os apresentadores falam sobre o tamanho do animal, que é identificado por Vitor como sendo uma jiboia. Sobre a espécie, Luciana pergunta: “É aquela que mata a pessoa apertada, não é?”, ao que Vitor responde: “Fricção, né? [...] É constrição. Que é apertando, pressionando... não sei se o português tá certo, não”. É interessante observar o ato falho que comete quando fala em “fricção”, porque reforça o duplo sentido sexual, que utiliza ao logo da cena, fazendo alusão a relações sexuais.

Ainda narrando o vídeo que é exibido em tela inteira, Vitor parece estar animado com a situação e com a piada e continua: “essa cobra, ela aperta, vai quebrando... aí depois (faz barulhos com a boca como se tivesse mastigando algo)”. Luciana, por sua vez, continua no tom de Vitor e comenta: “O Evaldo, hein, vendo uma coisa dessas, uma hora dessa...”, em um tom que pode fazer alusão a uma fala homofóbica.

⁹⁷ O encantamento de serpentes é uma prática de hipnotizar serpentes tocando um instrumento musical, como flauta. A prática é feita geralmente por artistas de rua de países como Índia, em outros países orientais e até no Norte da África.

Figura 34 – Vitor Valim indicando que Luciana Ribeiro deve sair de cena



Vitor Valim, retoma sua postura mais séria, quando a câmera volta a exibir imagens do estúdio e afasta Luciana, com um toque nas costas que provavelmente sinalizou o fim da interação. Luciana vai embora rindo e o apresentador convoca o público a enviar outros vídeos como o que foi exibido: “olhe, você que tem uma sugestão, um vídeo engraçado, uma coisa bacana que aconteceu na sua cidade, no seu bairro, manda pra gente aqui, que nós temos essa interação total com nossos telespectadores”. Essa “interação total” a que o apresentador faz referência pode ser considerada uma estratégia de fidelização do público, que pode se sentir prestigiado por contribuir com a atração que acompanha.

Vitor, mais uma vez, mostra sua “erudição”, explicando situações com termos rebuscados, ao mesmo tempo que usa do humor para construir uma imagem carismática em torno de si. Vitor se apresenta como alguém sério, mas também bem-humorado e descontraído. A descontração, entretanto, aparece em momentos muito específicos e nunca de forma descontrolada, com grandes gargalhadas ou situações que o constrojam de fato. Ele dita não só o ritmo do programa, também os participantes exibidos em cena, o fluxo da exibição das imagens, o volume e o teor da trilha sonora, a interação com o público e com a produção do programa. É, de fato, a cara e o ritmo do programa – nada escapa a sua organização e desejo. A sexualidade caricata e preconceituosa, por sua vez, é o principal tema abordado nesse eixo relativo a humor, de forma pejorativa, que tem como alvo de constrangimento e personagem alvo de chacota a mulher e o homem negro, em contraste com Vitor.

5.4 QUE COMUNICADOR É ESSE?

A partir da análise da performance de Vitor Valim à frente do Cidade 190, chama-nos atenção a forma como os elementos se repetem ao longo dos anos. De maneira pontual, não há grandes ou abruptas mudanças no perfil dele, apenas pequenas adaptações que são melhor

observadas quando olhadas de forma conjunta. Vitor segue a “fórmula” já conhecida dos apresentadores de telejornal policial. Com o passar do tempo, entretanto, ganha mais desenvoltura e fica mais à vontade diante das câmeras, o que culmina no aparecimento de nuances que o diferenciam dos demais profissionais da área. Podemos dizer que há uma certa “suavização” da performance dele ao longo dos anos. O apresentador agressivo, que aponta o dedo e pede justiça, vai se tornando mais comedido.

A segurança que passa a ter pode ser atribuída à trajetória política vitoriosa, concomitante à sua trajetória bem-sucedida no telejornal policial Cidade 190. O poder que exerce é evidenciado com falas cada vez mais firmes e que, por vezes, colocam até a própria equipe do programa em situações delicadas: Vitor parece saber da força sobreposta que tem e não se acanha em evidenciá-la. Ao contrário, lembra constantemente que não é um comunicador como outro qualquer, mas um comunicador-político, assumindo assim uma postura de suposta independência e liberdade.

No universo desses cinco extratos do telejornal aqui analisados, o primeiro e o último têm uma característica em comum: mostram Vitor sendo entrevistado por colegas de emissora e do programa após ser eleito a um cargo político. O inicial trata do seu ingresso na política, enquanto o derradeiro evoca sua saída do Cidade 190 para a dedicação exclusiva à política. Parece que o caminho percorrido é bastante coerente e aponta para a construção de uma figura política cada vez mais influente e independente da profissão de origem. Se Vitor Valim ingressou no Cidade 190 em 2004, em 12 dos 16 anos que passou no programa, também atuou como político. A construção de sua carreira, podemos dizer, é feita quase totalmente de forma conjunta nos seus dois campos de atuação com foco, entretanto, na política.

No momento de ingresso na política, Vitor aparece na companhia de uma espécie de padrinho, personificado na figura do colega dos dois trabalhos que exerce, comunicador e político, Edson Silva. No momento de despedida, figura também ao lado de seu contemporâneo Evaldo Costa, do mesmo modo comunicador-político. Ambos os colegas não são tão bem-sucedidos quanto Vitor. Edson Silva e Evaldo Costa permaneceram no Cidade 190. São comunicadores que enveredaram para a política, mas continuaram prioritariamente no telejornal, enquanto Vitor Valim assumiu um cargo político no poder Executivo. Colocados os dois momentos lado a lado, a imagem de sucesso de Vitor Valim é ainda mais impressionante: ele superou seu “padrinho”, bem como seu contemporâneo, ganhou destaque especial, é um caso de absoluto sucesso que ultrapassa seu local profissional de origem, tendo em vista que há uma mudança de papel e de status político.

As mudanças no perfil de Vitor Valim, como dissemos, foram pontuais, mas uma delas é especialmente significativa, a mudança de vestimenta no momento em que se despede da carreira de comunicador. Ao se despedir do Cidade 190, Vitor abandona também a imagem de engomadinho, sempre de terno, que o acompanhou ao longo de sua trajetória no programa, imagem essa compartilhada com os demais comunicadores da área ou até mesmo com a figura de pastor de uma igreja evangélica. Ele não apenas aparece sem terno, como porta uma camisa com as mangas arregaçadas, em um sinal reconhecível que remete ao trabalho. Agora, coloca-se como alguém apressado para colocar a “mão na massa” e agir, ao invés de denunciar, como fazia até então.

A denúncia, inclusive, é o tom que assumiu ao longo de todo o período que passou no comando do programa. Vitor denuncia o mal, amplo, personificado tanto em sujeitos que cometem crimes nas ruas quanto em sujeitos que promovem e/ou se beneficiam com a manutenção desses crimes, a que chama de “burrocratas”. Vitor é o defensor do bem e dos bons, seja aqueles que sofrem com criminosos ou os policiais que tentam defendê-los. Aqui, observamos uma diferença que se estabeleceu ao longo do período analisado. No início, Vitor aparecia como uma espécie de ajudante dos policiais, alguém que denuncia o crime, com a ajuda do público que dele sofre, que investiga e até contribui na punição dos bandidos. Ao longo do tempo, esse papel de mediador da relação entre o povo e policiais dá espaço para o mediador do conjunto povo + policiais e a política institucional.

Vitor tem a missão de combater na guerra do bem contra o mal. Esse mal abstrato vai sendo modificado e aumentado, na medida em que ele assume e acumula cargos (ou armas) mais relevantes (ou poderosas). É interessante observar, nesse processo, que, enquanto trabalhava no legislativo, ele reivindicava o lugar de fala em nome dos trabalhadores da segurança pública e daqueles que por eles são protegidos, denunciando, nesse espaço do telejornal, poderosas forças políticas a serviço do mal. A denúncia é uma marca tão forte em seu discurso que, mesmo quando se apresenta como prefeito de Caucaia, figura de autoridade que é cobrada, mantém os bandidos (as facções) como inimigos, como forças poderosas, aliados de políticos opositores, com interesses obscuros. Vitor aparenta querer colocar a “mão na massa”, mas ainda usa da mesma estratégia de denúncia para tanto. Os protegidos são os mesmos, as pessoas “de bem” e “sem possibilidade de fala”, ainda que a forma de denunciar seja adaptada de acordo com o lugar social que assume, permanecendo essencialmente a mesma.

Como dissemos, o corpus aqui analisado tem início no momento em que Vitor Valim é eleito vereador pela primeira vez. Desde então, ele se apresenta como um comunicador que

assume dois lugares de destaque na sociedade, o de comunicador e o de político. De acordo com a situação, ele convoca elementos dos dois lugares que ocupa, seja usando termos técnicos e sentidos comuns da linguagem jornalística, ou pontuando os supostos poderes que possui nas arenas da política institucional. Esses dois lugares que ocupa vão sendo usados como argumento de autoridade, a depender da demanda que a situação exige.

Para além da profissão que tem ou dos cargos que assume, Vitor ocupa o lugar social do homem bem-sucedido, características supostamente estruturais de seu caráter. Com seu estilo clássico, demonstra uma valorização do que é tradicional, o que transparece na escolha de suas vestimentas, penteados e acessórios. Ele se apresenta sobretudo como um cristão, um religioso que honra a família, um homem casado (mesmo que esteja em seu segundo casamento), pai rígido e filho respeitoso. Vitor coloca-se como um homem bem-criado, com valores conservadores e forte ímpeto de justiça, que o faz abdicar de uma vida mais tranquila em favor dos outros. Assim como Jesus Cristo, ele se coloca a serviço do bem do povo, sacrificando a sua própria vida para salvar a coletividade, assumindo isso como sua missão. Profissional competente, amigo dos colegas de trabalho (embora não aceite brincadeiras a ele direcionadas que possam atrapalhar a imagem construída), Vitor segue as regras e a lei, mas sempre critica o que não concorda, assumindo um lugar de verdade. Ele se coloca como um representante dos desassistidos, a voz do povo, que é associada popularmente à “voz de Deus”.

Apresenta-se constantemente como um sujeito que transita em dois lugares de poder importantes. Mesmo quando não fala diretamente como político no Cidade 190, lembra dos outros poderes que possui e das coisas que sabe, característica que é intensificada quando é eleito Deputado Federal. Ele se apresenta como político aclamado pelo povo de bem e usa seus cargos políticos como argumento de autoridade. Desde o início, coloca-se como um comunicador e um político, mas sobretudo como um homem ilibado, diferente dos demais, sem dívidas que o submetem a acordos ilícitos, um homem a serviço do povo, mas não qualquer povo, um povo de bem, que comunga dos seus mesmos valores. Vitor se apresenta como alguém inteligente, bem articulado, querido pelos colegas de profissão e temido por sujeitos maus, que defendem e promovem crimes. Ele é sério e onisciente, alguém sereno e brincalhão, que se exalta e assume uma postura dura quando presencia injustiças. Vitor tem informações privilegiadas e fala com e para pessoas de bem que não possuem tantas informações quanto ele, mas comungam do mesmo sentimento de indignação com descasos sociais.

À frente do Cidade 190, Vitor Valim fala para o público que o assiste, assumindo que muitos deles são seus eleitores. Ele toma os telespectadores como sujeitos que comungam das suas ideias, que ficam indignados com crimes e situações adversas, o público de bem. Dirigindo-se a esses, ele orienta, aconselha e chama atenção, como um familiar bem-sucedido, alguém que sabe mais e que é benevolente ao orientar quem não sabe de coisas importantes. Busca ocupar um lugar duplo em relação ao seu público: quer ser familiar, mas destacando as marcas de sua superioridade. Vitor Valim não fala apenas para esse público. Ele também se dirige aos policiais, sempre em tom elogioso, colocando-os como parceiros que compartilham não só valores e desejos, mas compromissos e dever de proteção.

Valim projeta aqueles a quem se dirige como sujeitos que comungam dos mesmos valores religiosos e morais que os seus. Esse conjunto de eleitores e telespectadores é projetado como composto por pessoas simples, sem conhecimentos técnicos ou aprofundados sobre as dinâmicas obscuras ocultadas pelos “poderosos”. Dessa forma, Vitor aparece como alguém capaz de nomear e resolver os problemas que essa população enfrenta, fazendo questão de distingui-la do “outro” criminoso, que supostamente é beneficiado pelos políticos corruptos.

Há uma separação constante dos sujeitos bons e dos sujeitos maus e isso não necessariamente tem a ver com classe ou poder. Os sujeitos bons são os cristãos, trabalhadores honestos, mesmo em situações adversas, como o público pobre que o assiste. Vitor representa esse povo do bem, que não consegue se defender por conta própria. É como se esses homens bons fossem inocentes e incapazes de perceber a maldade na sua origem. Isso flutua porque, ao mesmo tempo que se apresenta como mais sábio, se coloca como um par, que sabe as demandas, sente as mesmas dores. Vitor faz parte do grupo dos sujeitos bons, mas foi mais longe, diferenciando-se dos demais.

Vitor parece um primo distante bem-sucedido, com formação, que não esquece os mais carentes. Dialoga com quem é pobre, mas marca a sua diferença. Ele se coloca como alguém a ser copiado, apreciado pelos valores que defende. Observando essas características, entendemos que o comunicador busca se colocar como uma celebridade, alguém que é conhecido, reconhecido e cultuado, que gera identificação, apesar de ser inalcançável. Ele tenta se aproximar como se fosse da família, como se importasse com seus pares. Ao mesmo tempo, distancia-se firmemente desses sujeitos, inclusive utilizando a norma culta da linguagem. Esse uso da norma culta é atravessado de vez em quando por algumas gírias e expressões utilizadas de forma pontual, como sendo uma lembrança de que ele conhece o povo, de que faz parte daquela comunidade. Mas, que faz parte de um lugar híbrido: Vitor não

mora na periferia, mas entra diariamente na casa do povo, e sabe da importância que isso pode ter.

Além desses dois grupos, Vitor também passa uma espécie de recado, fala como se os sujeitos do mal também fizessem parte de sua audiência, como espíões, talvez, atentos aos seus possíveis deslizes. Nesse sentido, ele ameaça diversas vezes aqueles que chama de bandidos, bem como os políticos que querem defendê-los. Coloca-se como alguém muito importante e constantemente observado por toda a sociedade, seja por aqueles que supostamente defende, ou aqueles que diz combater.

Por essa característica marcante de separação de pelo menos dois tipos de público, novamente as duas entrevistas, pós-eleições, em 2008 e 2020, são reveladoras de características importantes. Chama atenção a forma como ele se dirige aos telespectadores nas duas situações. Sobre sua eleição ao cargo de vereador e a entrevista como prefeito eleito de Caucaia, Valim busca ter um discurso mais agregador, afirmando que, nos cargos políticos, vai atuar para todos os cidadãos, mesmo para aqueles que não votaram nele. Também nesses momentos, é possível ver que não renuncia à autoridade à frente do programa, tendo em vista que atua como uma espécie de entrevistador e entrevistado ao mesmo tempo, ignorando algumas perguntas dos colegas e se dirigindo “direto para o povo”.

O tom de superioridade que assume com sua equipe também fica muito evidente na situação em que briga ao vivo com o diretor do programa. Ele dita o ritmo do programa e é conhecido por isso. Portanto, não aceita ser contrariado e demonstra ter pouca paciência com as falhas de sua equipe. Diante dos colegas de trabalho, os demais comunicadores, também se coloca como líder. Vitor é atento ao que acontece ao seu redor e sua voz se sobressai às demais que o acompanham. Os seus pares não são aqueles com quem trabalha diariamente no Cidade 190, mas os diretores da emissora como um todo, aqueles que têm mais poder. O diretor é exposto, acusado de censura, enquanto a cúpula de donos da emissora, que fazem parte da família de Vitor, é enaltecida e elogiada por supostamente permitir que o comunicador-político atue com liberdade em seu trabalho.

Vitor Valim não é um mero funcionário, como afirma na briga ao vivo com o diretor do programa. Isso é evidenciado também no uso que faz da linguagem culta, em uma demonstração explícita de inteligência e de boa educação. Não só por meio das palavras rebuscadas que por vezes usa, mas também pelo tom e pela linguagem corporal que são bem utilizados e alcançam os seus objetivos. Ele se expressa bem, é desenvolto, faz-se entender. Mas o que chama mais atenção é que, mostra, em diversas situações, que também conhece a linguagem mais popular, que também faz parte do povo, o que reforça o desejo de gerar

identificação. Usa expressões regionais, gírias e gestos muito populares, o que o aproxima das pessoas que buscam esse tipo de interação. Vitor tem conhecimentos a mais, mas não nega sua simplicidade, que o coloca como alguém que faz parte do grupo de quem fala e sabe das suas demandas.

A serviço do povo, Vitor Valim combate as ações do mal. Essas ações do mal, entretanto, podem ser observadas em dois eixos: os bandidos comuns, que cometem crimes cotidianos, e os bandidos de colarinho branco, que promovem esses crimes. Ele fala de violência, mesmo quando aborda outros assuntos, uma violência destinada aos sujeitos de bem pobres, que não possuem condições financeiras ou conhecimento rebuscado para lutar ativamente pelos seus desejos e direitos. Essa violência genérica, aplicada a todas as situações, é apontada como resultado da atuação de não cristãos, que precisam ser combatidos em guerras.

A violência e o mal, em um discurso religioso, também são evidenciados pelos elementos técnicos que são utilizados no programa. Uma das principais mudanças, identificadas ao longo da trajetória de Vitor Valim no Cidade 190, consiste no cenário do programa. No primeiro momento, o estúdio, bem como o slogan e as chamadas do programa remetiam à ideia de que Vitor era o responsável por ajudar a limpar a cidade comum da presença dos sujeitos perigosos. De uma forma que evidencia o racismo estrutural na nossa sociedade, jovens negros apareciam atrás de grades no cenário em questão. O belicismo, as armas e o sangue eram o pano de fundo do programa, evidenciando o desejo encarcerador que o movia.

Com o passar dos anos, o cenário foi sendo modificado e os símbolos fortes foram sendo amenizados: o vermelho foi ficando mais suave, as grades ganharam outras formas, o projétil presente no slogan foi retirado, dentre outros. A rigidez dos traços sempre foi mantida, até que, em 2018, há uma mudança significativa. No ano em que Vitor assume o cargo de Deputado Estadual, já no processo de retorno ao estado do Ceará e com a mobilização para disputar o cargo de prefeito, o cenário tem uma grande mudança. O vermelho some quase completamente, continua apenas em parte do slogan do programa, e dá espaço ao azul claro, foto de natureza e céu diurno. As grades, por sua vez, são substituídas por estruturas que lembram janelas de vidro entreabertas de um prédio alto.

O telespectador e possível eleitor não está mais na rua com os sujeitos perigosos, está protegido pela estrutura de um condomínio, assistindo aos crimes de longe, através de uma janela. Vitor, nesse novo cenário, não aparece mais como um justiceiro inflamado, mas como um sujeito até mais simpático, apesar de profundo conhecedor das normas e regras. Vitor,

dentro de seu novo cenário, passa a ser uma espécie de síndico que se protege e protege seus condôminos do contato com o “Outro” perigoso, localizado fora dos muros, na cidade perigosa. O objetivo continua sendo separar o mal, mas, agora, criando uma cidade limpa e clara para os cidadãos de bem, mesmo que apenas na televisão. O sujeito simples a quem ele se dirige provavelmente não pode entrar nas estruturas de condomínios caros que se popularizaram no Brasil pós-ditadura militar, mas faz parte de um grupo que é protegido pelo síndico Vitor Valim e pelos muros altos do condomínio Cidade 190.

Esse tipo de mudança na estrutura do programa faz-nos pensar nos elementos emotivos que são convocados em seu discurso. O sujeito pobre é atacado pelo sistema e perceber isso gera indignação, raiva. Muitos sentimentos ruins são convocados. Além da raiva dos sujeitos maus, dos bandidos corruptos, da tristeza pelas dificuldades estruturais da cidade, repulsa pelas injustiças sociais, medo pelos crimes e atrocidades cometidas diariamente, há também a possibilidade de desenvolvimento do sentimento de comunidade, coletividade. Seguir, assistir e votar em Vitor Valim resulta diretamente em morar nesse condomínio que ele coordena e manda. Ter Vitor como síndico pode ajudar em uma espécie de terceirização de preocupações cotidianas, o que pode gerar fidelidade, felicidade momentânea e, sobretudo, gratidão. O síndico, em geral, mora no mesmo espaço dos outros condôminos, portanto é também diretamente interessado em melhorias condominiais. Vitor se aproxima ainda mais, sustentando sempre uma distância segura que mantém sua superioridade intacta.

A noção da lógica do condomínio é desenvolvida por Dunker (2015) e é uma chave de leitura para pensar novos tipos de mal-estar, sofrimento e sintoma no Brasil. O autor aponta que essa lógica é um ponto de convergência para uma série de fenômenos que observamos no país. A noção parte da forma de vida que são os condomínios, tipos de residência que surgiram em São Paulo por volta de 1973, como um grande modelo de ideal de vida e de consumo. Isso tem a ver com o modo como eram interpretadas, ainda dentro da ditadura militar, as diferenças sociais; a maneira como a gente lida com as diferenças de classe, de cor, de gênero, de idade, de todos os tipos, num momento em que surge de forma mais intensa essa retórica de que o outro pode ser perigoso e ameaçador. Frente a essa ameaça, fazia-se necessária uma separação espacial.

Os muros são criados como uma estrutura de negação das diferenças, quando a antiga construção familiar, em que os empregados fazem parte da casa como espécie de agregados, é substituída. Essa nova conformação instaura normas para o outro se aproximar: deve vir uniformizado, prestar um serviço e ir embora, sumir do campo de visão e do espaço do branco.

A vida em forma de condomínio inaugura um tipo novo de autoridade, a figura do síndico. O síndico é uma espécie de descendente do coronel, porém, no lugar de se afirmar com frases como “você sabe com quem está falando?”, apresenta-se como um especialista em regulamentos. Ele sabe onde estão as exceções e sabe usar a lei da forma que lhe é conveniente, e é aquele que pode, a partir de um pequeno erro, instituir uma retórica da culpa e da perseguição. O síndico é a figura do gestor, esse sujeito que passa a exercer autoridade separando os meios e fins, separando o sujeito e o outro. Ele é alguém que é um manipulador de leis. A lógica do condomínio contribui na construção de narrativas de que o mal vem de fora, e que, se não existisse esse outro, esse nordestino, esse gay, esse negro etc., a vida ficaria muito melhor. O condomínio tem uma lógica discriminatória e cria uma lógica de falso pertencimento. O Cidade 190, nessa visão, funcionaria como uma espécie de condomínio que busca incorporar os telespectadores em uma comunidade liderada pelo síndico Vitor Valim.

“Mãe, onde dormem as pessoas marrons?”⁹⁸ é a pergunta que dá título a uma coluna da jornalista Eliane Brum no jornal El País. A escritora aborda a lógica de condomínio no Brasil e denuncia atualizações do racismo brasileiro, que separa cada vez mais as pessoas brancas do convívio com “pessoas marrons”. A lógica do condomínio, denunciada pela jornalista, cria uma espécie de circuito fechado em que pessoas optam por não entrar em contato com a cidade, tampouco com as diferenças que ela abriga. Em carros, escolas privadas, shoppings e/ou condomínios habitacionais fechados, o contato da elite brasileira com pessoas de outra classe e, na maioria das vezes, outra raça, só se dá por meio de regras muito restritas, em que a pessoa negra é o prestador de serviço uniformizado, que segue regras para acessar os espaços.

Essa separação da cidade comum exclui ainda mais o outro, diferente do branco, coloca-o fora dessas novas cidades construídas, deixando-o, em regra, do lado exterior, e taxando-o como uma ameaça. Para quem tem dinheiro, a cidade passa a ser uma paisagem do outro lado do vidro e das grades de proteção, em que é possível ver, mas não tocar ou interagir. Os condomínios brasileiros permitem que pessoas permaneçam cercadas por muros, com guaritas e porteiros, que fazem a mediação e a filtragem de interações “seguras”. O outro, a jornalista aponta: “é o intruso, aquele que, se entrar, vai tirar dela alguma coisa. Se tocar, vai contaminá-la. Se a enxergar, vai ameaçá-la”. Desenvolvendo a ideia, Brum aponta que a sociedade “de muros” sempre vai transformar o outro em monstro, para assim conseguir justificar seus privilégios e mantê-los intactos. O outro estranho, como o título denuncia, tem

⁹⁸ https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html

pele marrom e não dorme dentro do condomínio: é uma espécie de animal – seja selvagem, ou domesticado por regras estritas e severas.

Os elementos sonoros e a mudança que eles sofreram ao longo dos anos analisados também corroboram essa percepção. O uso discursivo da trilha sonora é algo marcante no Cidade 190. O volume e a intensidade do ritmo seguem a intensidade das falas de Vitor, o que mostra uma ligação entre a produção do programa com o apresentador: o comunicador é o líder da equipe. De forma alinhada, o volume, as trocas e a intensidade, bem como a ausência de som de fundo em determinados momentos, ajudam a construir falas e suscitar emoções no público. Observamos que, nos vídeos mais antigos, bem como nas primeiras chamadas, as músicas utilizadas eram mais enérgicas e altas, demonstrando uma urgência. Ressaltamos, inclusive, que uma delas remetia à trilha sonora dos filmes *Tropa de Elite*, pouco tempo após o segundo ser lançado e ser um sucesso de bilheteria. A mudança de cenário e de postura de Vitor também é acompanhada pela trilha sonora, ligeiramente mais suave, como a estrutura de condômino exige.

Outro aspecto importante a ser pontuado é a tentativa do uso do humor, ou de um tom de descontração, na construção de uma imagem mais descontraída de Vitor Valim, como apresentado no momento 3 da análise. Vitor Valim faz uso de dois colegas para desenvolver situações cômicas, Evaldo Costa, seu colega e substituto de apresentação (e comunicador-político malsucedido), e Luciana Ribeiro, a “garota *merchandising*”, responsável pelas propagandas feitas dentro do Cidade 190. O primeiro, um homem negro, aparece em uma situação visivelmente constrangedora. Já Luciana, uma mulher jovem, aparece de forma objetificada em duas outras situações, seja em alusões diretas a sexo, em referências ambíguas sobre “dominação” de uma cobra, ou estimulando-a a dançar uma música de funk, ritmo musical que faz recorrentemente uso de elementos sexuais em suas letras e coreografias. Além disso, essa última situação tem o agravante de fazer referência, em forma de piada, a conteúdo relacionado à violência e morte por assassinato, o que é o tema basilar do programa. A morte metafórica de Luciana não é digna de comoção, pois se trata quase de um achincalhe.

Já no final do século XIX, Bergson (1899) refletiu filosoficamente sobre o riso: o motivo e a forma do riso. Para o autor, a manifestação propriamente humana possui função social. Ele atenta que, para que haja uma percepção da comicidade, é preciso que não haja uma proximidade emotiva com uma situação séria. Ou seja, para que o riso exista, é preciso uma certa insensibilidade por parte de quem ri, tendo em vista que se as situações forem percebidas como sérias ou trágicas, não haveria comicidade. O riso, nesse sentido, é uma resposta humilhante e corretiva da sociedade às inadequações de seus membros.

O riso está ligado ao que o autor diferencia entre a vida e o mecânico. A vida é aquilo que é contínuo, que segue o fluxo, e, portanto, é mutável e adaptável. Por outro lado, o que é mecânico é automático, aquilo que segue sempre o mesmo padrão. Assim, a vida está nos seres humanos, porque somos adaptáveis, enquanto os instintos estão ligados à programação biológica da natureza mecânica. O humor, a comédia e o riso ocorrem, nessa lógica, quando o sujeito se deixa levar pela incapacidade de adaptação do mecânico. Para Bergson, o riso é reflexo de uma quebra da continuidade, de uma lógica, ou de um padrão. Ou seja, o humor está sempre ligado àquilo que é inesperado.

Um exemplo clássico para o fenômeno do riso pela ruptura da regra é o filme *Tempos modernos*, protagonizado por Charles Chaplin, em que o desvio do planejado provoca riso. Essa ruptura da regra também pode ser vista nas interações cômicas do *Cidade 190*, em que há uma mudança de tom, conteúdo e estilo do que é exibido. Bergson também fala da função social do riso, e o considera como uma ferramenta que desarma as pessoas, pois revela a falta de sentido, o ridículo, o lado que ninguém gosta de enfrentar, mas que, a partir do momento em que o sentimento vira riso, passa a não ser mais tão pesado. O riso, nesse sentido, tem influência no que uma comunidade compartilha, tendo em vista que o riso também serve, no pensamento do filósofo, como forma de alertar a sociedade para aspectos que não fazem sentido na realidade social.

No seu cerne, a comédia carrega um aspecto transgressor e obsceno, que fala sobre questões humanas, do povo, do que é vulgar e comum. O humor como estratégia discursiva não é algo novo, tampouco o uso do humor em programas televisivos ou até em telejornais policiais. Souza (2018) falou sobre o uso do humor no telejornal policial ao analisar a figura do conhecido comunicador brasileiro Marcelo Rezende, a quem chamou de apresentador performático. Atentou para o investimento no humor e nas brincadeiras de Marcelo Rezende em determinadas situações da carreira como uma forma de trazer uma espécie de leveza aos conteúdos que abordava em suas produções, caracterizados por assuntos policiais, relativos a crimes e outras violências. No estudo, a pesquisadora enfatiza que o humor é um aspecto recorrente do que é conhecido no jornalismo por *fait divers*, bem como aborda a reflexão bakhtiniana sobre o carnaval, para falar sobre marcas do humor, das manifestações de riso na cultura popular, uma espécie de quebra nos ritos e nas festas religiosas oficiais desde a Idade Média. Souza também caracteriza Marcelo Rezende como um apresentador popular, porque além de outros elementos característicos, faz uso do humor para se conectar com o público popular, a quem é dirigida sua produção. Diferente de Marcelo Rezende, Vitor Valim não possui uma origem popular, não tem a pobreza como marca de momentos de sua vida. A

história de vida de Vitor não o aproxima do público, mas, ainda assim, ele busca no humor uma tentativa de forjar uma proximidade com a realidade de quem o assiste.

A tentativa de aproximação com o público por meio do humor por parte de Vitor Valim chama especial atenção pelos alvos das piadas. Luciana Ribeiro e Evaldo Costa aparecem como contraponto à imagem séria do apresentador principal e “cara” do Cidade 190, Vitor Valim. As piadas são formuladas sobretudo a partir de uma abertura de sentidos de cunho sexual. Fala-se da dança de um homem negro para insinuar a divulgação de uma suposta homossexualidade; de “dominação” de cobra para fazer referência a atos sexuais de uma mulher jovem; ou da performance de uma dança de funk para pontuar a diferença de conduta da mesma mulher.

Vitor Valim, de sua parte, não permite ser alvo de piadas, rompendo energicamente com qualquer tentativa de tirá-lo do posto de quem faz as piadas para o de quem é alvo. A presença dos dois comunicadores evidencia a diferença entre o que é “sério” e “certo” e o que é alvo de riso e de ridicularização. O fenômeno não é uma prática exclusiva do apresentador ou mesmo de programas de televisão, e se configura como uma forma do que Moreira (2019) chama de racismo recreativo. Para o autor, a prática é uma forma de “microagressão” permitida, tendo em vista que as manifestações de intolerância racial são legal e moralmente condenadas. Também podemos pensar a partir do conceito para analisar a situação que ocorre com Luciana Ribeiro, como uma espécie de Machismo Recreativo, em que uma minoria social é alvo de ataques e constrangimentos, sob a “proteção” da justificativa de que se trata de piada e de humor. Dessa forma, o telejornal ajuda a perpetuar os estigmas e estereótipos de que esses sujeitos são alvo.

Racismo recreativo é pensado pela chave da piada, mas também pela lógica da violência. Estratégias para burlar o sistema que condena o racismo passam, muitas vezes, por “microassaltos”, “microinsultos” e “microinvalidações”. Piadas, nesse cenário, são contadas reiteradas vezes, como uma forma de reafirmar que o sujeito não merece respeito. Essas piadas contadas rotineiramente aparecem como uma estratégia para, ao dizer que o outro é inferior, se colocar como alguém superior. Dessa forma, Moreira (2019) aponta que os sujeitos querem convencer a sociedade como um todo de que os sujeitos ridicularizados não são atores sociais competentes. O autor ainda afirma que essas piadas são comumente proferidas por membros do grupo social dominante, por pessoas que ocupam lugares de poder, como forma de reafirmar que o sujeito ridicularizado não pode ocupar espaços de poder.

A brincadeira com base na lógica dos estereótipos também aparece como forma de perpetuar estigmas, tendo em vista que a própria forma de abordar pessoas desconhecidas ocorre a partir dos estereótipos perpetuados na sociedade. Podemos considerar a lógica do racismo recreativo para pensar também sobre estratégias de opressão e perpetuação de estigmas para outros grupos socialmente marginalizados, como mulheres e homossexuais. As piadas racistas consolidam estereótipos. Homem negro como um sujeito violento ou malandro, por exemplo. Estereótipos para diminuir pessoas não brancas. O “chocolatinho quente”, como é apelidado Evaldo Costa, por Vitor Valim, remete a uma sexualização do homem negro, ao passo que a dança o coloca como alguém menos viril na lógica heteronormativa. Vitor Valim brinca com esses lugares, de virilidade, de diminuição, entre outros, mas nunca o respeita de igual para igual, como um par, um igual. Evaldo é o outro que pode entrar no condomínio para exercer um papel de alvo de violências, de desrespeito, já que não são feitas piadas sobre grupos que respeitamos. O humor, nesse caso, aparece como uma forma de racismo, e aponta quem merece respeito na nossa sociedade.

A tentativa de aproximação com o público por meio do humor ou da descontração por parte de Vitor Valim chama atenção não só pelo teor, sexista, racista e homofóbico, mas também pelos alvos das piadas. Luciana Ribeiro e Evaldo Costa aparecem como contraponto à imagem séria do apresentador principal e “cara” do Cidade 190, Vitor Valim. Vitor, de sua parte, não permite ser alvo de piadas, rompendo energicamente com qualquer tentativa de tirá-lo do posto de quem faz as piadas para o de quem é alvo. A presença dos dois comunicadores evidencia a diferença do que é “sério” e “certo” com o que pode ser alvo de riso e de ridicularização. O fenômeno não é uma prática exclusiva do apresentador ou mesmo de programas de televisão, e se configura como o que Moreira (2019) chama de racismo recreativo. Para o autor, a prática é uma forma de “microagressão” permitida, tendo em vista que as manifestações de intolerância racial são legal e moralmente condenadas. Também podemos pensar a partir do conceito para a situação que ocorre com Luciana Ribeiro, como uma espécie de Machismo Recreativo, em que uma outra minoria social é alvo de ataques e constrangimentos, sob a “proteção” da justificativa de que se trata de piada e de humor. Dessa forma, o telejornal ajuda a perpetuar os estigmas e estereótipos de que esses sujeitos são alvo, ao passo que consolida a imagem imune de riso e achaques de Vitor Valim.

Há, ao longo das falas aqui analisadas, um forte apelo religioso. A presença de um discurso cristão aparece frequentemente em pedidos de bênçãos, sobretudo iniciando e encerrando o que diz. Dessa forma, o que profere pode parecer uma mensagem divina da qual o comunicador é intermediário. Há também, em seu discurso, uma repetida e intensa

separação do bem e do mal, em que os “bandidos” atormentam e prejudicam o povo que diz representar, em uma oposição que, novamente, faz referência àquela entoada por religiões cristãs. Vitor coloca-se como um religioso que foi escolhido por Deus para enfrentar batalhas difíceis. Diante dessa missão, também se coloca como obediente exclusivamente a Deus, que o escolheu e o protege do mal.

6 VITOR VALIM, O POLÍTICO

Para refletir sobre a figura do comunicador-político Vitor Valim, durante sua trajetória na política, são considerados extratos de vídeos disponibilizados on-line, seja no YouTube (de Vitor ou de parceiros), no Instagram ou no Facebook, do comunicador-político. No que diz respeito às campanhas políticas, tomamos como base *jingles*, bem como extratos de vídeos de suas propagandas políticas disponibilizados on-line, como falas de colegas, dentre outros.

O jingle é uma peça musical curta, feita para alcançar um objetivo publicitário; possui mensagem geralmente simples e cativante, com palavras e ritmos fáceis de serem recordados. Ele apresenta fortes elementos persuasivos. Estrategicamente, é muito utilizado para a venda de um produto, embora seu uso também seja recorrente em campanhas políticas, tanto em propagandas radiofônicas e televisivas, quanto em reproduções particulares em carros de som. É também por intermédio do jingle que um candidato consegue criar uma espécie de ligação emocional com o eleitorado, buscando ser convincente e parecer confiável, a ponto de fazer de quem escuta a peça musical um eleitor (Andrade; Valente, 2017, p. 12).

O jingle também é entendido como uma propaganda feita pela equipe da campanha do candidato e, portanto, corresponde à forma com a qual escolhe ser apresentado – seja pontuando características que acredita possuir ou características que quer que as outras pessoas acreditem que ele tem. Trata-se de uma forma de dizer como o candidato se situa no lugar social, uma forma de se apresentar: seja lembrando o lugar social que ocupa, ou se apresentando e falando de si para sujeitos que são seus possíveis eleitores. Os jingles das campanhas de Vitor Valim, além de dizer sobre o lugar social que ele ocupa e quer ocupar ao longo da trajetória que constrói, também projetam aqueles a quem se direciona.

Quanto à atuação de Vitor, nos cargos que exerceu, consideramos falas oficiais feitas em plenárias, escolhidas e editadas para serem divulgadas e compartilhadas em redes sociais, como YouTube e Instagram, bem como vídeos sobre assuntos discutidos no contexto político, feitos em formato de selfie, também para serem divulgados em suas próprias redes sociais. Em outras palavras, consideramos aqui a forma como Vitor quer se apresentar como político para seus seguidores/públicos/eleitores.

6.1 MOMENTO 1 – VITOR, O VEREADOR DE FORTALEZA

Em 2008, Vitor Valim candidatou-se, pela primeira vez, a vereador da cidade de Fortaleza, no Ceará. Foi eleito com 10.996⁹⁹ votos, sendo o quinto candidato mais votado para o cargo na ocasião. Vitor concorreu pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS), em uma coligação que também contava com o Partido Republicanos (PRB), o Partido da Mobilização Nacional (PMN) e o Partido Social Liberal (PSL). Já em 2012, o candidato concorreu à reeleição para o cargo e foi o segundo mais votado, recebendo 29.952¹⁰⁰ votos, pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Na ocasião, Vitor ficou abaixo, em votos, apenas do amigo Wagner Sousa Gomes, conhecido por Capitão Wagner, que foi eleito com 43.655 votos, pelo então chamado Partido da República (PR).

6.1.1 Campanha para vereador de Fortaleza

Para refletir sobre as duas campanhas em questão, tomaremos como base jingles compostos para a ocasião, um por eleição. Na campanha de 2008, em que concorria, pela primeira, vez ao cargo, consideramos um dos dois jingles disponíveis em um canal do YouTube chamado “rensaff”¹⁰¹, perfil não oficial que também tem uma série de extratos de vídeos de merchandising de programas da TV Cidade antigos. Em relação à segunda campanha para vereador de Vitor, em 2012, consideramos um jingle disponível no canal do YouTube da empresa Seara Brasil Publicidade¹⁰², a mesma responsável pela série de chamadas do Cidade 190 analisadas no capítulo anterior.

6.1.1.1 Campanha para vereador de Fortaleza em 2008

Na campanha de 2008, primeira que concorreu para o cargo de vereador da cidade de Fortaleza, pelo PHS, localizamos dois jingles feitos para promover Vitor Valim, um em ritmo de forró e outro de axé. O jingle¹⁰³ da campanha de 2008 aqui trabalhado consiste em uma paródia de 2 minutos 40 segundos da música de axé “Extravasa”, que ficou conhecida na voz

⁹⁹ <https://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultados/2008/HTML/resultado-FORTALEZA.html>

¹⁰⁰ <https://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultados/2012/CARGOS/CARGOS-VEREADOR-RESULTADO.HTML>

¹⁰¹ <https://www.youtube.com/@rensaff>

¹⁰² <https://www.youtube.com/@searabrasilpublicidade1990>

¹⁰³ <https://www.youtube.com/watch?v=vfgGn7qVJLI>

da cantora baiana Claudia Leitte¹⁰⁴. Na versão original, a música convida com animação pessoas a extravasar e se liberarem ao som de uma música que “dominou geral” e “sacudiu a praça”:

Fortaleza vota em Vitor Valim para vereador. Credibilidade, força e juventude, é defensor do povo. Fazer valer, é 31190 vote pra vencer. Vitor Valim é compromisso e conta com você pra chegar na câmara municipal. Vem com a gente! Vitor Valim já luta por nós, puxão de orelha neles, Vitor Valim. Vem com a gente, é 31190.

As referências ao Cidade 190 vão desde a escolha do número do candidato, que conta com o “190”, telefone de urgência policial que também está no nome do programa, ao uso de palavras como “credibilidade” e “força”. A credibilidade é um valor associado ao jornalismo e é ligada a sentimentos de confiança no que é dito, crença em uma verdade, em uma informação correta. Utilizada ao lado da palavra “força”, a credibilidade aparece como proveniente de atitudes de coragem, apontada como necessária para ajudar no combate a algo ruim, e exclusividade de quem consegue suportar os embates perigosos que a profissão exige.

Forte, crível e jovem, Vitor aparece no jingle em questão não como um simples jornalista, mas como um jornalista reconhecido de telejornal policial e, portanto, um lutador que enfrenta combates para ser “a nossa voz” contra crimes e criminosos. A juventude de Vitor, que em 2008 tinha 30 anos de idade, também é apresentada como um valor, que tem um compromisso de, assim como o eleitor, “fazer valer” o título de “defensor do povo”. Vitor é apresentado como um homem que, apesar de jovem, característica comumente associada à inexperiência política e imaturidade, tem o compromisso de defender o povo. Dessa maneira, a juventude é utilizada apenas com uma conotação positiva, que remete a uma ideia de vigor e de disposição, abdicação de prazeres juvenis para defender o povo que dele precisa.

Na versão de axé feita para promover Vitor, uma voz feminina apresenta um discurso direcionado para um povo do qual nem o candidato nem a cantora fazem parte. “Vitor Valim conta com você para chegar na câmara municipal” e “Vote *pra* vencer” aparecem de forma apelativa como se a própria cantora Claudia Leitte estivesse fazendo campanha para o político. Claudia Leitte é uma celebridade do campo da música, não faz parte do povo, tampouco é a voz que entoava o jingle, mas a similaridade com a cantora é uma possível tentativa de aproveitar o capital social que ela possui. Claudia Leitte convoca os foliões para a praça, para a rua, para uma vida de alegria, metaforicamente. Por meio do jingle, Vitor Valim

¹⁰⁴ <https://www.vagalume.com.br/claudia-leitte/extravasa.html>

convoca os eleitores para serem felizes, felicidade essa que supostamente será promovida quando for eleito.

Figura 35 – Jingle da campanha para vereador de 2008 no YouTube



Na imagem que ilustra o vídeo com a música de campanha aqui analisada, Vitor aparece com o mesmo traje que apresenta o Cidade 190, bem como óculos e cabelos penteados com gel. O sorriso retraído marca as bochechas e a juventude aparente do recém-ingresso na política. Por meio dos jingles, Vitor apresenta-se como uma esperança para o povo que precisa de defesa e proteção, como alguém disposto e íntegro, com força para lutar. Apesar de jovem, o uso do bordão “puxão de orelha neles” aparece como uma autoridade, uma atitude de pai rígido, que pune quem erra. O bordão do candidato à frente do telejornal, que apresentava há quatro anos, aparece como um estímulo para que continue com suas práticas, agora na política. “Puxar a orelha”, repreender, punir um sujeito criminoso, aparece como sendo um possível desejo dos eleitores, como se muitos fossem os que desejam punição para os responsáveis por práticas indesejáveis também na política.

Essa linguagem que faz uso de expressões e gírias serve também para gerar identificação, não só pela pauta da segurança, mas de uma forma mais ampla, estrutural. Esses elementos apresentados na letra, unidos ao som dançante, podem gerar sentimentos de felicidade e esperança, motivação para uma mudança desejada, paixões felizes, apesar das paixões tristes evocadas pelo cotidiano difícil na cidade. Apesar de ser colocado como uma espécie de “par” do povo, ele também é enaltecido como alguém que é capaz de defender esse povo, portanto um representante mais forte, que agrega os valores desejados por esse eleitor, mas possui algo mais, que o faz ter destaque perante os demais.

6.1.1.2 Campanha para vereador de Fortaleza em 2012

Nas eleições de 2012, localizamos três jingles feitos para promover Vitor Valim, todos a partir de versões de músicas de forró. O jingle da segunda campanha para vereador de Vitor Valim que aqui analisamos¹⁰⁵ é uma adaptação da música de forró “Sorte”¹⁰⁶, que ficou famosa na voz da então dupla de cantoras baianas Simone e Simária. Nela, as intérpretes iniciam com as frases: “Eu tenho sorte de te conhecer / Sorte de amar você”, afirmando que a pessoa para quem a música se dirige é “puro como o ar”. A música original ainda fala de um “presente de Deus” e do desejo de não perder esse alguém, que “dou a minha vida por você”.

15190. 15190. Eu tenho sorte de te conhecer. Sorte, voto em você. Tem garra para trabalhar, o seu forte é ajudar. Fortaleza reconhece, o povo agradece sua coragem de enfrentar, lutar por nós, ser a nossa voz. Eu vou votar em Vitor Valim, nosso defensor, eu quero de novo. Fez e vai fazer muito mais. Meu vereador é Vitor Valim. 15190. Meu vereador é Vitor Valim. 15190, eu digo sim. Nesse eu confio, sim. Você pode acreditar. O melhor pra fortaleza, Vitor Valim, tenho certeza. Eu digo sim, Vitor Valim, 15190.

É interessante recapitular os elementos da música original, porque muitas vezes eles se confundem com a adaptação eleitoral, no momento de memorização. Essa é inclusive uma estratégia de aproveitar alguns sentidos e valores evocados por produções de sucesso e de possível identificação por parte dos fãs e ouvintes para o candidato que deseja angariar votos.

Ressaltamos, entretanto, que a música “Sorte”, da dupla de irmãs que também ficou conhecida como “Coleguinhas”, já é uma versão feita de uma música em inglês, chamada “Luck”¹⁰⁷, do compositor norte-americano Jason Mraz, que ficou muito conhecida no ano de 2008 feito com a participação da cantora, também norte-americana, Colbie Caillat. A música romântica descreve um relacionamento amoroso entre dois amigos, que se separam por um momento e estão prestes a se reencontrar. Nela, são projetadas cenas de um futuro encontro entre os dois amigos apaixonados.

A versão feita para a campanha de Vitor tem 3 minutos 39 segundos e, assim como a versão de Simone e Simária, figuras de grande conhecimento, reconhecimento e culto em Fortaleza, a versão para o candidato a vereador também é interpretada por uma mulher. O jingle enfatiza uma sorte, já na primeira frase: “Eu tenho sorte de te conhecer / Sorte, voto em

¹⁰⁵

https://www.youtube.com/watch?v=WCxVoUbab4o&list=PLc0vSrlzalk00lh8121YOQzn2_Q15m1pt&index=25

¹⁰⁶ <https://www.letras.mus.br/simone-simaria-as-coleguinhas/1630671/>

¹⁰⁷ <https://www.letras.mus.br/jason-mraz/1250366/traducao.html>

você”. Além da sorte, a música aborda um desejo de continuidade: “eu quero de novo / Fez e vai fazer muito mais” e “Fortaleza reconhece”. Esse início remete a um suposto bom trabalho feito no primeiro mandato como vereador, que deve ser reconhecido pelo eleitor. A produção, portanto, projeta aquele com quem fala como alguém que reconhece o trabalho de Vitor, como alguém grato por ter sido protegido e defendido, por ter tido alguém para “ser a nossa voz”.

O número do candidato, “15190”, é repetido diversas vezes, e novamente faz referência à polícia e ao telejornal Cidade 190. Dessa vez, entretanto, o prefixo é diferente, “15”, referente ao novo partido de Vitor, o PMDB. Os valores de trabalho são apresentados ao lado de “garra”, “coragem de enfrentar, lutar por nós, ser a nossa voz”. Novamente, Vitor é apresentado como alguém forte e corajoso, apto a lutar pelos interesses daqueles que não conseguem se defender por conta própria. A “confiança” também aparece na versão da música, que ainda pode ser associada à credibilidade jornalística, a uma certeza de honestidade, valor também importante na política, espaço lembrado por ocorrer corrupção. Os valores apresentados como sendo características de Vitor são colocados como algo intrínseco e importantes para os cargos que assume. Alguém conhecido pela “confiança” não é associado a escândalos de corrupção, tampouco permite que isso seja feito pelos seus pares.

A linguagem é simples e direta, com rimas fáceis de serem memorizadas, como a ligação positiva de “sim” com “Valim”, “trabalhar” com “ajudar”, ou “lutar por nós” e “ser a nossa voz”. É interessante observar, nesse sentido, que a forma de falar o número do candidato é a mesma com a qual o nome do telejornal é dito: “um-nove-zero” e não “cento e noventa”, o que provavelmente é uma estratégia de memorização do número em questão. Vitor, portanto, não é desassociado ao seu lugar social de origem, mas à referência principal do jingle e ao trabalho executado no primeiro mandato como vereador.

Figura 36 – Jingle de campanha para vereador de 2012 no YouTube



A imagem que ilustra o vídeo do jingle, disponibilizado no YouTube, lembra uma imagem oficial da campanha. O candidato aparece com os mesmos trajes que ficou conhecido no telejornal que apresenta. Estrategicamente, o candidato utiliza imagem semelhante à anterior, ressaltando as bochechas, sorriso contido, que lhe dão um ar jovem. Ao lado dele, figuram nome, cargo e número de campanha em questão, sob um fundo vermelho, cor predominante no cenário do Cidade 190 da época. Vitor não é um sujeito desconhecido pelo público e agora, tenta também fidelizar seus eleitores, podendo despertar confiança respeito, paixões felizes, alegria por ser respeitado e ouvido, por parte dessas pessoas.

6.1.2 Atuação como vereador de Fortaleza

Para analisar a atuação de Vitor como vereador, consideramos vídeos disponibilizados no canal do YouTube da empresa de publicidade Seara Brasil Publicidade, a mesma que disponibilizou os vídeos dos jingles da segunda campanha para vereador de Vitor, em 2012. No canal em questão, tivemos acesso a dois vídeos da atuação de Vitor como vereador no ano de 2009¹⁰⁸, seis vídeos de 2010¹⁰⁹, cinco vídeos de 2011¹¹⁰ e oito vídeos do ano de 2012¹¹¹. O conjunto de 21 vídeos foi postado pelo canal em questão na campanha de reeleição para vereador de Fortaleza, como uma forma de apresentar extratos da atuação de Vitor em seu primeiro mandato no legislativo da cidade. Os extratos são específicos, falas pinçadas de um contexto maior, trazendo a atuação política do vereador como parte do material de campanha para sua reeleição e na consolidação de sua imagem agora também como político. São intervenções consideradas, portanto, como positivas e condizentes com a forma como Vitor Valim busca se apresentar.

¹⁰⁸ Vídeos disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=yBN_Rn4GZDc e <https://www.youtube.com/watch?v=Ifa5wWKBC1w&t=3s>

¹⁰⁹ Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdirgBD-3-s;> https://www.youtube.com/watch?v=J8KMEDev_SE ; <https://www.youtube.com/watch?v=RIEckzHC79s;> <https://www.youtube.com/watch?v=lt4QlqN8zJY> ; e https://www.youtube.com/watch?v=ZJ5Vhd_fPFU;

¹¹⁰ Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=mdmGNHs8niE;> [https://www.youtube.com/watch?v=TDK-1itW_u4;](https://www.youtube.com/watch?v=TDK-1itW_u4) <https://www.youtube.com/watch?v=A4ewBfxZJHU;> [https://www.youtube.com/watch?v=5jHDF-JtH0I;](https://www.youtube.com/watch?v=5jHDF-JtH0I) e [https://www.youtube.com/watch?v=C63Db1Q7Myo;](https://www.youtube.com/watch?v=C63Db1Q7Myo)

¹¹¹ Vídeos disponíveis em: [https://www.youtube.com/watch?v=YWx_8DEfSW4;](https://www.youtube.com/watch?v=YWx_8DEfSW4) [https://www.youtube.com/watch?v=KL17qqHcvpo;](https://www.youtube.com/watch?v=KL17qqHcvpo) [https://www.youtube.com/watch?v=_p2AsLUorTM;](https://www.youtube.com/watch?v=_p2AsLUorTM) [https://www.youtube.com/watch?v=rvnWY8dLQKw;](https://www.youtube.com/watch?v=rvnWY8dLQKw) [https://www.youtube.com/watch?v=a4OgfRRR4p7s;](https://www.youtube.com/watch?v=a4OgfRRR4p7s) [https://www.youtube.com/watch?v=GwowCRohY90;](https://www.youtube.com/watch?v=GwowCRohY90) [https://www.youtube.com/watch?v=2AfrzDTqqsY;](https://www.youtube.com/watch?v=2AfrzDTqqsY) e [https://www.youtube.com/watch?v=63OE5IzG0bl.](https://www.youtube.com/watch?v=63OE5IzG0bl)

Nesse trecho da análise, observamos um vídeo por ano de atuação, com exceção dos dois anos que atuou no seu segundo mandato, antes de se candidatar para Deputado Federal, em 2018, conteúdo não localizado na pesquisa exploratória.

Figura 37 – Imagens da abertura dos vídeos de atuação como vereador



Os extratos iniciam-se com uma vinheta de abertura, onde figura a imagem de Vitor e o número do candidato à reeleição, em 2012, 15.190. A imagem de Vitor surge em um fundo vermelho, assim como o cenário do Cidade 190 da época, em um círculo que lembra um broche ou um adesivo de campanha. Na frente do círculo, o candidato aparece sob fundo branco, vestido de terno; abaixo dele estão escritos o cargo concorrido, o nome e o número do candidato. Uma voz masculina fala: “Para vereador, Vitor Valim, uma voz de luta em defesa dos seus direitos”. Na sequência, a estrutura redonda vira e mostra o nome e o número do candidato em branco sob um fundo vermelho. A voz de fundo, nesse momento, dá espaço a várias vozes que dizem em conjunto o número em questão: “15.190”. Uma música animada acompanha a vinheta que, em alguns vídeos, também aparece ao final. Além da vinheta, o conjunto de vídeos apresenta uma tarja vermelha, também com cargo, nome e número do candidato.

Figura 38 – Vitor atuando como vereador em 2009



6.1.2.1 Atuação em 2009

Foram postados dois vídeos da atuação de Vitor Valim em 2009, uma sequência de março daquele ano. Com duração média de cinco minutos, as imagens apresentam o vereador falando em um púlpito na Câmara Municipal de Fortaleza. Sobre o púlpito em que Vitor está localizado, figura uma grande imagem de Jesus Cristo crucificado. Na cena, Vitor veste terno escuro e é possível ver outros vereadores com trajés semelhantes. O vereador recém-eleito fala para seus pares, que se movimentam e não necessariamente olham em sua direção.

O início de uma das falas chama atenção pelo fato de o político se dirigir não apenas a seus pares de legislativo, mas também às pessoas que o acompanham pelas transmissões feitas pela mídia. Vitor cumprimenta todos, como se estivesse iniciando seu telejornal policial: “Bom dia a todos vereadores, a todos os telespectadores da TV Câmara, ouvintes da Rádio Líder”. Vitor, então, não fala apenas para seus pares, se direciona a um público maior do que o que vê presencialmente, e maior até do que seu próprio público da TV Cidade: fala para novos telespectadores, que busca cativar. Ele tem anotações em papéis, como as fichas que utiliza no Cidade 190, com o roteiro do programa, que parecem trazer dados utilizados em seus discursos.

O vídeo aqui analisado¹¹² é feito em tom de denúncia e tem duração de 1 minuto 50 segundos. Vitor fala sobre as informações solicitadas acerca de obras em uma ponte que liga Fortaleza e Caucaia, insinuando que medidas ilegais foram tomadas e que decisões foram tomadas “ao fechar das luzes” pela administração pública, no final do mandato do prefeito Juraci Magalhães (PMDB). Vitor ainda denuncia que a atual gestão, de Luiziane Lins, do Partido dos Trabalhadores (PT), estaria escondendo dados relativos à obra em questão, em uma tentativa de impedi-lo de fiscalizar a prefeitura. Vitor, apresenta-se como um político honesto, que não permite que atos de corrupção ocorram. Assim sendo, apresenta-se como um político diferente dos demais, que é sério e busca executar de forma correta e de acordo com o cargo que lhe foi concedido pela população de Fortaleza.

¹¹² <https://www.youtube.com/watch?v=Ifa5wWKBC1w&t=3s>

Figura 39 – Vitor Valim discursando na Câmara Municipal de Fortaleza



O vereador fala sobre a importância de o legislativo ter independência e cobra da gestão municipal dados solicitados para fiscalização de obras. A construção do seu argumento gira em torno do que diz serem as duas funções de um vereador: legislar e fiscalizar o governo municipal. Vitor parece querer afirmar que está sendo impedido de exercer ambas as atribuições, como fica evidente no ato falho que comete, quando diz que “infelizmente, legislar eu *tô* conseguindo fazer... felizmente”. Conseguir legislar parece ser um ponto negativo, que ele não está feliz em poder realizar de forma plena. Conseguir fazer o que se propõe destoa do tom de denúncia que é acostumado a utilizar como comunicador, comumente colocando a culpa da situação no poder público.

O tom de denúncia, entretanto, é sustentado, quando afirma que “infelizmente fiscalizar, eu *tô* sendo tolhido pela administração municipal de Fortaleza”. Reforça, ainda, que ele é um representante legal, um escolhido da população: “a população de Fortaleza me elegeu para fiscalizar o poder municipal e eu não consigo fazer isso”, ou ainda reforça o número expressivo de votos que obteve: “o que eu só quero é isso, é poder trabalhar pelo que o povo me elegeu. 10.996 votos. Me colocaram nessa casa pra fiscalizar e pra legislar, e é por eles que eu quero trabalhar”. O vereador se contradiz, ainda, sem mesmo trocar as palavras relativas à satisfação, como no início da fala, quando diz que: “me frustra, realmente, ser vereador de Fortaleza, se eu não posso fazer minhas atribuições legais, que é legislar e fiscalizar”. O desejo da “população de Fortaleza” é utilizado como um argumento de autoridade para a denúncia feita, uma espécie de obrigação para que ele cumpra o que prometeu, como se fosse o desejo da população que ele tivesse acesso aos dados que quer, da forma como deseja. Ele ainda usa citação de trechos e nomes de leis, e o uso de termos técnicos: “Isso aqui *tá* na lei 8061”, para embasar seus argumentos.

O uso de leis como argumento de autoridade também é utilizado por outros vereadores, até mesmo como contra-argumento ao que é dito por Vitor. Adelmo Martins, do

Partido Progressista (PP)¹¹³, argumenta em favor da prefeitura, pontuando aspectos legais, como a predominância de leis federais e a própria Constituição do Brasil. Vitor ouve em silêncio, aceita os dados trazidos pelo colega “ok, vereador Adelmo, obrigado pelas considerações de Vossa Excelência”, mas continua em tom de denúncia e reafirma: “o que eu tô querendo aqui são informações. Quanto a prefeitura arrecadou durante esses anos, e o que é que foi feito com o dinheiro. Esse é o papel do vereador: fiscalizar”. Mesmo sem repetir o argumento desmontado pelo colega, Vitor insiste na denúncia que faz.

Figura 40 – Vitor Valim ouvindo o contra-argumento do vereador Adelmo Martins



Ao longo de toda sua fala, o vereador convoca a atenção de colegas em diversas situações, chamando-os nominalmente: “eu gostaria até que o vereador Acrísio Sena escutasse minhas palavras com atenção”, e “Vereador Guilherme Sampaio, Vossa Excelência”. A atitude mostra que Vitor não é o único protagonista da cena, tampouco dita as regras e o ritmo de sua performance, bem como do espaço em que está inserido. Dessa vez, o público que assiste a Vitor Valim não é o mesmo que acompanha o telejornal policial que apresenta. A relação de poder muda, e Vitor se abre para o diálogo, mas sempre deixa escapar sua característica: “o que eu quero é que a prefeitura cumpra a lei”.

Quem assiste à cena tanto pode ter sentimentos positivos quanto negativos, a depender do campo político que esteja. Sua fala, em um primeiro momento, pode gerar indignação pela suposta corrupção que denuncia, identificação por uso de linguagem popular e expressões conhecidas, esperança de ver alguém que quer trabalhar pelo povo, dentre outras emoções positivas. O oposto também pode ocorrer, sobretudo quando Vitor é interpelado e suas falas

¹¹³ Adelmo Martins já havia tido um primeiro mandato como vereador, foi eleito em 2000 pelo Partido dos Aposentados da Nação (PAN), que teve sua dissolução em 2006, dez anos após ser criado.

são desmentidas por outros políticos. Na câmara municipal, Vitor não aparece como uma voz de comando, mas uma voz em disputa.

6.1.2.2 Atuação em 2010

O conjunto de vídeos postados da atuação política de Vitor em 2010 é composto por seis extratos. Eles têm duração diferentes, desde 46 segundos até 5 minutos e 5 segundos. O cenário é o mesmo, e Vitor se situa, em geral, no púlpito da Câmara, mudando apenas uma vez, quando proferiu sua fala sentado na cadeira da tribuna. Vitor parece mais desenvolvido, mas o tom que assume, independente do assunto que aborda, ainda é o de denúncia. Vitor faz reclamações sobre a prestação de contas de aplicação de multas, segurança pública, trabalhadores ambulantes, saúde e condições de hospitais municipais, sempre cobrando diretamente à prefeita Luiziane Lins, a quem acusa de má gestão e desvio de verbas.

No vídeo aqui analisado¹¹⁴, o vereador fala especificamente de um suposto superfaturamento de obras: “esse contrato exalava mau cheiro. Tinha, ali, cheiro de falcatrua, de desvio”. A introdução da denúncia de corrupção vem com a crítica também sobre o comportamento de seus colegas, indicando sua insatisfação com o fato de essa “casa calar, essa casa não querer discutir”. Responsabiliza os demais políticos por não agirem diante do caso, afirmando que “o tempo vai dizer que vereadores encobriram o roubo que estava acontecendo na prefeitura de Fortaleza”. O político ainda afirma que há uma diferença entre o tratamento oferecido à gestão anterior, em comparação com a atual: “se fosse na gestão do Juraci, era CPI, era caixa, era trazendo vela pra cá, pra enterrar a corrupção na gestão Juraci Magalhaes”.

O uso de expressões populares e frases de efeito gera um apelo ainda maior à denúncia, uma sensação de que o vereador é destemido, de que fala verdades sem esconder nada. Essas supostas verdades são amparadas pelo que Vitor chama de “amparo técnico”, como se tivesse sido feito um estudo para identificar o suposto desvio: “procurei me cercar de pessoas técnicas, suprapartidárias, idôneas”. Vitor exhibe muitas folhas, em que parece ler dados como se estivesse traduzindo, explicando situações complexas, fontes e dados que embasam sua denúncia, trabalho que pode ser comparado com uma apuração jornalística.

Outra estratégia utilizada para gerar comoção pela denúncia feita é associar a falta de verbas em outras áreas importantes como um reflexo do suposto desvio de verbas. Sobre isso, Vitor faz uma ameaça e é firme ao dizer: “não vou mais admitir vereador vir aqui reclamar de

¹¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=tdirgBD-3-s>

centro de recuperação de dependente químico, de creche”, o que pode gerar especial comoção por parte da população, sobretudo daqueles que sofrem diretamente com a ausência de equipamentos públicos para suprir esse tipo de necessidade.

Figura 41 – Vitor Valim aponta para colega vereador, convocando-o nominalmente para prestar atenção no que diz em seu discurso



Ele continua convocando atenção dos colegas, intercalando chamadas nominais nas frases que profere: “Aí vem a gestão Luiziane Lins, vereador Roberto Mesquita (PSD). Adail (Fernandes / Partido Republicano Progressista – PRP), eu tenho certeza de que tem bastante interesse nesse assunto” ou “[...] teve 91% de superfaturamento, vereador Marcelo Mendes”. Além disso, usa do humor para, em tom enérgico e debochado, se referir ao governo de Luiziane Lins, que teve o slogan de “Fortaleza Bela”: “dinheiro tem! [ele] tá sendo é mal empregado pela gestão da linda Lins Fortaleza Bela Adormecida” [num jogo de palavras remetendo-se ao conto infantil da princesa Bela Adormecida].

6.1.2.3 Atuação em 2011

Os cinco vídeos disponibilizados do terceiro ano de mandato de Vitor como vereador também são curtos, o menor deles tem 27 segundos e o maior, 3 minutos e 59 segundos. O cenário e os trajés são os mesmos dos anos anteriores, bem como o tom que assume, sempre de denúncia. Dessa vez, o vereador volta a falar sobre a questão do comércio de rua popular, em um local que é tradicional em Fortaleza, conhecido como Beco da Poeira. A crítica à gestão municipal continua intensa, agora direcionada à falta de habilidade para discutir situações que envolvem a proposta de criação de clínicas particulares para tratar dependentes

químicos, a construção de áreas de lazer na cidade, as más condições em hospitais públicos, bem como a interferência política na escolha de diretores de escolas do município.

A forma como Vitor faz uso do jornalismo para embasar o seu discurso é um ponto a ser ressaltado. No vídeo aqui analisado¹¹⁵, observamos que Vitor faz uso de jornais como argumento de autoridade para embasar seus discursos, falando bem da comunicação e dos comunicadores para autopromoção de sua imagem, colocando-se, ele também, como alguém que compartilha do conhecimento dessa área e desses profissionais, uma voz técnica, como costuma se referir aos demais profissionais a quem recorre em suas falas. Em algumas situações, ele leva jornais impressos para o púlpito para ler alguma informação divulgada pela imprensa. Traz o material elaborado pelos colegas comunicadores como uma prova, um material técnico, citando inclusive o nome de empresas de comunicação cearenses mais conhecidas para embasar suas falas.

Figura 42 – Vitor Valim exhibe jornal impresso para embasar sua fala na Câmara Municipal de Fortaleza



Além de levar jornais impressos ao púlpito, ele faz o uso da tela de projeção do espaço para exibir fotografias que ilustram seu discurso. Vitor não só mostra o jornal, suas fotos e matérias; ele apresenta suas próprias fotos, provenientes de apuração prévia, e faz ele mesmo a construção de seu texto jornalístico, como se estivesse em um telejornal ao vivo.

¹¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=C63Db1Q7Myo>

Figura 43 – Sequência de imagens de Vitor Valim exibindo fotos em projetor na Câmara Municipal de Fortaleza



A prática em questão é muito parecida com o que fazia no comando do Cidade 190. É possível perceber até que, diante da pessoa responsável técnica por passar as imagens projetadas, há uma tentativa de ser menos incisivo do que era com a equipe de produção do telejornal em que trabalha. Ele esboça perder a paciência: “Pare, pare aí. Pare”, enquanto gesticula com os braços. Mas é perceptível que tenta se controlar e utilizar palavras mais gentis no condicional, quando diz: “Se você puder passar devagar... Pronto, se puder passar devagar. Pronto”. Na sequência, é possível perceber que vai guiando o responsável técnico da câmara: “pode seguir, pode seguir”. Vitor direciona os técnicos a passarem as fotos de acordo com o seu desejo, de forma que os elementos técnicos que são utilizados tornam-se parte de seu discurso.

Assim como no telejornal policial, Vitor apresenta as más condições sofridas pelo povo, tentando aproximá-los de si: “hoje, irmãos cearenses levaram chuva”. Vitor, assim, projeta aqueles sobre quem fala como seus familiares, e projeta aqueles para quem fala na Câmara como pessoas distantes, que não conhecem a realidade dessa parcela da população. Traz exemplos práticos de dor e sofrimento para ilustrar as suas denúncias: “além de terem... acidentes traumáticos, e vítimas da violência, ainda levaram chuva” e, mesmo falando pormenores das imagens, afirma: “a imagem fala mais do que palavras”. A conclusão do caso apresentado aponta para uma crítica direta ao executivo municipal, que supostamente “tem dinheiro pra show e não tem dinheiro pra isso”.

6.1.2.4 Atuação em 2012

Foram disponibilizados oito vídeos da atuação de Vitor Valim no ano em que concorreu à reeleição, em 2012. Os vídeos têm entre 1 minuto e 3 segundos e 4 minutos e 23 segundos, e também são feitos na Câmara Municipal de Fortaleza. Apresentam Vitor vestido da mesma forma, entoando falas de denúncia contra a prefeita Luiziane Lins. Dessa vez,

enumera questões múltiplas, de forma genérica, como argumento de que a gestão municipal não vai bem em nenhuma área. Saúde, educação, mobilidade urbana, são apontados como alvos da má gestão municipal.

No vídeo aqui analisado¹¹⁶, que tem duração de 1 minuto e 50 segundos, Vitor apresenta-se como um vereador que propõe leis para melhorar a vida do fortalezense, atitude essa que julga não ser tomada por outros políticos, que são apresentados como sujeitos que não trabalham em benefício da população. Ele se coloca como parte do grupo de vereadores propositivos e trabalhadores, afirma que “existem algumas leis aqui nesta casa, como a minha”, ressaltando esse trabalho coletivo. Nesse movimento de se colocar como parte de um grupo de trabalhadores, elenca uma série de leis que propôs ao longo do mandato de vereador: “colocar câmeras em locais estratégicos, de ter ambulatórios de primeiros socorros nos terminais (de ônibus)”.

Figura 44 – Vitor Valim elenca projetos de leis que defende



O grupo de políticos trabalhadores do qual julga fazer parte é enaltecido e vereadores são citados nominalmente, como o vereador “Maírton (Félix/ DEM) e do Luciram Girão (PSL)”, que também atuam na oposição do governo municipal da época. O foco do vídeo é ressaltar as mobilizações feitas por ele e por seu grupo em prol da mobilidade urbana da cidade. Nesse movimento, elenca a proposta de colegas que julga boa, como a garantia da gratuidade do transporte público para crianças pequenas: “para que as crianças [...] não passem pela situação humilhante de passar se arrastando, se rastejarem no assoalho do transporte coletivo”. Sobre a proposta que apoia, faz uso da estratégia de descrever uma imagem comum e constrangedora para gerar comoção por parte de quem o ouve, políticos,

¹¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=63OE5IzG0bI&t=41s>

mas, sobretudo identificação por parte daqueles que se reconhecem na situação considerada humilhante.

Vitor fala em “assoalho do transporte coletivo”, ao invés de “chão do ônibus”, por exemplo, emitindo uma fala mais elaborada. Ele faz questão de mesclar palavras rebuscadas com palavras coloquiais, mostrando que consegue transitar entre o povo e, ao mesmo tempo, em ambientes mais exclusivos e de difícil acesso. Vitor é educado e polido até quando fala com vereadores da oposição, como o presidente da casa, que faz parte da coligação da prefeita Luiziane: “eu faço um apelo ao presidente em exercício, Carlos Mesquita (PMDB)”. O tom é suave, e, quando convém, elogioso, “vejo a grande atenção que o presidente Carlos Mesquita me dispensa nesse momento”. Vitor convoca o adversário político a se comover com o caso que apresenta, mantendo, ao mesmo tempo, a imagem de alguém que não tem medo de cobrar atitudes de seus superiores, mesmo que sejam opositores. Ele cobra: “então, tá na hora”, e continua elencando as leis que tentou aprovar ao longo do mandato: “outra lei minha, e até hoje eu faço um apelo, aqui”. Ele se apresenta como um homem polido, educado, elegante, que profere palavras gentis e faz uso de um tom elogioso para se referir a colegas, ao passo que também é combativo e utiliza de ironia para falar sobre o quê e quem não está de acordo.

O comunicador-político coloca-se como um representante do povo, alguém que tem informações privilegiadas propiciadas por suas relações e inserções nos problemas da cidade. Ele aponta que há a possibilidade de ser deflagrada uma greve no setor de transporte público, e se coloca como um porta-voz desses trabalhadores: “uma das reivindicações desses trabalhadores é acabar com função acumulativa e maior segurança no transporte coletivo”. Ele se apresenta como a voz do povo, uma voz de quem quer mudar a forma de fazer política, considerada inadequada, “como vem se discutindo há muito tempo” por outros sujeitos. Vitor diz querer inaugurar um novo momento, pois defende que “tá na hora da política agir em defesa da sociedade”. Ele se apresenta como uma espécie de militante pela mudança na política, alguém que não discute apenas “política pela política”, mas uma política nova, “em prol do povo”. Sobre uma atuação em defesa do povo, o vereador questiona a atitude dos colegas, como se desse um “puxão de orelha”, como tanto promete em seus bordões: “fica aqui a pergunta: o que esta casa está fazendo?”.

6.2 MOMENTO 2 – VITOR VALIM, O DEPUTADO FEDERAL PELO CEARÁ

Em 2014, o então vereador Vitor Valim se candidatou para Deputado Federal pelo estado do Ceará. Na época, ele estava no meio do seu segundo mandato na Câmara Municipal

de Fortaleza, do qual abriu mão para concorrer ao cargo do âmbito federal. O político era filiado ao PMDB, que formou coligação com os partidos PSC, PR, PRP e PSDB. Vitor Valim foi o 18º candidato mais votado do Ceará, obtendo 92.499 votos, e assumiu uma das vinte e duas cadeiras do Estado na Câmara Federal. Vitor Valim ocupou a última das seis cadeiras conquistadas pela coligação da qual fez parte, sendo eleito “por média”¹¹⁷. No Brasil, a eleição para os cargos do Poder Legislativo segue regras do Sistema Eleitoral Proporcional, e é diferente da eleição para cargos do Poder Executivo, que é baseada na maioria absoluta dos votos. Na prática, Vitor foi beneficiado por fazer parte de uma coligação que recebeu muitos votos e alcançou mais vagas na Câmara Federal.

A partir de 2014, começou a fazer uso das redes sociais de forma mais intensa e articulada. No Facebook, postou 60 vídeos entre 2014 e 2018. Muitos deles também foram compartilhados no Instagram. O primeiro vídeo postado na conta de Instagram é de março de 2015, primeiro ano da atuação de Vitor como Deputado Federal. Nessa rede social, foram postados 58 vídeos entre 2015 e 2018, período em que estava no cargo em questão. Nesta análise, consideramos os vídeos das duas plataformas, estudando o acontecimento político mais significativo de cada ano.

6.2.1 Campanha para Deputado Federal pelo Ceará

O primeiro vídeo postado no Facebook, publicado em 2014, analisado abaixo, faz parte do material de campanha para Deputado Federal do político¹¹⁸. O vídeo¹¹⁹ da campanha tem 30 segundos e é feito no formato tradicional para exibição em horário eleitoral televisivo. A primeira imagem que aparece em cena é uma logo do partido PMDB, sobre um fundo verde bandeira. Na letra M da sigla, figura um traço curvado vermelho, que lembra uma chama de fogo. Embaixo da sigla, uma faixa amarela e uma faixa verde sublinham as letras e, sob elas, está escrito em letras maiúsculas: “O partido do Brasil”. A cor predominante é verde, a mesma cor tema do partido em questão e, no centro da tela, onde figura o slogan do partido, observamos um feixe de luz branca, que dá ainda mais destaque ao nome do partido. A

¹¹⁷ <https://www.tre-ce.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Agosto/entenda-como-funiona-o-calculo-dos-quotientes-partidario-e-eleitoral>

¹¹⁸ Além do vídeo em questão, no que diz respeito à campanha para Deputado Federal de Vitor Valim, localizamos um vídeo com o áudio do político pedindo voto no mesmo canal do YouTube Seara Brasil Publicidade, responsável pela campanha de reeleição para vereador de Fortaleza. No vídeo (https://www.youtube.com/watch?v=CB_ff_QYZLU), ilustrado com uma fotografia do candidato, Vitor fala: “Olá, meus amigos. Eu sou Vitor Valim. Todo dia, eu estou na sua casa através do programa de televisão Cidade 190, e, hoje, venho pedir o seu voto para deputado federal. Meu número é 1590. O número é muito fácil: 1590”.

¹¹⁹ <https://www.facebook.com/vitorvalimtv/videos/1557458287809109>

abertura é breve, tem apenas um segundo, e conta com um toque musical enérgico, que chama atenção.

Figura 45 – Abertura da propaganda eleitoral de Vitor Valim com logo do PMDB



Na sequência, ao som de uma música instrumental animada de forró, Vitor Valim aparece com os mesmos trajes utilizados, bem como seu tradicional penteado. Na cena, apesar de estar em primeiro plano, ocupa apenas metade do espaço disponível, ficando no canto esquerdo da tela. O paletó preto que usa contrasta com o verde predominante na imagem. A cor em questão aparece em Vitor apenas de forma sutil, na gravata verde clara que porta. Ao lado do candidato, figuram os tradicionais políticos cearenses Eunício Oliveira (PMDB), que concorria ao cargo de governador do Ceará, e Tasso Jereissati (PSDB), que pleiteava uma vaga no Senado.

Na parte inferior da tela é possível ver o nome e o número dos candidatos: Vitor Valim, 1590; Eunício, 15; e Tasso, 456. Nome e número de Vitor Valim ocupam metade do espaço destinado a esses elementos, número esse que faz referência ao presente no nome do telejornal que apresenta, “90”, como nas eleições anteriores. A foto de Eunício e Tasso, bem como seus nomes e números de campanha, ocupa a outra metade do espaço da cena. Os políticos aparecem em foto sorrindo, vestidos com camisas de cores de seus respectivos partidos, verde e azul. Abaixo desses elementos, há uma legenda branca em fundo preto que exhibe simultaneamente, por escrito, a fala de Vitor Valim.

Figura 46 – Vitor Valim, Eunício Oliveira e Tasso Jereissati na campanha de 2014



Eunício Oliveira é um agropecuarista, empresário e tradicional político cearense, filiado desde 1972 ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e, a partir de 1980, ao PMDB. Em 2014, campanha aqui analisada, concorreu ao cargo de governador do Ceará, na coligação com nove partidos, e perdeu para o seu principal adversário, Camilo Santana, do Partido dos Trabalhadores (PT). A eleição foi acirrada e decidida no segundo turno, quando o petista, que recebeu apoio do então governador do estado, Cid Gomes, derrotou Eunício com 53,3% dos votos válidos. Eunício, portanto, não venceu as eleições de 2014.

Além da disputa, Eunício já havia sido três vezes Deputado Federal entre 1999 e 2011. Nesse período, foi Ministro das Comunicações do Brasil no primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, entre janeiro de 2004 e julho de 2005. Entre 2011 e 2019, foi Senador pelo Ceará, sendo também presidente do Senado Federal do Brasil de 2017 até o início de 2019. Nas eleições de 2018, foi derrotado em sua candidatura à reeleição como senador, voltando a assumir um cargo no legislativo em 2023, após ser eleito novamente como Deputado Federal pelo Ceará. Em sua carreira empresarial, Eunício fundou empresas de destaque nos setores de transportes de valores, segurança privada e venda de alimentos¹²⁰. Em 2017, era o segundo senador da República mais rico¹²¹, ficando atrás apenas do também cearense Tasso Jereissati, político que também figura no vídeo da campanha de Vitor que aqui analisamos.

Tasso Jereissati, conhecido como “Galeguim dos ói azul”, é um empresário cearense e tradicional político do PSDB. Foi eleito três vezes governador do Ceará, entre 1987 e 2002, e duas vezes senador da república pelo estado, de 2003 a 2011 e 2015 a 2023. Tasso saiu vitorioso da disputa de 2014, voltando para o Senado após sofrer derrota na campanha de 2010. Na ocasião da derrota, o presidente da época, Lula, apoiou a candidatura dos seus ex-

¹²⁰ Em 2018, o empresário vendeu sua parte em duas empresas, a Corpvs Segurança e a Confederal. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/colunas/eliomardelima/2018/11/eunicio-vende-sua-parte-na-corpvs-seguranca.html>.

¹²¹ <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2018/2022802018/CE/60000605116/bens>.

ministros José Pimentel (PT) e Eunício Oliveira para assumirem cargos de senadores. Tasso é até a atualidade uma das principais lideranças do PSDB e ocupou a presidência do partido por duas vezes, de 1991 a 1993 e de 2005 a 2007.

Ele é casado com Renata Queiroz, filha do empresário Edson Queiroz, fundador do Grupo Edson Queiroz. O grupo em questão é dono da principal empresa de comunicação do Ceará, o Sistema Verdes Mares, afiliado à Globo, da maior instituição de ensino superior privada do estado, a Unifor, e outros. Como empresário, assumiu os negócios da família, que incluíam a indústria têxtil, imobiliária, o Grande Moinho Cearense e a metalúrgica La Fonte, fabricante de fechaduras e cadeados. Tasso foi ainda pioneiro no mercado de shoppings centers no Brasil e o grupo Jeressati é controlador da rede de shoppings Iguatemi, entre outros empreendimentos.

Vitor apresenta-se como parte de um grupo grande, protagonizado por essas duas figuras políticas de sucesso, tradicionais e influentes no cenário brasileiro político, comunicacional e econômico. Ele está lado a lado desses sujeitos e, como tal, coloca-se como opositor dos opositores de seus aliados. No vídeo aqui analisado, Vitor não fala especificamente dele, elencando suas características e qualidades, mas cita supostos problemas enfrentados pelos cearenses devido à má gestão do então governador do estado, Cid Gomes. Vitor afirma que “o governo gestou mal”, como se estivesse fazendo campanha principalmente para o candidato a governador de sua coligação.

Vitor não faz referência à sua atuação política de vereador de Fortaleza, assume o lugar social de membro de um grupo político forte, tradicional e consolidado nacionalmente, com estratégias articuladas. Ainda que se apresente como parte desse grupo, é possível identificar elementos que remetem também à sua atuação como comunicador, mesmo que isso não seja dito de forma ressaltada. Ele se dirige ao eleitor, se apresentando nominalmente: “Olá, eu sou Vitor Valim” e repete na campanha a mesma frase que usa na abertura do Cidade 190: “peço licença para entrar em sua casa”.

Ele é educado, polido, e pede licença, se apresentando como alguém respeitoso e gentil. Além da repetição da frase, e do tom polido, o assunto abordado por ele é o de segurança pública: “a violência no Ceará só piora”, denuncia, tal qual faz no telejornal que apresenta. Pede licença para entrar na casa do povo, acessar sua intimidade e vida privada para fazer tais denúncias, associar assassinatos à má gestão do governo do estado, mesmo que não concorra exatamente a esse cargo.

Ao falar de segurança pública, sua principal pauta nos seus dois campos de atuação, mescla o uso de dados supostamente objetivos e preocupantes da realidade do estado com

uma linguagem que gera comoção e/ou identificação. Ele afirma que “há cada duas horas, uma família chora um parente que foi assassinado”. Apesar de os dados que apresenta não serem embasados em estudos apresentados, o uso do “choro” de famílias gera sentimentos tristes por parte do eleitor. Cid Gomes é acusado de ser responsável indireto pela destruição de famílias, pelo uso indevido de verbas: “[o governo] comprou viaturas caras e equipamentos inadequados”, denuncia. Ele ainda acusa o candidato Camilo Santana de conivência com esses assassinatos, frutos de uma suposta má gestão: “o candidato do governo age como se nada tivesse acontecido”.

Vitor Valim não menciona propostas, endossa um discurso superficial de mudança contra o governador do estado e seu candidato para o cargo. Ele conclui sua fala dizendo: “Para mudar essa realidade, vote Vitor Valim, 1590”. Encerrando desse modo, projeta aquele com quem fala como alguém sensível às questões que destroem as famílias, tratando-o como parte de um grupo que acredita nos valores de famílias tradicionais. Vitor ainda projeta esses sujeitos como pessoas que estão insatisfeitas com a sensação de insegurança nas cidades do Ceará (estimuladas também por telejornais policiais, ou programas policialescos) e que desejam mudança, a mudança que ele supostamente pode promover, mesmo sem apresentar como pretende atuar, caso seja eleito. Dos três candidatos exibidos na propaganda, Tasso e Vitor foram eleitos.

6.2.2 Atuação como Deputado Federal pelo Ceará

Ao longo do mandato¹²², Vitor teve 316 proposições de sua autoria. Desse total, nenhuma foi transformada em norma jurídica. Destacamos aqui que houve, em sua atuação, uma série de pedidos de fiscalização de irregularidades de obras pelo Tribunal de Contas da União, como o PFC 189/2018, PFC 190/2018, PFC 191/2018 e PFC 192/2018, nos últimos meses de seu mandato. Vitor também teve 22 proposições relatadas por ele, das quais nenhuma foi aprovada. Entre essas proposições, está a PL 6193/2016, de autoria de Cabo Sabino (PR/CE), que concede anistia aos agentes penitenciários responsabilizados pelas rebeliões ocorridas no Ceará em maio de 2016. Além desse, também destacamos a ementa de diversas permissões para empresas de comunicação explorarem serviços de radiodifusão, como o TVR 185/2016, TVR 119/2016, TVR 929/2014, TVR 893/2014 e TVR 544/2013.

No que se refere a temas relativos à segurança pública, destacamos que Vitor Valim participou da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado – CSPCCO,

¹²² <https://www.camara.leg.br/deputados/178869/biografia>

tanto como suplente (09/05/2018 – 31/01/2019), quanto como titular (03/05/2016 – 02/02/2017 e 03/04/2018 - 24/04/2018). Participou ainda das comissões especiais como titular (07/04/2015 – 19/08/2015), relativa à PEC 171/93 – Maioridade Penal; também como titular (06/05/2015 – 31/01/2019) na comissão sobre a PL 4238/12 – Piso salarial de vigilantes; e novamente como titular (03/10/2017 – 31/01/2019) na comissão externa sobre agentes de segurança pública mortos em serviço. Em relação à comunicação, destacamos sua atuação junto à comissão especial relativa ao PL 7406/14 – Telecomunicações, como suplente (09/06/2015 – 10/05/2016) e titular (10/05/2016 – 31/01/2019). Ao todo, Vitor Valim participou de 55 votações em plenário e, no último ano do mandato, trocou de partido e se filiou ao Partido Republicano da Ordem Social (PROS)¹²³.

O período em que Vitor Valim foi Deputado Federal (2015-2018) é marcado por um momento político histórico emblemático na democracia brasileira. É nessa época que a presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores/PT) sofre um golpe e é deposta da presidência do Brasil, lugar que ocupava após ser reeleita para seu segundo mandato em 2014. O Impeachment da presidenta deu-se sob a acusação de práticas de manobras fiscais, as chamadas “pedaladas fiscais”, estratégia comumente utilizada no executivo brasileiro. O afastamento da presidenta do cargo para o qual foi eleita sem ter cometido crime de responsabilidade foi articulado por forças políticas do campo da direita e lideradas pelo então vice-presidente, Michel Temer¹²⁴ (PMDB). Além dele, outra figura importante para o processo foi o presidente da Câmara Federal, deputado Eduardo Cunha (PMDB), ambos do partido político a que Vitor Valim era filiado.

É também no período em questão que há uma maior intensificação da Operação Lava Jato¹²⁵, uma iniciativa de combate à corrupção e lavagem de dinheiro que teve início em março de 2014. A força-tarefa teve como protagonista o então juiz de primeira instância da 13ª Vara Federal em Curitiba, Sérgio Moro¹²⁶, considerado um dos principais responsáveis pela prisão de líderes políticos como o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Devido a essa prisão, que anos depois foi anulada e considerada ilegal por meio do que ficou

¹²³ A mudança de partido ocorreu no final de mandato e fez parte do que ficou conhecido como “dobradinha” com o amigo Capitão Wagner. Nas eleições de 2018, Valim disputou eleições para Deputado Estadual, já visando as eleições municipais de 2020, enquanto Wagner se candidatou ao cargo de Deputado Federal. Dessa maneira, os tradicionais aliados não disputaram os mesmos eleitores e ambos seriam beneficiados.

¹²⁴ Após o golpe contra Dilma, Michel Temer assumiu a presidência do Brasil, ficando no cargo até janeiro de 2019, quando Bolsonaro assumiu o cargo para que foi eleito.

¹²⁵ <http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/>.

¹²⁶ Após contribuir ativamente para a prisão de Lula, Sérgio Moro assumiu cargo de Ministro da Justiça do governo de Bolsonaro, opositor político direto do petista.

conhecido como Vaza Jato¹²⁷, Lula foi impedido de concorrer à eleição de 2018, da qual saiu vencedor o político de extrema-direita Jair Bolsonaro. Lembramos aqui que, como apresentado em vídeo analisado no capítulo anterior, Vitor Valim não só fez campanha para o político, como o entrevistou em seu programa, enquanto ainda era pré-candidato.

6.2.2.1 Atuação em 2015

O vídeo¹²⁸ aqui analisado é feito na Câmara dos Deputados, em março de 2015, primeiro semestre do primeiro ano do mandato de Vitor Valim como Deputado Federal. A ocasião em questão é a votação da redução da maioria penal. A duração do vídeo é muito curta, de apenas nove segundos. Na cena, o político aparece na Câmara dos Deputados, como se estivesse prestando contas de suas atitudes para seus seguidores do Instagram. O formato do vídeo chama atenção porque é feito em “selfie”, molde que ganhou destaque a partir dos anos do mandato em questão e foi reproduzido por muitos parlamentares que desejavam se comunicar “diretamente” com seus eleitores por meio das redes sociais, cada vez mais relevantes no cenário político.

Em um formato menos formal que de costume, Vitor se filma provavelmente de seu próprio celular, como se estivesse em uma chamada de vídeo com alguém. Ele não se apresenta, vai direto ao assunto: “nesse momento, com muita alegria, votamos [...]”. As imagens são feitas para quem já o conhece, para os seus seguidores na rede social Instagram, onde o conteúdo foi postado.

Na cena curta, a trilha sonora é o som ambiente composto por várias vozes indistintas, e gritos em coro também indistintos, o que demonstra que os ânimos das pessoas presentes na situação estavam exaltados. É possível ver os dois enquadramentos explorados pelo comunicador-político: ele começa exibindo o painel com o placar da votação a que faz referência, apresentando parlamentares sentados na tribuna e jornalistas que cobriam a sessão, no canto direito da imagem, ao lado de câmeras de vídeo profissionais e microfones. Na sequência, vira para mostrar o outro lado da sala, cheio de pessoas em pé, que podem ser assessores, outros políticos ou sujeitos interessados na pauta. Chama atenção o fato de que a maioria das pessoas que compõem a imagem é de homens brancos vestidos de terno e gravata, mesmo traje que Vitor usa em suas aparições públicas. Na cena, portanto, Vitor coloca-se entre pares, tanto políticos quanto comunicadores. Mas, em primeiro plano, sem pertencer

¹²⁷ <https://www.intercept.com.br/series/mensagens-lava-jato/>

¹²⁸ <https://www.instagram.com/p/05fuectxU4/>

exatamente a nenhum dos dois locais sociais, mas em a um terceiro, local de comunicador-político em diálogo direto com seus públicos e eleitores.

Vitor se apresenta, por conseguinte, como um comunicador sem intermediários, alguém que mantém relações próximas com o povo, que não faz uso nem de câmeras externas ou de profissionais da área para dizer o que deseja. Com esse novo formato, parece não ter equipe de produção ou diretores que editem o que diz, ou o censurem; ele fala e faz exatamente o que é supostamente da vontade das pessoas que o elegeram. Assim, inaugura uma nova forma de se comunicar, como se estivesse apresentando um programa sobre ele próprio.

Figura 47 – Vídeo de Vitor Valim na Câmara Federal falando sobre a redução da maioria penal



Vitor é conciso, presta contas, denuncia a “impunidade” e fala diretamente com seus seguidores, o público que o elegeu. O tema votado, a redução da maioria penal, é uma proposta de 1993, que havia voltado à agenda pública em 2015. Apesar de estar com um semblante sério, Vitor diz que está alegre por seu posicionamento. Ele diz: “votamos “sim” pela redução da maioria penal e um fim a essa impunidade”.

Ao se direcionar ao seu público por meio de vídeo feito individualmente, de forma não profissional, por meio de seu próprio celular, ele convoca os seus eleitores a se sentirem mais próximos. Isso é reforçado pelo uso do plural para falar de sua ação individual. Ele diz “votamos”, o que pode fazer referência a uma parceria com seus colegas deputados que se posicionam da mesma forma que ele, ou uma parceria com seus eleitores, a quem se direciona. Vitor ocupa o lugar social de político que consegue o que deseja, que luta pelo que acredita e pelo que os eleitores supostamente acreditam, ele se coloca como a voz do povo nos ambientes seletos de poder institucional.

A emenda constitucional (PEC 171/93), que propõe a redução da maioria penal, tramitava no Congresso desde 1993, e ficou 21 anos sem avançar nas discussões. Em 2015, a

Comissão de Constituição e Justiça, da qual Vitor fazia parte, retomou o debate. Ela consiste na redução da idade a partir da qual os cidadãos se tornam inteiramente responsáveis pelos atos criminosos que cometem para 16 anos. Atualmente, no Brasil e na maioria dos países ocidentais, essa idade é de 18 anos. Pessoas abaixo dessa idade, entretanto, já são responsabilizados penalmente¹²⁹. Na ocasião, a Câmara aprovou por 320 votos a favor, 152 contra e uma abstenção, a redução da maioridade penal para 16 anos em algumas situações¹³⁰. Ao chegar no Senado, entretanto, a proposta foi rejeitada pela maioria dos senadores.

De forma superficial, muitos telejornais policiais tratam a proposta como uma solução para a violência urbana brasileira, sem considerar os vários fatores que contribuem para a produção dela, como o contexto familiar, social e cultural dos indivíduos. Outro ponto que não é abordado em sua complexidade por esses telejornais é a própria lógica do sistema prisional vigente, que funciona a partir da dinâmica de condomínios fechados para sujeitos historicamente subalternizados, localizados nas patas do Estado-centauro brasileiro.

Essa pauta é central nesse tipo de programa que tem a violência como principal combustível. Lembramos aqui que, em 2015, a composição do Congresso Nacional foi considerada a mais conservadora desde a redemocratização do Brasil, espaço em que a chamada bancada da bala, com 55 deputados, estava muito consolidada. A “bancada da bala” é composta por deputados policiais ou próximos desse segmento, como os comunicadores-políticos de telejornal policial. Ela ganhou mais destaque desde o início da década de 2000. O surgimento do fenômeno marca uma mudança das bancadas partidárias tradicionais para as bancadas temáticas na Câmara.

6.2.2.2 Atuação em 2016

Em 2016, Vitor postou um vídeo de um momento emblemático da história recente do Brasil, a votação para abertura do inquérito do impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff. O vídeo¹³¹, postado em abril de 2016 no Instagram do político, foi retirado do ar no ano de 2023, momento em que governos de esquerda dominam a política local e nacional do Ceará. Apesar de sua fala na sessão deliberativa ter sido deletada de sua rede social, é possível

¹²⁹ <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/responsabilidade-penal-dos-adolescentes-infratores/668920347#:~:text=O%20art.,estão%20completamente%20isentos%20de%20responsabilização>.

¹³⁰ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/08/camara-aprova-em-2-turno-reducao-da-maioridade-penal-para-16-anos.html>

¹³¹ <https://www.instagram.com/p/BEUm0GxtfO/>

ver toda a sessão do dia 17 de abril de 2016¹³² no canal do YouTube da Câmara dos Deputados. A sessão teve duração total de 9 horas e 49 minutos e a votação se deu por estados.

Os deputados do Ceará começam a votar no minuto 6 horas e 20 minutos do vídeo. Seguindo a ordem alfabética, Vitor foi o último deputado do Ceará a votar. Sua fala começa no minuto 6 horas 34 minutos e 55 segundos e tem duração de 31 segundos. A bancada do estado votou majoritariamente contra o prosseguimento do processo de impeachment da presidenta Dilma. Onze pessoas votaram contra, enquanto nove a favor, além de uma abstenção e uma ausência. Vitor Valim votou “sim” pela abertura do processo golpista.

Figura 48 – Vídeo das imagens da TV Câmara do voto de Vitor Valim na Sessão Deliberativa de 17/04/2016



O vídeo postado no Instagram de Vitor não é parte do vídeo oficial disponibilizado pela TV Câmara, mas uma gravação de qualidade inferior, que parece ter sido feita por alguém que estava localizado estrategicamente à frente do político. No extrato postado, apenas parte da fala é contemplada, não é exibido o início, em que Vitor tenta antecipar seu discurso se apresentando antes mesmo de ser convocado pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que o interrompe. O presidente solicita que Vitor espere ser apresentado e, apenas depois disso, o discurso do comunicador-político é iniciado. No vídeo postado em suas redes sociais, o final da fala também é retirado, momento em que saúda os fortalezenses que estão reunidos em uma praça de um bairro nobre da cidade, a Praça Portugal, e que finaliza sua fala com um grito de “Fora PT”, em referência ao partido da presidenta que sofria o processo.

A parte selecionada do voto para postagem tinha legenda “Voto sim!!!”, enfatizada com três exclamações, e a postagem com vídeo de duração de 16 segundos foi visualizada

¹³² <https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU>

6.471 vezes. Ela começa com Vitor acenando com a mão, enquanto estampa um sorriso largo para seus colegas. Podemos ouvir gritos de “Valim! Valim!”, em demonstração de apoio de deputados que ocupavam o local de votação e se movimentavam energicamente. Vitor aparece em primeiro plano e não é possível ver muitas pessoas ao seu redor, apenas algumas silhuetas masculinas. Assim como Vitor, os deputados que compõem a cena, em segundo plano, estão todos vestidos de terno. Além do terno preto e de gravata azul, Vitor portava um broche de imagem indecifrável e cores verde e amarela do seu lado esquerdo do terno, cores que passaram a ser muito utilizadas por opositores de Dilma, bem como a própria bandeira do Brasil ou até a camisa da seleção brasileira de futebol.

Vitor parece estar feliz, e, além dos acenos e sorriso, emposta a voz energicamente, numa fala entusiasmada. Ele se apresenta como parte de um grupo majoritário nacional, alguém destemido e combativo, e começa seu discurso fazendo uso da dicotomia de uma disputa do bem contra o mal. “Para que a esperança vença o medo”, começa, frase que pode suscitar emoções de felicidade por uma esperança em uma realidade sem medo. Paixões tristes de indignação por sujeitos acusados de promoção do medo também podem ser suscitadas por esse tipo de discurso.

Figura 49 – Vídeo de Vitor Valim votando a favor do golpe contra Dilma publicado em sua conta do Instagram



Vitor se apresenta como alguém que fala “em nome de mais de dez milhões de brasileiros desempregados”, “em nome do meu estado do Ceará” e “em nome do meu povo de Fortaleza”. Ele se coloca como se fosse o porta-voz do povo cearense que sofre com o desemprego, um povo que lhe pertence, do qual é representante. Falando pelo povo que lhe pertence, Vitor impede que esse povo se manifeste como deseja. Vale lembrar que, em 2014,

Dilma recebeu 76,75%¹³³ dos votos válidos no Ceará. O povo cearense, portanto, diferente do que ele diz em seu discurso, queria que Dilma atuasse no cargo para o qual foi eleita.

Ele se coloca como um político honesto, diferente daqueles que deseja combater. Em uma resposta às acusações de apoiar um golpe contra a democracia, Vitor afirma que “os verdadeiros golpistas [são aqueles] que não cumpriram a refinaria e nem o metrô”, em referência a obras que não foram realizadas no estado do Ceará e na cidade de Fortaleza, especificamente.

É interessante observar que o político é genérico e não traz argumentos sobre os presumidos crimes cometidos pela presidenta do Brasil. Vitor justifica seu voto sem falar sobre o caso discutido, mas trazendo elementos destoantes do tema, sobre Fortaleza e Ceará. Ele aproveita os holofotes para se dirigir aos seus eleitores e àqueles que apoiam o golpe em curso, que podem vir a ser seus eleitores em outras campanhas. Após a votação, Vitor Valim ganhou destaque na imprensa por ter sido mais de uma vez alvo de ofensiva, por parte de cearenses apoiadores de Dilma, que o caracterizaram como “engomadinho” e “golpistazinho”, em algumas situações¹³⁴¹³⁵.

6.2.2.3 Atuação em 2017

O vídeo¹³⁶ de 2017 que analisamos foi postado no Facebook de Vitor com a legenda “Votei a favor da investigação do presidente Michel Temer. Ninguém está acima da lei!!”. Ele tem 20 segundos de duração e foi compartilhado 10 mil vezes, além de ter tido 1,8 mil comentários e 132 mil visualizações, até julho de 2023.

¹³³ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-10/dilma-vence-em-15-estados-aecio-em-12>

¹³⁴ <https://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/04/deputado-do-pmdb-e-hostilizado-em-aeroporto-mais-uma-vez.html>

¹³⁵ <https://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/04/vitor-valim-pmdb-ce-e-hostilizado-em-aeroporto-por-manifestantes-pro-dilma.html>

¹³⁶ <https://www.facebook.com/vitorvalimtv/videos/1947397482148519/>

Figura 50 – Vídeo de Vitor Valim votando a favor da investigação de Michel Temer postado no Facebook



O vídeo em questão traz um trecho do voto de Vitor Valim na sessão em que a Câmara rejeitou enviar para o Supremo Tribunal Federal (STF) a segunda denúncia contra o à época presidente Michel Temer. O político do PMDB assumiu a presidência do Brasil após ter participado ativamente da promoção do Golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, de quem era vice-presidente. Na ocasião, Michel Temer foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) pelos crimes de organização criminosa e obstrução de Justiça¹³⁷. A sessão de duração de 12 horas e 20 minutos ocorreu em outubro de 2017 e teve 251 votos contra o prosseguimento do processo contra 233 votos a favor. A vitória no Congresso Federal já havia ocorrido uma vez, quando Temer foi denunciado por corrupção passiva pela PGR, em agosto do mesmo ano, com placar de 263 a favor e 227 contra rejeição da denúncia¹³⁸.

A denúncia foi feita pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, e, além de Michel Temer, teve como alvo outras oito pessoas do PMDB¹³⁹: Eliseu Padilha (PMDB-RS), ministro da Casa Civil; Moreira Franco (PMDB-RJ), ministro da Secretaria-Geral; Eduardo Cunha (PMDB-RJ), ex-deputado; Henrique Alves (PMDB-RN), ex-deputado e ex-ministro; Geddel Vieira Lima (PMDB-BA), ex-ministro; Rodrigo Rocha Loures (PMDB-PR), ex-deputado e ex-assessor de Temer; além de Joesley Batista, empresário; e Ricardo Saud, executivo, os dois últimos denunciados apenas pelo crime de obstrução de Justiça. De acordo com o procurador, os políticos denunciados arrecadaram mais de R\$ 587 milhões em propina.

Vitor Valim, como a legenda da postagem do vídeo aqui analisado apresenta, votou a favor da investigação do colega de partido, Michel Temer. Diferente da votação analisada no

¹³⁷ <https://g1.globo.com/politica/noticia/segunda-denuncia-contra-temer.ghtml>

¹³⁸ <https://g1.globo.com/politica/noticia/votacao-denuncia-temer-camara.ghtml>

¹³⁹ <https://g1.globo.com/politica/noticia/janot-denuncia-temer-joesley-e-mais-7-ao-stf-por-obstrucao-e-organizacao-criminosa.ghtml>

tópico anterior deste trabalho, o comunicador-político não votou como os seus colegas de partido, sendo um dos únicos representantes de partidos conservadores do Ceará que se manifestou contra o presidente da época. Além dele, apenas o político e policial Cabo Sabino¹⁴⁰, do Partido da República (PR), votou contra Temer. Dos 22 deputados federais do Ceará, 11 votaram contra o presidente Temer, dez a favor e um ausente.

O início da fala do deputado também difere da votação anterior. Dessa vez, ele não se antecipa e espera ser convocado pelo presidente da Câmara dos Deputados da época, Rodrigo Maia (Democratas/DEM). O presidente o chama para votar: “Deputado Vitor Valim”, ao que Vitor responde prontamente: “Senhor presidente, consciência tranquila”. A fala, que começa com um autoelogio às suas atitudes políticas, demonstra uma compreensão dos trâmites do ambiente em questão, bem como respeito a seus pares e superiores. Diferentemente do tom entusiasta da votação anterior, agora ele usa um tom sério, comedido.

Figura 51 – Mesa da Câmara dos Deputados presidida por Rodrigo Maia



Vitor Valim ocupa o lugar social de político habituado com os protocolos exigidos no exercício do cargo. Ele se apresenta como um representante respeitoso de seus eleitores: “representando e respeitando a população do meu estado do Ceará”, que segue o que supostamente é demandado pelas pessoas que votam nele. Com a prática cada vez mais assídua de compartilhar trechos de atuação política nas redes sociais pessoais, entendemos que Vitor fala não apenas para os colegas de plenário, ou para aqueles telespectadores que acompanham a TV Senado. Vitor também fala com seus interlocutores do Instagram e do

¹⁴⁰ Em 2020, Cabo Sabino liderou o motim de policiais militares no Estado do Ceará, sendo, por esse motivo, expulso da Polícia Militar em 2021, pela Controladoria Geral de Disciplina dos Órgãos de Segurança Pública e Sistema Penitenciário do Ceará (CGD). Após a expulsão, o ex-policial se tornou radialista, integrando, como entrevistador, o programa matutino “Ponto a Ponto”, na rádio Clube, do Ceará, onde tece duras críticas à Segurança Pública do Estado. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/colunistas/eliomar-de-lima/2020/06/17/cabo-sabino--lider-do-motim-das-pms--quer-ser-vereador-de-fortaleza.html>.

Facebook, sobretudo, aqueles com quem quer compartilhar o vídeo do voto, seus seguidores, que até interagem com as postagens de uma forma que parece ser mais próxima e visível.

O comunicador-político apresenta-se como alguém capaz de sustentar seus princípios, mesmo que isso implique em se posicionar de forma contrária aos seus companheiros de partido, seus superiores, aqueles que supostamente corroboram e sustentam suas atitudes. Vitor, ao votar contra o presidente de seu partido, apresenta-se como um justiceiro solitário, alguém capaz de fazer o que é correto, “doa a quem doer”, pois defende que “ninguém está acima da lei”. O político coloca-se como alguém que tudo vê e que não defende aqueles que a descumprem. Assim sendo, ele se apresenta como um político superior aos demais, irrepreensível e ilibado, que luta ao lado do povo, da forma como supostamente ele quer, mesmo que, para tanto, precise romper com seus aliados. Vitor se coloca, sobretudo, como um sujeito contra a corrupção, livre de amarras, diferente dos demais.

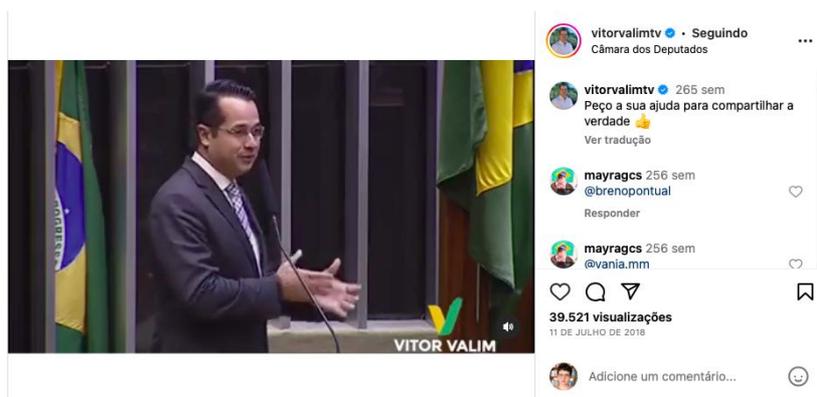
A expressão popular “doa a quem doer” reforça uma proximidade com o povo que o elege, e anuncia que eles falam da mesma forma, são próximos. Ao mesmo tempo, o uso é intercalado com elementos da norma culta, o que reforça esse duplo lugar que ocupa, o de alguém que sabe do povo, mas não é o povo. A expressão também é utilizada no Cidade 190, como um bordão, fazendo referência à sua atuação à frente do telejornal. Desse jeito, o político manifesta que continua sendo o mesmo sujeito sério conhecido pelos seus telespectadores, desempenhando um trabalho correto, de denúncia e defesa dos interesses dos mais pobres, dos seus eleitores.

6.2.2.4 Atuação em 2018

O vídeo¹⁴¹ do ano de 2018 aqui analisado foi postado no Instagram e tem 54 segundos de duração. A postagem teve 39.521 visualizações até julho de 2023 e conta com legenda com a seguinte frase: “Peço a sua ajuda para compartilhar a verdade”. A frase em questão convoca o público que o acompanha nas redes sociais a compartilhar o que ele diz, em uma tentativa de promover a disseminação de uma suposta verdade, em oposição ao que chama de Fake News. A estratégia também pode ser partir da denúncia para aproveitar o momento de fala televisionado para fazer uma autopromoção de sua atuação como político, recapitulando seus posicionamentos ao longo do mandato que chegava ao fim. Vitor não promove um debate aprofundado sobre o que são Fake News.

¹⁴¹ <https://www.instagram.com/reel/BIGbgHVldtO/>

Figura 52 – Vídeo de Vitor Valim postado no Instagram sobre Fake News



O início do vídeo apresenta uma arte que lembra um carimbo, com os dizeres: “assista a verdade”, em letras maiúsculas brancas, sobre o fundo de imagens do plenário da Câmara dos Deputados. No canto inferior direito da cena, outro elemento técnico de edição é utilizado, uma espécie de slogan do político, símbolo que passou a usar nos vídeos postados nas redes sociais em fevereiro de 2018 e continuou usando em alguns vídeos postados até a pré-campanha de 2020. Dois traços nas cores verde e amarela, nos tons da bandeira do Brasil, formam um “V” em cima do nome “Vitor Valim” em branco, identificando o conteúdo supostamente verdadeiro, verificado por Vitor.

Figura 53 – Início do vídeo postado no Instagram sobre Fake News e ações de Vitor na Câmara dos Deputados



A cena parece ter sido registrada pelas câmeras da TV Senado e editada para compartilhamento nas redes sociais do comunicador-político. Vitor Valim aparece no púlpito esquerdo do ambiente e, na sequência, ocupa a tela inteira da imagem, falando em um microfone articulado. Vitor aparece entre duas bandeiras do Brasil, que funcionam como uma espécie de moldura. No terno escuro de Vitor, um broche pequeno também com a bandeira do

Brasil enfeita a roupa engomadinha do político. Vitor apresenta-se como patriota, como orgulhoso de ser brasileiro, um político sério e responsável pelos seus compatriotas.

Dessa vez, entretanto, Vitor se coloca como uma espécie de tradutor de casos complexos a um público supostamente não letrado para tal compreensão. “Infelizmente, nesses últimos tempos, tem essa tal de Fake News, que é notícia falsa [...]”, inicia sua fala com um tom de pesar. Após explicar o termo em inglês, que se popularizou mundialmente e passou a ser comum nas conversas diárias, impactando a política cotidiana e a institucionalizada, em processos de eleições e outras situações relevantes, Vitor se apresenta como uma vítima do fenômeno, que explica de forma superficial e descontextualizada.

Figura 54 – Cenas do vídeo postado no Instagram de Vitor Valim em 2017



O fenômeno de desmerecer pessoas e posicionamentos políticos opostos não é novidade, mas a indústria da desinformação ganhou destaque crescente no mundo e influenciou situações como o *Brexit* e as eleições do ex-presidente de extrema-direita norte-americano, Donald Trump. Em 2018, no Brasil, o uso político da estratégia vinha sendo amplamente difundido pelos diversos campos. Vitor, por sua vez, aproveita do termo que estava em alta para, ao mesmo tempo, denunciar a atitude que supostamente seus opositores estavam cometendo contra ele. Mas não só, pois faz uso do lugar de destaque, o púlpito do congresso, para elencar e lembrar para seus possíveis eleitores na campanha que se aproximava, de todos os posicionamentos tomados à frente do cargo de Deputado Federal que ele julgava importante reforçar.

Durante a fala, Vitor movimenta pouco seus braços, mantendo-os majoritariamente unidos à frente do seu corpo, como é comum nos jornalistas que atuam em frente às telas. Ele faz movimentos com o tronco e cabeça provavelmente olhando para colegas do plenário, mas o movimento se assemelha também à troca de câmeras que um apresentador de telejornal precisa fazer, estratégia para que o texto fique menos monótono e tenha mais chance de ser atrativo para quem vê. Ele se coloca como um jornalista, ao assumir esse espaço de dizer a

verdade e denunciar crimes. Dessa vez, a denúncia é direcionada contra os ataques dos quais ele mesmo está sendo alvo, o que o faz se apresentar também como um candidato temido pelos seus opositores: “*tá* chegando a eleição e eu *tô* sendo vítima dessas notícias falsas”. Ao fazer a tradução do termo em inglês, e repetir a expressão traduzida, tenta falar de uma forma simples, com termos mais acessíveis ao seu público eleitor em potencial, a população mais pobre.

Ele não especifica quais são exatamente as Fake News das quais é alvo, diz de forma genérica que estão espalhando mentiras sobre seus posicionamentos em votos como Deputado Federal e aproveita a oportunidade para reafirmar o que defende e julga interessante compartilhar com seu público sobre sua atuação no Congresso. O tom de denúncia e a fala contra o que chama de Fake News não só inicia, como encerra a fala de Vitor, que retoma a ideia inicial: “Pra deixar muito claro, aqui, meu posicionamento, porque, infelizmente, *tô* sendo vítima de Fake News, notícia falsa na internet”. Vitor elenca uma série de posições defendidas ao longo do mandato que julga relevantes e que, supostamente, estão sendo disseminadas de forma mentirosa. Ele afirma que quer “deixar bem claro aqui meus posicionamentos perante as últimas votações”, ressaltando seu compromisso com a verdade, bem como seu orgulho pelas atitudes acertadas que tomou. É interessante observar que muitas das situações elencadas pelo político coincidem com temas de vídeos postados em suas redes sociais, portanto situações que quer colocar em destaque, sobre os elementos escolhidos para construir sua imagem.

Ele fala, na sequência, de um jeito muito sóbrio e comedido sobre esses pontos: “terceirização, reforma trabalhista, que eu votei contra, seja reforma da previdência, que eu fui um dos primeiros a me posicionar contra essa reforma da previdência”, e conclui pontuando que votou “contra o presidente Michel Temer”, presidente da época e membro importante do seu já antigo partido, PMDB. Encerrando sua fala, Vitor faz um autoelogio à sua suposta integridade e honestidade, diferenciando-se dos demais políticos, que devem ser investigados pelas suas condutas: “quero deixar muito claro, também: sou a favor de todo tipo de investigação”. Vitor, homem íntegro, jornalista competente e político honesto é, além de tudo, destemido: “Não temo. Sou ficha limpa. Não respondo a nenhum processo. Não temo nem os bandidos daqui de Brasília e muito menos do Ceará”. Essa coragem que tenta estampar e reforçar com tranquilidade em seu tom de voz, reforça as condições que um defensor da população deve ter, tais como força, coerência e coragem.

6.3 MOMENTO 3 – VITOR VALIM, O DEPUTADO ESTADUAL DO CEARÁ

Em 2018, no final de seu mandato como Deputado Federal, Vitor Valim disputou campanha para deputado estadual do Ceará pelo PROS. O comunicador-político não tentou a reeleição para o cargo que exercia, candidatando-se para um outro, considerado de menor relevância e poder. A escolha fez parte de uma estratégia conjunta com o aliado político Capitão Wagner¹⁴², que, por sua vez, se candidatou para o cargo de Deputado Federal pelo estado do Ceará. A candidatura tinha como finalidade uma reaproximação presencial no estado para fortalecer as possibilidades de êxito, visando futuros planos que envolviam as disputas municipais, que ocorreram em 2020.

Vitor foi eleito¹⁴³ com 63.642 votos, sendo o 21º deputado mais bem votado dentre os 46 escolhidos. O comunicador-político ganhou a eleição por quociente partidário, em uma configuração em que o PROS não fez coligação com nenhum outro partido. Ele foi o candidato mais votado do partido, que elegeu dois deputados. Além de Vitor, o chamado Soldado Noélio foi o 46º candidato eleito, com 24.591 votos. O colega de partido nasceu na cidade de Caucaia, era policial militar¹⁴⁴ e afilhado político de Capitão Wagner. Além dos dois, a “bancada da bala” estadual contava ainda com André Fernandes (PSL) e com o Delegado Cavalcante (PSL).

Nas eleições de 2018, no âmbito nacional, foram eleitos Jair Bolsonaro para presidente do Brasil, personagem de extrema-direita, de quem Vitor se aproximou em sua campanha. Vários políticos aproveitaram-se do capital político dessa onda conservadora propalando um discurso de “antipolítica” que assolou o país. Nessa toada, figuras que tinham um discurso superficial de endurecimento de regras, com um enfoque em pautas morais conservadoras e uma lógica liberal, ganharam destaque.

O Ceará, por sua vez, foi um dos estados que não sucumbiu a essa lógica, reelegendo em primeiro turno o então governador do PT, Camilo Santana, com 79,94% dos votos¹⁴⁵. Por outro lado, figuras da direita do estado continuaram ganhando destaque. Além da eleição de Vitor Valim, o Capitão Wagner foi o deputado federal cearense melhor votado na ocasião, com 303.593 votos, quase 100 mil votos a mais que o segundo colocado, Célio Stuart, do

¹⁴² Em 2016, Capitão Wagner disputou o cargo de prefeito de Fortaleza. Na ocasião, recebeu apoio de Vitor Valim, que fez campanha para o amigo enquanto exercia seu cargo de Deputado Federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dvqg2UCC3-E>.

¹⁴³ https://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultados/2018/CARGOS/DEPUTADO_ESTADUAL/CARGO-DEPEST-DEPUTADOS_ESTADUAIS_ELEITOS.HTML

¹⁴⁴ Noélio foi expulso da polícia militar por ter participado do motim de 2013. Anos depois, foi readmitido, em 2015.

¹⁴⁵ <https://g1.globo.com/ce/ceara/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/camilo-santana-do-pt-e-reeleito-governador-do-ceara.ghtml>

Partido Verde (PV), que compunha a chapa com partidos de esquerda (PT, PCdoB, PP, PV, PR e PMN).

6.3.1 Campanha para Deputado Estadual do Ceará

Sobre a campanha para deputado estadual do Ceará, Vitor Valim postou quatro vídeos no Instagram e sete no Facebook, em 2018. Além deles, antes mesmo da campanha que disputou, compartilhou um vídeo em que aparecia na Câmara dos Deputados falando sobre sua desfiliação do PMDB e filiação a um novo partido¹⁴⁶, o PROS, em uma espécie de pré-campanha. Na ocasião, elencou situações em que discordou do antigo partido, bem como ressaltou pontos positivos do seu novo grupo político. Afirmou: “agora estou no PROS, juntamente com meu companheiro, Capitão Wagner”, ressaltando a relação próxima com o político.

Sobre a campanha propriamente dita, Vitor Valim compartilhou um jingle¹⁴⁷ em seu Instagram, que aqui analisamos. Diferente dos jingles das campanhas anteriores, o vídeo de divulgação da música oficial contou com uma série de fotos, e não apenas uma única foto sua, como ilustração do áudio. As fotos em questão apresentam Vitor posando ao lado de possíveis eleitores: crianças com fardas de escolas públicas, senhoras em frente de casas simples, muitos abraços emocionados, sorrisos largos e contato direto com a população em locais simples e populares. Vitor não aparece mais “engomadinho” em um terno, usa traje descontraído e camisas de mangas curtas com golas desabotoadas, mais parecido com as pessoas que estão ao seu lado nas fotos.

Figura 55 – Postagem com vídeo do jingle para Deputado Estadual do Ceará de Vitor Valim no Instagram @vitorvalimtv



¹⁴⁶ <https://www.instagram.com/reel/BhKt9BcHDt6/>

¹⁴⁷ <https://www.instagram.com/reel/BnWPkG-HEBw/>

Na legenda da postagem do vídeo com o som do jingle, Vitor pergunta: “já aprendeu o jingle da nossa campanha?”, e convoca a participação de seus seguidores. Os seguidores dos perfis de Vitor nas redes sociais, que também podem ser provenientes do seu trabalho na televisão, são tomados como eleitores, em uma sobreposição de telespectadores, eleitores e seguidores. O vídeo, em julho de 2023, possuía 5.669 visualizações e tinha 58 segundos.

Eu quero mais. Eu vou seguir a vontade do povo. Vitor Valim, eu quero ele de novo. Agora, é o meu estadual. Pra lutar por mais segurança, por um futuro de esperança. Quem já provou que dá atenção, tem, de coração, nossa confiança. Vamos lutar por mais segurança. Com Vitor Valim, aqui, o Ceará avança. Vamos seguir em frente com o Vitor Valim. Simbora, minha gente, o cara tem valor. Ele é trabalhador, 90190, agora é estadual. Vamos seguir em frente com Vitor Valim, simbora minha gente, o cara tem valor. Ele é trabalhador, 90190, Vitor Valim é meu estadual.

A música do jingle parece ser uma versão original, feita exclusivamente para a campanha, em um ritmo de forró acelerado e dançante. Nela, uma voz masculina canta: “Eu quero mais / Eu vou seguir a vontade do povo”. Essas duas primeiras frases podem ser associadas a um desejo do próprio político, um desejo individual que é o mesmo coletivo, “do povo”, assumindo esse papel de escolhido: “eu quero ele de novo”. Na sequência, a música afirma o que as fotos tentam demonstrar: “já provou que dá atenção”. Vitor se apresenta como uma celebridade acessível, alguém que não está apenas na televisão, mas presencialmente ao lado daqueles por quem diz falar.

Figura 56 – Vitor Valim e eleitores em vídeo com jingle da campanha para Deputado Estadual postado no Instagram



Dessa vez, a música coloca Vitor em conjunto com o povo na luta pela segurança: “Vamos lutar por mais segurança”. Vitor é um par, mas alguém especial, proativo e capaz de fazer o Ceará melhorar: “Com Vitor Valim, aqui, o Ceará avança”, pois “ele é trabalhador”. Vitor, entretanto, apresenta-se não só como um trabalhador, mas como um lutador, alguém forte o suficiente para enfrentar batalhas “por um futuro de esperança”, que volta ao seu estado de origem para ficar mais perto de quem representa, ver e sanar as necessidades do povo. São utilizadas expressões populares como “Simbora, minha gente” ou “o cara tem valor”, em uma tentativa de aproximação da linguagem que gera identificação por parte de seus eleitores principais.

O número do candidato, “90190”, tem novamente o número que o associa ao telejornal que apresenta, bem como à polícia e a pautas relativas à segurança pública e a crimes. O prefixo “90”, por sua vez, faz referência ao novo partido ao qual é filiado, PROS. Apesar da referência ao programa e a um discurso de continuidade, Vitor apresenta-se, sobretudo, como alguém disponível, simples e popular, quase como um par. Ele se apresenta como comunicador, como político, mas agora, sobretudo como parte do povo.

6.3.2 Atuação como Deputado Estadual do Ceará

Em 2019, após ser eleito deputado estadual, Vitor postou 22 vídeos em seu Instagram e Facebook, sendo três de atuação como deputado estadual e um assumindo a presidência do PROS na cidade de Caucaia¹⁴⁸, na companhia do amigo Wagner. No vídeo em questão, destaca a importância da parceria entre os dois. Vitor diz: “Capitão, é com muita alegria que recebo, hoje, de suas mãos, a missão de tentar unificar a oposição no município de Caucaia”. Wagner, por sua vez, elogia Vitor, fazendo referência aos lugares sociais que ocupa. Afirma que “ninguém melhor que um comunicador, uma pessoa que tem carisma, que tem serviços prestados, como Vitor Valim, para assumir essa missão”. A interação entre os políticos apresentada nas redes sociais dá a ver a centralidade que a aliança tem no projeto político conjunto.

Antes da campanha para a prefeitura, já em 2020, postou dois vídeos no Facebook e três no Instagram, apenas um deles sobre sua atuação política. É também em 2020 que a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) se intensifica no mundo e assola o Brasil. A atuação política, nesse momento, não é feita na Assembleia Legislativa do Ceará, que teve suas atividades presenciais suspensas durante a pandemia, bem como nos demais órgãos

¹⁴⁸ <https://www.instagram.com/reel/B4Cshq9AGQk/>

públicos do estado. Esse foi o principal acontecimento mundial no período em que Vitor foi deputado estadual.

Jair Bolsonaro, à época, presidente no meio do mandato, assumiu uma postura negacionista frente ao grave problema de saúde pública, questionando a eficácia de vacinas e incentivando as pessoas a não cumprirem as recomendações da Organização Mundial da Saúde em relação ao contágio e ao tratamento da doença. O Brasil, nesse cenário, foi um dos países registrou mortes por milhão de habitantes, fato esse que foi alvo de deboches por parte do governante federal. Frente à ameaça nacional, os governadores dos nove estados do Nordeste organizaram-se em uma frente chamada Consórcio Nordeste, ainda em 2019, que tinha como objetivo defender a região por meio de ações articuladas. Na época da pandemia, a partir de 2020, diante da postura do governo de extrema-direita, o Consórcio atuou ativamente no combate à Covid-19. A região do Nordeste, nesse cenário, ocupou um espaço de contraponto às atitudes questionáveis do governo federal.

6.3.2.1 Atuação em 2019

O vídeo¹⁴⁹ de 2019 que aqui analisamos foi postado no Instagram do político e tem 41 segundos. Na legenda da postagem, está escrito: “Bandido não pode continuar comandando de dentro de presídio!!!”. O uso de três exclamações passa a sensação de urgência da ordem proferida, que ataca um sujeito considerado mau que está sendo supostamente protegido por pessoas que permitem que ele atue mesmo dentro da prisão. A frase é de efeito e insinua a anuência de autoridades para a manutenção de crimes cometidos dentro de cadeias. A postagem do pronunciamento em questão teve 3.814 visualizações, 966 curtidas e 49 comentários até agosto de 2023.

¹⁴⁹ <https://www.instagram.com/reel/B1tfqslgR9j/>

Figura 57 – Vídeo na Assembleia Legislativa sobre bloqueadores em presídios postado em 2019



Vitor fala a partir do púlpito da Assembleia Legislativa do Ceará, em um pronunciamento oficial. O vídeo parece ser um registro caseiro, com ligeiros balanços que remetem a um tremor de quem filma, provavelmente alguém da sua equipe parlamentar. No cenário, é possível ver o nome da instituição e o símbolo da bandeira do Ceará sobre um fundo marrom de madeira. Vitor faz um pronunciamento oficial para seus colegas deputados em um microfone articulado. O ângulo da filmagem é o mesmo de um registro profissional que é reproduzido em uma tela localizada acima do político, onde é possível identificar um tradutor de libras no canto inferior direito da imagem projetada.

O discurso foi escolhido pelo político e sua equipe para ser registrado e compartilhado em suas redes sociais, o que leva a crer que o teor da fala foi previamente escolhido como importante de ser dividido com seus seguidores. Vitor parece estar furioso, indignado, e aborda de forma muito enérgica um tema de forte apelo emocional, e uma pauta que lhe é cara no seu campo de atuação de origem, a segurança pública. O projeto defendido é sobre um tema recorrente na Assembleia desde 2002 e foi sugerido novamente por Vitor Valim em 2019, a instalação de bloqueadores de celulares nos presídios do estado.

Ele fala de uma permissividade por meio de autoridades políticas que promovem crimes e exige atitudes mais combativas por parte dos responsáveis por tal. Sacode o dedo em riste e faz outros gestos de ordem, enquanto denuncia “o governador atual, agora, Camilo Santana”, por não atender seus projetos sobre o tema. Além desse projeto, no mesmo ano, o deputado propôs implantar um “botão de pânico” nas escolas estaduais, e a proibição de

instalação de agências bancárias em áreas residenciais¹⁵⁰, todos envolvendo a questão da segurança pública.

Figura 58 – Imagens de vídeo sobre instalação de bloqueadores de sinal em presídios do Ceará



Na imagem, é possível ver um trabalho de edição pós-registro. Há uma marca d'água do político, utilizada esporadicamente desde o seu mandato anterior. Além dela, há uma tarja azul que apresenta uma legenda em letras maiúsculas brancas: “cobrei do governo aprovação do projeto de minha autoria para instalação de bloqueadores em presídios do Ceará”. “Cobrei do governo” e “bloqueadores em presídios do Ceará” estão escritos em negrito, o que demonstra que há o desejo de destacar a denúncia feita, a cobrança de uma ação desejada por parte do governo do estado. O vídeo é feito, especialmente, para as redes sociais, um local que ganha, progressivamente, importância na construção da imagem pessoal do comunicador-político.

Vitor apresenta-se como um político propositivo (“Tenho esse projeto, aqui”), que faz sua parte para a melhoria da segurança pública, mas que não recebe o retorno desejado, devido à incompetência ou falta de coragem de outros políticos. Em tom coloquial, modifica a expressão popular “está andando a passos de tartaruga” a partir do termo técnico “tramitando”, que diz de processos burocráticos. Ele utiliza a expressão “tá tramitando a passos de tartaruga” para demonstrar seu descontentamento com o andamento de projeto que considera importante, a implementação de “bloqueador de telefone celular nos presídios”.

¹⁵⁰ <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/nova-bancada-da-bala-faz-propostas-sem-efetividade-na-assembleia-legislativa-1.2137315>

Além de político propositivo e eficiente, Vitor coloca-se como diferente dos demais colegas deputados também pela coragem. Sobe o tom e usa de ironia em estratégia retórica de imitar supostas reclamações feitas por deputados: “alguns parlamentares não queriam. [diziam:] ‘ah, pela minha integridade física’”. A hipotética fala é respondida por ele mesmo, que afirma que a coragem cobrada de policiais deve ser exigida de parlamentares, porque “ninguém é obrigado a ser parlamentar. Mas, se é, tem que ter coragem de fazer o enfrentamento”. Ele afirma, em um tom debochado, “ora, meu irmão, da mesma forma que nós dizíamos *pro* policial”, colocando-se como defensor e reconhecedor do trabalho exercido por policiais como corajoso e importante.

Ele se coloca como um porta-voz dos desejos do povo, alguém que diz e faz o que esses sujeitos querem: “é isso que o povo espera de um representante seu, e é por isso que eu estou aqui”. Dito assim, Vitor coloca-se como alguém que tem atitudes desejadas e louváveis, valorizadas pelo povo. A sua atuação, desse modo, é digna de ser seguida, tal qual as de um profeta. Esse tipo de atuação pode promover reações apaixonadas por parte de quem vê, de indignação direcionada a supostos defensores de bandidos, que contribuem com a perpetuação de atos criminosos. As soluções simples enunciadas como óbvias e fáceis de serem aplicadas, podem gerar raiva dos representantes políticos da população que sofre com a violência.

6.3.2.2 Atuação em 2020

Em 2020, o vídeo¹⁵¹ compartilhado por Vitor Valim atuando politicamente não foi gravado no plenário da Assembleia. Ele tem duração de 51 segundos e foi gravado em um ambiente que parece ser seu gabinete. A postagem em questão contou com 12.057 visualizações, 1871 curtidas e 180 comentários, até agosto de 2023. A postagem foi feita no final de abril daquele ano, e é sobre a pandemia da Covid-19, que assolava o mundo e, no Brasil, mais intensamente a partir de março.

Diferente de postagens anteriores, essa veio acompanhada de uma legenda grande. As informações escritas complementam o que é dito no vídeo e reforçam a tentativa de aproximação do povo por parte do político. “Amigos, estou trabalhando e faço questão de compartilhar, com vocês, o que estou fazendo para tentar melhorar a nossa situação”, é o mote do que escreve.

Figura 59 – Vídeo em gabinete sobre ações para o combate à Covid-19



O cenário do vídeo chama atenção porque é um espaço particular de Vitor, indicando que ele não está na Assembleia (provavelmente em casa). O deputado aparece sentado em uma cadeira de escritório preta, atrás de uma mesa de madeira que comporta uma série de papéis e artigos de escritório, como canetas, tesouras, marca-textos e outros elementos do tipo. Além desses elementos, estão em destaque uma máscara descartável branca e um pote de álcool em gel, itens utilizados para combater a disseminação do coronavírus.

Observamos que uma chave de carro também compõe a cena, o que pode insinuar que o político está em movimento e não necessariamente trabalhando no local em questão. Esse elemento também ressalta uma diferença significativa entre o estilo de vida de Vitor e da

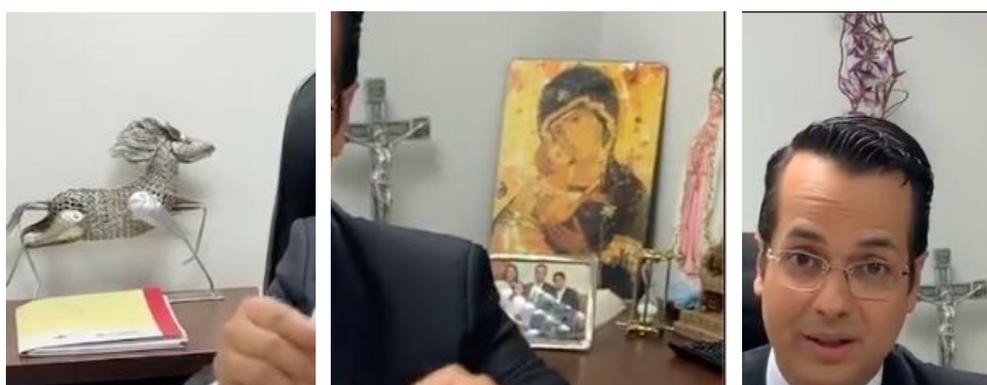
¹⁵¹ https://www.instagram.com/reel/B_SuzHsg8BW/

maioria de seus eleitores, que provavelmente precisam se locomover de transporte público, mesmo que com isso se exponham mais intensamente ao vírus letal que assolava o mundo.

Vitor veste sua mesma roupa de trabalho, diferente daquelas utilizadas em sua campanha, e uma gravata vermelha vibrante chama atenção na composição do seu vestuário. Atentamos para a escolha da cor vermelha no contexto em questão. Na religião católica, a cor é utilizada em algumas situações que fazem referência ao sangue e ao sacrifício de Jesus, tais como em determinados ritos da Semana Santa. Na ocasião, cristãos lembram o julgamento, paixão, crucificação, morte e sepultura de Jesus, por meio de ritos religiosos. No ano de 2020, a comemoração ocorreu no início do mês de abril, mesmo mês da postagem do vídeo aqui analisado. Vestido dessa maneira, o político pode estar tentando se aproximar de imaginários frequentemente associados àqueles atribuídos a Jesus e ao Cristianismo.

Atrás do político, um armário horizontal do mesmo material da mesa com alguns itens de decoração também está presente no cenário. Do lado esquerdo dele, uma escultura prateada de um cavalo correndo divide espaço com outros papéis envoltos em uma pasta, como se fossem documentos. Vitor, assim como o cavalo, tem pressa e agilidade em resolver problemas e questões burocráticas. Do lado direito de Vitor, outros cinco elementos estão expostos: uma escultura também prateada de Jesus na cruz, uma pintura de Maria com o menino Jesus no colo, uma ampulheta, uma escultura colorida de uma santa indecifrável e uma foto de Vitor ao lado de seus filhos.

Figura 60 – Detalhes do cenário do vídeo no gabinete de Valim



Na foto, os homens (Vitor e seu filho, que também se chama Vitor) vestem terno, enquanto as mulheres (sua filha mais nova, Maria, um bebê, e Sofia, a mais velha, adolescente, vestem branco). Dispostos desse jeito, os elementos decorativos enaltecem valores tradicionais de família e religião, e o sentimento que podem despertar é o de proteção

e acolhimento divinos a esses valores, personificados na própria figura do político. Vitor, assim, apresenta-se como alguém protegido por santos católicos. Acima de Vitor, um arranjo vermelho se situa exatamente no topo de sua cabeça, arranjo esse com várias pontas, que lembra a coroa de espinhos portada por Jesus no momento da crucificação, o que intensifica o teor religioso da cena.

O comunicador-político parece estar calmo e tem um ar complacente e amigável, diferente do que costuma apresentar no plenário. Aqui, ele fala direto com o povo e se mostra gentil e pacífico, como um pai carinhoso. Ele chama as pessoas a que se dirige de “amigos” e se apresenta como um homem trabalhador, apesar das adversidades, alguém que se coloca em risco para garantir a proteção dos seus seguidores.

Figura 61 – Sequência de imagens de vídeo sobre o combate à Covid-19 no Ceará



Além de trabalhador, ele se porta como uma pessoa não negacionista, que defende a importância de estratégias compartilhadas pela Organização Mundial da Saúde sobre a disseminação do vírus. Ele fala: “Olá, meus amigos, estamos trabalhando, aqui, neste período de quarentena, com item de proteção, com distanciamento necessário dos companheiros de trabalho”. Nesse ponto, já se distancia de políticos do seu campo de atuação tradicional, como o próprio presidente da república, que incentivava as pessoas a promover aglomerações e outras práticas que aumentavam o risco de contágio da doença.

Mesmo na situação adversa, Vitor não abre mão de falar para a população, o que ele faz enquanto deputado: “fazendo, aqui, uma breve prestação de contas dos projetos de lei, como dos requerimentos que fizemos junto ao governo do estado”. A prestação de contas serve para enaltecer e valorizar as suas tentativas de resolver ou amenizar os problemas gerados pela pandemia. Nesse momento, o tom de voz fica um pouco mais firme, e ele elenca

uma série de propostas feitas ao governador do estado relacionadas a taxas e contribuições feitas pela população durante o período: “por exemplo, pra que o cidadão pague o IPVA no semestre que vem, redução do ICMS, ou então zerar itens essenciais, como o álcool gel, entre tantas outras coisas”. Então, coloca-se como conselheiro, alguém mais sábio que outros políticos.

Além desses, também ressalta que sugeriu a ampliação de serviços prestados pelo estado: “Junto aos bancos e aos ônibus. Ônibus, que aumente a sua frota; bancos, que aumentem a quantidade de funcionários, estender o horário de atendimento, *pra* evitar que o cidadão durma na fila de uma noite para o outro dia”. Assim, coloca-se como um defensor dos interesses daqueles que o elegeram, um político realmente comprometido. É interessante observar que Vitor faz uso do discurso religioso, tenta se aproximar da imagem de um messias, como um par dos menos favorecidos, alguém que sabe das mazelas enfrentadas pelo povo, mas faz questão de marcar – com roupas, acessórios e meio de transporte – a diferença entre ele e seus eleitores.

Mas não só, ele se coloca como um homem caridoso (“estamos fazendo, também, nossa parte pessoal. Fizemos o mês passado, e este mês, doações para instituições de caridade”), alguém profundamente comprometido em ajudar o próximo. Ressaltando a caridade que exerce, coloca-se como um bom trabalhador, mas sobretudo como um homem completamente exemplar e sensível às mazelas do mundo. Por fim, completa, em tom confiante, que está ao lado do povo que representa: “juntos, vamos passar por mais essa crise”. O discurso de união e de similaridade, nessa situação especialmente adversa, pode causar paixões tristes por parte de quem precisou se expor ao vírus, ou emoções de satisfação pela existência de alguém que defenda os direitos da parcela da população mais prejudicada com a pandemia.

6.4 MOMENTO 4 – VITOR VALIM, O PREFEITO DE CAUCAIA

Dois anos após ser eleito Deputado Estadual do Ceará, Vitor Valim se afasta do cargo para concorrer à prefeitura de Caucaia. Na campanha de 2020, o político candidatou-se pelo partido PROS em uma chapa com Deuzinho Filho (REPUBLICANOS) como vice, fazendo oposição ao então prefeito Naomi Amorim (PSD). Na ocasião, ganhou as eleições com 51,08% dos votos no segundo turno, em uma virada nas urnas. No primeiro turno das eleições municipais, ficou em segundo lugar, obtendo 27,87% dos votos, enquanto Naomi obteve 40,93%.

Entre as propostas do comunicador político estavam: Entrega de um tablet para cada aluno da rede municipal de ensino, equipado com um software evolutivo (educação); Implantação do prontuário eletrônico (saúde); Criação da Central de Alvarás Eletrônicos, por autodeclaração (emprego); Criação de um sistema de monitoramento de segurança em Caucaia, com torres de vigilância em toda a cidade, sala de monitoramento e de situação no gabinete do prefeito (segurança), entre outros.

Durante a campanha, um dia antes da votação do segundo turno, a Polícia Federal fez apreensão de cerca de R\$ 600 mil em dinheiro, por suspeita de crime eleitoral em Caucaia. Na ocasião, secretários da gestão municipal e o irmão de Naomi Amorim foram detidos¹⁵². A situação foi compreendida por Vitor como uma das responsáveis pela sua vitória¹⁵³. Ao longo da atuação de Vitor na prefeitura, ele conseguiu a expressa maioria da câmara¹⁵⁴ e rompeu com figuras próximas, como o vice-prefeito Deuzinho¹⁵⁵, aproximando-se do arco de alianças progressista, mas mantendo relações com partidos conservadores, como o União Brasil.

6.4.1 Campanha para Prefeito de Caucaia

O jingle da campanha de Vitor para prefeito de Caucaia, em 2020, foi postado em suas contas do Instagram e do Facebook e tem duração de um minuto. Nele¹⁵⁶, diferente das campanhas anteriores, há um vídeo melhor editado e estruturado, o que demonstra que houve uma produção maior e provavelmente recursos financeiros mais substanciais na empreitada. Na postagem, que teve 4831 visualizações até julho de 2023, Vitor pergunta: “Já ouviu nossa música?”. Observamos que a palavra “jingle” não é mais utilizada. Agora, a peça publicitária é chamada de “música”. Ele convoca os seguidores a ouvi-la: “Aperta o play e entra no ritmo”.

¹⁵² <https://g1.globo.com/ce/ceara/eleicoes/2020/noticia/2020/11/28/policia-federal-apreende-r-600-mil-por-suspeita-de-crime-eleitoral-em-caucaia-na-grande-fortaleza.ghtml>

¹⁵³ <https://g1.globo.com/ce/ceara/eleicoes/2020/noticia/2020/11/29/vitor-valim-e-eleito-o-novo-prefeito-de-caucaia.ghtml>

¹⁵⁴ <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/06/21/valim-conquista-maioria-esmagadora-da-camara-e-ganha-forca-para-reeleicao-em-caucaia.html>

¹⁵⁵ <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/04/26/saiba-o-que-esta-por-tras-da-briga-entre-vitor-valim-e-deuzinho-filho-em-caucaia.html>

¹⁵⁶ <https://www.instagram.com/reel/CE3--ZiAkbl/>

Figura 62 – Postagem do jingle da campanha para prefeito no Instagram de Vitor Valim



O sol nascendo em uma paisagem de Caucaia dá início ao vídeo que, em uma música suave, diz: “chegou em mim, despertou, avançou”. Na sequência, um homem negro aparece apoiado em uma janela de uma casa de taipa, olhando para o horizonte, que, descobrimos em seguida, também é uma casa de taipa. A cena mostra um homem pobre em uma comunidade também pobre que começa a sentir a possibilidade de mudança. O jingle é cantado na primeira pessoa, como se esse sujeito simples estivesse proferindo as palavras, tivesse contando a seus pares, anunciando uma mudança que “chegou em mim” e “despertou”. O sentimento parece ser compartilhado com outros sujeitos simples, em local de trabalho, uma anunciação que “avançou” e reverberou em seus pares.

“É tanta luz que ilumina”, diz a música, ao mostrar imagens do santuário de Santa Edwirges, que conta com uma imagem da santa com 23,7 metros de altura e está no alto de uma colina de cerca de 300 metros, no município de Caucaia. Inaugurada em outubro de 2012, a imagem faz parte de um complexo turístico que mobiliza centenas de peregrinos por mês, chegando a cerca de 20 mil devotos quando o dia oficial da santa (16 de outubro) coincide com os finais de semana. Conhecida por ser a santa dos endividados, a imagem de santa Edwirges está localizada dentro da fazenda Garrote, de propriedade do empresário e também político Ernani de Queiróz Viana¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Nascido em 1931, o empresário e político caucaense atuou como presidente de nove empresas no Ceará, Piauí e Tocantins. Foi eleito e reeleito Deputado Federal em 1958 e 1962 pelo Partido Social Democrático (PSD). Apoiou a Ditadura Militar e foi filiado à Aliança Renovadora Nacional (Arena), onde foi eleito novamente Deputado Federal, em 1966. Concorreu ao Senado em 1986 pelo partido da Frente Liberal (PFL), sem ser eleito. Em 1990 foi eleito novamente Deputado Federal, dessa vez pelo Partido Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 2004, foi eleito vice-prefeito da cidade de Caucaia, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que teve como cabeça de chapa Inês Arruda. Em 2020, Inês Arruda, candidata à vice-prefeitura de Caucaia, teve sua chapa indeferida pela Justiça Eleitoral, por ter sido enquadrada na Lei da Ficha Limpa.

Figura 63 – Imagem de estátua da Santa Edwirges, em Caucaia



A “luz que ilumina” parece uma espécie de milagre feito pela santa católica tão conhecida em Caucaia. Santa Edwirges, além de ser conhecida por proteger os endividados, é também lembrada por acolher o povo pobre. É também assim que Vitor se apresenta, como uma espécie de milagre, como um homem santo e trabalhador. Além da fé e da esperança em um milagre iminente, o vídeo e a música trazem o homem trabalhador braçal como um sujeito valoroso que merece ser salvo.

Figura 64 – Imagens de homens trabalhando no vídeo da campanha para prefeito



O “povo”, utilizado frequentemente de forma genérica no discurso de Vitor, é apresentado, dessa vez, de forma mais cuidadosa, apesar de ser ainda relacionado a uma figura de sofrimento e cansaço. O povo é exibido em rostos, braços e ombros marcados pelo trabalho na roça, sob o sol – é o homem trabalhador, que se levanta cedo, junto com o nascer do dia, que trabalha sob o sol, em condições difíceis, na “Serra, cidade, sertão e mar”. Esse sujeito trabalhador é apresentado como imbuído de “coragem tanta”, que não para, mesmo diante das adversidades. As imagens sincronizadas à música mostram cenas de trabalhadores

Figura 67 – Vitor Valim cumprimenta eleitor com máscara



Observamos também que, em algumas imagens em que Vitor entra em contato com a população, aparece com uma máscara de proteção cobrindo nariz e boca, uma medida difundida para combater a disseminação do vírus da Covid-19, responsável por uma pandemia mundial que assolou o mundo em 2020. Apesar de Vitor portar máscara em determinados momentos, podemos observar que a prática não é feita por pessoas de sua equipe de campanha, como observamos na imagem acima, em que o também comunicador-político Ramon Gomes, conhecido como Miserequeima, usa máscara de proteção de forma errada, sobre o queixo.

O uso da máscara por parte de Vitor ocorre em determinados momentos, mas o político também aparece sem o equipamento de proteção em outras situações. O contato físico com as pessoas é intenso e o político faz as tradicionais caminhadas para abraçar e apertar a mão dos seus possíveis eleitores, sem aparente cuidado para não disseminar o coronavírus. A proteção parece ser feita de forma arbitrária ou apenas para figurar em trechos de vídeos utilizados na campanha. Vitor mostra-se destemido e ao lado do povo, inclusive acessando-o não só nas ruas da cidade, mas em suas próprias casas.

Figura 68 – Cenas de Vitor Valim apertando a mão de moradores de Caucaia no vídeo de divulgação do jingle da campanha para prefeito



O número do candidato, 90, é o número oficial do PROS, partido pelo qual disputa as eleições, e, coincidentemente (ou não), nos remete ao nome do telejornal Cidade 190. Além dessa, não são feitas muitas referências diretas ao programa em questão ou ao fato de que iniciou sua carreira como apresentador de telejornal policial. Vitor aparece como parte do povo, como um político novo, capaz de “trazer luz” para os seus protegidos. Vitor não é parte do povo, mas anda entre ele, vê tudo e sabe de todas as demandas. Mesmo sem alusões diretas a seu lugar social de comunicador, essa “luz” que aparece na letra da música e nas cenas do vídeo nos remete ao próprio aparelho de televisão, capaz de jogar um feixe de luz no ambiente em que é ligado. O aparelho televisivo pode exibir cenários variados e diferentes daqueles de onde está inserido fisicamente, pode exibir uma outra realidade. Além disso, a própria profissão de jornalista é associada à possibilidade de “jogar luz” sobre uma questão ou problema. Vitor, então, também visa a se apropriar desse lugar de “luz” midiática, de “luz” do profissional jornalista engajado em questões sociais.

Essa possibilidade fica mais evidente, quando Vitor aparece sentado ao lado de uma mulher que segura uma vassoura nas mãos, como se estivesse limpando sua própria casa. O local é simples, com chão feito de cimento queimado, mas a cena mostra uma televisão, o que revela a presença da televisão e dos atores midiáticos até nas mais simples casas. A televisão em questão é modelo antigo e está apoiada em uma cadeira de madeira, ligada por extensões de fio, estratégias baratas de conexão com realidades outras por meio do objeto.

A cena, portanto, apresenta Vitor Valim, antes presente na casa do povo, apenas através da televisão, agora fisicamente ouvindo e vendo as queixas da população simples e trabalhadora. Em primeiro plano, Vitor apresenta-se como uma luz que deixa de ser mediada

pela tela, para se apresentar como uma luz mediada por uma espécie de religiosidade. Vitor parece falar, enquanto vê a mulher trabalhando de cabeça baixa, como um anjo, um ser místico, algo divino capaz de ajudar. Vitor parece estar “no meio de nós”, como as religiões cristãs falam sobre a presença de Jesus na Terra, sem a mediação de objetos ou outras pessoas.

Figura 69 – Vitor Valim conversando com uma mulher que limpa casa ao lado de uma televisão



A música do jingle é autoral e feita para a campanha, não uma versão de algum sucesso preexistente. Trata-se de um forró mais sóbrio, cantado por uma voz masculina que parece ser de um homem, que fica mais intenso a partir do momento em que Vitor aparece. O vídeo possui legenda da letra da música e reforça algumas palavras presentes na letra em imagens que compõem o vídeo, como “renovar”. A mensagem é de que há uma esperança de algo bom e novo prestes a acontecer, algo diferente do que de ruim havia antes, a vitória de Vitor Valim para a prefeitura de Caucaia.

6.4.2 Atuação como Prefeito de Caucaia

A partir da campanha de 2020, o uso das plataformas digitais ganha uma outra dimensão na construção da imagem de Valim. As postagens passam a ser mais frequentes, e o próprio conteúdo do Instagram e do Facebook passa a ser articulado com as mesmas postagens. Depois da eleição para prefeito, essa mudança é ainda mais perceptível, pois o movimento deixa de ser de campanha e passa a ser um canal constante de diálogo com o povo e divulgação de ações do comunicador-político. Vitor tenta inaugurar um canal próprio, mais organizado, em que simula, em ambas as redes sociais, um telejornal de cunho popular. Vitor

e sua equipe, já em janeiro de 2021, divulgaram nas redes sociais um programa com “exibição”/postagem regulares. Nele, matérias são compartilhadas, em um formato que simula o formato tradicional de telejornal, para apresentar as atividades feitas pela prefeitura de Caucaia, personalizada na figura do prefeito recém-eleito.

O formato vai sendo aprimorado e, a partir do segundo ano de mandato, é possível ver a implementação de uma vinheta própria, que diz “antes não tinha, agora tem”¹⁵⁸, seguida de trilha sonora, cores específicas, entre outros elementos que remetem a um quadro de programa televisivo.

Figura 70 – Postagem de vídeo com vinheta no Instagram de Vitor Valim



Vitor é o apresentador do programa, o repórter, o entrevistador, a fonte, mas, sobretudo, é o maior favorecido com uma comunicação que evidencia os supostos benefícios que Caucaia tem tido com a gestão nova. As matérias são frequentes e funcionam como propaganda para o governo municipal, divulgação do trabalho feito, como se o político estivesse em uma constante campanha política. A denúncia ainda faz parte da estratégia comunicacional de Vitor, mas é direcionada à gestão passada, supostamente responsável por todas as situações que assolam a cidade.

A atuação de Vitor como prefeito marca uma grande virada na carreira do comunicador-político, em que ele assume uma postura de gestor preocupado com pautas históricas da esquerda, como a gratuidade de transporte público¹⁵⁹. Desde o início da gestão, Vitor aumentou progressivamente os elogios aos governadores do estado, em princípio,

¹⁵⁸ <https://www.instagram.com/reel/Ci0hZzTLQF9/>

¹⁵⁹ <https://www.instagram.com/reel/CVOMju6rIIx/>; <https://www.instagram.com/reel/CTUZXFmnyME/>; <https://www.caucaia.ce.gov.br/informa.php?id=684> ; <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/09/01/entenda-como-a-passagem-de-onibus-em-caucaia-se-tornou-de-graca.ghtml>

Camilo Santana (PT), e, na sequência, Isolda Sela (PDT)¹⁶⁰, em uma nítida mudança de posicionamento político. Uma situação emblemática ocorre em 2022, quando Vitor faz campanha¹⁶¹ ativa em favor de candidatos do PT, rompendo com o seu amigo Capitão Wagner, principal opositor dos candidatos do partido.

Figura 71 – Imagem de vídeo de campanha para o Partido dos Trabalhadores¹⁶²



Figura 72 – Trecho de vídeo de campanha para Lula postado no Instagram de Vitor Valim¹⁶³



Na situação, Vitor Valim se coloca ao lado dos candidatos Elmano de Freitas (governador), Camilo Santana (senador) e Luiz Inácio Lula da Silva (presidente), com um slogan que dizia “Caucaia 4 vezes mais forte”. Nas eleições de 2022, Elmano ganhou de Capitão Wagner (União) no primeiro turno das eleições, com 53,69% dos votos. O opositor e antigo aliado de Valim ficou em segundo lugar na disputa, conquistando 32,16% dos votos.

¹⁶⁰ Isolda Cela foi eleita vice-governadora de Camilo Santana em 2018 e assumiu o governo do estado do Ceará em 2022, em uma articulação política que visava promover o nome da gestora politicamente.

¹⁶¹ https://www.instagram.com/reel/Ch_IVMZONDM/; <https://www.instagram.com/reel/CildrdPDZSm/>; <https://www.instagram.com/reel/CivPfSIOJ9I/>

¹⁶² <https://www.instagram.com/reel/Cj79aRJuaxE/>

¹⁶³ <https://www.instagram.com/reel/CkWdn9tse0J/>

Camilo Santana, por sua vez, obteve 69% dos votos, sendo o senador mais votado da história do Ceará¹⁶⁴. Lula também teve uma votação significativa, se tornando presidente do Brasil pela terceira vez. Na ocasião, derrotou em segundo turno (50,90%) o antigo aliado de Vitor, Jair Bolsonaro, primeiro presidente do Brasil pós-redemocratização que não conseguiu reeleição.

Figura 73 – Vitor Valim recebendo premiação sem usar gravata



A mudança de Vitor aparece também fisicamente, com a transformação de estilo evidenciada pela suspensão quase total do uso de terno, gravata e óculos de grau, elementos muito significativos e presentes em seu estilo. Vitor, a partir de então, passou a usar sobretudo roupas brancas e abdicou quase completamente da gravata, fato confirmado, inclusive, quando recebe uma honraria¹⁶⁵, Medalha Amigo da Marinha, em novembro de 2022. Na ocasião solene, veste terno sobre uma camisa branca desabotoada, em uma tentativa de desconstruir um pouco a imagem de “engomadinho” que firmou ao longo de sua carreira, destoando até dos demais sujeitos presentes na situação.

6.4.2.1 Atuação em 2021

Já no início do mandato como prefeito, Vitor faz uso das redes sociais como um canal de diálogo com seus eleitores, em uma espécie de prestação de contas. Em 5 de fevereiro de

¹⁶⁴ <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniaio/colunistas/jessica-welma/camilo-santana-bate-recorde-de-cid-gomes-e-se-torna-o-senador-mais-votado-da-historia-do-ceara-1.3284815>

¹⁶⁵ <https://www.instagram.com/reel/CktAG4INSpP/>

2021, postou vídeo¹⁶⁶ no Instagram de 1 minuto e 41 segundos em que apresenta a limpeza do rio Maranguapinho, em Caucaia. A postagem obteve 22.930 visualizações até agosto de 2023.

Figura 74 – Vitor Valim ao lado do Secretário de Patrimônio de Caucaia



Nele, Vitor aparece com camisa branca e calça jeans parecida com a que usou durante a campanha. Um item do seu traje chama especial atenção, a máscara transparente que utiliza. O acessório era utilizado provavelmente como item de segurança contra o coronavírus, que continuava assolando a população. A máscara em questão é uma espécie de protetor facial que se demonstrou não eficaz contra a disseminação do vírus, que era transmitido pelo ar. O acessório é uma espécie de óculos transparente alongado até o queixo, comumente fabricado com um material plástico ou acrílico, permitindo que o rosto continue visível. Com o equipamento, o rosto de Vitor não só não era tapado por uma máscara cirúrgica, como ele ganhava uma semelhança com super-heróis ou outros personagens que protegem a população. No vídeo, ele é o único que aparece portando o equipamento.

Vitor Valim apresenta em loco a situação do lixo acumulado em Caucaia e, como em um *lead* jornalístico, fala o quê, onde, como, quando e o porquê da situação que apresenta: “Hoje, dia 5 de fevereiro, estamos trabalhando de forma preventiva na limpeza dos canais, rios [...]”. Ele se posiciona exatamente sobre um monte de entulhos dispostos perto de um rio e apresenta a situação como responsável por enchentes. Afirma que a ação articulada por ele faz parte de uma estratégia de prevenção de alagamento da cidade: “estamos trabalhando de forma preventiva na limpeza dos canais, rios [...] vamos fazer isso em vários pontos que causava alagamentos na nossa cidade”. Ao lado dele, está o Secretário de Patrimônio de

¹⁶⁶ <https://www.instagram.com/reel/CK7JLN1APxb/>

Caucaia, Silvio Nascimento, que aparece como um técnico para embasar o argumento de Vitor. Silvio é sucinto em suas palavras, e é Vitor que domina completamente a cena, conduzindo o que parece ser uma matéria jornalística.

Figura 75 – Vitor Valim ao lado do Secretário de Patrimônio de Caucaia



As imagens também mostram a atividade de remoção do lixo por parte de trabalhadores da prefeitura bem equipados e fardados, contando inclusive com o auxílio de uma retroescavadeira. O comunicador-político apresenta a situação em questão como sendo tratada de forma articulada por vários setores da prefeitura: “Este trabalho da secretaria de patrimônio, da nossa secretaria de segurança [...] também a nossa defesa civil”. Vitor apresenta-se como um gestor articulado, atento às necessidades do povo a ponto de antecipar suas queixas e resolvê-las antes mesmo que ocorram: “caso venha algum transtorno a essa população que mora às margens de riachos, de rios, nós temos no nosso plano de contingência [...] estamos trabalhando de forma preventiva”.

Figura 76 – Sequência de imagens de vídeo mostrando as obras em Caucaia



Vitor não só fala para os seus eleitores, como convoca-os a participar do projeto em questão: “contamos com a colaboração da população também pra não jogar entulhos nos rios, no riacho, para evitar que dessa maneira dificulte escoamento, causando inundações”. Então, ele pede que seus seguidores atuem como uma espécie de soldados do governo de Caucaia, em uma ideia de coletividade e união: “Todo mundo unido, as prefeituras e a população

colaborando, vamos evitar mais inundações, enchentes, na nossa cidade de Caucaia. Eu conto com você e vocês vão acompanhar esse trabalho feito preventivo da nossa prefeitura”.

Os elementos técnicos, utilizados na produção, também chamam atenção no formato de vídeo compartilhado nas redes sociais de Vitor. Além de legendas das falas simultâneas, legendas apresentando nome e profissão aparecem nos cantos inferiores da imagem, à medida que os personagens vão se pronunciando. As cores são vermelho, branco e preto, as mesmas presentes no slogan da gestão de Vitor Valim, que fica ao longo de todo o vídeo na parte superior esquerda da cena. O slogan em questão conta com elementos da bandeira da cidade, bem como elementos estilizados vermelho e verde. A predominância do vermelho, preto e branco nos elementos faz lembrar daqueles presentes no telejornal Cidade 190, o que pode ser uma referência da atuação de Vitor como comunicador.

6.4.2.2 Atuação em 2022

O vídeo¹⁶⁷ aqui analisado da atuação política de Vitor Valim em 2022 tem duração de 2 minutos e 38 segundos. Ele foi postado no Instagram e obteve 6.755 curtidas até agosto de 2023. Na ocasião, Vitor se dirigia ao povo de Caucaia para agradecer os votos dos seus eleitores em Elmano e em Camilo e pedindo votos diretamente para Lula, no segundo turno. A fala tem início de forma categórica, enaltecendo pautas tradicionalmente defendidas pelo campo mais conservador e religioso da população. Ele fala: “vou falar diretamente a você, cidadão caucaense. Quero dizer que aqui tem três cristãos que são contra o aborto, contra a legalização das drogas e perseguição a qualquer tipo de igreja”. As três afirmações são acompanhadas por legendas por escrito, que aparecem em letras maiúsculas brancas de forma chamativa na cena.

Figura 77 – Sequência de imagens de vídeo de campanha para Lula



¹⁶⁷ <https://www.instagram.com/reel/CjbgBERMIJy/>

Após se apresentar como parte de um grupo político vencedor que é “contra o aborto”, “contra a legalização das drogas” e “contra a perseguição das igrejas”, Vitor pede voto para o candidato Lula: “eu peço a você, pra Caucaia ficar mais forte, vote no nosso presidente Lula, 13”. Então, apesar da mudança de campo político brusca, Vitor se apresenta como coerente a seus princípios norteadores e conservadores.

Os três políticos vestem camisas brancas de punhos dobrados, bem como portam fitas de promessas em um dos braços. Vitor tem pulseira amarela em seu braço direito, Elmano, pulseira vermelha no punho esquerdo, e Camilo, pulseira branca também no braço esquerdo. As fitas lembram as tradicionais fitas baianas do Senhor do Bonfim, conhecidas por serem usadas como amuletos da sorte e responsáveis por realizar desejos. Eles aparecem lado a lado em um ambiente decorado com obras do tradicional artesão cearense Espedito Seleiro¹⁶⁸, conhecido por trabalhar com elementos da cultura vaqueira em couro de cabra, no sertão do estado. Além desse forte elemento da cultura popular, observamos que, ao lado de Camilo, figura uma imagem de um desenho com traços infantis, exposto também como uma obra de arte. O tradicional e famoso ao lado do infantil passa a mensagem de atualização e valorização de novas possibilidades e talentos.

Os dois outros políticos recém-eleitos enaltecem a figura de Vitor, chamando-o de “grande prefeito” e de “grande prefeito, jovem, talentoso, líder, hoje, no município de Caucaia”. O trabalho de Vitor na campanha dos petistas também é enaltificado pelo senador: “Muito obrigada pelo seu trabalho, por toda sua equipe, vereadores, lideranças da população”. Vitor é, assim, reconhecido e valorizado por seus pares como um companheiro, como uma figura positiva e promissora na política cearense. Em diversos momentos, é possível observar um olhar de admiração que o comunicador-político lança para os dois experientes políticos cearenses. Vitor parece feliz, importante e reconhecido.

Figura 78 – Elmano, Vitor e Camilo em vídeo de campanha para Lula



¹⁶⁸ <https://www.ceara.gov.br/2022/03/18/reconhecimento-a-arte-do-mestre-espedito-seleiro/>

A satisfação perceptível de Vitor Valim com a situação que, apesar de ser relativamente comum na política, é muitas vezes considerada como um oportunismo político, é vista em sorrisos e outros gestos. Vitor convoca Elmano e Camilo a darem as mãos, em sinal de trabalho coletivo. A cena é interessante de ser vista, sobretudo quando considerados os antigos pronunciamentos e críticas de Vitor a esse campo político a que se aliou. Vitor afirma piscando um olho e sorrindo: “Caucaia já escolheu o lado certo. E o lado de Caucaia é esse [...]. Esse é o lado certo”, como um sinal aos seus eleitores, aqueles a quem historicamente afirmava que dava voz.

6.4.2.3 Atuação em 2023

Em 2023, Vitor volta aos estúdios do Cidade 190 como prefeito em meio de mandato para uma entrevista¹⁶⁹. Um trecho¹⁷⁰ da entrevista é compartilhado no Instagram e no Facebook de Vitor. O vídeo também é postado na íntegra, junto com o programa completo, no YouTube do GCMAIS, um portal ligado ao Grupo Cidade de Comunicação, no dia 1 de fevereiro de 2023. Nele, Valim é recebido por Márcio Lopes, em uma entrevista que dura em torno de seis minutos. Antes de chamar Vitor Valim para aparecer diante das câmeras, Márcio convoca o telespectador a reconhecer o ex-apresentador apenas pela voz. Ele pergunta e responde à pergunta de quem “apareceu por aqui, hoje”, ao referir-se a Vitor, o que mostra uma aposta no reconhecimento rápido do ex-apresentador pelos que assistem ao programa. Antes mesmo de aparecer diante das câmeras, portanto, Vitor fala da saudade que está sentindo de voltar para os estúdios do programa e de “olhar olho no olho dos cidadãos, direto do 190”.

Figura 79 – Sequência de imagens de Vitor Valim de volta ao Cidade 190 como entrevistado



¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tyaR8U63moE> a partir do minuto 24 minutos e 55 segundos.

¹⁷⁰ <https://www.instagram.com/reel/CoIW7laAhrT/>

Dessa vez, o estilo engomadinho é atualizado e Vitor aparece vestido com uma calça jeans justa, com lavagem desbotada, e uma camisa de modelo polo, de mangas curtas, também justa ao corpo, com botões desabotoados. Apesar do tradicional cabelo bem penteado com gel, Vitor surge sem óculos, em um visual despojado. Vitor Valim está menos “engomadinho” que de costume e seu traje, inclusive, destoa do apresentador que o entrevista, que porta terno e gravata com cortes tradicionais e assume uma postura mais retraída diante do prefeito.

Figura 80 – Sequência de imagens de vídeo de Vitor Valim falando diretamente com seu antigo público



Vitor Valim parece estar apressado e é quem praticamente conduz a entrevista, interrompendo, muitas vezes, o apresentador, ou não respondendo exatamente ao que foi perguntado. Com a mão esquerda, segura um microfone, enquanto com a mão direita pontua energicamente, como de costume, as suas falas, que giram em torno dos feitos diante da sua administração como prefeito, em uma espécie de prestação de contas das atividades exercidas.

Agradece a direção do programa, fala em futuros contratos de trabalho e reforça que é um comunicador que tem a missão de servir a população, mas que não é apegado aos cargos políticos que exerce: “[...] sou um eterno comunicador. Eu estou como prefeito e vou estar onde for na vida pública, onde eu puder servir a população”. Apesar de se identificar como comunicador e de pontuar a saudade que sente do ofício, é enfático ao falar da missão que assume como prefeito, uma missão de fazer o que cobrava no comando do Cidade 90, afirmando que não há “nada melhor do que *tá* colocando isso em prática”. Reforça que o apresentador que cobrava está atualmente colocando em prática tudo o que desejava, e cita suposta redução da criminalidade e melhoria na segurança pública da cidade, e afirma que “o que nós falamos aqui, estamos fazendo à frente da prefeitura de Caucaia com muito vigor, energia e coragem”.

Chama atenção na fala de Vitor os agradecimentos que faz a outros políticos, como o atual governador Elmano de Freitas, bem como o eleito Senador do Ceará e atual Ministro da Educação, Camilo Santana, ambos do Partido dos Trabalhadores, com quem se aliou nas eleições de 2022, rompendo as alianças tradicionais que tinha com o campo da extrema-direita. Ele elogia o trabalho dos dois e afirma que é necessário buscar “parcerias políticas para tratar do progresso da cidade, pra trazer avanços pro nosso povo, pra ter menos *mimimi*, menos conversa fiada, papo furado”. Os agradecimentos também se estendem a Deus, que ele traz como responsável pelas graças alcançadas e pelos avanços de Caucaia, tratada como um exemplo exitoso a ser seguido por outras cidades.

Ao ser questionado sobre possíveis críticas ao seu governo, tem fala contraditória. Ao mesmo tempo em que diz que o povo tem sempre razão em cobrar, afirma que faz um excelente trabalho e pontua que não consegue fazer tudo o que gostaria, pois “muita coisa acontece não é porque o prefeito Vitor Valim não tá ciente ou quer que aquilo continue daquele jeito. Porque, muitas vezes as coisas não andam do jeito que a gente quer, Márcio, é essa que é a verdade”. Na sequência, continua demonstrando o desejo da ajuda de Deus para a condução de sua gestão e volta a elogiar o trabalho que vem fazendo, bem como a ajuda dos políticos que apoiou nas últimas eleições e que foram eleitos.

Ainda sobre as críticas, discorre longamente sobre os feitos positivos diante da prefeitura, apresentando supostas melhorias inquestionáveis, concretas, mas finaliza reafirmando o que pensa sobre o papel da imprensa:

Então é transformar a fala em exemplos concretos, na prática, mas eu respeito a imprensa e eu acredito que a crítica é bem-vinda, quando ela é verdadeira e falando ali, como eu falava aqui, dando voz a quem não tinha voz. E esse que eu acho que é o papel da imprensa, continuar dando voz a quem não tem voz, pra que as pessoas realmente possam se sentir representadas no programa *Cidade 190*, no Grupo Cidade de Comunicação e o papel da imprensa.

6.5 QUE POLÍTICO É ESSE?

Vitor Valim entra para a política quatro anos após sua estreia na apresentação do telejornal policial Cidade 190. Como é comum em início na política institucional, começa por se candidatar ao cargo de vereador. Há, entretanto, um salto considerável na sua carreira política quando, de vereador em segundo mandato, ele se candidata ao cargo de Deputado Federal. O caminho dele não é o tradicional, que é, muitas vezes, lento e feito por etapas,

embora seja sempre muito bem planejado, articulado e bem-sucedido. Ele abre mão de mandatos antes do término, como o de vereador e o de Deputado Estadual, para disputar campanhas exitosas a cargos mais importantes: Deputado Federal e Prefeito, respectivamente.

Diferente do que seria uma trajetória comum, com uma sequência política que progressivamente avança em cargos disputados, ele não se lança para o cargo de Deputado Estadual, mas é vitorioso na empreitada nacional. É importante considerar que o primeiro salto, que subverte a ordem considerada comum de progressão de cargos políticos (quando no meio do mandato de vereador é eleito Deputado Federal), ocorre exatamente no ano em que o Cidade 190 é apenado por ter exibido, em tom de denúncia, cenas de violência sexual contra uma criança ao vivo, em 2014. Podemos cogitar, portanto, que a repercussão do caso funcionou como um impulso na carreira política de quem é considerado a “cara” do programa em questão. A denúncia, à revelia das consequências e dos envolvidos, parece ser valorizada por aqueles que o seguem e sustentada, como estratégia, ao longo dos anos.

A atuação como político é completamente ligada à sua origem de comunicador. A referência ao Cidade 190 é sempre presente nos números das campanhas e em palavras que o adjetivam, como “credibilidade”. O teor policial que caracteriza o programa também é mote para sua atuação política, que, além de pautas que defende, conta com uso de palavras que remetem à força e à violência. Vitor apresenta-se como político de forma semelhante à maneira como se apresenta como comunicador: denuncia e cobra das autoridades. Mesmo quando se torna prefeito, a denúncia continua evidenciada e destinada tanto a sujeitos “maus” genéricos, quanto a ex-gestores e a opositores políticos.

O seu lugar social de origem também é evidenciado em elementos técnicos que utiliza para embasar suas falas (efeitos visuais e sonoros). Ele também faz uso recorrente de argumento de autoridade, seja convocando um técnico para uma espécie de entrevista, seja apresentando narrativas jornalísticas da mídia tradicional.

Podemos dizer que Vitor Valim, ao longo de sua carreira política, consegue ter boas avaliações no cenário em que está inserido, fazendo escolhas que beneficiam a sua trajetória, sempre exitosa. Para tanto, as alianças políticas que constrói são mutáveis, contando com diversos partidos e diferentes tendências políticas. Vitor aproxima-se de figuras emblemáticas e tradicionais da política do estado e do país e não se constrange em mudar completamente de aliados e campos de atuação, a depender dos interesses envolvidos e dos benefícios que pode eventualmente angariar. O que se mantém, entretanto, é uma coerência com seu lugar de origem, com as pautas que afirma serem as demandas do povo que o acompanha. De acordo

com sua retórica, o compromisso de Vitor é com Deus e com o povo que o segue, sejam eleitores ou espectadores, tendo em vista que, muitas vezes, esses locais se sobrepõem.

Ele busca fidelizar seu eleitor (assim como faz com seu público), prestando conta do que faz em sua atuação política, em princípio de forma mais geral, mas logo pontuando o que considera importante de ser ressaltado. Ao longo dos anos, vai tentando aprimorar um formato de adaptação em suas falas oficiais. O ápice ocorre quando começa a fazer uso de suas redes sociais para protagonizar um programa sobre sua própria atuação. Ele não precisa terceirizar uma propaganda, e passa a ser o próprio ator responsável por evidenciar sua boa atuação como prefeito, por meio também de um programa próprio, exibido periodicamente em suas redes sociais. Nas campanhas de Vitor Valim que aqui analisamos, um dos pontos perceptíveis é a mudança na qualidade da propaganda eleitoral, que fica cada vez mais profissional. Ao longo do tempo, pode-se observar que ele deixa de fazer uso de outras plataformas e atores para divulgar sua atuação política, e passa a usar suas próprias redes sociais para isso, em uma tentativa de se aproximar dos seus eleitores. Há, portanto, uma melhora na qualidade e uma centralização do conteúdo que divulga, assumindo que aqueles com quem fala são projetados como sendo pessoas que desejam uma proximidade maior com o comunicador-político.

Uma coisa que se mantém é a referência à honestidade, que o diferenciaria dos políticos maus. A juventude é um valor muito evocado no início de sua atuação política, em suas campanhas. As primeiras campanhas tinham jingles mais dançantes, com letras com menos profundidade nas mensagens, que aproveitavam músicas já conhecidas e apreciadas pelo público. Com o passar dos anos, a maneira como se apresenta muda, e a serenidade passa a ser presente na forma como ele se expõe.

Vitor também quer ser visto e reconhecido pelos pares, a quem acena e solicita atenção, em diversas situações. Antes de fazer uso mais intenso de suas redes sociais, tenta convocar seus eleitores, chamando e cumprimentando-os por meio da emissora oficial que divulga a atuação dos vereadores. Vitor apresenta-se como um político diferente dos demais, mas está sempre procurando validação e reconhecimento de seus pares. Ele chega à Câmara dos Vereadores querendo, de certa forma, reproduzir o tom de denúncia que assumia no programa. Aos poucos, vai suavizando o tom e elaborando uma forma mais adaptada de se posicionar e denunciar, inclusive discordando publicamente de seus próprios aliados políticos.

Vitor parece ser um homem observador, que se adapta às dinâmicas da política institucional, que aprende e se molda, pendendo sempre para o campo que está em destaque, sem medo de se contradizer nessas questões, tendo em vista que as suas pautas genéricas

continuam firmes. Parece que o “partido” de Vitor é o Cidade 190. Na política, Vitor é fiel ao Cidade 190 e às pautas que defendia no telejornal policial em questão. Ele se apresenta, sobretudo, como um comunicador que tem foco em denunciar e lutar pelo que os cidadãos menos favorecidos precisam, colocando-se como “a voz do povo” nos ambientes que habita. Portanto, continua investindo e aprimorando suas estratégias comunicacionais no campo político, utilizando de linguagem verbal que aproxime o eleitor e simplifique questões complexas de forma didática (por meio de expressões, gírias e regionalismos variados), e marcando seu lugar de diferente e melhor preparado para lutar em favor dos pobres de bem (na forma de se vestir, se movimentar e na forma de dialogar com seus pares). Na política, Vitor aparenta estar cada vez mais à vontade e convicto de seu papel e da importância que aparenta ter. Entretanto, é importante pontuar que ele faz críticas a pessoas, nunca ao sistema, à estrutura social. Fala dos pobres, mas não toca nas causas e nas contradições que promovem a pobreza na nossa sociedade. A trajetória política confunde-se com a trajetória de comunicador. Há uma coexistência dos dois lugares e uma tentativa de reproduzir o que ele faz no Cidade 190 na sua atuação política. Para tanto, a apropriação de valores cristãos é um ponto central em seu discurso. Ele soma ao seu perfil de denúncia um papel de conhecedor e articulador, alguém que critica o que está (ou não está) sendo feito ao mesmo tempo que sabe o que precisa. Ou seja, ele avança do lugar apenas de apresentador.

A luta do bem contra o mal também é um discurso que se mantém ao longo de sua trajetória política. A certeza que é entoada é a de que Vitor é um representante divino escolhido por ser especialmente capaz de promover o bem. Vitor é católico, mas faz uso de elementos cristãos variados para legitimar seus posicionamentos. Nesse sentido, aproxima-se do que Herveu-Léger (2015) denomina uma ideia de bricolagem das religiões advinda da modernidade. Para a autora, a modernidade trouxe consideráveis mudanças nas religiões e nos sujeitos religiosos. Em um olhar que se distancia do foco nas instituições religiosas tradicionais, defende que há uma mudança significativa no perfil dos fiéis e na própria transmissão das crenças, que ocorre, cada vez menos, como uma transmissão familiar.

Para refletir sobre o fenômeno e as novas estruturas religiosas, a autora propõe a ideia do peregrino e do convertido, que consideramos interessantes para refletir sobre o uso de elementos religiosos no discurso político de Vitor Valim. Em um ambiente de incertezas cada vez mais latentes e com uma centralidade no indivíduo, as pessoas passam, elas mesmas, a criar seus pequenos sistemas de sentidos de crenças religiosas, fazendo mais ou menos referência às regras das instituições consolidadas, em uma espécie de bricolagem baseada no imperativo da mudança individual. Dessa maneira, há, de forma mais recorrente, uma

construção de narrativas singulares que, por serem desligadas de estruturas fortes, buscam validação de outros sujeitos. Assim, a bricolagem individual das crenças e a construção de narrativas de si mesmo têm como outro lado a busca pela construção de pequenas comunidades.

Para a autora, a modernidade tirou das grandes igrejas e instituições religiosas o controle das crenças e “bricolagens como essas desfazem a fronteira entre católicos e não católicos e, mais que isso, entre aqueles que se declaram religiosos e os que não são” (Hervéu-Léger, 2015, p. 44). O direito de bricolar e escolher suas próprias crenças faz valer uma espécie de busca pela verdade em que “os indivíduos constroem sua própria identidade socioreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados” (Hervéu-Léger, 2015, p. 64). Para falar sobre a figura do peregrino, a autora usa a metáfora do “supermercado religioso”, em que cada pessoa circula e “abastece seu carrinho” de acordo com suas preferências, desejos e possibilidades. Assim é com Vitor Valim, que escolhe elementos cristãos que lhe convém para utilizar em seu discurso político. Falas contrárias ao aborto ou às drogas, bem como o enaltecimento do trabalho e de pessoas “de bem”, são alguns dos elementos de um cristianismo moderno, de valores de um protestantismo, do qual ele faz uso. Logo, como peregrino, promove uma sociabilidade peregrina com seus eleitores, que passam, eles também, a fazer parte de uma comunidade em que sujeitos individuais se identificam com os valores apresentados, as emoções produzidas ou motivadas, em uma comunhão emocional.

Os agrupamentos têm como função essencial promover a comunhão emocional de uma dupla diversidade: intensificam o sentimento afetivo de formar uma unidade através do simbolismo litúrgico particularmente eficaz, em uma transmutação de uma unidade efetiva para um “nós” comunitário, tão precário e, sem dúvida, tão efêmero quanto o próprio agrupamento, mas de uma nítida eficácia instantânea. Na sociedade peregrina há uma “gestão do pluralismo que permite, num contexto de avançada diminuição da regulação institucional, a combinação da peregrinação e do agrupamento emocional que caracteriza as peregrinações contemporâneas” (Hervéu-Léger, 2015, p. 103).

O peregrino serve de emblema de uma modernidade religiosa neoliberal. A figura do convertido, por outro lado, é um indivíduo que muda de religião, abraça voluntariamente uma religião ou aquele que (re)descobre sua religião de origem. As questões da segurança pública, da falta de emprego ou das condições de vida precárias intensificadas por uma suposta corrupção na política, podem funcionar como motivadores de conversões religiosas de

sujeitos. Ao pregar uma diferenciação constante do bem e do mal e ao associar esse sujeito ruim às dificuldades enfrentadas pelos mais pobres, Vitor convoca o povo a se converter e a fazer parte de uma comunidade vencedora, personificada e protagonizada por ele mesmo, esse sujeito bem-sucedido escolhido por um Deus cristão.

A comunidade que Vitor busca construir, como é comum nesse fenômeno, alimenta-se do reservatório de recursos simbólicos e ideológicos construídos pelas grandes religiões de forma livre, o que escapa do controle das instituições e permite uma maior maleabilidade dos sujeitos a ela pertencentes. No Brasil e em países da América Latina, especialmente, o processo de colonização promoveu, de forma violenta, uma hibridização compulsória de religiões, em um processo de bricolagem entre as religiões oficiais dos missionários majoritariamente católicos colonizadores e dos sujeitos escravizados, sobretudo povos indígenas e africanos. O fenômeno da bricolagem, nesse caso, não é recente, mas chama a atenção a forma como vem sendo apropriado na contemporaneidade por uma lógica neoliberal, em que ser bem-sucedido individualmente é cada vez mais ligado a uma recompensa divina, o que é funcional para a entrada de novos modelos econômicos e sociais. A lógica da Teologia da Prosperidade, nesse sentido, tem propostas muito atrativas para camadas da sociedade menos favorecidas economicamente ou tradicionais, pois proporciona ferramentas de emancipação em relação aos modos de vida antigos.

Mais do que segurança, que é um tema recorrente de telejornais policiais, Vitor atua em defesa do povo trabalhador. Quando era vereador, falava de ambulantes do Beco da Poeira, e enquanto prefeito, continua a se direcionar a esse público, promovendo, inclusive, seu maior feito político, a implementação da gratuidade do transporte público na cidade de Caucaia. A ação, uma pauta histórica no município, fez com que ele ganhasse mais afeição por parte de candidatos da esquerda, o que culminou com sua aproximação política de um espectro ao qual sempre fez oposição, o progressista.

A metáfora do peregrino e do convertido que a autora propõe também pode ser pensada no âmbito dos partidos políticos. Vitor atua como um convertido também na política, quando modifica completamente seu arco de alianças, antes de extrema-direita, e agora, de centro-esquerda. A partir do momento em que chega ao Poder Executivo e precisa agir como um gestor público, à frente da prefeitura de Caucaia, Vitor depende de alianças com os demais gestores da política cearense.

Ele muda de partido e de aliados quando convém, seja tradicionais e antigos políticos da elite financeira do estado, passando por um representante de extrema-direita militar, até chegar ao atual grupo de esquerda. Vitor não está ligado a um partido e, cada vez menos,

ligado a parceiros políticos específicos. Ele transita, se aproxima e se afasta, de acordo com seus interesses do momento. Ele é fiel a si mesmo, à sua história, ao Cidade 190, à TV Cidade, ao seu público e a Deus. Ele critica pessoas e depois as elogia. O importante é fazer parte de uma comunidade, mesmo que depois migre para outra. Ele não tem um posicionamento político estruturado e embasado por uma corrente coerente, uma formação de base. Vitor é astuto e se aproxima dos grupos políticos que estão em destaque.

O que Vitor Valim faz, nesse discurso religioso, é buscar como pano de fundo imagens e associações que são caras aos cristãos. Ele se coloca como cristão, como salvador, um escolhido por Deus, que considera estar acima de todos. Funciona, então, como uma espécie de intermediário entre Deus e o povo. Ele se coloca também como um líder da comunidade que busca construir, um chefe que constrói um sistema de sentidos coerente e confiável. A partir da campanha para deputado estadual, Vitor passa a apresentar, em imagem, o eleitor a quem se dirige em seus discursos, pessoas simples e periféricas. É nesse momento também que Valim passa a aparecer com outros trajes que não terno. Os óculos ainda estão presentes, mas a roupa parece ser mais próxima daqueles do público que busca cativar. Com o tempo, Vitor distancia-se da imagem de mais um apresentador de telejornal policial, se aproximando da imagem de um político mais próximo do povo, abrindo mão até dos óculos de grau.

Um dos valores mais trazidos no discurso religioso de Vitor é o da família. A família, além de estar presente em um dos cenários observados na análise, também está presente em seu discurso, direta ou indiretamente. Seja quando diz que vai cuidar do povo, em um lugar paternal, seja quando se apresenta como um bom pai e um bom filho. O suposto risco que as famílias tradicionais correm por ações de sujeitos maus que o político aborda é desenvolvido por Biroli (2014), em uma perspectiva que analisa a forma como a família é acionada pela direita conservadora. Segundo a autora, os sujeitos desse espectro político, muitas vezes, promovem uma visão tradicional da família, reforçando papéis de gênero estereotipados e opondo-se a mudanças sociais que desafiam essas estruturas. A autora também atenta para como essa perspectiva atua diretamente na exclusão e marginalização de grupos familiares que não se encaixam nos padrões tradicionais, justificadas por um discurso construído por uma bricolagem cristã.

Biroli (2014) explica que a defesa da família, em uma espécie de apologia a esse modelo tradicional, rígido e religioso, está ligada aos processos de desdemocratização moderna. Argumentos que defendem a suposta natureza dos sexos, uma complementaridade entre o masculino e o feminino, são associados ao que é chamado de Ideologia do Familismo.

Essa ideia parte do entendimento de que as famílias são o suporte possível numa sociedade em que a vida é vivida em constante insegurança, em que os riscos aparecem o tempo todo. A família surge como um espaço de segurança, acolhimento, e também o lugar em que uma ordem moral e social adequada se estabeleceria. Oposta a essa crença, é a constatação de que o seio familiar é um ambiente caracterizado historicamente pela opressão das mulheres. Esse fato motivou uma politização do gênero a favor da extensão e ressignificação dos direitos humanos nas últimas três décadas do século XX. A extrema defesa de uma família idílica, tradicional e irretocável, em uma politização reativa ao gênero, surge como uma reação a essa exigência de direitos e demandas de respostas políticas.

Nesse cenário, grupos conservadores, que também se intensificaram nas últimas três décadas do século passado, passam a se organizar como contramovimento de agendas mais densas e com novas estratégias. Essas estratégias são construídas e intensificadas dentro de grupos religiosos peregrinos, e o contexto de politização reativa é aquele em que sentimos o acúmulo das políticas neoliberais.

Nesse cenário, discute como o conservadorismo tem influenciado as políticas e práticas relacionadas à família, especialmente no que diz respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual. Biroli destaca como o conservadorismo tem sido mobilizado por governos de extrema-direita, como o de Jair Bolsonaro no Brasil, para promover uma agenda que rejeita a igualdade de gênero e a diversidade sexual, utilizando a ideia de que essas questões representam uma ameaça às famílias. Ela argumenta que o conservadorismo tem convergido com o neoliberalismo, em uma perspectiva privatizante e moralmente convencional, resultando em exclusão e retrocessos para determinados grupos familiares. Biroli defende que um dos eixos articulados por esses grupos conservadores relacionados a valores tradicionais de família situa-se na recuperação da autoridade dos pais de família, responsáveis por educar os filhos e reduzir a influência do estado e de demais atores que ameaçam a estrutura com pautas de defesa de mulheres e pessoas LGBTQIA+, promovendo leis e políticas públicas contra os valores de uma maioria.

É interessante observar que, apesar de Vitor Valim fazer uso político dos valores da família cristã, de falar bastante da família e de dizer que vai cuidar dos filhos do povo como cuida dos próprios, a relação com os filhos do primeiro casamento dá indícios de não ser tão próxima. Isso fica sugerido quando a filha, Sofia Valim, que é influenciadora digital¹⁷¹, compartilhou um vídeo em sua conta do TikTok em homenagem à mãe, Gaída Dias, e ao seu

¹⁷¹ <https://marciatravessoni.com.br/lifestyle/sofia-valim-acumula-mais-de-450-mil-seguidores-no-tiktok-e-bomba-ao-mostrar-achados-da-shein/>

irmão mais novo Miguel Dias Neto, fruto de seu segundo casamento, com o empresário Flávio Furtado. Na primeira parte da homenagem¹⁷², feita em setembro de 2021, Sofia coloca fotos dela com a mãe e o irmão, Vitor Valim Filho, e legenda da seguinte forma: “você nos criou sozinha, do melhor jeito que pôde... / era nos 3 contra o mundo / sempre com muito amor, e fazendo de tudo pra ver a gente feliz”.

Figura 81 – Imagens de homenagem de dia das mães no TikTok de Sofia Valim



Esse depoimento pode soar contrário às falas que exaltam o cuidado aos filhos e a valorização da família que Vitor Valim tanto repete em seu discurso. Além da homenagem e de algumas raras fotos¹⁷³ em eventos, como o aniversário de 18 anos de Sofia, o político Vitor aparece nas redes sociais da filha em um vídeo¹⁷⁴ que se chama Especial de Natal, compartilhado em dezembro de 2022. No vídeo, a jovem faz perguntas ao pai sobre ela própria. Chama atenção o fato do comunicador-político não saber a resposta para a maioria das perguntas feitas, relativas a gostos e apelidos da filha, por exemplo. Ele dá respostas genéricas, em tom de humor, e tenta ouvir as dicas da mãe, Gaída Dias, que parece estar perto e ciente das respostas corretas. Sofia conta, ainda, o caso de um presente que recebeu do pai, uma boneca da única princesa da Disney que não gostava.

Os elementos trazidos nas redes sociais de Sofia Valim são opostos aos apresentados nas próprias redes sociais de Vitor Valim, quando faz postagem¹⁷⁵ em homenagem aos filhos, em abril de 2022. Em um conjunto de duas fotos, aparece primeiramente ao lado de Sofia Valim e Vitor Valim Filho e, em seguida, ao lado da filha mais nova, fruto do seu segundo casamento, Maria. Vitor Valim faz a postagem no dia 5 de abril, considerado o dia do filho, e afirma que a data é “apenas para reforçar o que já vivenciamos e compartilhamos todos os

¹⁷² <https://www.tiktok.com/@sofiavalim/video/7003137367682927877>

¹⁷³ <https://www.instagram.com/p/Cg97xrWrEQ8/>

¹⁷⁴ <https://www.instagram.com/p/CIRHcEdDnVC>

¹⁷⁵ <https://www.instagram.com/p/Cb-O2fGulGc/>

dias, o amor!”. Na legenda das fotos, ele fala em orgulho e em gratidão a Deus “pela honra de ser pai, de cuidar, educar e ensinar” e afirma que é uma pessoa melhor por ser pai. Por fim, afirma que é ao lado dos filhos que recarrega suas energias para ficar pronto para “todas as batalhas da vida”.

Figura 82 – Postagem em homenagem aos filhos de Vitor Valim



Essa performance de “bom pai”, de “homem de família” que tenta construir é, portanto, colocada em xeque por pessoas da própria família, seus filhos, e demonstra que muitos dos valores energicamente defendidos por ele não são necessariamente promovedores de uma união, segurança e estabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, procuramos investigar de que maneira o papel de jornalista policial e o de político de Vitor Valim se sobrepõem e quais características, formas de desempenho e perspectivas assumidas como profissional da mídia possibilitam/favorecem a sua inserção política. E, a partir daí, ampliar as reflexões sobre a sobreposição entre as pessoas do mundo midiático e o mundo político; aprofundar o tratamento do conceito de comunicador-político; analisar o uso das redes sociais no processo de construção da imagem e busca da visibilidade; buscar uma aproximação entre os conceitos de celebridade/processos de celebração e o uso das redes sociais. As análises do discurso e da performance da trajetória de Vitor Valim como comunicador e como político apontaram que a sobreposição dos papéis que assume contribui para o seu processo de celebração e para a consolidação de um segmento político relevante nos campos legislativos e executivos, retroalimentando-se na/da comunicação midiática e dos valores neoliberais difundidos na nossa sociedade.

A partir do caso de Vitor Valim, o que podemos observar é que o perfil do comunicador-político, oriundo de programas policiais, consolida-se gradativamente, e fazer parte desse grupo em ascensão pode ser bastante promissor. Do início de sua carreira como comunicador-político até os dias de hoje, algumas coisas mudaram, como a própria televisão e o perfil de seus produtos, a disseminação de redes sociais e o uso que é feito delas. Mas outras tantas coisas permaneceram muito parecidas, como a valorização de figuras masculinas ditas fortes, bem-sucedidas e populares, que entoam um discurso violento baseado na denúncia em programas que ainda possuem altos índices de audiência, bem como em diversas arenas políticas.

Nosso percurso teve início com uma construção do referencial teórico-metodológico da pesquisa, que trouxemos nos quatro primeiros capítulos deste trabalho. Discutimos a origem da televisão no Brasil, as especificidades de seu surgimento e as características dos telejornais policiais, atentando para a forma como se mobilizam sujeitos subalternizados. Discutimos o entrelaçamento do sistema de mídia com o sistema político no Brasil, considerando o caso da Rede Record e de sua afiliada TV Cidade. Atentamos, especificamente, para o caso do Ceará e do telejornal policial Cidade 190, bem como para a trajetória de Vitor Valim, e para o que o aproxima do perfil de comunicador-político. Também contextualizamos elementos sociais que marcam a contemporaneidade, a ordem neoliberal em que estamos inseridos e as emoções coletivas mobilizadas nessa ordem,

ênfatizando as raízes escravocratas da sociedade brasileira e a existência de uma “ralé” vitimada nesses processos de forma atualizada.

A partir dessa discussão, construímos a grade analítica utilizada na pesquisa, composta por cinco aspectos: 1) o lugar social; 2) o quadro discursivo; 3) os elementos técnicos utilizados; 4) a implicação com as temáticas discutidas; 5) os elementos emotivos convocados no discurso. Essa grade orientou a análise dos vídeos dos dois lugares sociais ocupados por Vitor Valim: 1) Vitor Valim, o comunicador; e 2) Vitor Valim, o político.

Nesta última seção da tese, além da retomada do percurso aqui realizado, vamos resgatar os principais achados da investigação e apontar algumas questões colocadas pelo objeto analisado. Isso será feito em sete pontos: 1) o discurso de comunicador alimenta o discurso de político, e vice-versa, que torna-se um síndico de condomínios comunicacionais simbólicos; 2) a atuação como comunicador-político como uma estratégia de celebração; 3) a performance de Vitor Valim, ponto nodal potencializador do seu processo de celebração; 4) Vitor Valim, sujeito de seu tempo e uma fábrica de si neoliberal; 5) comunicador-político, um peregrino cristão; 6) o lugar social de pai de família cristão do comunicador-político; 7) apontamentos para futuras pesquisas como desdobramentos da tese aqui desenvolvida.

1) Vitor Valim é, em sua origem, um comunicador e se orgulha desse lugar ocupado. Ao longo de sua trajetória, os valores evocados pela profissão são frequentemente acionados. Ele reivindica esse lugar mesmo quando não está no comando do Cidade 190, e aciona uma série de estratégias que reforcem isso, como os elementos técnicos que usa. Vídeos, jornais e até referências diretas ao programa são frequentes em suas falas nas arenas políticas, nas suas campanhas e atuações variadas. O contrário também acontece; o comunicador posiciona-se politicamente à frente do Cidade 190, apresentando candidatos e lembrando a posição política que assume. Os dois locais sociais são marcados e enaltecidos em suas falas, e funcionam de forma sobreposta, retroalimentando-se.

Ao longo dos anos e ao passo que assumiu cargos políticos mais importantes, houve uma significativa e progressiva mudança de estilo no telejornal policial que apresentava. Conforme pudemos constatar, houve uma amenização do tom hostil que assumia nos primeiros anos de atuação, em uma possível estratégia para abranger mais sujeitos em seu discurso. Tanto o teor do programa quanto o conteúdo continuam parecidos, porém a forma deixa de ser tão exaltada como antes. Observamos que o comunicador-político deixa de performar uma espécie de vingador de criminosos e torna-se um síndico. O Cidade 190, que é a “cara” do apresentador, passa a ser uma espécie de condomínio midiático, em que o público é convocado a fazer parte de um grupo protegido pelas regras desse síndico, em um lugar de

acesso registro. Por meio de uma mediação que controla e dita o ritmo do produto midiático, que se utiliza de efeitos sonoros e visuais, há um esforço de ampliação do espaço de condomínio, em que há uma tentativa de evidenciar a construção de muros simbólicos que afasta um tipo de sujeito violento da nova cidade, protegida. O medo disseminado com a repercussão de crimes tenta mobilizar o encarceramento, apontado como necessidade, e a saída de sujeitos maus da rua, em um primeiro momento. Com o passar dos anos, entretanto, o medo estimula e propõe que pessoas se isolem e se protejam em comunidades lideradas por sujeitos que promovem uma sensação de segurança, mesmo que simbolicamente.

Vitor, ocupando esse lugar duplo, não fala para o público do Cidade 190 ou para os seus eleitores, e sim para seus seguidores, mas não só. Há três tipos de sujeitos a que Vitor se direciona: seus seguidores (povo do bem, seu eleitor e público), os quais ele apresenta como pessoas que não conseguem se expressar e lutar pelos próprios desejos e direitos; seus pares políticos e comunicadores, que ele trata com respeito, quando precisa, e deboche, ridicularização e achaque, quando convém; e o outro mau genérico, que é todo sujeito que comete crimes e age contra os propósitos que defende. Vitor, por sua vez, se apresenta como um homem bem-sucedido, articulado, inteligente e trabalhador, que sabe e faz o que é preciso. Vitor é o síndico dessa comunidade que busca criar, e, como tal, é o porta-voz dela.

O Cidade 190 mantém-se como líder de audiência no Ceará, mesmo em um momento em que telejornais policiais se extinguem ou são incorporados a outros telejornais, com teor mais amplo. O diferencial do Cidade 190 é a ligação intrínseca que possui com sujeitos políticos, por meio de comunicadores-políticos que ele ajuda a construir. Antes de Vitor, Edson Silva já tinha esse perfil, e, na sequência, Evaldo Costa também se lançou como comunicador-político. Esse é um elemento central de promoção de credibilidade do programa, que denuncia e age politicamente, para combater as supostas injustiças que ele mostra nas telas. O fato de Vitor Valim voltar esporadicamente ao programa, ou continuar fazendo referência a ele, seja nas suas redes sociais, ou em pronunciamentos variados, é mais um elemento que reforça esse lugar diferenciado do telejornal em questão.

2) O condomínio simbólico criado no seio do Cidade 190 tem um representante que atua não apenas dentro desse ambiente, mas amplia a missão para o campo de batalha político. Nesses espaços, o uso da performance carismática é ampliado e adaptado a arenas políticas. O paralelismo é evidenciado e valorizado, como uma atualização das estruturas cristalizadas nos sistemas de mídia e no sistema político brasileiro. Nesse âmbito, os discursos usam questões vivenciadas mais intensamente pelas classes C, D e E como mote, ao mesmo tempo que promovem uma permanência das estruturas que contribuem com as distâncias

entre essas classes. A atuação em duas frentes, de forma simultânea, ajuda a construção de uma celebração de Vitor. Se, neste momento, não podemos afirmar categoricamente que Vitor Valim é uma celebridade, podemos, entretanto, afirmar que a atuação articulada nos dois campos promove um processo de celebração, que faz com que ele, progressivamente, se consolide como uma figura cada vez mais conhecida, reconhecida e cultuada como liderança e como sujeito admirável pelo trabalho que exerce.

Se, por um lado, na apresentação primeira de Vitor Valim, ao fazermos uma primeira caracterização, alguns elementos já se mostraram para nós, como foi o caso da postura, do teor de falas, dentre outros aspectos relevantes, por outro lado, o que a análise da trajetória dele evidencia é a mudança progressiva que fez, a apropriação e atualização dos lugares que assume. Olhando a sua trajetória, conseguimos ver a saída de um sujeito que enaltece policiais como salvadores e centrais no combate do “mal” e de sujeitos “maus”, para um sujeito capaz de mudar todo o sistema, promovendo trabalho e segurança de um jeito menos violento, mais conservador e familiar. A família do grupo que lidera, que é valorizada, entretanto, é aquela que habita o interior do condomínio que gerencia,

A análise das chamadas do Cidade 190 mostra essa mudança de maneira bastante significativa, e os cenários e suas mudanças também chamam atenção para o fenômeno estudado. As campanhas políticas que ele promove também apontam para essa compreensão. Em seus jingles, deixa de fazer versões de músicas de sucesso e passa a construir uma imagem mais sofisticada, com uso de músicas originais, com mais metáforas religiosas e vídeos que o aproximam do povo que busca como eleitor. Vitor tenta se aproximar do povo, por meio da linguagem utilizada, das temáticas que aborda e do que defende e combate, sem com isso abrir mão da diferença que o coloca como sujeito superior.

3) Vitor Valim remete a e simboliza uma realidade vivida por seus seguidores. Os dados e a violência que ele traz são reais, mas a simbolização deixa brechas, que ele preenche com o medo, com a denúncia da incompetência e/ou corrupção dos políticos, com a inspiração e a proteção divinas, e com sua imagem de pessoa realizada, íntegra e verdadeira. Vemos no apresentador e no político a simbiose da justiça punitivista (mão direita do Estado) e o paternalismo (Estado protetor); sua pessoa articula esses elementos diversos e seu discurso ideológico ganha força de verdade, projeta-o como elemento de reconhecimento (ele nos representa) e satisfação de desejos (ele vai concretizar o sonho das mães de dar um futuro para os filhos). A performance de Valim é o próprio ponto nodal do seu processo de celebração.

A adaptação, a mutabilidade, preservando os eixos centrais religiosos que escolheu para construir uma ligação com o povo, como trabalho, preservação da família e luta contra o mal, são os elementos que tecem a performance e funcionam como esse ponto nodal. Por meio de sua atuação como comunicador-político, ele busca alçar um lugar de celebridade na sociedade com o uso de um discurso religioso e a promessa de uma comunidade. Assim, ao contrário de ser um limite para o comunicador-político, como podia-se imaginar, o cargo no Executivo possibilita um reposicionamento desse sujeito, maior visibilidade, maior reconhecimento pelas atuações e reverberação de suas ações. Nesse processo de celebração, as redes sociais assumem um local de possibilitador de interação com os seguidores, um novo condomínio, construído e dirigido por Vitor Valim.

4) Vitor Valim é um sujeito de seu tempo, uma empresa de si neoliberal, muito bem articulado, um exemplo de sucesso. No discurso neoliberal, além de um individualismo muito forte, há um papel do estado evidenciado. Vitor apropria-se desses dois discursos fortes presentes no nosso tempo, funcionando como uma fábrica de si a ser exaltada e ajudando a perpetuar o Estado-centauro que promove a manutenção e o aprimoramento desse sistema. O seu discurso simplista sobre temáticas complexas ajuda a promover a sua imagem de salvador, ao mesmo tempo que promove uma lógica que mantém e acolhe sujeitos ricos no topo (como os donos das empresas de mídia), com todos os privilégios que isso tem, e permite a manutenção de sujeitos historicamente subalternizados de forma interseccional nas patas violentas do Estado, propiciando uma lógica de encarceramento violenta desses sujeitos. Vitor é vitorioso em todas as disputas que trava, e a linguagem da qual faz uso, as pautas que defende, o que combate e como se diferencia dos pares pelo próprio lugar que ocupa, como comunicador-político, faz com que ele se aproprie cada vez mais dos espaços dos quais participa, angariando lugares mais relevantes.

A apropriação desses dois lugares é uma estratégia bem articulada e incorporada, evidenciada no espaço que constrói nas suas redes sociais, que funciona como um canal direto, em que ele compartilha exatamente o que deseja e como deseja – sua imagem de sucesso. Vitor encontra nas redes sociais uma possibilidade de exibir exatamente a parte que o favorece, construindo um acervo de informações que o enaltece e valoriza. Ele pinça o que acha conveniente de suas atuações e compartilha, ele mesmo, com seus seguidores, que não são apenas aqueles que assistem ao Cidade 190 ou aqueles que acompanham sua atuação política, mas sujeitos dispostos a consumir o que o comunicador-político deseja compartilhar de forma mais direta.

A lógica da meritocracia é entoada como se fosse possível chegar aos lugares de sucesso seguindo exemplos que “dão certo”. Entretanto, é importante ressaltar que, apesar de sua atuação de sucesso, Vitor beneficiou-se de um paralelismo político, tendo em vista que sua ex-esposa é uma das donas da emissora que o lançou como comunicador. Esse ponto merece ser ressaltado, porque o tom que assume em relação ao programa é sempre de elogio e agradecimento, ao mesmo tempo que se coloca como vencedor devido a méritos próprios.

O espaço de origem familiar é ressaltado no discurso de Vitor porque é intimamente ligado a seus interesses. Esses pontos basilares de seu interesse são constantes, mas, como um sujeito neoliberal, Vitor é mutável. Ele se adapta e sabe se moldar às condições que lhe são interessantes, sendo capaz até de se alinhar a campos políticos que denunciava e combatia para garantir a permanência em locais sociais que deseja. Como um político que pleiteia cargos do Executivo, no contexto do Ceará, um estado que se consolida como berço de fortes lideranças de esquerda, atuou de forma conveniente, defendendo candidatos que antes atacava. A sua coerência e fidelidade não é com partidos ou atores políticos, mas com a sua própria vitória e com a liderança de um grupo particular que forma com seus seguidores.

5) O discurso de Vitor é desde o princípio transpassado por uma vertente religiosa cristã peregrina. Esse ponto é considerado central em sua imagem, tendo em vista que é por meio de um discurso maniqueísta em torno da violência e do mal que ele se tornou conhecido. Vitor apresenta-se como católico, mas suas falas possuem elementos de outras religiões, como a evangélica. Ele seleciona os elementos que lhe convêm para construir uma religiosidade híbrida agregadora do público que quer atingir. Usa santos e imagens católicas, mas também promove um discurso baseado na teologia da prosperidade, por exemplo. Dessa forma, ele passa a construir também, por meio do discurso religioso, um grupo que lidera. Seus seguidores, portanto, não se ligam a ele apenas pela política ou por participarem de condomínios comunicacionais, mas também pela religiosidade que representa.

Vitor é o líder, o mestre de um grupo que cria, e tem, portanto, a possibilidade de fazer modificações que considera benéficas para o grupo. Dessa forma, mesmo que, em um primeiro momento, com a própria temática que aborda, possa suscitar emoções negativas de angústia, medo e outras paixões tristes, elas não são as únicas estimuladas. Vitor aparece como um modificador desses sentimentos em um movimento de esperança em uma vitória contra o mal. É essa esperança que pode mobilizar os sujeitos em torno dele. Ele busca, sobretudo, por meio de um discurso religioso, conquistar a confiança de seus seguidores, em uma relação próxima e mediada apenas por Deus, de quem se coloca como um escolhido. Dessa forma, ele desperta as paixões tristes, mas ele não fica nesse lugar. Ele leva as pessoas

para a crueza dos fatos e depois, como salvador, aponta uma saída possível e um exemplo de sucesso, de forma entusiasmada. Assim, possibilita o resgate de emoções positivas variadas.

6) A performance de Vitor muda ao longo do tempo. Ele sai de um lugar de “engomadinho”, em que aparece muito bem vestido e penteado, e vai para um lugar menos formal. Ele abre mão do terno, da gravata, dos óculos, passa a optar por camisas brancas, calças mais despojadas. Continua, ainda assim, trazendo uma mensagem de guerreiro, mas as armas parecem ser modificadas ao longo do tempo. Ele não é mais um justiceiro munido de armas de fogo, mas um trabalhador iluminado que luta pelos direitos do povo em uma arena mais sofisticada.

Valim constrói uma imagem sem furos, e demonstra essa característica quando faz uso do humor ou de momentos de descontração em interações com colegas comunicadores, no Cidade 190. Entretanto, o humor é utilizado para reforçar seu local de homem sério – Vitor dá o mote das “brincadeiras”, que são homofóbicas, machistas, racistas, de forma recreativa, mas não permite ser alvo delas ou sair do personagem de homem irretocável. As adaptações em sua imagem não alcançam sua postura ilibada. Ele se adapta e fala o que comove e mobiliza, mas essa característica, que é marcante, não consegue esconder as suas incoerências. Vitor coloca-se como um cristão e um pai afetuoso e presente, apesar de rígido, o que não se sustenta quando observamos sua vida pessoal e os indícios de sua pouca intimidade com seus próprios filhos – há uma diferença entre o discurso e a prática que chama atenção. Por outro lado, a contradição também está nos próprios valores de família que compartilha, que passam pela ideia de uma figura paterna masculina forte e provedora, protagonista, um chefe que não precisa demonstrar afeto ou ter uma intimidade com assuntos menos importantes. O “pai-herói”, nesse sentido, é compartilhado com o povo, e não é exclusividade de seus filhos reais. Dessa forma, até a sua suposta incoerência pode ser justificada pelos próprios valores de família que ajuda a construir.

7) A presente pesquisa buscou mostrar a relevância do telejornalismo policial, bem como dos processos de celebração do comunicador-político, atentando para as especificidades de um estado do nordeste do país. As reflexões apresentadas aqui, entretanto, não esgotam a complexidade do tema estudado, as possibilidades analíticas. Contrariamente, elas apontam para possíveis discussões consecutivas. Nessa direção, apontamos para a necessidade de estudar como se dá a construção da interação de comunicadores-políticos e seus seguidores, atentando para possíveis pontos de tensão entre eles, nas redes sociais e fora delas. Igualmente sinalizamos a necessidade de estudar figuras de comunicadores-políticos oriundos de outros gêneros midiáticos, que podem revelar nuances não percebidas dos

processos de celebração. No âmbito da construção teórica, entendemos que é possível ampliá-la para dar conta de outros fenômenos que surgem como efeitos desse processo de construção da celebridade e o que eles revelam da sociedade em que estamos inseridos. Esses e outros vieses não constituem nossos objetivos, nem era nossa intenção contemplá-los. Porém, podem se tornar alvo de alguma pesquisa dentro do próprio grupo de estudo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AHMED, Sara. *La política cultural de las emociones*. Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género, 2015.
- ALMEIDA, Silvio. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGO, Esther Solano. *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, jul./dez. 2005.
- AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003.
- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995. (Coleção Novas Buscas em Comunicação v. 47).
- AZEVEDO, Fernando. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Opinião Pública*, Campinas, v. 12, n. 1, abril/maio, 2006.
- BABO, I. O acontecimento e os seus públicos. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 23, p. 218-235, 2013.
- BEATO, Claudio. A mídia define as prioridades da segurança pública. In: RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. IUPERJ, Rio de Janeiro, 2007.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BIROLI, Flávia. *Família: novos conceitos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.
- BOUCHER, Manuel. La médiatisation des violences juvéniles: description ou “prédiction créatrice”? In: BOUCHER, Manuel (org.). *Jeunesses de rue: représentations, pratiques et réactions sociales*. Paris: L’Harmattan, 2016.
- CAMPELLO, Alexandre de Assis. *Novo olhar sobre os telejornais policiais: interação pelo formato*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes; Comunicação, 1994.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUBET, François. *O tempo das paixões tristes*. São Paulo: Vestígio, 2020.

DUNKER, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros São Paulo*: Boitempo, 2015

FERREIRA, Dôuglas Aparecido. “*Como é trabalhar aí?*”: um olhar comunicacional sobre trabalho e emoções nas agências publicitárias brasileiras. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

FRANÇA, Vera. O “popular” na TV e a chave de leitura dos gêneros. *In*: GOMES, I. M. M. (org.). *Televisão e realidade* [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRANCA, Vera. Comunicação e política: edifica-se uma tradição? *Revista Eletrônica, Compós*, Salvador, 2000.

FRANÇA, Vera. Programas populares na TV: desafios metodológicos e conceituais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 13., 2004, São Bernardo do Campo. São Bernardo do Campo: COMPÓS – UESP, 2004. v. 1. p. 1-16.

FRANÇA, Vera. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. *In*: FRANÇA, Vera Veiga; CORRÊA, Laura Guimarães (org.). *Mídia, instituições e valores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FRANÇA, Vera. L. Quéré, dos modelos da comunicação. *Revista Fronteiras*, v. 2, n. 2, São Leopoldo, Unisinos, 2003.

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *Matrizes*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 71-87, set./dez. 2017.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. Perfis, atuação e formas de inserção dos famosos. *In*: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; PRADO, Denise (org.). *Celebridades no século XXI* [recurso eletrônico]: diversos perfis, diferentes apelos. Belo Horizonte, MG: PPGCOM, 2020. v. 2.

FRANÇA, Vera. *Programas populares na TV: interlocuções complexas*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

FREIRE FILHO, João; MARQUES, Carla. Sob o domínio do medo: a construção de sujeitos temíveis e de sujeitos temerosos na mídia. *In*: FREIRE FILHO, João; COUTINHO, Eduardo Granja; PAIVA, Raquel (org.). *Mídia e poder*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 81-113.

FREIRE FILHO, João. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. *In*: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (org.). *Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades*. São Paulo: INTERCOM, 2013, p. 127-154.

FREIRE FILHO, João. A mística da empatia. *Comunicação & Memória*, v. 05, p. 01-15, 2022.

GOFFMAN, E. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOMES, Itânia Maria Mota. Telejornalismo de qualidade: pressupostos teóricos/metodológicos para análise. *In: Compós (GT de Estudos do Jornalismo no Encontro Anual da Compós, Bauru/Unesp)*, 2008.

GOMES, Itania. Metodologia em análise de telejornalismo. *In: GOMES, Itania (org.). Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011. 284 p.

GRIGOLETTO, Evandra. *Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito*. [S.l.: s.n], 2007. p.1-11.

GUTMANN, Juliana Freire. *Formas do telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva*. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação) – UFBA, Salvador, 2012.

HEINICH, Nathalie. *De la visibilité: excellence et singularité en régime médiatique*. Paris: Editions Gallimard, 2012.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: 2002, EDUFBA.

JOST, François. *Le culte du banal: de Duchamp à la télé-réalité*. Paris: CNRS Éditions, 2007, 2013.

JOST, François. *Les médias et nous*. Paris: Editions Bréal, 2010.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. *Telejornalismo dramático e vida cotidiana*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

LANA, Lígia. *Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

LAVAL, Christian. *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. São Paulo: Elefante, 2020. 316 p.

LEURQUIN, Chloé. *Meninas expostas: a exploração de casos de abuso sexual em programas policiais*. Monografia (Graduação em Comunicação Social Jornalismo) – UFC, Fortaleza, 2016.

LEURQUIN, Chloé. *Narrativas da violência sexual contra meninas em telejornais policiais*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARTINS, Helena. Mecanismos de limites à concentração midiática propostos pela Ley de Medios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA (COMPOLÍTICA), 5., 2013, Curitiba, PR. *Anais [...]*. 2013.

MATHEUS, Leticia Cantarela. *Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2011.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MORALES, Luciana Pinho. *Cenários da violência: análise estético-narrativa do telejornal policial Barra Pesada*, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9738>. Acesso em: 15 mar. 2015.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

OLIVEIRA, Dannilo. *A atualidade e o tempo presente no telejornalismo expandido: reconfigurações dos valores-notícia na internet*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Dannilo. *Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira*, 2008. Disponível em: <http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Dannilo%20Duarte.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

OLIVEIRA, Pedro Pinto de. Na mídia e na política: o comunicador-político no Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMUNICAÇÃO, 9., 2015, Coimbra.

OLIVEIRA, Pedro Pinto de. *Na mídia e na política: o comunicador-político no Brasil*. ESFERAS, v. 1i8.7905, p. 35-44, 2016.

OLIVEIRA, Pedro Pinto de. *Os programas de tv dos políticos comunicadores em Mato Grosso: interlocuções televisivas*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2014.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PENEDO, Cristina Camona. *O crime nos media: o que nos dizem as notícias quando nos falam de crime*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

PINTO, Pamela. Mídia regional: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 95-107, 2013.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. In: FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula. *O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

- QUÉRÉ, Louis. *De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico*. Tradução de Vera Lígia Westin e Lúcia Lamounier. Original: D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. In: Réseaux, n. 46/47. Paris: Tekhné, mar-abril 1991.
- QUÉRÉ, Louis. *La fabrique des émotions*. Presses Universitaires de Paris, Paris, 2021. 389 p.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. 2005.
- RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SIMÕES, Paula. Celebidades na sociedade midiaticizada: em busca de uma abordagem relacional. *Revista ECO-PÓS*, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2013.
- SIMÕES, Paula. Celebidades, comoção e indignação públicas. *Revista Eco-Pós*, v. 25, n. 2, p. 73-90, 2022
- SIMÕES, Paula. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo – Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2012.*
- SIMÕES, Paula. O poder de afetação das celebridades. In: FRANÇA, Vera *et al.* *Celebidades do século XXI*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SOUZA, F. C. *Entre bandidos e vítimas: as representações no Itatiaia Patrulha*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- SOUZA, F. C. Redução Já! O adolescente em conflito com a lei nos telejornais Brasil Urgente e Cidade Alerta. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DE MINAS GERAIS (ECOMIG), 8., 2015, Belo Horizonte. *Anais [...]* Belo Horizonte: ECOMIG, 2015. v. 1. p. 1-18.
- SOUZA, F. C.; SEPULVEDA, L. A.; LAGO, F. M. C. Cidade Alerta: o popular no telejornal brasileiro. In: FRANÇA, V; COHEN, E.; GOMES, I.. (org.). *Gêneros midiáticos e identidades*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017, v. 1, p. 95-114.

- SOUZA, Fabíola. *Marcelo Rezende, um apresentador performático: telejornalismo policial e celebração*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2018.
- SOUZA, Fabíola. REDUÇÃO JÁ! Posicionamento e performance dos apresentadores de telejornais policiais em relação à redução da maioria penal. *In: JURNO, A.; CALDEIRA, B.; MENEZES, B.; ANDRADE, L. (org.). Disputas e alteridades: diálogos possíveis na mídia contemporânea*. Belo Horizonte: FAFICH, 2016, v. 1, p. 225-240.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- STREET, J. What is Donald Trump? Forms of ‘celebrity’ in celebrity politics. *Political studies review*, 17(1), 3-13, 2018.
- TELES, Edson. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. *In: GALLEGO, Esther Solano. O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- TIBURI, Márcia. *Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja*. *In: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUNKS, Julián; TIBURI, Márcia; SAFATLE, Vladimir. Ética e pós-verdade*. Porto Alegre. Dublinense, 2017.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as coisas são como elas são*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p.
- UNICEF, MEDIAWISE. *Th M h l r Journalists*. Unicef and Mediawise: Geneva, 2010.
- WACQUANT, Loic. Três etapas para uma antropológica histórica do neoliberalismo realmente existente. *Caderno CRH*, Salvador, v. 25, n. 66, p. 505-518, set./dez. 2012.
- WAINBERG, Jacques A. O show da vida: a dieta de notícias da tv brasileira. *Comunicação & Sociedade*, v. 31, n. 52, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/viewArticle/1164>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- ZIZEK, Slavoj (org.). Como Marx inventou o sintoma? *In: ADORNO et al. Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contratempo, 1996.